

MELINA REZENDE DIAS

**Estudo comparativo da variação das vogais médias
pretônicas em falares mineiros**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2014

MELINA REZENDE DIAS

Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo Viegas

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2014

D541e

Dias, Melina Rezende.

Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros [manuscrito] / Melina Rezende Dias. – 2014.

372 f., enc. : il., tabs., color., p&b.

Orientadora: Maria do Carmo Viegas.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 355-367.

Anexos: f. 368-372.

1. Língua portuguesa – Regionalismos – Minas Gerais – Teses. 2. Língua portuguesa – Português falado – Piranga (MG) – Teses. 3. Língua portuguesa – Português falado – Ouro Branco (MG) – Teses. 4. Língua portuguesa – Português falado – Machacalis (MG) – Teses. 5. Língua Portuguesa – Variação - Piranga (MG) – Teses. 6. Língua Portuguesa – Variação – Ouro Branco (MG) – Teses. 7. Língua Portuguesa – Variação – Machacalis (MG) – Teses. 8. Língua portuguesa – Vogais – Teses. 9. Mudanças linguísticas – Teses. 10. Sociolinguística – Teses. I. Viegas, Maria do Carmo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.15



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



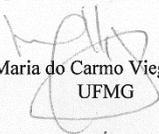
FOLHA DE APROVAÇÃO

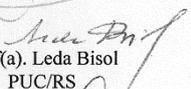
Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros

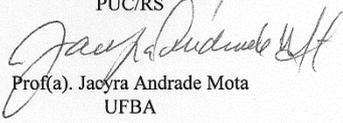
MELINA REZENDE DIAS

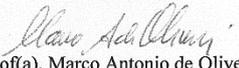
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Linha B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

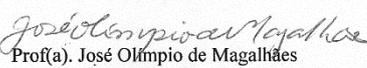
Aprovada em 07 de agosto de 2014, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Maria do Carmo Viegas - Orientador
UFMG


Prof(a). Leda Bisol
PUC/RS


Prof(a). Jacyra Andrade Mota
UFBA


Prof(a). Marco Antonio de Oliveira
PUC/MG


Prof(a). José Olímpio de Magalhães
UFMG

Belo Horizonte, 7 de agosto de 2014.

A minha família, pela confiança e incentivo em todos os momentos e por compreender minhas ausências.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À professora Dra. Maria do Carmo Viegas, agradeço por ter me orientado durante o mestrado e o doutorado, por tantos anos de parceria e muito trabalho. Agradeço por ser tão solícita em todos os momentos que precisei, por ter me ensinado tanto, com tanta paciência e dedicação. Por se preocupar não apenas com a minha tese, mas comigo e com meu bem-estar. Agradeço por não ter me dado nada pronto, por sempre ter me ensinado a construir meus conhecimentos. Enfim, agradeço pela compreensão nos momentos complicados e por me ajudar a encontrar a saída para eles. Espero que essa parceria não acabe aqui, que ainda possamos plantar e colher muitos frutos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder tantas bênçãos e me permitir chegar ao fim desta caminhada. Deus acerta tanto em minha vida que às vezes faltam palavras para agradecer. "Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas" (Provérbios 3:5-6)

A minha mãe Lili que me ensinou o valor dos estudos desde criança. Sei que, ao me ver concluindo cada etapa da minha vida acadêmica, ela realiza um pouco do desejo que teve de estudar. Obrigada por ser do jeitinho que você é.

Ao meu pai Lalado, a meus irmãos (Marcelo, Mauro, Márcia, Mécia e Mariane), ao meu sobrinho Gabriel, a meus cunhados e cunhada, que são a base de tudo, que fazem tudo ter sentido e me fazem agradecer a Deus todos os dias por existirem e por ter escolhido essa família para mim.

A minha sobrinha Natália, por ter trazido mais alegria para minha vida e por mudar a minha maneira de enxergar o mundo. Obrigada por me fazer sentir tanto amor.

Ao Alan Jardel, por me ensinar a utilizar o conjunto de programas estatísticos adotados nesta pesquisa, pela atenção dispensada durante toda a execução dos programas e pela disponibilidade para responder as minhas dúvidas enviadas por e-mail.

À Pâmella Pereira e Elisete Silva pela grande contribuição ao ouvirem todas as entrevistas para verificar a codificação feita por mim.

Ao Erenilton Peixoto, por me ajudar a fazer o *Abstract* e pela amizade.

À Luciana Almeida, pela parceria quando escrevemos nossas dissertações de mestrado e por disponibilizar o banco de dados de Machacalis para que eu desse continuidade às pesquisas durante o doutorado.

Aos informantes, pela grande colaboração ao aceitarem participar desta pesquisa.

Ao professor Seung Hwa Lee, por ser tão solícito sempre que precisei e por me enviar muitos textos por e-mail.

À professora Elisa Battisti, que gentilmente me enviou a sua dissertação.

À professora Ana Paula Rocha por tudo que me ensinou durante a graduação, agradeço também por me disponibilizar o Atlas Linguístico de Minas Gerais e pela amizade durante todos esses anos.

Aos professores da FALE, especialmente à Evelyne Dogliani, José Olímpio, Lorenzo Vitral, Cândida Seabra com quem muito aprendi durante as disciplinas cursadas.

Aos professores Marco Antônio de Oliveira e Jacyra Mota, pelas importantes sugestões na qualificação desta tese.

Aos professores Leda Bisol, Jacyra Andrade Mota, Marco Antônio de Oliveira, José Olímpio de Magalhães, César Nardelli Cambraia e Alan Jardel de Oliveira por aceitarem participar da banca examinadora.

À Juliana Moreira, Glauciane Santos, Ana Paula Mendes, Elizete Souza, Joana Lima, Raquel Costa, Tatiana Belmonte, Maria Helena Paes e ao Gilmar Bueno que têm compartilhado comigo todos os sentimentos que escrever uma tese desperta. O nosso trabalho é árduo, mas será recompensado.

Aos meus colegas de trabalho da FATEC SENAI-BH, pelo incentivo, apoio e ajuda nos momentos difíceis. Agradeço à Corina, Erika, Heverton e Renato por me ajudarem tanto quando precisei. Ao Anderson, Elimar, Tamara, Rodolfo, Paulo, Sérgio, Robson, Alberto, Wellington, Ramalho, Wagner, Gilberto, Bandeira, Alex e Rodrigo, obrigada por esses anos de convivência, por tornarem meus dias mais leves com momentos agradáveis de descontração. Agradeço especialmente à Corina e ao Elimar, por estarem sempre ali e por serem tão amigos.

À coordenação e à pedagogia da FATEC SENAI-BH, agradeço pelo incentivo e por sempre atenderem as minhas solicitações.

As minhas grandes amigas Katiene Vidigal, Juliana Castro, Juliana Moreira e Adriana Martins, por serem presença constante em minha vida e, assim, amenizarem a saudade da minha família. Obrigada por fazerem minha vida muito mais feliz.

Aos meus amigos Saulo Henrique, Patrícia Rodrigues, Sandra Oliveira, Elke Santos, Graciela Profeta, Bruno Miranda, Fabiana Carvalho e Lilian Rezende, que mesmo de longe me acompanham nesta caminhada com telefonemas e constantes recados de incentivo.

Aos meus ex e atuais alunos da FATEC SENAI-BH, que me acompanharam desde o início desta caminhada e com o carinho que têm por mim tornaram estes quatro anos mais leves. Obrigada por arrancarem gargalhadas de mim até nos meus dias mais difíceis. Agradeço especialmente às Diva's, que além de ex-alunas, são hoje grandes amigas.

À Tanira, pela amizade e pelo carinho.

À Tia Creusa, pela constante preocupação.

À Cristina Oliveira, pela convivência agradável nos muitos anos que dividimos o mesmo teto.

“(…) A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil (…).”
Manuel Bandeira – Evocação do Recife

RESUMO

Na divisão dos falares de Zágari (1998), Machacalis estaria na área do falar baiano, Piranga e Ouro Branco na área do falar mineiro. Já, na divisão dos falares, proposta por Nascentes (1953), Machacalis estaria na área de falar baiano, Piranga, na área de falar fluminense e Ouro Branco na área de falar mineiro. A realização das pretônicas é característica relevante para as diversas divisões dos falares brasileiros. Assim, estuda-se neste trabalho a variação das vogais médias pretônicas nos municípios mineiros de Piranga, Ouro Branco e Machacalis. Os objetivos desta pesquisa são: descrever as vogais médias pretônicas de algumas variedades mineiras e assim contribuir para a descrição das variedades de Minas Gerais e do Português Brasileiro, estudar os processos fonológicos pelos quais passam essas vogais nas três cidades, determinar quais são os gatilhos desses processos e discutir as propostas de divisão dos falares mineiros em que se encaixam as comunidades em questão. Adotou-se o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1972) e o modelo da Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1976) e da Geometria de Traços (Clemensts e Hume, 1996). Para o tratamento estatístico, foi utilizado o modelo de regressão logística, presente no *software* SPSS. Averiguaram-se quais foram os grupos de fatores linguísticos e os grupos de fatores sociais atuantes no alçamento e na abertura da vogal média pretônica. As seguintes questões direcionaram o trabalho: Qual é exatamente o papel das vogais seguintes? Qual é exatamente o papel das consoantes adjacentes? Há atuação lexical? Há atuação do acento secundário? Há diferenças nos processos fonológicos nas três cidades? Há indícios de progressão de algum desses processos? Qual é o papel dos fatores sociais? Há diferença entre os falares em questão?

ABSTRACT

In Zagari (1998), Machacalis is Baiano speaking area, while Piranga and Ouro Branco are Mineiro area. Nascentes (1953) proposed Machacalis as Baiano speaking area, Piranga as Fluminense area and Ouro Branco as Mineiro area. The productions of pretonic vowels is relevant to the various divisions of Brazilian speech. Thus, this work studies the variation of the pretonic vowels in Minas Gerais' towns of Piranga, Ouro Branco and Machacalis. This research goals are: to describe the pretonic vowels contributing to a description of Minas Gerais and the Brazilian Portuguese speaking varieties; to study the phonological processes involved to determine the triggers of these processes and to discuss the proposed division of Minas Gerais local dialects. The theoretical-methodological model of Linguistic Variation and Change (Labov, 1972) and the Autossegmental Phonology (Goldsmith, 1976) and Feature Geometry (Clements and Hume, 1996) models were adopted. For statistical analysis, the logistic regression model presented in SPSS software was used. We have investigated the social and internal factors envolved. This work addresses the following questions: What are the exact roles of the following vowels? What is the exact role of adjacent consonant? Is there lexical diffusion? Is there any performance of secondary stress? Are differences in the phonological process in the three cities? Is there evidence of progression in any of these processes? What is the role of social factors? Which are differences between the dialects in question?

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Resultados gerais da variação das pretônicas em Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Piranga e Ouro Branco para (e)	34
Tabela 2:	Resultados gerais da variação das pretônicas em Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Piranga e Ouro Branco para (o)	34
Tabela 3:	Realização da pretônica (e) inicial em sílaba travada por /s/ em três cidades mineiras	145
Tabela 4:	Realização da pretônica (e) inicial em sílaba travada por /n/ em três cidades mineiras	145
Tabela 5:	Realização da vogal pretônica (e) não inicial – sílaba travada por /s/ em três cidades mineiras	145
Tabela 6:	Realização da vogal pretônica (e) não inicial – sílaba travada por /n/ em três cidades mineiras	146
Tabela 7:	Realização da pretônica (e) inicial com travamento por /h/em três cidades mineiras	148
Tabela 8:	Realização da pretônica (e) não inicial com travamento por /h/em três cidades mineiras	148
Tabela 9:	Realização da vogal média (e) em ditongo nas três cidades	149
Tabela 10:	Realização da vogal média (e) em hiato nas três cidades	150
Tabela 11:	Fatores favorecedores do alçamento de (e), em relação à vogal da sílaba tônica	160
Tabela 12:	Fatores desfavorecedores do alçamento de (e), em relação à vogal da sílaba tônica	163
Tabela 13:	Fatores sem significância para o alçamento de (e), em relação à vogal da sílaba tônica	165
Tabela 14:	Fatores favorecedores do alçamento de (e), em relação ao modo seguinte ..	166
Tabela 15:	Fatores desfavorecedores do alçamento de (e), em relação ao modo seguinte	168
Tabela 16:	Fatores sem significância para o alçamento de (e), em relação ao modo seguinte	171
Tabela 17:	Fatores favorecedores do alçamento de (e), em relação à classe gramatical	171

Tabela 18:	Fatores desfavorecedores do alçamento de (e), em relação à classe gramatical	172
Tabela 19:	Fatores favorecedores do alçamento de (e), em relação à distância do início da palavra	175
Tabela 20:	Fatores desfavorecedores do alçamento de (e), em relação à distância do início da palavra	176
Tabela 21:	Resultados do alçamento de (e), em relação aos fatores sociais	179
Tabela 22:	Resultados do alçamento de (e), em relação à interação dos fatores sociais em Machacalis	179
Tabela 23:	Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação à vogal da sílaba tônica	181
Tabela 24:	Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação à vogal da sílaba tônica	185
Tabela 25:	Fatores sem significância para a abertura de (e), em relação à vogal da sílaba tônica	187
Tabela 26:	Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação ao modo seguinte	190
Tabela 27:	Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação ao modo seguinte	192
Tabela 28:	Fatores sem significância para a abertura de (e), em relação ao modo seguinte	193
Tabela 29:	Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação à classe gramatical	193
Tabela 30:	Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação à classe gramatical	194
Tabela 31:	Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação à distância do início da palavra	196
Tabela 32:	Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação à distância do início da palavra	198
Tabela 33:	Fatores sem significância para a abertura de (e), em relação à distância do início da palavra	199
Tabela 34:	Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação ao paradigma	200
Tabela 35:	Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação ao paradigma	202

Tabela 36:	Resultados da abertura de (e), em relação aos fatores sociais	204
Tabela 37:	Resultados da abertura de (e), em relação à interação dos fatores sociais em Ouro Branco e Piranga	204
Tabela 38:	Realização da pretônica (o) inicial em sílaba travada por /s/ em três cidades mineiras	250
Tabela 39:	Realização da vogal pretônica (o) não inicial – sílaba travada por /s/ em três cidades mineiras	251
Tabela 40:	Realização da pretônica (o) inicial em sílaba travada por /n/ em três cidades mineiras	253
Tabela 41:	Realização da vogal pretônica (o) não inicial – sílaba travada por /n/ em três cidades mineiras	253
Tabela 42:	Realização da pretônica (o) inicial com travamento por /h/ em três cidades mineiras	254
Tabela 43:	Realização da pretônica (o) não inicial com travamento por /h/ em três cidades mineiras	254
Tabela 44:	Realização da pretônica (o) inicial com travamento por /b/ e /p/ em três cidades mineiras	256
Tabela 45:	Realização da vogal média (o) em ditongo nas três cidades	256
Tabela 46:	Realização da vogal média (o) em hiato nas três cidades	257
Tabela 47:	Fatores favorecedores do alçamento de (o), em relação à vogal da sílaba tônica	264
Tabela 48:	Fatores desfavorecedores do alçamento de (o), em relação à vogal da sílaba tônica	267
Tabela 49:	Fatores sem significância para o alçamento de (o), em relação à vogal da sílaba tônica	269
Tabela 50:	Fatores favorecedores do alçamento de (o), em relação ao modo seguinte	270
Tabela 51:	Fatores desfavorecedores do alçamento de (o), em relação ao modo seguinte	272
Tabela 52:	Fatores sem significância para o alçamento de (o), em relação ao modo seguinte	273
Tabela 53:	Fatores favorecedores do alçamento de (o), em relação à classe gramatical	273

Tabela 54:	Fatores desfavorecedores do alçamento de (o), em relação à classe gramatical	275
Tabela 55:	Fatores favorecedores do alçamento de (o), em relação à distância do início da palavra	276
Tabela 56:	Fatores desfavorecedores do alçamento de (o), em relação à distância do início da palavra	277
Tabela 57:	Resultados do alçamento de (o), em relação aos fatores sociais	278
Tabela 58:	Resultados do alçamento de (o), em relação à interação dos fatores sociais em Piranga	278
Tabela 59:	Fatores favorecedores da abertura de (o), em relação à vogal da sílaba tônica	281
Tabela 60:	Fatores desfavorecedores da abertura de (o), em relação à vogal da sílaba tônica	284
Tabela 61:	Fatores sem significância para a abertura de (o), em relação à vogal da sílaba tônica	285
Tabela 62:	Fatores favorecedores da abertura de (o), em relação ao modo seguinte	286
Tabela 63:	Fatores desfavorecedores da abertura de (o), em relação ao modo seguinte	288
Tabela 64:	Fatores sem significância para a abertura de (o), em relação ao modo seguinte	289
Tabela 65:	Resultado da abertura de (o), em relação à classe gramatical	289
Tabela 66:	Fatores favorecedores da abertura de (o), em relação à distância do início da palavra	289
Tabela 67:	Fatores desfavorecedores da abertura de (o), em relação à distância do início da palavra	291
Tabela 68:	Fatores favorecedores da abertura de (o), em relação ao paradigma	292
Tabela 69:	Fatores desfavorecedores da abertura de (o), em relação ao paradigma	293
Tabela 70:	Resultados da abertura de (o), em relação aos fatores sociais	294
Tabela 71:	Resultados da abertura de (o), em relação à interação dos fatores sociais em Ouro Branco	295

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Mapa das áreas dialetais do Brasil conforme apresentado em Nascentes (1953)	31
Figura 2:	Mapa oficial do Brasil destacando as áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) e com a localização das cidades de Ouro Branco, Piranga e Machacalis	32
Figura 3:	Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais conforme apresentado em Zágari (1998)	33
Figura 4:	Carta 6 (SERENO) apresentada por Ribeiro <i>et al.</i> (1977)	35
Figura 5:	Análise acústica da vogal pretônica [i]	129
Figura 6:	Análise acústica da vogal pretônica [e]	130
Figura 7:	Análise acústica da vogal pretônica [ɛ]	130
Figura 8:	Análise acústica da vogal pretônica [ɔ]	131
Figura 9:	Análise acústica da vogal pretônica [o]	131
Figura 10:	Análise acústica da vogal pretônica [u]	132
Quadro 1:	Sistema vocálico do PB: tônicas	27
Quadro 2:	Sistema vocálico do PB: pretônicas	28
Quadro 3:	Escravos índios na Vila do Carmo	81
Quadro 4:	Informantes e faixa etária	116
Quadro 5:	Itens em que ocorreram as 3 variações (e ~ i ~ ɛ) ou apenas a variação i ~ ɛ	154
Quadro 6:	Itens em que a realização é categórica para a abertura de (e) (acima de 10 ocorrências)	154
Quadro 7:	Itens em que a realização é categórica para o alçamento (e) (acima de 10 ocorrências)	154
Quadro 8:	Itens quase categóricos em que uma das variantes [i] ou [ɛ] ocorreu acima de 90% das realizações – realização quase categórica (acima de 10 ocorrências)	155
Quadro 9:	Fatores internos retirados para o alçamento de (e) nas três cidades após o crosstabs	157

Quadro 10: Fatores internos retirados para a abertura (e) nas três cidades após crosstabs	157
Quadro 11: Variáveis apontadas pelo SPSS como significativas para o alçamento de (e) em cada cidade	159
Quadro 12: Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente - alçamento de (e)	162
Quadro 13: Fatores favorecedores, com realização categórica da manutenção, desfavorecedores e sem significância para o alçamento de (e) em relação à vogal da sílaba tônica nas três cidades	166
Quadro 14: Resumo dos fatores favorecedores do alçamento de (e) nas três cidades	180
Quadro 15: Variáveis apontadas pelo SPSS como significativas para a abertura de (e) em cada cidade	181
Quadro 16: Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente – abertura de (e)	184
Quadro 17: Fatores favorecedores, com realização categórica da manutenção, desfavorecedores e sem significância para a abertura de (e) em relação à vogal da sílaba tônica nas três cidades	188
Quadro 18: Resumo dos fatores favorecedores da abertura de (e) nas três cidades	207
Quadro 19: Hierarquização para alçamento de (e)- diferença entre os valores do teste da razão da máxima verossimilhança	208
Quadro 20: Hierarquização para abertura de (e) diferença entre os valores do teste da razão da máxima verossimilhança	208
Quadro 21: Itens em que a vogal tônica é favorecedora do alçamento de (e) e o item não alça	211
Quadro 22: Itens em que o ambiente não é favorecedor do alçamento de (e) e mesmo assim o item apresenta realização alta	214
Quadro 23: Itens em que a vogal tônica é favorecedora da abertura de (e) e o item não apresentou realização aberta	217
Quadro 24: Itens em que o ambiente não é favorecedor da abertura de (e) e mesmo assim o item apresenta realização aberta	219
Quadro 25: Itens restantes para o alçamento e para a abertura de (e) nas três cidades	221
Quadro 26: Itens em que ocorreram as 3 variações (o ~ u ~ o) ou apenas a variação u ~ o	260

Quadro 27: Itens em que a realização é categórica para a abertura de (o) (acima de 10 ocorrências)	261
Quadro 28: Itens em que a realização é categórica para o alçamento de (o) (acima de 10 ocorrências)	261
Quadro 29: Itens quase categóricos em que uma das variantes [u] ou [ɔ] ocorreu acima de 90% das realizações - realização quase categórica (acima de 10 ocorrências)	261
Quadro 30: Fatores internos retirados para o alçamento de (o) nas três cidades após o Crosstabs	262
Quadro 31: Fatores internos retirados para a abertura de (o) nas três cidades após crosstabs	262
Quadro 32: Variáveis apontadas pelo SPSS como significativas para o alçamento (o) em cada cidade	263
Quadro 33: Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente – alçamento de (o)	267
Quadro 34: Fatores favorecedores, com realização categórica da manutenção, desfavorecedores e sem significância para o alçamento de (o) em relação à vogal da sílaba tônica nas três cidades	269
Quadro 35: Resumo dos fatores favorecedores do alçamento de (o) nas três cidades	280
Quadro 36: Variáveis apontadas pelo SPSS como significativas para a abertura de (o) em cada cidade	281
Quadro 37: Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente – abertura de (o)	283
Quadro 38: Fatores favorecedores, com realização categórica da manutenção, desfavorecedores e sem significância para a abertura de (o) em relação à vogal da sílaba tônica nas três cidades	285
Quadro 39: Resumo dos fatores favorecedores da abertura de (o) nas três cidades	297
Quadro 40: Hierarquização para alçamento de (o)- diferença entre os valores do teste da razão da máxima verossimilhança	299
Quadro 41: Hierarquização para abertura de (o)- diferença entre os valores do teste da razão da máxima verossimilhança	299
Quadro 42: Itens em que a vogal tônica é favorecedora do alçamento de (o) e o item não alça	301
Quadro 43: Itens em que o ambiente não é favorecedor do alçamento de (o) e mesmo assim o item apresenta realização alta	302

Quadro 44: Itens em que a vogal tônica é favorecedora da abertura de (o) e o item não apresentou realização aberta	304
Quadro 45: Itens em que o ambiente não é favorecedor da abertura de (o) e mesmo assim o item apresenta realização aberta	307
Quadro 46: Itens restantes para o alçamento e para a abertura de (o) nas três cidades	308

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	26
1.1	Apresentação do fenômeno variável objeto deste estudo	27
1.2	A proposta de análise nesta pesquisa	30
2	TRABALHOS CORRELATOS	38
2.1	MOTA (1979)	38
2.2	BISOL (1981)	39
2.3	VIEGAS (1987)	41
2.4	SILVA (1989)	44
2.5	CASTRO (1990)	46
2.6	YACOVENCO (1993)	50
2.7	BATTISTI (1993)	53
2.8	FREITAS (2001)	54
2.9	CÉLIA (2004)	55
2.10	DIAS (2008) e ALMEIDA (2008)	57
2.11	VIANA (2008)	60
2.12	GRAEBIN (2008)	63
2.13	SILVA (2009)	66
2.14	TONDINELI (2010)	67
2.15	BISINOTTO (2011)	70
2.16	CARMO (2013)	71
2.17	DEMAIS TRABALHOS CORRELATOS	73
3	AS COMUNIDADES PESQUISADAS	76
3.1	O município de Piranga	76
3.2	O município de Ouro Branco	82
3.3	O município de Machacalis	86
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	90
4.1	Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1972)	90
4.2	O modelo Neogramático e o modelo da Difusão Lexical	94

4.3	Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1976) e Geometria de Traços (Clements e Hume, 1996).....	104
5	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	115
5.1	População e amostra	116
5.2	Coleta de dados	117
5.3	Transcrição dos dados	117
5.4	Variáveis	118
5.5	Codificação das variáveis	128
5.6	O subsídio quantitativo SPSS – <i>Statistical Package for the Social Sciences</i> ..	141
5.6.1	Os modelos estatísticos	141
6	ANÁLISE DE (e)	144
6.1	O que foi necessário separar antes da regressão	145
6.1.1	Início de palavra	145
6.1.2	Encontros vocálicos	149
6.1.3	Itens lexicais	153
6.1.4	Distância da sílaba tônica	155
6.1.5	Morfemas	156
6.1.6	Fatores não variáveis	157
6.2	O que entra na regressão	158
6.3	Análise do acento de (e)	159
6.3.1	Vogal da sílaba tônica	160
6.3.1.1	Análise dos fatores favorecedores	160
6.3.1.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	161
6.3.1.3	Análise dos segmentos	162
6.3.1.4	Análise dos fatores desfavorecedores	162
6.3.1.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	163
6.3.1.6	Análise dos segmentos	165
6.3.1.7	Fatores sem significância	165
6.3.2	Modo do segmento seguinte	166
6.3.2.1	Análise dos fatores favorecedores	166
6.3.2.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	167

6.3.2.3	Análise dos segmentos	168
6.3.2.4	Análise dos fatores desfavorecedores	168
6.3.2.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	168
6.3.2.6	Análise dos segmentos	170
6.3.2.7	Fatores sem significância	171
6.3.3	Classe gramatical	171
6.3.3.1	Análise dos fatores favorecedores	171
6.3.3.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	172
6.3.3.3	Análise dos fatores desfavorecedores	172
6.3.3.4	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	173
6.3.3.5	Análise dos fatores do grupo de fator <i>não verbos</i>	175
6.3.4	Distância do início da palavra	175
6.3.4.1	Análise dos fatores favorecedores	175
6.3.4.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	176
6.3.4.3	Análise dos fatores desfavorecedores	176
6.3.4.4	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	177
6.3.4.5	Análise da distância do início da palavra – 2ª sílaba ou mais	178
6.3.5	Fatores sociais	178
6.3.6	Conclusão da regressão – alçamento de (e)	180
6.4	Análise da abertura de (e)	181
6.4.1	Vogal da sílaba tônica	181
6.4.1.1	Análise dos fatores favorecedores	181
6.4.1.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	182
6.4.1.3	Análise dos segmentos	184
6.4.1.4	Análise dos fatores desfavorecedores	184
6.4.1.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	185
6.4.1.6	Análise dos segmentos	187
6.4.1.7	Fatores sem significância	187
6.4.2	Modo do segmento seguinte	190
6.4.2.1	Análise dos fatores favorecedores	190
6.4.2.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	191
6.4.2.3	Análise dos segmentos	192
6.4.2.4	Análise dos fatores desfavorecedores	192
6.4.2.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	192

6.4.2.6	Análise dos segmentos	193
6.4.2.7	Fatores sem significância	193
6.4.3	Classe gramatical	193
6.4.3.1	Análise dos fatores favorecedores	193
6.4.3.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	194
6.4.3.3	Análise dos fatores do grupo de fator <i>não verbos</i>	194
6.4.3.4	Análise dos fatores desfavorecedores	194
6.4.3.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	195
6.4.4	Distância do início da palavra	196
6.4.4.1	Análise dos fatores favorecedores	196
6.4.4.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	196
6.4.4.3	Análise dos fatores desfavorecedores	198
6.4.4.4	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	198
6.4.4.5	Análise da distância do início da palavra – 2ª sílaba ou mais	199
6.4.4.6	Fatores sem significância	199
6.4.5	Paradigma	199
6.4.5.1	Análise dos fatores favorecedores	199
6.4.5.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	201
6.4.5.3	Análise dos fatores desfavorecedores	202
6.4.5.4	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	202
6.4.5.5	Análise do <i>paradigma em que não há vogal aberta</i>	203
6.4.6	Fatores sociais	203
6.4.7	Conclusão da regressão – abertura de (e)	206
6.5	Hierarquização dos grupos de fatores favorecedores	207
6.6	O item lexical	209
6.6.1	Alçamento	211
6.6.2	Abertura	216
6.7	O indivíduo	223
6.7.1	Alçamento	225
6.7.2	Abertura	228
6.7.3	Manutenção, alçamento e abertura no mesmo item	231
6.8	Testes	232
6.8.1	Distância da tônica	233
6.8.1.1	Alçamento	233

6.8.1.2	Abertura	235
6.8.2	Vogal entre a vogal da variável e a tônica	240
6.8.2.1	Alçamento	241
6.8.2.2	Abertura	241
6.8.3	Estrutura da sílaba (tipo silábico)	244
6.8.4	Estado da glote	245
6.8.5	Morfemas e não morfemas	246
6.8.6	Conclusão dos testes de (e)	247
6.9	Conclusão sobre a análise de (e)	247
7	ANÁLISE DE (o)	250
7.1	O que foi necessário separar antes da regressão	250
7.1.1	Início de palavra	250
7.1.2	Encontros vocálicos	256
7.1.3	Itens lexicais	260
7.1.4	Distância da sílaba tônica	261
7.1.5	Morfemas	261
7.1.6	Fatores não variáveis	262
7.2	O que entra na regressão	263
7.3	Análise do alçamento de (o)	263
7.3.1	Vogal da sílaba tônica	263
7.3.1.1	Análise dos fatores favorecedores	263
7.3.1.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	264
7.3.1.3	Análise dos segmentos	267
7.3.1.4	Análise dos fatores desfavorecedores	267
7.3.1.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	267
7.3.1.6	Análise dos segmentos	269
7.3.1.7	Fatores sem significância	269
7.3.2	Modo do segmento seguinte	270
7.3.2.1	Análise dos fatores favorecedores	270
7.3.2.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	271
7.3.2.3	Análise dos segmentos	271
7.3.2.4	Análise dos fatores desfavorecedores	272
7.3.2.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	272

7.3.2.6	Análise dos segmentos	273
7.3.2.7	Fatores sem significância	273
7.3.3	Classe gramatical	273
7.3.3.1	Análise dos fatores favorecedores	273
7.3.3.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	274
7.3.3.3	Análise dos fatores do grupo de fator <i>não verbos</i>	274
7.3.3.4	Análise dos fatores desfavorecedores	274
7.3.3.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	275
7.3.4	Distância do início da palavra	276
7.3.4.1	Análise dos fatores favorecedores	276
7.3.4.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	276
7.3.4.3	Análise dos fatores desfavorecedores	277
7.3.4.4	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	277
7.3.4.5	Análise da distância do início da palavra – 2ª sílaba ou mais	278
7.3.5	Fatores sociais	278
7.3.6	Conclusão da regressão – alçamento de (o)	279
7.4	Análise da abertura de (o)	281
7.4.1	Vogal da sílaba tônica	281
7.4.1.1	Análise dos fatores favorecedores	281
7.4.1.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	282
7.4.1.3	Análise dos segmentos	283
7.4.1.4	Análise dos fatores desfavorecedores	283
7.4.1.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	284
7.4.1.6	Análise dos segmentos	285
7.4.1.7	Fatores sem significância	285
7.4.2	Modo do segmento seguinte	286
7.4.2.1	Análise dos fatores favorecedores	286
7.4.2.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	287
7.4.2.3	Análise dos segmentos	287
7.4.2.4	Análise dos fatores desfavorecedores	288
7.4.2.5	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	288
7.4.2.6	Análise dos segmentos	288
7.4.2.7	Fatores sem significância	289
7.4.3	Classe gramatical	289

7.4.3.1	Análise dos fatores favorecedores	289
7.4.4	Distância do início da palavra	289
7.4.4.1	Análise dos fatores favorecedores	289
7.4.4.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	290
7.4.4.3	Análise dos fatores desfavorecedores	291
7.4.4.4	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	291
7.4.4.5	Análise da distância do início da palavra – 2ª sílaba ou mais	291
7.4.5	Paradigma	291
7.4.5.1	Análise dos fatores favorecedores	291
7.4.5.2	Análise dos itens nos fatores favorecedores	292
7.4.5.3	Análise dos fatores desfavorecedores	293
7.4.5.4	Análise dos itens nos fatores desfavorecedores	293
7.4.5.5	Análise do <i>paradigma em que não há vogal aberta</i>	294
7.4.6	Fatores sociais	294
7.4.7	Conclusão da regressão – abertura de (o)	297
7.5	Hierarquização dos grupos de fatores favorecedores	299
7.6	O item lexical	300
7.6.1	Alçamento	300
7.6.2	Abertura	304
7.7	O indivíduo	310
7.7.1	Alçamento	310
7.7.2	Abertura	313
7.7.3	Manutenção, alçamento e abertura no mesmo item	316
7.8	Testes	317
7.8.1	Distância da tônica	318
7.8.1.1	Alçamento	318
7.8.1.2	Abertura	319
7.8.2	Vogal entre a vogal da variável e a tônica	322
7.8.2.1	Alçamento	322
7.8.2.2	Abertura	323
7.8.3	Estrutura da sílaba (tipo silábico)	325
7.8.3.1	Alçamento	325
7.8.3.2	Abertura	326
7.8.4	Estado da glote	328

7.8.4.1	Alçamento	328
7.8.4.2	Abertura	328
7.8.5	Morfemas e não morfemas	328
7.8.6	Conclusão dos testes de (o) e comparação com (e)	329
7.9	Conclusão sobre a análise de (o)	329
8	ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS ASPECTOS FONOLÓGICOS DE	
(e) e (o)	331
8.1	Ouro Branco e Piranga	335
8.1.1	Abertura	335
8.1.2	Alçamento	338
8.2	Machacalis	340
8.2.1	Elevação de média baixa para média alta	340
8.2.2	Alçamento	342
8.3	Comparação entre os falares	346
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	350
	REFERÊNCIAS	355
	ANEXOS	368

1- INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está inserida no projeto Varfon-Minas, Variação fonético-fonológica, morfológica e lexical em Minas Gerais, que é resultado do grupo de pesquisa Varfon-Minas/CNPq, coordenados pela professora Dra. Maria do Carmo Viegas. Integra também o grupo de pesquisa PROBRAVO/CNPq, Brazilian Vowels Project, coordenado pelo professor Dr. Marco Antônio de Oliveira e pelo professor Dr. Seung Hwa Lee.

Temos como objetivo geral, descrever as vogais médias pretônicas de algumas variedades mineiras e assim contribuir para a descrição das variedades de Minas Gerais e do Português Brasileiro. Estudaremos os processos fonológicos pelos quais passam essas vogais nas cidades de Ouro Branco, Piranga e Machacalis. Objetivamos determinar quais são os fatores favorecedores desses processos e qual a diferença entre os falares em questão. Observaremos aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e lexicais que estejam atuando nas vogais pretônicas nessas comunidades. Interessa-nos também investigar a atuação de fatores sociais e individuais nos processos em questão. Pretendemos responder: qual é o *status* da variação - está em progressão ou é uma variação estável? E por fim, objetivamos discutir se as comunidades pesquisadas pertencem ao mesmo falar.

Para isso, foram descritas e analisadas, de acordo com os princípios metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Labov (1972), três variantes de cada uma das duas variáveis - as vogais médias pretônicas (e) e (o):

- a) [e] e [o]: realização fechada;
- b) [ɛ] e [ɔ]: realização aberta;
- c) [i] e [u]: realização alta.

Esta tese consta de 9 capítulos, organizados da seguinte forma:

No capítulo 1 – **Introdução**: apresentamos algumas questões relativas à variação da pretônica e uma proposta de análise.

No capítulo 2 – **Trabalhos correlatos**: como são muitas pesquisas, resenhamos algumas teses e dissertações referentes às vogais médias pretônicas e listamos outros tantos trabalhos produzidos sobre esse assunto.

No capítulo 3 – **As comunidades pesquisadas**: descrevemos as três comunidades estudadas (Piranga, Ouro Branco e Machacalis).

No capítulo 4 – **Fundamentação Teórico-Metodológica**: descrevemos os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa.

No capítulo 5 - **Métodos e técnicas de pesquisa**: descrevemos os métodos e técnicas empregados no desenvolvimento do estudo – o tamanho da amostra; a coleta dos dados; a definição do tipo de transcrição da fala; a definição e codificação das variáveis consideradas no estudo e o modelo estatístico utilizado.

Nos capítulos 6 e 7 – **Análise dos Dados**: listamos, em tabelas, os resultados dos efeitos das variáveis independentes nas variáveis dependentes, relativos aos três municípios estudados. Fizemos a leitura de cada tabela e a discussão dos resultados apresentados. Fizemos ainda a análise do item lexical, a análise do indivíduo e alguns testes. No capítulo 6 apresentamos a análise da variável (e) e no capítulo 7, a análise da variável (o).

No capítulo 8 - **Análise dos resultados dos aspectos fonológicos de (e) e (o)**: escolhemos a Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1976) e a Geometria de Traços (Clements e Hume, 1996) para analisar os resultados dos processos fonológicos apresentados nos capítulos anteriores.

No capítulo 9 – **Considerações finais**: apresentamos nossas conclusões sobre o nosso estudo.

1.1 Apresentação do fenômeno variável objeto deste estudo

Camara Jr. (2008) apresenta a seguinte classificação das vogais como fonemas na posição tônica:

[...] sem avanço ou elevação apreciável da língua, tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo de um triângulo de base para cima. A articulação da parte anterior, central (ligeiramente anterior) e posterior da língua dá a classificação articulatória de vogais – anteriores, central e posteriores. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas. (CAMARA JR., 2008, p.41)

Quadro 1: Sistema vocálico do PB: tônicas

	Posteriores	Central	Anteriores
Altas	/u/		/i/
Médias (2º grau)	/o/		/e/
Médias (1º grau)	/ɔ/		/ɛ/
Baixa		/a/	

Fonte: CAMARA JR., 2008, p.41.

Já em posição pretônica, existem cinco fonemas em oposição distintiva no PB.

Quadro 2: Sistema vocálico do PB: pretônicas

	Posteriores	Central	Anteriores
Altas	/u/		/i/
Médias	/o/		/e/
Baixa		/a/	

Fonte: CAMARA JR., 2008, p.44.

Segundo Camara Jr. (2008), no contexto pretônico ocorre o processo de neutralização das vogais médias.¹

Quanto à neutralização ela é diversa segundo a modalidade de posição átona. Nas vogais médias antes de vogal tônica (pretônicas) desaparece a oposição entre 1º e 2º grau, com prejuízo daquele na área cujo centro é o Rio de Janeiro. Assim, há uma distinção, em posição tônica entre *forma* (com /ð/ tônico) e *forma* (com /ô/ tônico); mas não obstante, o adjetivo derivado do primeiro desses substantivos (*forma* com /ð/ tônico) é *formoso* em que se tem /for/ por causa da posição átona (pretônica) da sílaba. (CAMARA JR., 2008, p.43)

Há bastante variação dialetal relacionada à realização desses fonemas. Além da elevação variável dos fonemas /e/ e /o/, a maioria dos estudos, realizados até hoje no Brasil, indica que nas regiões Sul-Sudeste prevalece a pronúncia fechada [e] e [o], e no Norte-Nordeste, a realização aberta [ɛ] e [ɔ]. Essa divisão dos falares brasileiros está de acordo com a proposta de Nascentes (1953, p.19): “De um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão: norte e sul; norte, até a Baía e sul, daí para baixo.”

Nascentes (1953) dividiu esses dois grupos em seis subfalares. Os subfalares do Norte são dois: o amazônico e o nordestino. Os subfalares do Sul são quatro: o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista.

Vejamos como foram divididos os subfalares do Norte:

o amazonico, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à serra do Estrondo, e o nordestino, que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba. (NASCENTES, 1953, p.25)

¹ Ressaltamos que no Português Europeu as médias de 1º grau e de 2º grau são distintivas em posição pretônica.

Os subfalares do Sul foram divididos da seguinte forma:

o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrependidos); o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o Estado do Rio, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte do Leste); o mineiro (Centro Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso. (NASCENTES, 1953, p. 25-26)

Podemos notar que Minas é citada em todas as quatro divisões dos subfalares do Sul, evidenciando a grande variedade em Minas e a importância do estudo da variação neste Estado. Conforme Zágari (1998), as vogais médias pretônicas são, geralmente, usadas como um dos critérios para diferenciação dos falares, o que confirma a importância desta pesquisa.

Em relação aos dois grandes grupos, Norte e Sul, Nascentes (1953, p.25) explica: “O que caracteriza estes dois grupos é a cadência e a existência de proônicas abertas em vocabulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*. Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos.”

Utilizando o *corpus*² do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), Mota (2010) apresenta a análise dessas duas grandes áreas do ponto de vista dos contextos linguísticos favorecedores das vogais médias pretônicas. Segundo a autora, observaram-se duas áreas: uma representada pela região nordeste, em que predominam as vogais médias abertas e outra representada pelas demais regiões, em que predominam as vogais médias fechadas.

Mota acrescenta:

As áreas em que predominam as vogais médias fechadas podem ser identificadas a depender da maior ou menor frequência de variantes médias abertas. Desse modo, encontram-se, nos dados do ALiB:

- a) Região sul e sudeste, com baixíssima frequência de vogais médias abertas;
- b) Região norte e centro-oeste, áreas com maior frequência das médias abertas, em posição pretônica, do que nas capitais do sul e sudeste, mas com menor frequência do que nas do nordeste. (MOTA, 2010, p.34)

² Mota usou os registros de 16 das 25 capitais que compõem esse *corpus*. São elas: Manaus, Boa Vista, Macapá, Belém, Salvador, Aracaju, Maceió, João Pessoa, Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Curitiba, Florianópolis, Cuiabá, Campo Grande e Goiânia.

Talvez pudéssemos dizer, numa visão estruturalista³, que em algumas variedades, as vogais [e, o, ε, ɔ] se neutralizam em [e, o] e em outros, se neutralizam em [ε, ɔ]. Para Lee e Oliveira (2003, p.68), “A situação não é tão simples assim. A realidade é que nos dois grandes grupos dialetais podemos ter [ɔ~o~u] e [ε~e~i], em posição pretônica.”

Lee e Oliveira (2003) problematizam a variação intradialetal. Segundo eles, existem itens lexicais no mesmo dialeto que têm ora a vogal alta, ora a vogal média aberta e ora a vogal média fechada. Exemplificam com o falar de Belo Horizonte, que, segundo eles, é particularmente complexo. Há certas palavras que podem ser pronunciadas de três formas diferentes, como: *moderno* ~ *mɔderno* ~ *muderno*.

Interessa-nos investigar se realizações como essas ocorrem nos municípios aqui pesquisados, se ocorrem no mesmo grupo social e se ocorrem no mesmo falante. Temos como hipótese que determinada variante possa ser falada pelos mais velhos ou pelos mais jovens e, nesse caso, o mesmo falante não estaria realizando todas as três variantes. Interessa-nos, especialmente, investigar se o processo está em progressão ou não nas comunidades. Por exemplo, se *muderno* ocorrer só nos mais velhos e *mɔderno* só nos mais jovens, então, a variante *mɔderno* estaria em progressão. Como dissemos, usaremos a Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1972) para observar se há progressão de uma em detrimento da outra.

1.2 A proposta de análise nesta pesquisa

Como veremos no **Capítulo 2**, há vários estudos sobre as vogais médias pretônicas, mas há muito a ser estudado.

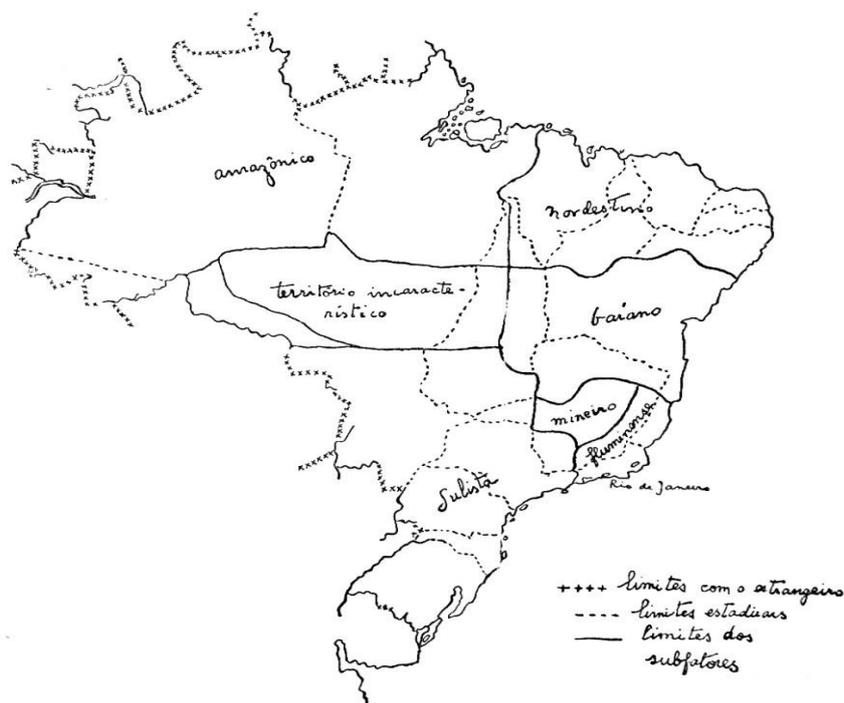
Em Dias (2008), iniciamos o estudo sobre as vogais médias pretônicas em duas regiões diferentes de Minas Gerais: Piranga, que pertence à Zona da Mata Mineira, e Ouro Branco, que pertence à região Central. Almeida (2008), integrante do Varfon-

³ A diferença entre as duas abordagens reside no fato de que na fonologia estrutural de Praga, seguida por Camara Jr., resulta da neutralização um arquifonema, que cobre qualquer alofone que fique dentro das áreas dos dois fonemas que perderam entre si o valor distintivo. Na visão autosssegmental controlada pelo traço e não pelo fonema, conseqüentemente sem lugar para o arquifonema, a neutralização significa perda total do traço em questão, que é substituído automaticamente por outro, de acordo com as expectativas. A consequência imediata é que, na visão estruturalista, podemos entender a neutralização da átona final como um fato, independentemente da presença da vogal que emerge, *bolu* ou *bolo*, *leque* ou *lequi*, por exemplo. O importante é que tais segmentos deixam de ser contrastivos. Diferentemente, na visão autosssegmental, em que o controlador do sistema é o traço e não o fonema, a neutralização das médias apaga do sistema o traço que as distingue, de modo que, quando atua, a variantes *bol[o]* e *lequ[e]*, por exemplo não tem vez, mas somente *bol[u]* e *lequ[i]*. (...) (BISOL, 2010, p.44)

Minas, em sua dissertação de mestrado, estudou as vogais pretônicas na cidade de Machacalis, localizada no Vale do Mucuri.

Nesta tese, estudaremos a variação das vogais médias pretônicas nestas três cidades: Ouro Branco, Piranga e Machacalis. Esses municípios pertencem a áreas dialetais diferentes, conforme Nascentes. Vejamos o mapa com as divisões das áreas dialetais realizada por Nascentes em 1953.

Figura 1: Mapa das áreas dialetais do Brasil conforme apresentado em Nascentes (1953).



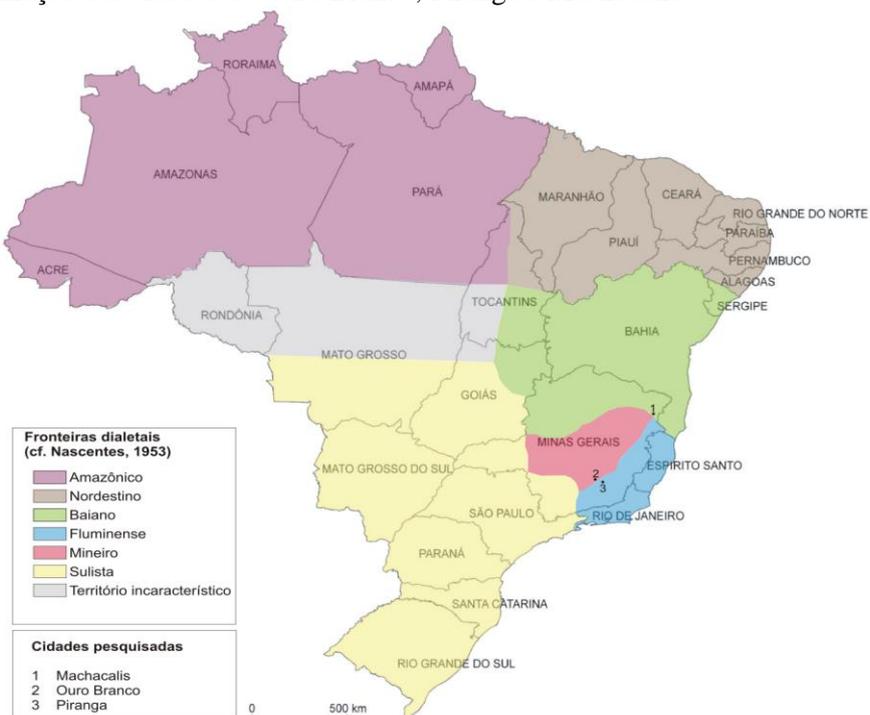
Nesse mapa de Nascentes, o Brasil é dividido em 6 grandes áreas dialetais e um território incharacterístico. Minas Gerais apresenta 4 dos 6 falares nomeados para o Brasil: baiano, mineiro, fluminense e sulista.

Baseando-nos nessa classificação dos falares brasileiros de Antenor Nascentes, Piranga, provavelmente, pertenceria à área de falar fluminense, Ouro Branco à área de falar mineiro e Machacalis à área de falar baiano.

De acordo com Oliveira (2012), o mapa de Nascentes não apresenta as mesmas proporções do mapa oficial atual do Brasil. Oliveira (2012) apresenta uma transposição do mapa de Nascentes ao mapa atual do Brasil, destacando as áreas dialetais propostas pelo autor.

Vejam os a seguir, o mapa apresentado por Oliveira (2012), com as áreas dialetais propostas por Nascentes (1953). Marcamos também a localização de Ouro Branco, Piranga e Machacalis.

Figura 2: Mapa oficial do Brasil destacando as áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) e com a localização das cidades de Ouro Branco, Piranga e Machacalis.



Fonte: OLIVEIRA, 2012, p. 27

De acordo com Zágari (1998), há apenas três falares no estado de Minas Gerais. Na elaboração do ALEMIG (Atlas Linguístico de Minas Gerais) foram traçadas isoglossas dos falares característicos de cada região. Vejamos:

Figura 3: Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais conforme apresentado em Zágari (1998)



Fonte: ZÁGARI, 1998, p. 46

Zágari (1998) descreve o falar baiano:

Caracteriza-se esse falar pela predominância das vogais pretônicas baixas, como [ɔr'valu], [sɛ'renu] a presença da africada [tʃ] antecedendo a vogal alta [i], como em ['mutʃu], ['otʃu], além do [t] e [d] como coronais ['i'dadi], ['dêti] e a nasalidade ocorrente fora da sílaba tônica: [bã'nãna] ou [kãmĩ'nãw]. (ZÁGARI, 1998, p. 34)

Segundo Zágari (1998, p.34), o que distingue o falar paulista “é a sua marca inconfundível nas Gerais o [r] retroflexo”.

Zágari (1998, p.35) explica também que o falar mineiro está entre o baiano e o paulista e que “não possuindo nenhuma das características acima enumeradas, desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros quando finais e antecidos [sic] de sibilante como [a'xoys], ['fajs], ['nojs].”

Ao se estabelecerem essas fronteiras, diga-se ser impossível demarcá-las como definitivas, quer porque aqui e ali elas se tocam desordenadamente, quer porque o tempo mostrará que elas se movem, quer porque o que existe são fenômenos fonéticos e lexicais cuja difusão, muitas vezes ou sempre, operam de forma independente. (ZÁGARI, 1998, p. 35)

Podemos perceber que, para Zágari (1998), não há diferença significativa entre o falar mineiro e o fluminense. Diferente de Nascentes que usou quatro rotulações para os falares mineiros (baiano, mineiro, fluminense e sulista), para Zágari há apenas três rotulações (baiano, mineiro e paulista).

Observemos as **Tabelas 1 e 2** a seguir⁴, retiradas de Dias (2008).

Tabela 1: Resultados gerais da variação das pretônicas em Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Piranga e Ouro Branco para (e)

Literatura	[e]		[i]		[ɛ]		Total		Município
Yacovenco (1993)	1299	75,6%	361	21,0%	58	3,4%	1718	100%	Rio de Janeiro
Castro (1990)	2287	70%	815	24,9%	168	5,1%	3270	100%	Juiz de Fora
Dias (2008)	1128	51%	502	22,7%	583	26,3%	2213	100%	Piranga
Dias (2008)	1510	78,2%	360	18,6%	62	3,2%	1932	100%	Ouro Branco

Tabela 2: Resultados gerais da variação das pretônicas em Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Piranga e Ouro Branco para (o)

Literatura	[o]		[u]		[ɔ]		Total		Município
Yacovenco (1993)	788	67,2%	350	29,8%	35	3,0%	1173	100%	Rio de Janeiro
Castro (1990)	1571	64,2%	749	30,6%	128	5,2%	2448	100%	Juiz de Fora
Dias (2008)	831	61,6%	235	17,4%	284	21,0%	1350	100%	Piranga
Dias (2008)	1077	82,6%	145	11,1%	82	6,3%	1304	100%	Ouro Branco

Podemos ver que os percentuais de abertura de (e) e (o) são semelhantes em Ouro Branco (mineiro), Rio de Janeiro (fluminense) e Juiz de Fora (fluminense), comprovando em parte a representação de Zágari. Já os percentuais de abertura em Piranga, são muito diferentes dos percentuais de Ouro Branco, de Juiz de Fora e do Rio de Janeiro - como já mostrado em Dias (2008).

Os percentuais de Piranga também não se aproximam dos percentuais do falar baiano. Vejamos:

Silva (1991), na sua pesquisa em Salvador, aponta os seguintes resultados para a realização das pretônicas:

[u]: 24,9%	[o]: 17,3 %	[ɔ]: 57,8%
[i]: 20,3%	[e]: 19,4%	[ɛ]: 60,3%

Se compararmos esses resultados com os resultados da abertura em Piranga, apresentados nas **Tabelas 1 e 2**, veremos que há diferenças importantes. Em Piranga, [ɔ] é 21,0% e em Salvador é 57,8%. Em Piranga [ɛ] é 26,3% e em Salvador é 60,3%.

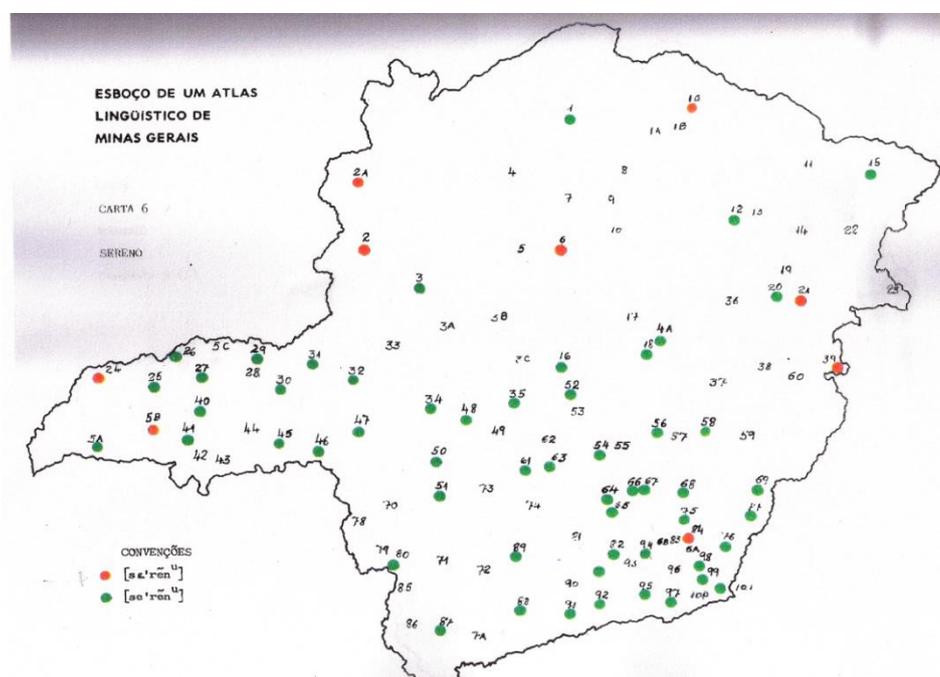
Daí a necessidade de talvez se propor para Piranga um falar de transição entre os falares baiano e mineiro/fluminense, conforme Dias (2008). Assim, considerando-se apenas as realizações das vogais, voltaríamos a ter quatro rotulações para os falares mineiros (baiano, mineiro, paulista e falar de transição). Essa proposta não é a mesma de Zágari, nem de Nascentes.

⁴ Essa é uma comparação inicial e geral pois a comparabilidade entre os diversos *corpora* utilizado nas diversas pesquisas é questionável.

Célia (2004), ao estudar o falar de Nova Venécia no Espírito Santo, usou a denominação “dialeto de transição”, porque, segundo ela, o abaixamento identificado nessa variedade não é tão escasso quanto no Rio de Janeiro, mas também não é tão frequente quanto na Bahia. Também trataremos o falar de Piranga como um falar de transição.

Vejam os alguns dados: apresentamos a seguir a carta 6 (SERENO) retirada de Ribeiro *et al.* (1977) e a comparação entre a sua realização em Piranga e Machacalis:

Figura 4: Carta 6 (SERENO) apresentada por Ribeiro *et al.* (1977)



Machacalis está próxima do número 21 (Teófilo Ottoni) e Piranga está próxima do número 84 (Visconde do Rio Branco). Nessa carta, Machacalis e Piranga teriam realizações semelhantes [ɛ]. Como veremos nos **Capítulos 6 e 7**, os fatores favorecedores dos processos não são exatamente os mesmos nessas cidades. Assim é preciso discutir a necessidade de se pesquisarem outros itens para que se possam elaborar outras cartas que evidenciem a variabilidade e a distinção dos processos fonológicos nessas regiões. Apresentaremos aqui, a nossa contribuição na diferenciação desses falares.

Consideramos de máxima importância o fato de haver comparabilidade entre os *corpora* dos três municípios a serem utilizados nesta pesquisa, uma vez que as variáveis dependentes e independentes estudadas nas duas dissertações (Dias, 2008 e Almeida,

2008) foram categorizadas da mesma forma. A codificação realizada também é a mesma, assim como os métodos de coleta e de transcrição de dados.

Este estudo justifica-se por dar continuidade aos estudos iniciados no mestrado sobre as vogais médias pretônicas nas cidades de Piranga e Ouro Branco, apresentando a comparação com o falar de Machacalis. Nas dissertações desenvolvidas, ficaram ainda muitas perguntas a serem respondidas. Podemos citar algumas:

- Bisol (1981), Viegas (1987) e todos os trabalhos sobre vogais médias pretônicas estudaram a influência que a vogal seguinte exerce sobre a vogal média pretônica. Mas, qual é exatamente o papel e o peso das vogais seguintes?
- Bisol (1981), Viegas (1987) e os demais trabalhos sobre vogais médias pretônicas estudaram a influência das consoantes adjacentes, mas os resultados encontrados nesses trabalhos são muito diferentes. Qual é exatamente o papel e o peso das consoantes adjacentes?
- Collischonn (1994), Abaurre e Galves (1998), Sandalo e Abaurre (2007), Graebin (2008), dentre outros, analisaram a influência do acento secundário. Mas qual é a exatamente a influência desse acento?
- Battisti (1993) mostra a importância de se estudarem os morfemas. Qual o papel de morfemas específicos como *des-*, *re-*, *pre-*, *pro-*, *co-*?
- Oliveira (1992 e 1995), Viegas (1987, 1995 e 2001), Viana (2008), Graebin (2008), Tondineli (2010), dentre outros, mostraram a importância de se estudar o papel do item lexical. Qual é o papel do item lexical?
- Há diferenças nos processos fonológicos nas três cidades?
- Que fatores sociais atuam? Há progressão? Há influência dos indivíduos nos processos?

Nesta pesquisa objetivamos um estudo mais controlado do fenômeno variável do que o realizado em Dias (2008) e Almeida (2008).

Bisol (2013) apresenta um estudo sobre a variabilidade das pretônicas em falares que apresentam 5 vogais em posição pretônica, e falares que apresentam 7 vogais em posição pretônica. Os falares estudados nesta tese, apresentam todos eles 7 vogais em posição pretônica, nossa questão é: seriam os mesmos processos fonológicos nos diversos falares?

Por tratar-se de um fenômeno variável ocorrido na fala de Piranga, Ouro Branco e Machacalis, um estudo sobre a variabilidade ocorrida nas vogais médias pretônicas pode trazer contribuições importantes para o estudo da variação e da mudança

linguística no PB, contribuindo, assim, para o conhecimento do PB e para a delimitação das áreas dialetais.

2 TRABALHOS CORRELATOS

A seguir apresentamos as principais conclusões de algumas pesquisas realizadas em diversas regiões do Brasil sobre as vogais médias pretônicas. Especialmente aquelas que têm relação com os falares estudados nesta tese. Posteriormente, listamos outros tantos trabalhos produzidos sobre esse assunto.

2.1 MOTA (1979) – dissertação

Título: Vogais antes de acento em Ribeirópolis –SE

Cidade estudada: Ribeirópolis, Sergipe

Variantes estudadas: [+alta], [-alta, -bx], [+bx]

Número de informantes: 5 falantes analfabetos da zona rural

Aspectos estudados: Mota explica que foram analisados os dados referentes às vogais inacentuadas que antecedem as acentuadas sob dois aspectos:

- a) o morfológico ou morfo-fonológico, que analisa a relação mórfica entre os radicais inacentuados de formas verbais ou de formas sufixais e os radicais acentuados do mesmo verbo ou das formas não sufixais fônica e semanticamente relacionadas.
- b) o fonético, que examina a relação fônica entre as vogais inacentuadas e os contextos em que se inserem. (MOTA, 1979, p.33)

Teoria adotada: Fonologia Gerativa Natural

Programa utilizado para análise dos dados: a análise não foi submetida a um tratamento estatístico

Resultados:

Os resultados apontaram a predominância das variantes baixas.

a) em relação ao aspecto morfológico:

1. as formas sufixais com sufixos produtivos realizam-se com vogal radical idêntica à vogal radical da forma não sufixal relacionada, enquanto que as formas sufixais com sufixos não produtivos se submetem às regras fonéticas do mesmo modo que as formas não sufixais;
2. as vogais radicais inacentuadas realizam-se nas formas verbais com a mesma altura que as vogais temáticas, o que nos levou a admitir a atuação no dialeto de uma regra de harmonização entre vogal radical e vogal temática na classe dos verbos; essa harmonização, no entanto, não se verifica quando a vogal temática é [+nas]. (MOTA, 1979, p.278)

Os sufixos que Mota chama de produtivos são: -(z)inho e –mente.

b) em relação ao aspecto fonético:

Mota separou os vocábulos em posição inicial de palavra. E para os vocábulos em posição não inicial de palavra, Mota (1979, p. 277) destacou principalmente um processo de harmonia vocálica que ela descreveu como “superficialização da vogal inacentuada com a mesma altura que a da vogal acentuada seguinte, seja esta [+bx], [-alt, -bx], ou [+alt] (...)”.

Quando não ocorreu harmonia, a autora apontou as consoantes como favorecedoras do processo analisado. Vejamos:

Superficialização com vogal [+alta]: favorecida por vogal tônica alta, imediata ou não. Ex.: *b[i]xiga, s[i]gunda, f[u]rmiga, g[u]rdura, c[u]m[i]stível, n[i]g[u]cia.*

A realização da vogal [i] é favorecida também pelas consoantes precedentes com o traço [+ant]. Ex.: *b[i]zorro, p[i]queno, m[i]lhor, t[i]soura, pal[i]tó.*

A realização da vogal [u] é favorecida também pelas consoantes precedentes com o traço [-ant]. Ex.: *c[u]berta, alg[u]dão, ch[u]calho, j[u]sé* e pelas consoantes precedentes com traço [+ant, -cor], devido ao caráter labial de sua articulação. Ex.: *b[u]rracha, f[u]gão, p[u]leiro.*

A realização da vogal alta [i] e [u] é favorecida em hiato. Ex.: *ent[i]ado, v[i]ado, j[u]elho, ad[u]ece, j[u]ão.*

Superficialização com vogal [+bx]: favorecida por vogal [+bx], imediata ou não. Ex.: *m[ɛ]tade, n[ɛ]gócio, c[ɔ]cada, pic[ɔ]lé, c[ɔ]loca, p[ɛ]lejamos, p[ɛ]ssoal.*

“Favorecida também quando na mesma sílaba ou em sílaba contígua ocorre uma soante [-lat, -nas] (/r/) ou uma contínua [-ant, -cor] (/x/).” (MOTA, 1979, p.140) Ex.: *pr[ɛ]cisa, pr[ɔ]cissão, m[ɛ]rcado, b[ɔ]rnal, m[ɛ]rece, c[ɔ]ragem, t[ɛ]rrível, r[ɛ]cebe, quer[ɔ]sene.*

2.2 BISOL (1981) – tese

Título: Harmonização Vocálica: uma regra variável

Região estudada: Rio Grande do Sul

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]

Número de informantes: 44 informantes, divididos em dois grupos: o primeiro constitui-se de 32 usuários de uma variedade linguística não padrão, representantes da fala popular; o segundo, de 12 usuários monolíngues da variedade padrão do PB, representantes da fala culta (os dados desse grupo originaram-se do *Projeto – NURC*). Os informantes do primeiro grupo foram distribuídos da seguinte forma: monolíngues da metrópole, bilíngues de uma área de colonização alemã, bilíngues de uma área de colonização italiana e monolíngues de uma cidade fronteiriça com o Uruguai. Os informantes do segundo grupo (NURC) são monolíngues metropolitanos, com formação superior. Assim, o grupo metropolitano foi dividido em dois: a amostra principal, representante da fala popular, e a amostra suplementar, representante da fala culta.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: SWMINC e VARBRUL

Fatores sociais estudados: etnia, sexo, situação, idade,

Fatores internos estudados: nasalidade, tonicidade, distância da tônica, paradigma, atonicidade, sufixação, contexto fonológico precedente e seguinte,

Fatores separados da análise: a vogal inicial, a vogal em hiato e a prefixal

Fatores favorecedores do alçamento de (e):[i] na sílaba seguinte, caráter átono permanente da média pretônica no paradigma derivacional, nasalidade, consoante velar precedente e seguinte e a palatal seguinte

Fatores favorecedores do alçamento de (o):[i], [u] na sílaba seguinte, caráter átono permanente da média pretônica no paradigma derivacional, velar precedente, labial precedente e seguinte, palatal seguinte

Conclusões:

Bisol (1981, p.259) ressalta que “A mudança $\underline{o} > \underline{u}$ e $\underline{e} > \underline{i}$ é uma regra variável, condicionada por múltiplos fatores, o mais forte dos quais é a vogal alta da sílaba imediatamente seguinte.” Ou seja, o alçamento é resultado principalmente da harmonia vocálica.

Segundo a autora, os fatores que exercem um papel importante na regra podem ser colocados nessa ordem: 1º) a vogal alta da sílaba seguinte, 2º) o caráter da vogal átona e 3º) a consoante vizinha.

Não houve estigma social, “pois tanto ocorre na fala popular quanto culta, embora nessa com menos frequência por influência provável da ortografia.” (BISOL, 1981, p. 261)

Em relação à etnia, Bisol conclui que são os metropolitanos (fala popular), cuja língua é o português, os que mais empregam a regra de alçamento. Em seguida aparecem os bilíngues nessa ordem: italianos, alemães e fronteiriços.

Bisol afirma que a regra se encontra em equilíbrio em cada grupo estudado. Contudo, os informantes jovens – pertencentes ao grupo composto por 12 usuários monolíngues, representantes da fala culta – usam menos a regra do que os mais velhos desse mesmo grupo. Esse fato poderia indicar uma possível trajetória de regressão da regra.

Os estudos de Bisol – relativos ao dialeto gaúcho – permitiram-lhe concluir que a regra atua, moderadamente, no alçamento das vogais médias pretônicas e faz predominar a realização fechada dessas vogais.

2.3 VIEGAS (1987) – dissertação

Título: Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística

Região estudada: região metropolitana de Belo-Horizonte

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]

Número de informantes: 16

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: VARBRUL2

Fatores sociais estudados: faixa etária (jovens – 16 a 23 anos/adultos – 35 a 60 anos), estilo (formal ou informal), sexo (masculino/feminino), grupo social (B - menos privilegiado socioeconomicamente/ M - mais privilegiado socioeconomicamente em relação a B)

Fatores internos estudados: modo e ponto de articulação do segmento precedente e seguinte, voz do segmento precedente e seguinte, estrutura da sílaba, distância da variável para o início da palavra, distância da sílaba tônica conjugada com o tipo de vogal tônica, estrutura da palavra, presença e tipo de vogal átona imediata entre a vogal candidata ao alçamento e a vogal tônica, atonicidade da vogal média, classe da palavra

Fatores separados da análise: ditongo, hiato, início de palavra, itens polimorfêmicos

Fatores favorecedores do alçamento de (e): em encontro vocálico, precedido pelas vogais baixas [a] e [ɛ] (sempre alçou), sílabas travadas por fricativa – VC (*[i]spressa*); e por nasal - VN, esta em sílaba inicial, (*[i]ncarnou*), quanto mais próxima do início da palavra, maior a porcentagem de alçamento, vogal alta imediatamente seguinte, sonorantes subsequentes, fator formado pelas nasais e pelas líquidas laterais

Fatores favorecedores do alçamento de (o): Em relação a vogal posterior, Viegas (1987, p.80) ressalta que “para ser passível de alçamento deve estar precedida por consoante.” Viegas (1987, p.82) acrescenta: “O segmento seguinte, assim como o precedente, deve ser uma consoante. Quando a vogal (o) está seguida de vogal [a] (...), o alçamento é quase categórico (98%), por exemplo, ‘vuado’.” Favorecem: obstruintes precedentes (*c[u]berta*) e seguintes (*pr[u]curar*), nasais seguintes (*c[u]meçou*), sílabas CV (*c[u]berto*) e CVC (*c[u]stela*), travada por fricativa

Conclusões:

Viegas (1987, p.130) conclui que o alçamento de (e) “é um processo de harmonia vocálica evidente (como diziam Câmara Jr. (1969) Bisol e Lemle (1974) devido à grande influência da vogal alta seguinte”.

Em relação ao alçamento de (o), a autora ressalta:

(...) não confirmo a hipótese de harmonização tal como proposta por LEMLE (1974) e Bisol (1981), principalmente. Já que a vogal alta seguinte contínua ou não, tônica ou não, não exerce influência significante sobre a regra de alçamento. (VIEGAS, 1987, p.100).

Viegas acrescenta que a regra de assimilação para o (o) está relacionada mais às consoantes adjacentes, assim, num processo de redução, ocorreria a diminuição da diferença articulatória das vogais em relação aos segmentos adjacentes.

A pesquisadora observa que o ambiente – precedente e seguinte – não explica todas as ocorrências (ou ausências) de alçamento de (e) e (o). Alguns itens lexicais alçam sempre, ainda que o ambiente não favoreça o alçamento; outros nunca alçam, mesmo que o ambiente seja favorável.

Viegas conclui que o processo de alçamento está abaixo do nível de conscientização dos falantes e que é ligeiramente estigmatizado.

A faixa etária e o grupo social relacionam-se ao alçamento de (e) e (o), dessa forma: o alçamento da vogal (e) está estratificado por faixa etária (indicador), sugerindo

mudança em progresso; da vogal (o), por grupo social (indicador), apresentando indícios de variável estável.

Em relação ao estilo, ela constata que o alçamento é comum no estilo informal e não o é no estilo formal. Viegas constata então que um mesmo item pode alçar no estilo informal e não o fazer no estilo formal.

A pesquisadora sugere ainda que o alçamento possa estar relacionado ao item lexical:

Para a possibilidade de o alçamento estar relacionado à questão lexical, tomo os estudos de Chen e Wang (1975) e de Krhishnamurti (1978), a respeito de a mudança sonora se propagar gradualmente através do léxico e não abruptamente (como vinha sendo considerado para o alçamento). (VIEGAS, 1987, p.6).

Viegas ressalta que o alçamento poderia ser uma mudança fisiologicamente motivada:

Phillips (1984) propõe que a difusão lexical se dê através da frequência da palavra: a mudança sonora atinge as palavras mais freqüentes primeiro, se esta for uma mudança fisiologicamente motivada, ou as menos freqüentes primeiro, nos outros casos. Nesta proposta parece se enquadrar o caso do alçamento: uma mudança fisiologicamente motivada. Resta saber quais são as palavras mais freqüentes, pois a questão da frequência do item lexical está relacionada diretamente com o grupo que o usa e com a época em que o usa. (VIEGAS, 1987, p. 6-7).

Ela acrescenta:

analisando a frequência dos itens lexicais, posso dizer que: os itens mais freqüentes na amostragem com ambientes favorecedores alçaram proporcionalmente mais do que aqueles menos freqüentes, também com ambientes favorecedores, em qualquer estilo. (VIEGAS, 1987, p. 167)

A autora encontra também itens que foram alçados sem ambientes favorecedores, e outros que não o foram, num mesmo estilo e com frequências iguais; palavras de sentido não tão prestigiado socialmente, podendo até mesmo ter sentido pejorativo, foram alçadas com frequência e outras com sentido mais prestigiado não o foram. Há ainda palavras que alçam independente da questão semântica.

Viegas ressalta, então, que cada palavra tem sua própria história e conclui, ainda, que:

18. houve uma tendência ao alçamento das vogais médias pretônicas (ajustamento fonético) descrita pelos ambientes favorecedores e desfavorecedores, mas hoje já houve uma reestruturação e os itens possuem [e] ou [i], [o] ou [u] em sua forma subjacente, conforme sejam “nunca alçados” ou “sempre alçados”, respectivamente. 19. existem itens que independentemente dos fatores favorecedores ou desfavorecedores descritos

têm [e] ou [i], [o] ou [u] em sua forma subjacente, conforme sejam “nunca alçados” ou “sempre alçados”, respectivamente (VIEGAS, 1987, p.167-168).

Com base nos seus resultados, a autora afirma que a descrição do alçamento através de uma regra variável lexicalmente abrupta, como defendiam os neogramáticos, não consegue explicar o alçamento das vogais médias pretônicas, ou seja, a regra variável da gramática sofre restrições do léxico que não são previstas nessa teoria. O processo poderia, então, ser de difusão lexical, isto é, a regra não atingiria cegamente todos os vocábulos, mas sim alguns itens lexicais. Dessa forma, o alçamento se processaria gradualmente através do léxico, atuando sobre os itens mais frequentes primeiro.

2.4 SILVA (1989) – tese

Título: As pretônicas no falar baiano

Cidade estudada: Salvador

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]; [ɛ] e [ɔ]

Número de informantes: 24 informantes com Ensino Superior Completo, dados do Projeto da Norma Culta de Salvador - NURC. Utiliza também dois *corpora* secundários: o Atlas Prévio dos Falares Baianos e os dados de Mota (1979) sobre o falar de Ribeirópolis (SE).

Programa utilizado para análise dos dados: SWAMINC e VARBRUL-2

Fatores sociais estudados: sexo (homens/mulheres), faixa etária (25-35, 36-55, acima de 55) e procedência social (pais com curso superior e pais sem curso superior)

Fatores internos estudados: ponto de articulação da variável dependente, distância da variável dependente em relação à sílaba tônica, ponto de articulação da consoante precedente e seguinte, altura da vogal acentuada, altura da vogal inacentuada da sílaba subsequente, nasalidade da vogal acentuada, nasalidade da vogal inacentuada da sílaba subsequente, o caráter átono da vogal da variável dependente,

Fatores separados da análise: dados em que houve realização categórica da pretônica num mesmo item lexical com mais de 20 ocorrências, pretônicas de palavras derivadas com sufixo de grau ou com sufixo –mente, que, nas primitivas eram inacentuadas finais ou acentuadas, palavras com prefixos ou radicais prefixados, pretônicas do radical dez-

(numeral) e da sequência inicial des, se seguida de consoante, nomes próprios e siglas.

Obs.: a autora analisou separadamente as pretônicas em início de palavra.

Resultados: Após análise dos resultados, a autora estabelece dois conjuntos de regras: categóricas e variáveis.

REGRAS CATEGÓRICAS:

a) uma **Regra categórica de elevação (RCE)**: “que precede as demais e torna alto todo E em posição inicial absoluta seguido de S implosivo, como em iscola, iscuro.” (SILVA, 1989, p.314)

b) três **Regras categóricas de timbre (RCT)**:

RCT-1: “que torna média toda vogal E que precede uma consoante palatal em verbos e deverbais da primeira conjugação, como em fêchar, fêchadura, planêjar, planêjamento.” (SILVA, 1989, p.314)

RCT-2: que torna médias as vogais que estiverem antes de vogal média não nasal, ou seja, antes de [e] e [o], qualquer que seja o padrão silábico em que esteja inserida. Ex.: cêrveja, côrreio, êfeito, ôrelha, môer e viôleta.

RCT-3: “que torna baixas todas as pretônicas a que não se aplicaram as regras ordenadas antes.” (SILVA, 1989, p.314) Ou seja, antes de [a], [ɛ], [ɔ], [u], [i] e [ã], [õ], [ê], [î], [û]. Assim, as pretônicas médias e baixas ocorrem em distribuição complementar. Ex.: assôciação, pròpõe, dèpósito, apèsar, dèzembro, òcupam, hònesto, ècônômico, etc.

REGRAS VARIÁVEIS: atuam depois das regras categóricas e concorrem com elas, pois se aplicam nos mesmos contextos.

a) três **Regras variáveis de elevação (RVE)**:

RVE-1: favorece a realização alta da variável (o), ou seja, como **u**, quando seguida por vogal alta não nasal ou nasal, é uma pretônica que varia na família lexical com uma vogal acentuada alta (**discu**brir/**discu**bro), precedida por consoante velar ou labial, seguida por consoante labial.

RVE-2: favorece a realização alta da variável (e), ou seja, como **i**, quando seguida por vogal alta não nasal ou nasal, é uma pretônica que varia na família lexical com uma vogal acentuada alta (sirviço/sirvo), precedida por consoante labial ou dento-alveolar não lateral.

RVE-3: “opera sobre E inicial seguido de **z**, tornando-o **i** preferencialmente antes de vogal alta.” Ex.: **ixibida**, **ixata**, **ixame**. (SILVA, 1989, p.316)

b) uma **Regra variável de timbre (RVT):**

“atua sobre as vogais O e E tornando-as médias. As condições lingüísticas mais favoráveis para aplicação dessa regra são: - serem as vogais da sílaba seguinte preferencialmente altas, e secundariamente nasais; - estar a pretônica em vocábulos de uso não-popular.” (SILVA, 1989, p.316)

Em relação aos fatores sociais, os resultados apontaram para a neutralidade de todos.

As médias pretônicas do dialeto baiano parecem estar sujeitas a uma regra variável de harmonia vocálica em que a pretônica assimila o traço de altura da vogal da sílaba seguinte. A *Regra categórica de timbre* é a responsável pelo traço regional que caracteriza o dialeto baiano como pertencente à região norte e o diferencia do falar do Sul, ou seja, essa regra representa a predominância das variantes baixas.

2.5 CASTRO (1990) – dissertação

Título: As pretônicas na variedade mineira Juizdeforana

Cidade estudada: Juiz de Fora/MG

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]; [ɛ] e [ɔ]

Número de informantes: 12 informantes, graduados e pós-graduados por universidade

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: segundo (Castro, 1990, p. 22), “o tratamento estatístico restringe-se a simples cálculos de percentagem devido aos limites da amostra em estudo (...)”.

Fatores sociais estudados: sexo (feminino/masculino), faixa etária (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante).

Fatores internos estudados: qualidade da vogal da sílaba subsequente (altura da vogal tônica imediata, altura da vogal átona imediata), modo e ponto de articulação da consoante precedente e seguinte, o caráter átono da pretônica, padrões silábicos, pretônica em posição inicial absoluta e em junção vocabular.

Fatores separados da análise: pretônicas de palavras derivadas com sufixo de grau (-inho, -zinho, ão, -ona) ou com o sufixo -mente, e em posição inicial travada por /s/ e por /n/, e e o em posição inicial absoluta, sem travamento, o em contexto # # ___C. (organizado), pretônicas em posição de hiato e ditongo, /des/(prefixo ou não), alguns itens lexicais em que a vogal média pretônica manteve-se inalterada com mais de 20 ocorrências na amostra, realizações variantes em que a diferença entre uma realização e outra ultrapassava 20 ocorrências.

Resultados em relação ao alçamento:

- há maior possibilidade de se alçar a pretônica em contexto de vogal alta tônica contígua do que em contexto de vogal alta átona contígua;
- o contexto de vogal alta contígua não parece ser, preferencialmente, o contexto mais propiciador do alçamento da pretônica posterior;
- a vogal alta contígua [i] tende a exercer maior poder assimilatório na pretônica anterior ou posterior do que a vogal alta contígua [u];
- em relação ao contexto consonantal, há maior possibilidade de a pretônica posterior se alçar em contexto de velar precedente, diante de vogal alta imediata ou não, do que nos demais contextos consonantais precedentes (*c[u]zinha, c[u]berta*);
- há maior possibilidade de a pretônica posterior se alçar em contexto de labial (preferencialmente) ou nasal (secundariamente) subsequentes, diante de vogal alta imediata ou não, do que nos demais contextos consonantais subsequentes (*s[u]brinho, m[u]nitor, apr[u]veitar, c[u]meçar*);
- há maior possibilidade de a pretônica posterior se alçar em contexto de velar precedente do que em contexto de labial ou nasal subsequentes;
- há maior possibilidade de a pretônica anterior se alçar em contexto de nasal subsequente, diante de vogal alta imediata ou não, do que nos demais contextos consonantais precedentes ou subsequentes, (*s[i]mestre*),
- em relação à atonicidade das pretônicas, a atonicidade permanente da pretônica posterior tende a propiciar o seu alçamento;

- a atonicidade casual da pretônica posterior, sem alternância ([o] ~ [ɔ]) no paradigma, tende a favorecer o seu alçamento e, havendo alternância ([o] ~ [ɔ]), tende a desfavorecê-lo, o que se justifica pela presença de uma forma subjacente /ɔ/;
- a atonicidade casual da pretônica anterior sem alternância ([e] ~ [ɛ]) no paradigma tendeu a desfavorecer o alçamento, e a atonicidade casual com alternância tendeu a favorecê-lo, justificado pela força da vogal alta nos verbos de 2ª e 3ª conjugação;
- em relação à pretônica anterior, o presente estudo identifica um processo estável com um indício de mudança em progresso, visto que os jovens (do sexo masculino) tenderam a alçar mais do que os adultos (do sexo masculino ou feminino);
- em relação à pretônica posterior, parece estar ocorrendo um processo estável com um indício de regressão, visto que os mais velhos do sexo feminino, tendem a alçar um pouco mais do que os adultos e jovens (do sexo feminino ou masculino).
- quando se considera o comportamento de ambas as pretônicas, cruzando sexo e faixa-etária, evidencia-se, na amostra em estudo, uma possível perda da produtividade da regra de alçamento, visto que, neste caso, as mulheres mais velhas (56 anos em diante) tendem a alçar mais ambas as pretônicas do que as mulheres das outras faixas etárias e do que os homens em qualquer faixa-etária.

Resultados em relação ao abaixamento:

- há maior possibilidade de as pretônicas se tornarem médias abertas em contexto de vogal média aberta contígua (*m[ɛ]trópoles, f[ɔ]tógrafo*) do que em contexto de vogal baixa contígua (*h[ɔ]spEdaria, pr[ɔ]paganda*),
- além do contexto de vogal com o traço [+ bx] da sílaba seguinte, as pretônicas têm maior possibilidade de se tornarem médias abertas no contexto de vogal [- alt + nas] da sílaba seguinte (*fr[ɛ]quentar, is[ɔ]lando*) do que nos demais contextos vocálicos subsequentes;
- a pretônica anterior tem maior possibilidade de se tornar baixa no contexto de vibrante forte precedente, diante de vogal [+ bx] imediata, do que nos demais contextos consonantais precedentes (*r[ɛ]dação, r[ɛ]medio*);
- a pretônica posterior tem maior possibilidade de se tornar baixa no contexto de nasal precedente, diante de vogal [+ bx] imediata, do que nos demais contextos consonantais precedentes (*m[ɔ]strava, p[o]rn[ɔ]gráfico*);
- a vibrante forte da sílaba subsequente ou quando segue as pretônicas na mesma sílaba e a lateral (líquida) subsequente, contracenando de preferência com uma vogal [+ bx]

imediate, tendem a propiciar mais o abaixamento de ambas as pretônicas do que os demais contextos consonantais subsequentes (*canc[ɛ]rosos*, *f[ɔ]rmato*, *ap[ɛ]lar*, *c[ɔ]locam*);

- as emissões baixas documentadas na variedade mineira juizdeforana mostram que os adultos e velhos (do sexo masculino) tendem a usar mais a regra do que os jovens. E são os homens adultos e velhos que tendem a aplicar menos a regra de alçamento, o que sugere, aparentemente, haver competição entre as duas regras entre os homens dessas faixas etárias.

Conclusões:

Segundo Castro, a tendência geral da variedade mineira juizdeforana é preservar as pretônicas, apesar de haver, também, alternância entre pretônicas médias fechadas e abertas. A autora explica:

(...) num mesmo item lexical, a alternância entre médias fechadas e médias abertas é tão frequente quanto a alternância entre médias fechadas e altas (mais de 60 itens lexicais para cada caso), diferindo da variedade carioca em que a alternância entre médias fechadas e médias abertas é menos frequente do que a alternância entre médias fechadas e altas. Num mesmo item lexical, ainda foram documentadas a alternância binária entre alta e baixa em *tiatro* :: *têatro*, não documentada na variedade carioca, e a alternância ternária u :: ô :: ò documentada nas variedades carioca e de Salvador (CASTRO, 1990, 232-233)

A autora ressalta que em um mesmo item lexical, ocorre a variação ternária ([u] ~ [o] ~ [ɔ]) em contexto de vogal média aberta da sílaba subsequente nestes três itens lexicais: *colega*, *colégio* e *moderno*, confirmando a possibilidade, nesse contexto, do processo de abaixamento. Em relação às consoantes adjacentes, essa variação ternária ocorre, somente, nos contextos de velar ou labial/nasal precedentes e nos contextos de alveolar/lateral ou alveolar/obstruente subsequentes, representados pelos três itens citados.

Após a análise dos fatores favorecedores do alçamento e do abaixamento, Castro conclui:

O contexto C __ (.) C tende, portanto, a possibilitar, na variedade em estudo, conforme ficou evidenciado na carioca, a atuação de duas regras: a regra de Harmonização Vocálica (mudança de altura, em maior proporção, ou de timbre da vogal pretônica de acordo com a altura ou com a abertura da vogal subsequente) e a regra de ajustamento da pretônica ao modo e ponto de articulação dos segmentos consonantais adjacentes em relação, principalmente, ao alteamento da pretônica posterior quando átona permanente. (CASTRO, 1990, 240)

Castro explica que tanto o alçamento quanto o abaixamento não são processos casuais, pois tendem a ocorrer em certos ambientes. Ela ressalta, porém, que o condicionamento fonético não atua em todos os itens lexicais como em: *f[e]minino*, *s[e]mana*, *c[o]munista*, *c[o]média*. Há também pretônicas alçadas em ambientes que não favorecem o alçamento, como: *p[i]queno*, *d[i]safio*, *pal[i]tó*, *p[u]leiro*, *p[u]rção*, *s[u]ssego*.

Castro explica ainda que nas amostras de Juiz de Fora, assim como em Belo Horizonte, as palavras mais frequentes tendem a apresentar pretônica alçada, em ambientes favoráveis, como, por exemplo: *s[i]guinte* e *p[u]lítico*, nesses casos, o alçamento ocorreu diante de vogal alta imediata. Contrariamente, as palavras menos frequentes tendem a não apresentar a pretônica alçada, ainda que em ambientes favoráveis, como, por exemplo: *al[e]rgia* e *euf[o]ria*. Entretanto, palavras com frequências semelhantes têm, no mesmo contexto, comportamentos diversos. Por exemplo, *m[i]nino* e *d[u]mingo* são frequentes e ocorrem com a pretônica alçada; *p[e]ríodo* e *pr[o]fissão* são, também, frequentes, mas não têm a pretônica alçada. Diante de tais resultados, Castro (1990) retoma Viegas (1987) a qual pontua que é possível analisar o aspecto lexical da variação.

2.6 YACOVENCO (1993) – dissertação

Título: As vogais médias pretônicas no falar culto carioca

Cidade estudada: Rio de Janeiro

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]; [ɛ] e [ɔ]

Número de informantes: 18 informantes do Projeto NURC/RJ (Projeto da Norma Linguística Urbana Oral Culta)

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: Varbrul

Fatores sociais estudados: sexo (masculino e feminino), zona de residência (norte, sul e suburbana) e faixa etária (jovens, 25 a 35 anos; intermediários, 36 a 50, e idosos, acima de 50 anos)

Fatores internos estudados: morfológicos (paradigma morfológico da palavra em questão e tipo de sufixo da palavra) e fonológicos (tipo de vogal pretônica, distância em relação à tônica, vogal tônica, vogal átona subsequente, atonicidade, modo e ponto de articulação da consoante precedente e seguinte).

Fatores separados da análise: e inicial seguido de nasal (então) e de consoante fricativa palatal (escola), /des/(prefixo ou não), e precedido por africada palatal (teatro).

Observação: Primeiramente, a autora analisa os valores percentuais e posteriormente os índices probabilísticos e de significância fornecidos pelo programa computacional Varbrul. Em relação aos valores percentuais, os resultados foram:

Fatores favorecedores do alçamento de (e): vogal alta homorgânica e alta não homorgânica, velares seguintes, átona permanente, sufixos verbais, formas denominadas parente estreito

Fatores favorecedores do alçamento de (o): vogal alta não homorgânica, vogal média, consoantes velares e labiais precedentes, segmentos vocálicos seguintes, labiais e palatais seguintes, átona casual média, átona permanente e palavra base, sufixos verbais, formas consideradas primitivas (sem sufixo)

Fatores favorecedores do abaixamento de (e): ditongos, vogais baixas e médias, vogais seguintes, grupos consonânticos seguintes, vibrantes e alveolares seguintes, átona permanente, sufixos verbais, formas sem parente, ou seja, aquelas que estão relacionadas a um paradigma cuja vogal tônica é média

Fatores favorecedores do abaixamento de (o): vogais baixas, vibrantes precedentes, palatais seguintes e pelos grupos consonânticos seguintes, átona casual média, palavra base, formas consideradas primitivas (sem sufixo)

Observação:

Após análise dos dados, a autora conclui que, dentre as três regras variáveis consideradas – abaixamento, alçamento e manutenção –, a terceira delas (manutenção) é a mais frequente na fala culta carioca, sendo considerada a norma-padrão dessa comunidade. No quadro *Tipo de vogal* (p.80) a autora apresenta os percentuais para a vogal anterior oral: manutenção - 75,6%, alçamento - 21,0% e abaixamento - 3,4%. E para a posterior oral: manutenção - 67,2%, alçamento - 29,8%, abaixamento - 3,0%. A regra de manutenção é considerada a regra de aplicação para o cálculo do peso relativo das variáveis independentes. A autora ressalta:

(...) Verifica-se que ora os dados relacionados à regra de manutenção são cálculo do peso relativo das variáveis independentes. Verifica-se que ora os dados relacionados à regra de manutenção são entrapostos aos que se ligam à regra de alteamento, e, ora se opõem aos dados referentes à regra de abaixamento, sendo que neste caso, apenas os contextos sociais participam da análise. (YACOVENCO, 1993, p. 172-173)

Resultados após o cálculo do peso relativo:

Em relação aos fatores sociais, quando a regra de manutenção é contraposta à de alçamento, observa-se que os jovens (25 a 35 anos), as mulheres e os residentes na zona norte, são os que mais favorecem a regra de manutenção; já os homens e os moradores da zona sul, são os que mais a inibem.

A autora explica:

A zona norte é considerada a região mais conservadora da cidade do Rio de Janeiro e as mulheres viviam, na década de 70, uma fase de afirmação social e de ocupação de espaços reservados aos homens. Tais fatos talvez se relacionem à preferência desses grupos pela regra de manutenção, a qual demanda prestígio social. Em contrapartida, os homens e os informantes residentes na zona sul, já possuíam seu lugar na sociedade, daí, talvez, sua menor preocupação com seu desempenho linguístico e, conseqüentemente, valores pouco favoráveis à aplicação da regra de manutenção. (YACOVENCO, 1993, p. 173)

Quando a regra de manutenção é contraposta à de abaixamento, o grupo referente à faixa etária intermediária e as mulheres preferem manutenção das pretônicas. Os homens e os jovens inibem a manutenção. A autora explica que os jovens, ainda que atentos aos padrões normativos da sociedade, são os mais propensos às inovações – daí, talvez, os valores pouco relevantes para a regra de manutenção, quando contraposta à de abaixamento.

Fatores favorecedores de manutenção de (e): vogais tônicas médias e baixas, palatal e vibrante precedente, vogal precedente, palatal e vibrante subsequente, pretônica que possui vogal tônica média no paradigma derivacional, sufixos não verbais

Fatores favorecedores de manutenção de (o): vogais tônicas médias e baixas, grupo consonântico precedente, vibrante e segmento vocálico que precedem, ausência de segmento precedente, alveolar e velar seguintes e grupo consonântico seguinte, sufixos não verbais

Conclusões:

A harmonização vocálica favorece, destacadamente, a realização da vogal anterior oral (e). A autora pontua:

Entretanto, apenas a vogal tônica /i/ age de maneira inibidora à regra de manutenção sobre a posterior oral. As outras vogais tônicas - baixas, médias e alta posterior - favorecem a regra de manutenção, o que pode revelar que a regra de harmonização vocálica não atua sobre a posterior oral do mesmo modo que sobre a anterior oral. (YACOVENCO, 1993, p. 175)

Em relação à vogal pretônica posterior (o), os segmentos que precedem ou seguem a pretônica são os contextos mais atuantes.

Yacovenco observa que, para ambas as pretônicas nasais, a vogal tônica não é fator preponderante na aplicação da regra de manutenção. Os segmentos subsequentes a essas vogais são mais importantes. Para ambas as vogais, os segmentos formados por consoantes alveolares ou grupos consonânticos, seguintes às pretônicas, são os que mais favorecem a aplicação da regra de manutenção; já os segmentos formados por consoantes palatais, labiais ou velares, são os que mais a inibem.

No trecho a seguir, a autora resume as conclusões de seu estudo:

a vogal anterior oral tem sua realização intimamente ligada ao tipo de vogal tônica que a sucede, ou ainda, a vogais tônicas de formas subjacentes (...). Por outro lado, a realização das médias posterior oral, anterior e posterior nasal não se liga tanto às vogais que atuam sobre esses segmentos, mas sim ao contexto fonético em que se encontram as pretônicas, sendo importantes, então, os segmentos antecedentes ou subsequentes às vogais analisadas. (YACOVENCO, 1993, p.176-177)

2.7 BATTISTI (1993) - dissertação

Título: Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha

Região estudada: Rio Grande do Sul

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]

Número de informantes: 35 (28 representantes da fala popular, distribuídos de acordo com sua origem étnica: italianos, alemães, fronteiriços com o Uruguai e metropolitanos e 7 informantes metropolitanos, com curso superior – representantes da fala culta)

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística e Teoria Autossegmental

Programa utilizado para análise dos dados: 4 programas computacionais CHECKTOK, READTOK, MAKECELL e IVARB (Sankoff, 1986)

Fatores sociais estudados: etnia, sexo

Fatores internos estudados: prefixação, tipos de sílaba, distância da sílaba tônica, vogal da sílaba seguinte, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte.

Fatores favorecedores do alçamento de (e): vogal alta na sílaba seguinte, dorsal precedente, palatal precedente e subsequente, nasal e sibilante subsequentes, ausência

de contexto fonológico precedente, o fato de a sílaba inicial ser prefixo, o grupo de italianos

Fatores favorecedores do alçamento de (o): vogal alta na sílaba seguinte, dorsal precedente, labial precedente e subsequente e palatal subsequente; o grupo de metropolitanos (fala popular)

Conclusões: A autora ressalta que dois dos contextos analisados permitem pensar em regra: a) e em sílaba fechada por /S/ ou /N/, devido à elevação quase categórica da média anterior nesse contexto; b) e e o seguidas por vogal alta na sílaba seguinte, devido ao processo assimilatório desencadeado por essa vogal.

2.8 FREITAS (2001) – dissertação

Título: As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança

Cidade estudada: Bragança/PA

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]; [ɛ] e [ɔ]

Número de informantes: 32

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: Varbrul

Fatores sociais estudados: faixa etária (15 a 25, 26 a 45, 46 em diante), sexo (masculino/feminino), renda (Baixa, até R\$ 400,00 mensais; Média e média-alta, acima de R\$ 400,00 mensais) e escolaridade (baixa, até o 4º ano primário; fundamental, do 5º ao 8º ano ginásial; média, do 1º ao 3º ano científico). No desenvolvimento do estudo, a autora verifica que os fatores faixa etária, sexo e renda nunca (ou, apenas, eventualmente) foram estatisticamente relevantes – consequentemente, os exclui. Ela examina a escolaridade dos informantes e acrescenta o fator tipo de atividade (rural ou urbana).

Fatores internos estudados: tipo silábico, vogal da sílaba tônica, vogal átona da sílaba seguinte, consoante precedente e seguinte, caráter átono da pretônica no paradigma, classe morfológica

Fatores favorecedores do alçamento de (e) e de (o): vogal alta seguinte, labiais precedentes (maior índice de favorecimento calculado), sibilantes e velares precedentes, a pretônica considerada átona permanente, bem como aquela relacionada à tônica de

altura variável incluindo alta, verbos (com índice significativo), advérbios, escolaridade baixa. O alçamento de (e) ainda é favorecido pelas palatais e velares seguintes (altos índices de probabilidade), labiais, alveodentais e sibilantes seguintes (índices quase irrelevantes), pela pretônica /e/ relacionada à tônica baixa. O alçamento de (o) ainda é favorecido pelas palatais seguintes (índice próximo à irrelevância) e pela pretônica (o) relacionada à tônica média

Fatores favorecedores do abaixamento de (e) e de (o): vogal baixa seguinte, alveodentais, palatais e fricativa glotal precedentes – nesse último caso, com índice de probabilidade próximo à irrelevância, fricativa glotal seguinte, pretônica relacionada à tônica de altura baixa, pronomes (alto índice), escolaridade média. O abaixamento de (e) ainda é favorecido pelas labiais seguintes, pela escolaridade fundamental. O abaixamento de (o) ainda é favorecido pelas alveodentais e velares seguintes, pela pretônica (o) relacionada à tônica de altura variável entre média e baixa

Fatores favorecedores da manutenção de (e) e de (o): vogal média seguinte, fricativa glotal precedente (com probabilidade significativa) e sibilantes precedentes (com probabilidade tendente à irrelevância), labiais seguintes (altos índices de probabilidade), nomes e verbos (com índice próximo da faixa de irrelevância), escolaridade média. A manutenção de (e) ainda é favorecida pelas alveodentais e sibilantes seguintes (índices próximos à irrelevância) e pela pretônica (e) relacionada à tônica média e à tônica de altura variável entre média e baixa

Conclusões:

Freitas conclui que nesse dialeto há uma predominância das variantes médias [e] e [o], fortemente favorecidas por vogais médias; há alta ocorrência das variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ], favorecidas por vogais baixas; e há uma frequência menor das variantes altas [i] e [u], que ocorrem favorecidas pela vogal alta da sílaba seguinte, independentemente da tonicidade, por processo de assimilação.

Freitas (2001) conclui que seu estudo comprova a suposição de Silva (1989) – o Pará, em relação aos falares do norte, é uma ilha dialetal.

2.9 CÉLIA (2004) – dissertação

Título: As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia –ES

Cidade estudada: Nova Venécia/ES

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]; [ɛ] e [ɔ]

Número de informantes: 9 informantes do sexo feminino, com terceiro grau completo

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: GoldVarb 2001

Fatores sociais estudados: faixa etária (25-35anos, 36 a 55 anos, 56 anos em diante)

Fatores internos estudados: nasalidade, vogal tônica, distância em relação à tônica, vogal pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante subsequente, estrutura silábica.

Fatores separados da análise: vogal em posição inicial de vocábulo, prefixo *des-*, *as nasais*, vocábulos com número elevado de ocorrências (foram excluídos os vocábulos com ocorrência categórica - seja de alçamento, abaixamento ou manutenção da média-superiora 20

Fatores favorecedores do alçamento de (e): vogal alta na sílaba seguinte, nasalidade, átonas permanentes, palatais e bilabiais precedentes e velares seguintes, sílabas abertas

Fatores favorecedores do alçamento de (o): vogal alta na sílaba seguinte, atonicidade permanente, atonicidade casual variável, palatais e velares precedentes e labiodentais seguintes, sílabas abertas

Fatores favorecedores do abaixamento de (e): vogal baixa na sílaba seguinte, atonicidade casual baixa, labiodentais precedentes e alveolares ou bilabiais seguintes, faixa etária intermediária (36-55)

Fatores favorecedores do abaixamento de (o): vogal baixa na sílaba seguinte, atonicidade casual baixa, alveolares, palatais e labiodentais seguintes, faixa etária intermediária (36-55)

Conclusões:

Célia (2004) pontua: “As vogais médias pretônicas podem variar entre realizações médias [e], [o], alteadas [i], [u] ou abaixadas [ɛ], [ɔ] e tal variação se dá por um processo de assimilação do traço de altura da vogal da sílaba seguinte, independentemente da sua tonicidade.”

A pesquisadora conclui:

O abaixamento identificado na variedade estudada não é tão escasso quanto no Rio de Janeiro, mas também não é tão freqüente quanto na Bahia. Parece então, que Espírito Santo é uma região de transição, no que diz respeito à realização das vogais médias em posição pretônica. (CÉLIA, 2004, p.106)

2.10 DIAS (2008) e ALMEIDA (2008)

A seguir apresentamos as principais informações sobre as pesquisas realizadas em Dias (2008) e Almeida (2008).

	DIAS (2008)	ALMEIDA (2008)
Título	A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco	A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis
Cidades estudadas	Piranga/MG Ouro Branco/MG	Machacalis/MG
Variantes estudadas	[e] e [o] [ɛ] e [ɔ] [i] e [u]	[e] e [o] [ɛ] e [ɔ] [i] e [u]
Número de informantes	16	16
Fatores sociais estudados	origem (Piranga/Ouro Branco) gênero (masculino/feminino) faixa etária (jovens- 18 a 24 anos/adultos – 40 a 60 anos).	Região (Urbana/Rural), gênero (masculino/feminino) faixa etária (jovens- 18 a 24 anos/adultos – 40 a 60 anos).
Fatores internos codificados	a) Tipo silábico b) Vogal da sílaba tônica c) Vogal entre a vogal da variável e a tônica d) Tipo de morfema em que a vogal esteja inserida e) Paradigma com vogal aberta f) Distância da sílaba tônica g) Classe gramatical h) Segmento precedente e segmento seguinte i) Distância da variável para o início da palavra j) Número de sílabas da palavra k) Item lexical	a) Tipo silábico b) Vogal da sílaba tônica c) Vogal entre a vogal da variável e a tônica d) Tipo de morfema em que a vogal esteja inserida e) Paradigma com vogal aberta f) Distância da sílaba tônica g) Classe gramatical h) Segmento precedente e segmento seguinte i) Distância da variável para o início da palavra j) Número de sílabas da palavra k) Item lexical
Fatores separados da análise	a) Hiato e ditongo b) Início de palavra	a) Hiato e ditongo b) Início de palavra
Programa utilizado para análise dos dados	<i>modelo de regressão multinomial</i> , incluído no <i>software</i> SPSS.	<i>modelo de regressão multinomial</i> , incluído no <i>software</i> SPSS.

Fatores favorecedores	Ouro Branco (Dias 2008)	Piranga (Dias 2008)	Machacalis – zona urbana (Almeida 2008)
Alçamento de (e)	<p>Vogal da sílaba tônica: [ĩ], [ũ], [i], [u]</p> <p>Vogal entre a vogal da variável e a tônica: [i], [u], ausência</p> <p>Morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos <i>de-/des-</i></p> <p>Existem restrições lexicais: <i>s[i]mestre, p[i]queno, s[i]nhor, m[i]lhor</i></p> <p>Jovens - indício de progressão</p>	<p>Vogal da sílaba tônica [ĩ], [ũ], [i], [u]</p> <p>Vogal entre a vogal da variável e a tônica: ausência, [i], [u], [ĩ], [ũ]</p> <p>Morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos <i>de-/des-</i></p> <p>Existem restrições lexicais: <i>s[i]mestre, p[i]queno, s[i]nhor, m[i]lhor</i></p> <p>Nenhum fator social favorece- indício de variável estável</p>	<p>Vogal da sílaba tônica: [ĩ], [ũ], [i], [u]</p> <p>Vogal entre a vogal da variável e a tônica: [i], [u]</p> <p>Morfema em que a vogal esteja inserida: prefixo <i>-des</i></p> <p>Mulheres</p>
Alçamento de (o)	<p>Vogal da sílaba tônica: [ĩ], [ũ]</p> <p>Vogal entre a vogal da variável e a tônica: [i], [u]</p> <p>Modo do segmento precedente: oclusivas</p> <p>Modo do segmento seguinte: fricativas</p> <p>Há restrições lexicais: <i>f[u]gão, m[u]lambo, m[u]ranga</i></p> <p>Nenhum fator social favorece- indício de variável estável</p>	<p>Vogal da sílaba tônica: [ĩ], [ũ], [i], [u]</p> <p>Vogal entre a vogal da variável e a tônica: ausência</p> <p>Modo do segmento precedente: oclusivas</p> <p>Modo do segmento seguinte: fricativas e nasais</p> <p>Há restrições lexicais: <i>f[u]gão, m[u]lambo, m[u]ranga</i></p> <p>Jovens - indício de progressão</p>	<p>Modo precedente: oclusivas</p> <p>Modo seguinte: fricativas</p> <p>Ponto seguinte: coronais</p> <p>Homens</p> <p>Jovens - indício de progressão</p>
Abertura de (e)	<p>Vogal da sílaba tônica: [a], [ɛ], [ɔ]</p> <p>Paradigma com vogal aberta: com paradigma</p> <p>Mulheres</p> <p>Nenhuma faixa etária favorece - indício de variável estável</p>	<p>Vogal da sílaba tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ã], [ê], [ô]</p> <p>Vogal entre a vogal da variável e a tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ã], [ê], [ô]</p> <p>Morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos <i>re-/pre-/per</i></p> <p>Paradigma com vogal aberta: com paradigma</p> <p>Homens</p> <p>Jovens - indício de progressão</p>	<p>Vogal da sílaba tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ã], [ê], [ô], [ĩ], [ũ]</p> <p>Vogal entre a vogal da variável e a tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ã], [ê], [ô]</p> <p>Morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos <i>-pre-/per/re-</i></p> <p>Modo precedente: líquidas, fricativas</p> <p>Ponto precedente: dorsais</p> <p>Modo seguinte: líquidas, tepe</p> <p>Ponto seguinte: dorsal /h/</p> <p>Paradigma com vogal aberta: com paradigma</p> <p>Mulheres</p>
Abertura de (o)	<p>Vogal da sílaba tônica: a, ɛ, ɔ</p>	<p>Vogal da sílaba tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ã], [ê], [ô]</p>	<p>Vogal da sílaba tônica: [a], [ɛ], [ɔ], [ã], [ê], [ô], [ĩ], [ũ]</p>

	<p>Vogal entre a vogal da variável e a tônica: ausência, [a], [ɛ], [ɔ],</p> <p>Paradigma com vogal aberta: com paradigma</p> <p>Nenhuma faixa etária favorece - indício de variável estável</p>	<p>Vogal entre a vogal da variável e a tônica: [a], [ɛ], [ɔ],</p> <p>Morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos <i>pro</i></p> <p>Paradigma com vogal aberta: com paradigma</p> <p>Nenhuma faixa etária favorece - indício de variável estável</p>	<p>Modo seguinte: líquidas</p> <p>Ponto seguinte: dorsal /h/</p> <p>Morfema em que a vogal esteja inserida: prefixos <i>co-</i>, <i>pro-</i></p> <p>Paradigma com vogal aberta: com paradigma</p> <p>Mulheres</p>
--	---	--	---

Conclusões sobre o alçamento de (e):

Em Piranga e Ouro Branco ocorreu a harmonia vocálica, favorecida pela vogal seguinte. Houve diferença quantitativa entre as duas cidades, para o alçamento de (e), mas qualitativamente não houve diferença significativa. Nas duas cidades, o alçamento foi ligeiramente estigmatizado.

Almeida explicou que, em Machacalis, o alçamento da vogal média anterior pôde ser descrito através de um processo de harmonia vocálica.

Conclusões sobre o alçamento de (o):

Em Piranga e Ouro Branco ocorreu a harmonia vocálica, desencadeada pela vogal alta seguinte. Ocorreu também o processo de redução vocálica, no qual ocorre a diminuição da diferença articulatória das vogais em relação aos segmentos adjacentes. Embora esse último não seja um processo robusto na região, a sua atuação é mais evidente para as posteriores do que para as anteriores. Assim, houve diferença quantitativa entre as duas cidades, para o alçamento de (o), mas qualitativamente o processo pareceu ser o mesmo nas duas cidades. O alçamento foi ligeiramente estigmatizado nas duas cidades.

Segundo Almeida, em Machacalis, existem restrições lexicais e a vogal alta imediatamente seguinte favoreceu o alçamento de (e), mas não influenciou o alçamento de (o) da mesma maneira.

Conclusões sobre a abertura de (e):

Em Piranga e Ouro Branco ocorreu a neutralização da oposição e/ɛ em favor de [ɛ] realizada como harmonia vocálica em relação ao traço -ATR. Em Piranga ocorreu também a neutralização da oposição em favor de [ɛ], quando a vogal seguinte era [ẽ], [õ].

Em Piranga e Ouro Branco a manutenção de (e) foi o maior percentual geral, bem significativo quando seguido de [e, o]. A abertura não foi estigmatizada em nenhuma das duas cidades.

Almeida explicou que, em Machacalis, ocorreu a neutralização da oposição e/ε em favor de [ε] como harmonia vocálica do grau de abertura (-ATR) com as vogais [a], [ε], [ɔ], [ã] na sílaba seguinte. Almeida pontuou ainda que a abertura foi superior ao alçamento nos três estilos e que houve estigma para a abertura.

Conclusões sobre a abertura de (o):

Em Piranga e Ouro Branco ocorreu neutralização da oposição o/ɔ em favor de [ɔ] que pôde ser expressa pela harmonia vocálica em relação ao traço - ATR. Em Piranga ocorreu também a neutralização da oposição o/ ɔ em favor de [ɔ] quando a vogal seguinte era [ẽ], [õ]. Assim, houve diferença quantitativa e qualitativa entre as duas cidades, para a abertura de (o).

Em Piranga e Ouro Branco a manutenção de (o) foi o maior percentual geral, bem significativo quando seguido de [e], [o]. A abertura não pareceu ser estigmatizada em nenhuma das duas cidades.

Segundo Almeida, em Machacalis ocorreu a neutralização da oposição o/ɔ em favor de [ɔ] como harmonia vocálica do grau de abertura (-ATR) com as vogais [a], [ε], [ɔ], [ã] na sílaba seguinte. A autora ressaltou que há também a influência das consoantes adjacentes constituindo um processo de neutralização. A abertura foi superior ao alçamento nos três estilos. Constatou-se que houve ligeiro estigma para a abertura.

2.11 VIANA (2008) – dissertação

Título: As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística

Cidade estudada: Pará de Minas/MG

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]; [ε] e [ɔ]

Número de informantes: 33

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: GOLDVARB 2006

Fatores sociais estudados: indivíduo, sexo (masculino, feminino), faixa etária (<25 anos, 30-50, >60 anos), escolaridade (analfabeto, médio, superior), classe social (baixa, média) e estilo (formal, informal).

Fatores internos estudados: nasalidade, atonicidade, vogal tônica (posição, altura, nasalidade), estrutura da sílaba, distância da vogal tônica, contexto precedente (ponto e modo), estado da glote (precedente e seguinte), contexto seguinte (ponto e modo), classe da palavra,

Fatores favorecedores do alçamento de (e): nasalidade da pretônica, atonicidade permanente, vogal tônica anterior, vogal tônica posterior, vogal tônica alta, vogal tônica baixa, vogal tônica nasal, sílaba travada, distância 2 da sílaba tônica, consoante posterior, coronal, nasal, tepe e oclusiva em contexto precedente, pausa no contexto precedente, nasal seguinte, segmentos sonoros seguintes, classe de palavra: prefixos e outros

Fatores favorecedores do alçamento de (o): atonicidade permanente, vogal tônica anterior, sílabas travadas, distância 2 da vogal tônica, consoante anterior, não coronal, fricativa e oclusiva em contexto precedente, vogal em contexto seguinte, consoantes posteriores, fricativas e nasais em contexto seguinte, segmentos sonoros seguintes, verbos

Fatores favorecedores do abaixamento de (e): átona permanente, distância 1 da tônica, consoantes posteriores precedentes, consoantes não coronal e anteriores seguintes. “A autora explica: Não esperado, o grupo de fatores Vogal tônica – Altura tem valor neutro para a variação com vogal tônica alta e próximo da neutralidade (0.49) para realizações com vogal tônica baixa.” (VIANA, 2008, p.93)

Fatores favorecedores do abaixamento de (o): vogais tônicas baixas, vogais tônicas nasais, consoantes nasais, fricativas e laterais precedentes, pausa como contexto precedente, consoantes laterais e fricativas seguintes, segmentos sonoros seguintes, nomes

Conclusões:

Viana conclui que a manutenção é o processo mais frequente em Pará de Minas.

Ela aponta alguns dados encontrados em seu corpus que ilustram e demonstram evidências de uma atuação lexical relacionada à variação das vogais médias pretônicas. Ela ressalta que os processos de alçamento e de abaixamento, tanto das vogais pretônicas anteriores quanto posteriores não se aplicam a todo o léxico. “Ora as palavras coexistem alteradas ou não; “flutuam foneticamente”, segundo Oliveira (1992b), ora apresentam ambientes favorecedores da variação e não variam e, ainda, ora apresentam ambientes desfavorecedores da variação e variam.” (VIANA, 2008, p. 94)

Viana afirma que, nos vários exemplos apresentados por ela, encontram-se realizações indicativas de difusão lexical.

Percebe-se que a mudança ocorre e propaga-se em palavras com estrutura sonora semelhante, porém, em alguns casos deixa algumas palavras permanentemente sem alteração sonora e, em outros casos, atinge a todas as palavras da língua que potencialmente poderiam sofrer a mudança sonora. (VIANA, 2008, p.98)

A autora conclui que há um condicionamento lexical.

Em relação às variáveis não estruturais, Viana explica que após as primeiras rodadas do programa GOLDVARB 2006, a maioria das variáveis foram desprezadas pelo programa por serem estatisticamente irrelevantes. A variável independente *indivíduo* foi selecionada como relevante em todas as rodadas *stepping up* e *stepping down*. Segundo Viana, a seleção do grupo de fator *indivíduo* em todas as realizações é indício de que se trata de uma mudança típica de difusão lexical.

A autora cita Oliveira: “a variação linguística pode e deve ser prevista em termos abstratos, e que sua implementação na fala é sensível ao par [indivíduo – léxico].” (OLIVEIRA, 2006c, p.1).

Viana explica que no caso da variável (e), 68 itens lexicais aparecem, ora com alçamento, ora com uma vogal fechada. Dentre esses itens muitos apresentam variação intraindividual. No caso da variável (o), são 55 itens ora alçados, ora não. Diante disso, ela concluiu, citando Oliveira, que “a variação intra-individual existe e não pode ser ignorada.” (OLIVEIRA, 2006c, p.19). E que “dialetos diferentes propagam os processos sonoros de maneira diferenciada pelo léxico” (OLIVEIRA, 2006c, p.18).

2.12 GRAEBIN (2008) – dissertação

Título: A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas

Cidade estudada: Formosa/GO

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]; [ɛ] e [ɔ]

Número de informantes: 14

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística. A autora procurou também relacionar os fenômenos fonológicos da elevação e do abaixamento com a discussão existente entre três modelos teóricos distintos acerca da mudança sonora: o neogramático, o difusionista e o dos exemplares.

Programa utilizado para análise dos dados: Goldvarb-X

Fatores sociais estudados: sexo (masculino, feminino), escolaridade (até 8 anos de estudo-Ensino Fundamental, de 8 a 11 anos de estudo-Ensino Médio, mais de 11 anos de estudo- Ensino Superior), classe socioeconômica (baixa, média, alta), contato com Brasília (informantes que moram em Formosa, mas trabalham no Distrito Federal, informantes que moram em Formosa, não trabalham no Distrito Federal nem têm o hábito de ir à Brasília) e nível de formalidade do discurso (formal, informal).

Fatores internos estudados: zona de articulação da variável dependente (grupo de controle), vogal da sílaba seguinte, segmento precedente, segmento seguinte, acento secundário.

Fatores retirados das rodadas de peso relativo: itens categóricos ou quase categóricos, ditongos em ie, ue, ei, io, oi, itens de contexto CVN, pretérito perfeito de 1ª e 2ª conjugações e infinitivos de 2ª conjugação, itens iniciados com *e/S/-* e com *e/N/*

Fatores favorecedores do alçamento de (e): [i], [ɔ], [ĩ], [ũ], [õ] na sílaba seguinte, velares precedentes e itens sem segmento precedente, consoantes com traço [+alto], como as pós-alveolares, palatais e velares seguintes, travamento em /N/ e hiato (índices mais altos), tipo de discurso: diálogo

Fatores favorecedores do alçamento de (o): [i], [u], [e], [ɛ], [ũ] na sílaba seguinte, bilabiais precedentes, labiodentais, pós-alveolares, palatais seguintes, coda em /S/ e hiato, tipo de discurso: diálogo

Fatores favorecedores do abaixamento de (e): [ɛ], [ĩ], [ẽ], [õ], [ã] na sílaba seguinte, pós-alveolares, velares e glotal precedentes, glotal seguinte, classe média

Fatores favorecedores do abaixamento de (o): [ɛ], [ɔ], [a], [ẽ], [ã] na sílaba seguinte, glotal seguinte e a coda em /R/, classe média

Em relação ao fator **acento secundário**, após análise dos resultados, Graebin (2008, p.188) concluiu em relação à pretônica (e), que “quando a vogal /e/ esteve a duas ou três sílabas da tônica, a elevação e o abaixamento foram favorecidos.”

Em relação à pretônica (o), Graebin (2008, p.188) observou uma oposição drástica entre o abaixamento e a elevação. “Enquanto o índice de elevação decresceu à medida que a vogal /o/ se distanciou da sílaba tônica, o índice de abaixamento encontrou na posição mais distante da tônica um ambiente propício.”

Em relação aos fatores **nível de escolaridade, sexo e contato com Brasília**, Graebin explica que esses grupos de fatores tiveram efeitos pouco significativos sobre a variação das pretônicas médias. A autora ressalta que praticamente em todas as rodadas, apenas a anterior (e) esteve em questão, o que dificulta conclusões abrangentes.

Conclusões:

Segundo Graebin, não se pode falar em uma regra gramatical de harmonização vocálica em Formosa, pois os pesos relativos referentes à elevação não apontam as vogais altas como as principais condicionadoras do alçamento.

Ela ressalta que a harmonização vocálica na fala de Formosa não atingiu resultados tão contundentes quanto os apresentados por Silva em Salvador. Assim, não foi possível confirmar o paralelismo fônico encontrado na fala culta de Salvador: vogais altas elevam as vogais pretônicas, vogais médias abertas e baixas abaixam as pretônicas e as vogais médias fechadas conservam a altura das pretônicas.

Graebin (208, p.192) ressalta que a variante média fechada foi favorecida pela classe alta e que isso se deve ao fato de que essa variante é menos marcada e, “assim, os falantes pertencentes a essa classe mantêm o *status* e protegem-se dos estereótipos linguísticos.” A autora explica que a classe média de Formosa tem apresentado um movimento oposto ao observado em outros estudos:

não prefere a variante menos marcada [e o] nem faz uso da hipercorreção. Ao invés disso, seleciona a variante estigmatizada [ɛ ɔ]. É possível que essa seja uma maneira de a classe média formosense demonstrar sua atitude positiva em relação à língua e à cultura locais e, ao mesmo tempo, uma maneira de rejeitar as influências lingüísticas provenientes de Brasília, que chegam, muito provavelmente, via classe alta. (GRAEBIN, 2008, p.193)

A autora pontua que é preciso monitorar a variação das pretônicas em Formosa “a fim de verificar se a estratificação social desencadeará um aumento da pronúncia abaixada, seguindo a classe média, ou se desencadeará um recuo no abaixamento, seguindo a tendência da classe alta.” (GRAEBIN, 2008, p. 195)

Graebin conclui que a comparação dos resultados percentuais do *corpus* de Formosa com o de outras pesquisas referentes ao subfalar baiano, confirmou a classificação feita por Nascentes. Dessa forma, a variedade lingüística falada em Formosa se enquadra no subfalar baiano. “Por outro lado, a comparação evidenciou também que o nível de abaixamento na fala de Formosa (13,2%) é bem menor que o encontrado em Salvador (59%) e em Jeremoabo (50,5%), mas maior que o verificado em Brasília (3,5%), ficando, assim num nível intermediário.” (GRAEBIN, 2008, p.208)

A autora explica que além dos fatores lingüísticos e extralingüísticos incluídos como variáveis na pesquisa houve a interferência de outros fatores, que não foram quantificados, como a frequência e a classe gramatical do item lexical. Segundo ela, os dados não puderam comprovar que a variação das pretônicas esteja sendo motivada única e exclusivamente pelo nível fonético, não confirmando, assim, a visão neogramática. Mas, segundo ela, também não indicaram a ocorrência de um processo puramente difusionista. A autora explica que nos dados analisados encontrou-se a influência de vários níveis de língua, num constante movimento e numa contínua relação, conforme o modelo dos exemplares proposto por Bybee.

Graebin ressalta que no corpus estudado, a categoricidade esteve limitada a grupos lexicais específicos, referentes a itens com a variante média fechada, como *você*, *pessoa* etc. e a itens com variante alta, como *piqueno*, *imbora* etc., em grande parte explicáveis pelo modelo de exemplares, em que tanto a difusão lexical quanto o condicionamento fonético estão em jogo. A autora explica:

Não registramos itens realizados categoricamente com a variante média-aberta. O fato encontrarmos muitos itens produzidos sempre com a variante alta indica que a elevação é um processo de mudança já acabado para muitos desses itens, ao passo que, nos casos de abaixamento, o que predomina é a variação. Esse comportamento dos dados levou-nos a inferir que a difusão lexical é um processo recorrente para os casos de elevação, mas não para os de abaixamento. (GRAEBIN, 2008, p. 209)

Graebin esclarece que o fator frequência foi um dos responsáveis por essa conclusão. A quantidade de dados para a variante média aberta foi bem maior do que para a variante alta. Além disso, a lista dos itens lexicais que sofreram elevação, tanto para (e) quanto para (o), caracterizaram-se pela presença de vocábulos frequentes e/ou pertencentes a um mesmo grupo de exemplares. Já a lista dos itens que foram realizados com a variante média baixa mostraram uma variedade maior de vocábulos, tanto frequentes quanto não frequentes ou não tão comuns. Mas a autora ressalta que a questão da frequência necessita de um aprofundamento maior.

2.13 SILVA (2009) – tese

Título: As pretônicas no falar teresinense

Cidade estudada: Teresina/PI

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]; [ɛ] e [ɔ]

Número de informantes: 36

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: VARBRUL 2S

Fatores sociais estudados: gênero (feminino/masculino), faixa etária (20-35, 36-50 e +50 anos), escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior)

Fatores internos estudados: contiguidade, homorganicidade, paradigma, contextos fonológicos precedente e seguinte, tonicidade, distância da tônica, derivada de tônica

Fatores favorecedores do alçamento de (e): vogal alta contígua, palatal e labial precedente e velar seguinte, grupos de palavras com uma base em comum

Fatores favorecedores do alçamento de (o): vogal alta contígua, velar precedente e labial, palatal e coronal seguintes, grupos de palavras com uma base em comum

Obs.: Silva (2009, p. 156-157) ressalta que “A vogal alta /i/ subsequente favorece a elevação da sua homorgânica e da não-homorgânica /u/, enquanto /u/ tende a restringir-se à elevação de /o/.” E acrescenta: “as variáveis sociais não apresentaram nenhum condicionamento expressivo para a Harmonia com a vogal alta.”

Fatores favorecedores do abaixamento de (e): [a], [ɛ], [ɔ] contígua, velar precedente e posição inicial de palavra, velar seguinte

Fatores favorecedores do abaixamento de (o): [a], [ɛ], [ɔ] contígua, coronal e palatal precedente, posição inicial de palavra, velar seguinte

Obs.: os fatores sociais têm efeito neutro no abaixamento

Fatores favorecedores da manutenção de (e) e (o): vogal média fechada contígua, nasais e palatais seguinte, mais jovens (tanto mulheres quanto homens)

Obs.: Silva (2009, p. 178) verifica que “a vogal tônica exerce um papel, pois tende a preservar a vogal média fechada em todo o paradigma derivacional.”

Conclusões:

Silva (2009, p. 209) confirma a hipótese inicial de haver três harmonias com predomínio da vogal baixa: harmonia com uma vogal média aberta, harmonia com uma vogal alta, harmonia com uma vogal média fechada. “Ao lado dessas variações harmônicas, o dialeto apresenta uma variação tríplice dentro de um mesmo vocábulo quando diante de vogal alta; porém, mesmo neste contexto desarmônico, a vogal média aberta predomina de forma irrefreável.”

E acrescenta: “(...) o dialeto caminha em direção à Neutralização em favor da média aberta, em oposição ao sul do País. É o que se espera averiguar em tempos futuros.” (SILVA, 2009, p. 211)

2.14 TONDINELI (2010) – dissertação⁵

Título: A variação fonética das vogais médias pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG

Cidade estudada: Montes Claros/MG

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]; [ɛ] e [ɔ]

Número de informantes: 13 informantes da zona urbana

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística e teoria da Difusão Lexical

Programa utilizado para análise dos dados: GOLVARB 2001

⁵ Apresentaremos apenas os resultados encontrados pela autora na análise das pretônicas (e) e (o). Não apresentaremos os resultados das postônicas, tendo em vista que o foco do nosso trabalho são as vogais pretônicas.

Fatores sociais estudados: sexo (masculino, feminino), idade (15 a 30, 31 a 50, acima de 50), escolaridade (informantes sem estudo ou que cursam ou que concluíram somente 1º grau, informantes que cursam ou que concluíram até o 2º grau, informantes que cursam ou que concluíram até o 3º grau), classe social (baixa, média), grau de formalidade do estilo (formal, informal), indivíduo.

Fatores internos estudados: vogal da sílaba seguinte e vogal da sílaba precedente, status da tonicidade, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, distância da sílaba tônica, nasalidade, classe morfológica, posição da pretônica

Fatores favorecedores do alçamento de (e): [ɔ], [o], [u], [i] como vogais da sílaba seguinte, ausência de vogal na sílaba precedente, vogal, fricativa e nasal em contexto fonológico seguinte, vogal, nasal e ausência de contexto fonológico precedente, átona permanente, distância 1 e 2 da sílaba tônica, variável nasal, verbos e palavras compostas, fala informal, faixa etária: de 15 a 30 anos e mais de 50 anos, classe média, indivíduos: Anacleto, Apolinário, Badu, Dionora, Flausina, Francolim, Livíria, Nhinhinha, Rolandina e Sá-Maria,

Fatores favorecedores do alçamento de (o): [ɛ], [e], [i], [u] como vogais da sílaba seguinte, vogal, semivogal, oclusiva e fricativa em contexto fonológico precedente, vogal/semivogal, fricativa e nasal em contexto fonológico seguinte, átona permanente 1, distância 1 da sílaba tônica, verbos, variável em posição inicial, 1º e 2º graus de escolaridade, indivíduos: Badu, Dionora, Francolim, Jó Joaquim, Rolandina, Sá-Maria

Fatores favorecedores do abaixamento de (e): [ɛ], [e], [i] como vogais da sílaba seguinte, [ɔ, o, u], [a] e ausência de vogal na sílaba precedente, lateral, fricativa e nasal em contexto fonológico precedente, oclusiva e tepe em contexto fonológico seguinte, nomes e palavras compostas, 1º e 2º graus de escolaridade

Fatores favorecedores do abaixamento de (o): [ɔ], [o], [u], [i], [e], [ɛ] como vogal da sílaba seguinte, fricativa, nasal e lateral em contexto fonológico precedente, fricativa, lateral e oclusiva em contexto fonológico seguinte, átona permanente, variável em posição inicial, até 50 anos

Conclusões:

Tondineli explica que a manutenção da variável (e) e (o) - (71%) e (82%) respectivamente, em posição pretônica, prevalece entre os falantes de Montes Claros,

em detrimento do alçamento (28% para [i] e 14% para [u]) e do rebaixamento (1% para [ɛ] e 4% para [ɔ]). Ela explica:

O percentual de 1% de rebaixamento aponta para uma das hipóteses iniciais deste trabalho: que o falar de Montes Claros não é mais caracterizado pela realização da vogal baixa [ɛ], tal como nos indicava Antenor Nascentes ao colocar esta cidade dentro do subfalar baiano em sua divisão dialetal. (TONDINELI, 2010, p. 96)

Tondineli conclui que o comportamento das vogais médias (e, o) no Português do Brasil é um processo variável. Segundo a autora, “a vogal média (o), em posição pretônica é mais propensa, tanto ao fenômeno do alçamento quanto do rebaixamento, do que a variável (e).” (TONDINELI, 2010, p. 142)

Tondineli (2010, p.142) explica que, em relação ao alçamento, “a presença das vogais altas em posição tônica não foi o fator que mais favoreceu o alçamento; ao contrário, foram as baixas [ɛ], [ɔ] as que mais favoreceram sua realização do alçamento.” Dessa forma, os seus resultados não mostraram a harmonização vocálica para o alçamento, como proposto em vários estudos sobre as vogais pretônicas.

Quanto ao rebaixamento de (e, o), a autora constatou que as categorias específicas propostas por Cristóvão-Silva (2005) dão conta de quase todos os casos encontrados. Segundo a autora, pode-se dizer que há uma assimilação do traço [- alto] da vogal da sílaba seguinte.

Entretanto, ocorrências como am[ɛ]ricano indicam um processo difusionista, pelo fato de não se encaixar em nenhum dos grupos específicos para o alçamento das variáveis (e, o) indicados pela autora. Também como indicativo de difusão lexical, tem-se a insensibilidade do fenômeno aos grupos de fatores extralinguísticos. (TONDINELI, 2010, p.111)

A ocorrência de rebaixamento, seja em pretônicas ou postônicas mediais, em fala formal, leva a autora a concluir que “há uma tentativa dos falantes de evitarem o alçamento das mesmas e, portanto, uma ‘hipercorreção’ fonética das médias (e, o).” (TONDINELI, 2010, p.143)

Em relação ao rebaixamento de (o), a autora pontua:

(...) a probabilidade de ocorrência de rebaixamento da pretônica (o) no dialeto montesclareense é inversamente proporcional à faixa etária, isto é, quanto menor a faixa etária, maior a aplicação da regra variável de rebaixamento. Tais dados apontam para uma mudança em tempo real, na qual a possibilidade de rebaixamento aumenta à medida que a idade diminui, pressupondo ser o rebaixamento um fenômeno em vias de progressão. (TONDINELI, 2010, p. 124)

Tondineli ressalta que a ausência de significância estatística em relação aos fatores extralinguísticos – sexo, faixa etária, grau de escolaridade e classe social – são

indícios de que tanto o alçamento quanto o abaixamento é de cunho difusionista. Ela ressalta:

Mesmo sendo excluído por rodadas do VARBRUL, o grupo de fatores *Indivíduo* se mostra significativo a partir do momento em podemos verificar que o comportamento diversificado dos indivíduos, em relação aos processos de alçamento e rebaixamento, compõe uma mostra variável em relação a idade, sexo, grau de escolaridade e classe social, sendo, portanto, condizente com a nossa hipótese sobre a variação ser de caráter difusionista. (TONDINELI, 2010, p.142)

A autora encerra dizendo que encontraram-se realizações indicativas de difusão lexical, e que a variação nas vogais médias é um processo controverso, pois ocorre em determinados contextos em um item lexical e, em outro item, sob as mesmas condições, não ocorre. Ela exemplifica com os itens: m[i]lhoris e m[e]lhor, int[ε]r[ε]ssa, int[e]r[ε]sse, c[u]nsera, c[o]nsera, entre outros.

Tondineli (2010, p. 143-144) explica que “mesmo descrevendo contextos fonéticos favorecedores ou não da variação, veem-se itens, em ambientes favorecedores, que raramente alçam, e itens, em ambientes considerados desfavorecedores, alçados.”

2.15 BISINOTTO (2011) – dissertação

Título: O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar Ituiutabano

Cidade estudada: Ituiutaba

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]

Número de informantes: 24 da zona urbana

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: Goldvarb

Fatores sociais estudados: sexo (masculino, feminino), faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; acima de 49 anos), escolaridade (0 a 11 anos de estudo; mais de 11 anos de estudo).

Fatores internos estudados: distância da sílaba tônica, tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica, vogal da sílaba precedente, vogal da sílaba tônica, ponto e modo de articulação da consoante precedente, ponto e modo de articulação da consoante seguinte, nasalidade.

Fatores separados da análise: a análise foi feita apenas em nomes com estruturas CV, CVC e CVN

Fatores favorecedores do alçamento de (e): vogal alta na sílaba tônica, consoantes não contínuas seguintes, dorsal seguinte, sílaba inicial, labial precedente, distância 1 da sílaba tônica

Fatores favorecedores do alçamento de (o): vogal média baixa e alta na sílaba tônica, sílaba aberta, sílaba inicial, Distância 1 da sílaba tônica, consoantes não contínuas precedentes, labial e coronal precedente, labial seguinte

Conclusões:

A autora esclarece que, conforme as análises do Programa *Goldvarb*, constatou-se que as variáveis extralinguísticas foram desfavoráveis tanto para (e) quanto para (o), pois evidenciou-se que o alçamento não foi estigmatizado entre os indivíduos, ou seja, todos eles realizaram alçamento sem restrições socioculturais, de sexo e de faixa etária.

A autora conclui em relação ao alçamento de (e):

O alçamento de /e/ no falar Ituiutabano aproxima-se do alçamento de /e/ dos estudos de Bisol e Viegas. É importante ressaltar aspectos estruturais governaram o favorecimento do alçamento do /e/ pretônico Ituiutabano, por conseguinte, uma interpretação neogramática. (...) Ademais, no falar Ituiutabano, com alto peso relativo de .85, ocorreu o alçamento de /e/ via harmonia vocálica, como proposto por Bisol (1981). A partir desses fatos, observa-se que o falar do /e/ pretônico Ituiutabano está diante de aspectos neogramáticos. Cabe ressaltar, que no falar do /e/ pretônico ituiutabano há uma despreocupação na pronúncia da vogal /e/ e de suas variações, não sabemos realmente se os indivíduos realizam alçamento de /e/ ou abaixamento de /i/. (BISINOTTO, 2011, p. 91)

A autora conclui em relação ao alçamento de (o):

Concluimos que o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano aproxima-se mais dos estudos de Bisol do que dos de Viegas. Todavia, ressaltamos que nem todos os contextos propensos à aplicação de regras realizaram-se. Em contextos favoráveis à aplicação da harmonia vocálica, houve variação na aplicação e não aplicação das regras. Todavia, a forma alçada de /o/ ocorreu com mais frequência do que a forma não alçada. Como apresentado no alçamento de /e/, o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano configuram-se por aspectos neogramáticos. (BISINOTTO, 2011, p. 107)

2.16 CARMO (2013) – tese

Título: As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista

Cidade estudada: São José do Rio Preto

Variantes estudadas: [e] e [o]; [i] e [u]

Número de informantes: 38 entrevistas do banco de dados IBORUNA

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística e Teoria da Otimalidade

Programa utilizado para análise dos dados: Goldvarb X.

Fatores sociais estudados: sexo/gênero (feminino/masculino), faixa etária (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos e acima de 55 anos), escolaridade (1º ciclo do Ensino Fundamental; 2º ciclo do Ensino Fundamental; Ensino Médio e Ensino Superior),

Fatores internos estudados: altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo, tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo, distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo, grau de atonicidade da pretônica-alvo, conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre, ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo, ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo, estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre, classe gramatical e vogal pretônica-alvo

Fatores separados da análise: pretônica em início de vocábulo, ditongo, hiato e prefixo

Fatores favorecedores do alçamento de (e): [i] na sílaba seguinte, consoante dorsal seguinte

Fatores favorecedores do alçamento de (o): [i], [u] na sílaba seguinte, consoante labial precedente e seguinte

Fatores que favorecem o alçamento de (e) e (o): sílaba aberta, caráter permanentemente átono da pretônica, a alternância da pretônica com tônica alta em outras formas do mesmo paradigma favorece o alçamento das pretônicas em verbos, a terceira conjugação verbal, que apresenta vogal temática /i/ e os sufixos verbais /-i/ e /-ia/.

Conclusões:

“Na variedade do interior paulista, foram observados percentuais de *alçamento vocálico* baixos (16,1% para (e) e 16,6% para (o)), o que coloca essa variedade dentre as mais conservadoras em relação à aplicação do fenômeno.” (CARMO, 2013, p.207)

Segundo a autora, o alçamento é resultado principalmente da harmonização vocálica, tendo como gatilho principal a vogal alta [i]. “Esse resultado semelhante para

todas as rodadas corrobora a informação de que não há comportamento diferenciado das vogais médias pretônicas em nomes e em verbos no tocante ao alçamento vocálico.” (CARMO, 2013, p.208)

A autora ressalta que houve pouca influência das variáveis sociais em relação ao alçamento.

Carmo (2013, p.214) explica que, em relação às vogais médias pretônicas, a variedade do interior paulista se aproxima do dialeto gaúcho. “(...) confirma-se a classificação de Nascentes (1953 [1922]) de que a variedade do Estado de São Paulo pertence ao subfalar sulista, do grupo *sul*, dada a ausência do fenômeno de *abaixamento vocálico*.”

A autora analisou as vogais médias pretônicas segundo duas abordagens não clássicas da OT: Ranqueamento ordenado por EVAL (COETZEE, 2004, 2006) e Ordenamento parcial de restrições (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998). Ela concluiu que a explicação de acordo com a proposta de Coetzee foi mais satisfatória e elencou os motivos:

(...) por conseguir explicar a variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista com um único ranqueamento de restrições (*[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID) sem ferir o *princípio de dominação estrita* da OT clássica. Essa proposta também apresenta a vantagem de conseguir explicar as frequências relativas de alçamento diferentes para cada variedade do PB, por conceber a variação situada fora da gramática e, portanto, influenciada por fatores extralinguísticos, dialogando, assim, com a proposta da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1991 [1972]). À gramática, por meio da noção de *ponto de corte* proposta por esse modelo teórico, cabe o papel de moldar os limites dentro dos quais a variação pode ocorrer.” (CARMO, 2013, 216)

2.17 DEMAIS TRABALHOS CORRELATOS

Além desses trabalhos, vários outros sobre as vogais médias pretônicas também embasaram esta tese. Dentre eles:

- 1) Callou; Leite; Coutinho (1991) – artigo: estudam a cidade do Rio de Janeiro;
- 2) Bortoni et al. (1991) – artigo: estudam as variedades alagoana e brasiliense;
- 3) Oliveira (1991) – artigo: escreve sobre a controvérsia neogramática reconsiderada;
- 4) Oliveira (1992) – artigo: escreve sobre aspectos da difusão lexical;
- 5) Bortoni; Gomes; Malvar (1992) – artigo: estudam a cidade de Brasília;
- 6) Oliveira (1995) – artigo: escreve sobre o léxico como controlador de mudanças sonoras;

- 7) Cardoso (1999) – artigo: apresenta uma visão diatópica das vogais médias pretônicas no Brasil;
- 8) Rangel; Antunes (2001) – artigo: estudam 4 cidades mineiras: Ipatinga, Coronel Fabriciano, Timóteo e Belo Horizonte;
- 9) Viegas (2001) – tese: estuda a região metropolitana de Belo Horizonte/MG;
- 10) Callou; Leite; Moraes (2002) – artigo: estudam a cidade do Rio de Janeiro;
- 11) Schwindt (2002) – artigo: estuda a harmonização vocálica no Rio Grande do Sul;
- 12) Lee; Oliveira (2003) – artigo: estudam a variação inter- e intra-dialetal no português brasileiro;
- 13) Casagrande (2004) – dissertação: estuda a cidade de Porto Alegre/RS;
- 14) Marques (2006) – tese: estuda o contato dialetal entre cariocas e paraibanos na cidade do Rio de Janeiro e entre brasileiros e portugueses na cidade de Lisboa;
- 15) Lee (2006) – artigo: estuda as vogais pretônicas no português brasileiro;
- 16) Oliveira; Lee (2006): artigo – escrevem sobre teoria fonológica e variação linguística;
- 17) Guimarães (2007) – dissertação: estuda as regiões Norte e Sul de Minas Gerais;
- 18) Klunck (2007) - dissertação: estuda a cidade de Porto Alegre/RS;
- 19) Dias; Cassique; Cruz (2007) – artigo: estudam a área rural do município de Breves/PA;
- 20) Araújo, A. (2007) – tese: estuda a cidade de Fortaleza/CE;
- 21) Alves (2008) – tese: estuda os nomes na cidade de Belo Horizonte;
- 22) Borges (2008) - artigo: estuda o município de Uberaba/MG;
- 23) Silveira (2008) - dissertação: estuda os nomes na região de São José do Rio Preto, noroeste do estado de São Paulo;
- 24) Cruz et al (2008) – artigo: estudam as Ilhas de Belém/PA;
- 25) Kailer (2008) – tese: estuda as cidades de Foz do Iguaçu/PR e Pato Branco/PR;
- 26) Oliveira (2009): artigo – escreve sobre o indivíduo e a comunidade de fala;
- 27) Carmo (2009) - dissertação: estuda os verbos na região de São José do Rio Preto, noroeste do estado de São Paulo;
- 28) Santos (2009) – dissertação: estuda algumas cidades do Pará (Soure, Belém, Marabá, Altamira e Jacareacanga);
- 29) Zani (2009) – dissertação: estuda a cidade de São Paulo;
- 30) Bisol (2009) – artigo: estuda o alçamento na pretônica sem motivação aparente;
- 31) Amorim (2009) – dissertação: estuda a cidade de Recife/PE;

- 32) Cruz (2010) – dissertação: estuda o município de Porto Alegre/RS;
- 33) Carvalho (2010) - tese: focaliza o alçamento em PB (na fala culta do Rio de Janeiro) e o cancelamento em PE (na fala culta de Lisboa), nas décadas de 1970 e 1990;
- 34) Rezende; Magalhães (2010) – artigo: estudam os municípios de Coromandel e Monte Carmelo, em Minas Gerais;
- 35) Sousa (2010) – dissertação: estuda a cidade de Belém/PA;
- 36) Machado (2010) – dissertação: estuda as vogais pretônicas [-bx] no Rio de Janeiro;
- 37) Viegas; Cambraia (2011) – artigo: estudam as vogais médias pretônicas no português brasileiro: contrastando passado e presente;
- 38) Viegas; Lee (2011) – artigo: estudam a hierarquização das vogais pretônicas em falares de Minas Gerais;
- 39) Avelheda; Silveira (2011) – artigo: estudam as cidades de São Fidélis e Rio de Janeiro;
- 40) Felice (2012) – dissertação: estuda o município de Uberlândia/MG;
- 41) Cruz (2012) – artigo: estuda a Amazônia Paraense;
- 42) Silva (2012) – dissertação: estuda a cidade de São José do Norte/RS;
- 43) Hora; Vogeley (2013) – artigo: estudam a cidade de Recife/PE;
- 44) Bisol (2013a) – artigo: compara os efeitos da harmonização vocálica na pauta pretônica, em duas variedades do português brasileiro;
- 45) Chaves (2013) – tese: apresenta um panorama dos estudos das vogais pretônicas no Português do Brasil de 1980 a 2012;
- 46) Fonte (2014) – artigo: estuda as vogais pretônicas no português arcaico;
- 47) Carneiro; Magalhães (2014) – artigo: estudam a cidade de Araguari/MG.

3. AS COMUNIDADES PESQUISADAS

A seguir descrevemos as comunidades pesquisadas, que foram escolhidas intencionalmente por pertencerem a áreas dialetais diferentes. Elas representam falares que estão em Minas e além das fronteiras de Minas Gerais. Estudando essas comunidades selecionadas podemos falar não apenas sobre os falares mineiros. Em número de falantes, considerando-se a divisão de Nascentes, as áreas dialetais em estudo somam mais da metade da população brasileira. Assim, em projeção, podemos falar em Português do Brasil. Vejamos a distribuição de parte da população nas áreas dialetais propostas por Nascentes: falar baiano, mineiro, fluminense e sulista:

Total da população brasileira	190.755.799
Região Sudeste	80.364.410
Bahia	14.016.906
Região Sul	27.386.891
Mato Grosso do Sul	2.449.024

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Ressaltamos ainda que não foram incluídos nesses dados alguns Estados, em que não foi possível precisar o número de falantes dos falares em questão, porque apenas uma parte da população pertence às áreas dialetais em estudo, são eles: Mato Grosso, Goiás e Tocantins.

Viegas; Almeida e Dias (2009) explicam a importância de se estudar as diferentes regiões de Minas Gerais:

Podemos dizer que encontramos em Minas variações que estão presentes em grande parte do Brasil. Como consequência, se estudarmos a fala das diversas regiões de Minas, estaremos estudando a fala de grande parte do Brasil – essa é uma característica importante do Estado - Estado-chave para os estudos da variação lingüística do português do Brasil. A classificação de Nascentes para os falares brasileiros tem na realização das vogais pré-tônicas dos diversos falares um de seus fatores determinantes. (VIEGAS; ALMEIDA; DIAS, 2009, p. 73)

3.1 O município de Piranga

Piranga localiza-se na macrorregião da Mata, na mesorregião da Zona da Mata Mineira e na microrregião de Viçosa.

A sua área⁶ total é de 658,811 Km², incluindo dois distritos: Santo Antônio do Pirapetinga (distrito onde se encontram igrejas do séc. XVII) e Pinheiros Altos. O município é banhado pelo rio Piranga e seus afluentes. O **ANEXO A** indica a sua localização.

Vejam os dados como se deu o aumento populacional nos últimos anos.

Ano	Número de habitantes
1991	16.332
1996	16.942
2000	17.010
2007	17.208
2010	17.232

IBGE (2012)

Podemos observar que em quase 20 anos, a população teve um aumento de apenas 5,5%, ficando praticamente estável.

Atualmente, a economia em Piranga se sustenta na atividade agropecuária e no comércio. A maioria da população vive na zona rural e, como não há Instituição de Ensino Superior, os jovens precisam sair da cidade para prosseguir os estudos. Muitos também saem da cidade em busca de empregos melhores.

Em Dias (2008), fizemos uma pesquisa detalhada sobre a história da cidade. Vejamos a seguir:

Piranga foi denominada primitivamente Guarapiranga, provavelmente, por referência à ave guará-piranga (em tupi, ave vermelha) de plumagem vermelha muito intensa, que era comum na região à época em que se iniciou a ocupação do município.

Em Barbosa (1995) temos a data em que Piranga tornou-se município:

Em 1841, foi criada a vila do Piranga, com instalação do município desmembrado do de Mariana. (...) Foi suprimido o município em 1865, com lei Nº1249, de 17 de novembro; mas foi restaurado pouco depois, com lei Nº1537, de 20 de julho de 1868. Em 1870, a lei Nº 1729, de 5 de outubro, elevou Piranga à categoria de cidade. Nas divisões administrativas do Estado, o distrito sede do município figurava com denominação de Nossa Senhora da Conceição do Piranga; assim, a lei Nº843, de 7 de setembro de 1923, mudou o nome do distrito para Piranga. (BARBOSA, 1995, p.254).

Segundo Barbosa (1995), em geral, os historiadores apontam como primeiro explorador do território o taubateano João de Siqueira Afonso, em 1704; mas não há

⁶ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=mg>>. Acesso em: 02 ago. 2012.

consenso em relação à data de descobrimento e ocupação da região de Guarapiranga. O mesmo autor afirma que:

Entretanto lê-se no Códice Costa Matoso que em 1691, Francisco Rodrigues de Siqueira e Manoel Pires Rodovalho exploraram a região de Guarapiranga. (Relatos Sertanistas, Taunay, pág.41). Informa ainda o mesmo relato que uma capela ou um oratório com a invocação de N. S^a. da Conceição foi edificada em 1694; [...] (BARBOSA, 1995, p.253-254).

Lima Júnior (1969) sugere que o povoamento de Guarapiranga teve início em 1691. Na introdução ao poema *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, o historiador diz que, em 1690, o paulista Antônio Rodrigues Arzão chegou ao local que depois foi denominado Casa da Casca (região de Viçosa) e que ali encontrou ouro. Parece que esse roteiro já era conhecido por bandeirantes; um códice citado por Lima Júnior, pertencente à Biblioteca Pública de São Paulo, relata que em 1691 saiu um bandeira de paulistas para irem à Casa da Casca e daí, no mesmo ano (1691), ao Rio Guarapiranga, onde encontraram uma capoeira do gentio à beira do rio no qual descobriram ouro. Mas conflitos entre os bandeirantes causaram mortes e a divisão da bandeira em duas.

Essas notícias indicam que a ocupação da localidade iniciou-se em 1691. Em outro texto, Lima Júnior (1965) nos informa que, em 1694, três anos após o descobrimento de Guarapiranga, a ocupação estava firmada:

É certo porém, que desde 1694, na Bandeira do Capitão Rodovalho, que descobriu o Guarapiranga, já estava como capelão o Frade Franciscano da Província da Ordem Terceira Missionária, Frei José de Jesus por alcunha o Catarro. Esse frade, levantou capela no Guarapiranga celebrando nela a missa. Com o abandono que se operou por algum tempo, da região do Guarapiranga, quando os selvagens destruíram o primeiro povoado, formado pelo Capitão João Pires Rodovalho, seu irmão aparece, em seguida, como um dos primeiros moradores do Ribeirão do Carmo.⁷ (LIMA JÚNIOR, 1965, p.35-36).

Vasconcelos (1974) nos informa a respeito de uma bandeira que chegou a Guarapiranga em 1692, comandada por Braz Rodrigues Arzão, neto de Antônio Rodrigues Arzão:

[...] decidiu o chefe prosseguir na forma combinada, e foi ter à serra do Guara-Piranga, de onde pela manhã avistou os píncaros agudos de Arripiados, por efeito da luz oriental, parecendo mais próximos. Descendo nessa direção, encontrou Arzão o Rio Piranga, em seu melhor braço, descendente das serras auríferas e com indícios esperançosos; quando também deparou com alguns índios da nação *puri* [...] (VASCONCELOS, 1974, v.1, p.147).

⁷ Ribeirão do Carmo é a atual cidade de Mariana.

Esse trecho indica que o local em que se encontra Piranga era conhecido por bandeirantes que, na última década do século XVII, percorriam a região à procura de ouro e índios.

Oliveira, L. (2006) explica como se deu a descoberta das minas do Pinheiro, Bacalhau e Pirapitinga:

Nos anos de 1702 a 1704, o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, procurando ampliar os descobrimentos das minas, envia seus filhos e escravos na direção sul do Ribeirão do Carmo, no até então pouco conhecido sertão do Guarapiranga. Nesta diligência, seus filhos acabam descobrindo no ano de 1704, as minas do Pinheiro, Bacalhau e Pirapitinga, que como já informamos, pertenciam à freguesia de Guarapiranga e que atualmente são distritos da cidade de Piranga. (OLIVEIRA, L. 2006, p.31).

Os locais em que se encontram esses distritos de Piranga já eram conhecidos antes de 1704, mas apenas nesse ano iniciou-se, ainda que precariamente, a ocupação, motivada pelo descobrimento de ouro.

Baseado em Diogo de Vasconcelos e Eduardo Canabrava Barreiros, Oliveira, L. (2006) explica que a freguesia de Guarapiranga foi palco do terceiro conflito entre paulistas e emboabas, durante a Guerra dos Emboabas (1707-1709). Como nos mostra o autor, uma parte da tropa de Manuel Nunes Viana, que vinha de uma vitória contra os paulistas em Sabará e Cachoeira do Campo, dirigiu-se a Ribeirão do Carmo, a fim de dominar o governador; a outra parte dirigiu-se ao arraial do Guarapiranga. Segundo Oliveira, L. (2006), as duas expedições foram derrotadas. Os emboabas tentaram chegar a Guarapiranga, passando pelo arraial do Bacalhau (hoje, Santo Antônio do Pirapitinga):

No arraial do Bacalhau os moradores deixaram que passassem à vontade. O Coronel Rafael da Silva e Sousa, Capitão-mor do Guarapiranga, porém, estando prevenido, formou sua gente, e saiu-lhes de lá ao encontro, ao tempo que aqueles outros do Bacalhau partiam e os apertavam em retorno. A derrota foi total e sem piedade. (VASCONCELOS, 1974, v.2, p.55-56).

O aumento populacional do arraial de Guarapiranga deveu-se, inicialmente, à exploração de ouro:

Uma vez iniciada a prospecção das ricas lavras descobertas na segunda metade da década de dez, Guarapiranga ganhou progressiva importância econômica. Em 1721, o lugar ocupava a sexta posição entre os dezenove núcleos auríferos fiscalizados pela Câmara de Mariana. (VENÂNCIO, 1997).

A importância da atividade mineradora atraiu e fixou a comunidade que precisou cultivar alimentos nas proximidades. Venâncio (1997) explica que as terras que ficavam nas margens dos rios, onde era explorado o metal precioso, também prestavam-se à

atividade agrícola. As duas atividades associadas favoreceram o desenvolvimento do povoado.

Segundo Barbosa (1995, p.254), a região de Guarapiranga foi mais intensamente povoada de 1753 a 1756; “são inúmeras as sesmarias concedidas nesses anos, nas quais se mencionavam grandes roças de milho, casas de vivenda, paiol, senzalas, bananais e outras árvores (Cód.112, A. P. M.)”.

Segundo Oliveira, L. (2006), Guarapiranga era uma região predominantemente agropecuária, marcada pela produção para a subsistência. Mas o autor ressalta que a mineração, num determinado momento, desempenhou um papel importante, sendo a causa primeira de ocupação do local.

Oliveira, L. (2006), após análise de inventários, explica que Guarapiranga era uma região voltada para as atividades agropecuárias: 85,7% dos domicílios sobreviviam com base parcial ou total, nessas atividades. A mineração ainda se fez presente, mas, na maioria das vezes, aliada à agricultura e à pecuária.

Segundo Venâncio (1997), durante a primeira metade do século XVIII, a freguesia permaneceu como limite da área de mineração,

contribuía para isso a existência de uma barreira - bem mais poderosa do que os acidentes geográficos ou as florestas virgens - representada pelos índios bravios da Zona da Mata. Os camacãs, os pataxós, os maxacalis, os botocudos e os puri-coroado, durante muitos anos impediram o avanço das hostes mineradoras, estabelecendo uma fronteira militar sobre a fronteira econômica. Para os grupos indígenas não domesticados, o arraial de Guarapiranga encerrava o limite aceitável da expansão colonial [...] (VENÂNCIO, 1997).

Oliveira, L. (2006) ressalta que, para Maria Leônia Chaves de Resende⁸, a história de Minas Gerais esteve intimamente ligada à questão indígena. Grupos indígenas hostis limitavam a penetração de aventureiros no interior. A presença de índios refugiados em Guarapiranga pode ser confirmada nos relatos de alguns historiadores:

[...] o território mineiro ficou em demasia povoado de refugiários do litoral e do recinto de São Paulo. A guerra dos *tamoio* no Rio, acabando pela dispersão destes, impeliu das regiões do Paraíba, que os derrotados ocuparam, as tribos humildes oriundas do *tupi*, os *puri*, os *croatos*, e outros, que se instalaram no Vale do Pomba e, atacados às vezes pelos *goitacá* de Muriaé, vinham-se ocultar sobre a serra nos vales do Guará-Piranga (Pássaro Vermelho) e do Sipotaua (Cipó Amarelo). (VASCONCELOS, 1974, v.1, p.135).

⁸ RESENDE, Maria Leônia Chaves de. *Entradas e bandeiras nas Minas dos Cataguases*. Simpósio Temático: Guerras e Alianças na História dos Índios – Perspectivas Interdisciplinares – In: XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH, Londrina. 2005. Texto disponível no site: www.ifch.unicamp.br.

Entre esses grupos, estavam índios da nação *puri*, que foram encontrados por Braz Rodrigues Arzão, quando sua bandeira chegou a Guarapiranga, em 1692:

Os *puri*, que por ali andavam espavoridos, de um lado pelos conquistadores, de outro pelos *botocudos* do Rio Doce, apenas experimentaram a boa amizade de Arzão, tornaram-se afetuosos no interesse mesmo de serem defendidos por ele, que, trazendo armas de fogo, espantou com a notícia os canibais. (VASCONCELOS, 1974, v.1,p.148).

Oliveira, L. (2006) ressalta que as relações entre os conquistadores e os índios passaram por fases extremas: a convivência pacífica, através da domesticação indígena, a escravização e os violentos conflitos, que provocaram várias mortes.

Venâncio (1997) explica que lentamente, os gentios foram morrendo ou fugindo, dando lugar à escravaria de novo tipo.

Conforme nos mostra o quadro a seguir, no início do século XVIII, Guarapiranga aparece como o principal centro do escravismo indígena da região marianense:

Quadro 3: Escravos índios na Vila do Carmo

Tabela 3			
Escravos Índios na Vila do Carmo			
Freguesia	1718-N. Abs.	1725 N. Abs.	Variação
Guarapiranga*	102	08	-94
Inficionado	28	07	-21
Brumado	14	0	-14
Sumidouro	06	0	-6
Bento Roiz e Gama	06	0	-6
Total	156	15	-141
Total %	100%	9,6%	-90,3%

Fontes: LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos em Minas Gerais (1718). In: BARRETO, Antonio Emílio Muniz et.AL., História Econômica: Ensaio São Paulo: IPE, p. 37. AHCM, cód. 150.
* Incluindo Barra do Bacalhau

Fonte: VENÂNCIO, 1997.

Em 1718, Guarapiranga possuía 102 índios carijós, o que segundo Venâncio (1997), correspondia a 24,6% dos 414 negros arrolados pela capitação referente ao conjunto dos núcleos auríferos da Capitania de Minas Gerais. Em 1725, o número reduziu-se a 8 indígenas.

Segundo Venâncio (1997), o elevado índice de mortalidade não explica, suficientemente, a redução expressiva da população ameríndia de Guarapiranga. Outros

fatores contribuíram para isso, como, por exemplo, a libertação de índios cativos, a migração forçada e o degredo:

Nos anos trinta, o gentio da terra praticamente desapareceu das listagens de escravos, passando então a ser arrolado sistematicamente junto aos demais facinorosos das Minas. A eles cabia agora tomar cuidado para não caírem nas malhas do sistema jurídico criado para tornar os desclassificados sociais produtivos. Ano após ano, o carijó escravo vai dando lugar ao carijó livre; homem fora da lei ou imerso no universo da pobreza. Em meados do século XVIII, pouca lembrança restará do ameríndio utilizado como instrumentos de colonização. A partir de então, o escravismo indígena tende a deslocar-se para as áreas periféricas à mineração. Nos núcleos que vão se abrindo, nas novas regiões agrícolas, assistiremos lentamente o renascimento de formas de exploração do trabalho compulsório do gentio, só que agora com base nos grupos humanos submetidos aos aldeamentos régios existentes na Zona da Mata Mineira. (VENÂNCIO, 1997).

3.2 O município de Ouro Branco

Ouro Branco localiza-se na macrorregião Central de Minas Gerais, na mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte e na microrregião de Conselheiro Lafaiete.

A cidade pertence à Região Metalúrgica e Campos das Vertentes⁹ e encontra-se num planalto limitado ao norte pela serra do Ouro Branco. A sua área¹⁰ territorial é de 258,726 Km². O ANEXO A indica a sua localização.

Vejamos como se deu o aumento populacional nos últimos anos.

Ano	Número de habitantes
1991	27.423
1996	29.694
2000	30.383
2007	33.548
2010	35.268

IBGE (2012)

Podemos observar que em quase 20 anos, a população teve um aumento de 28,6%, um número bem mais expressivo que a cidade de Piranga.

Em Ouro Branco, a economia se sustenta na atividade agropecuária, no comércio e na indústria. A implantação da Açominas em 1976 fez com que a população tivesse um expressivo crescimento. O processo de expansão da empresa iniciado em 2005 tem contribuído ainda mais para esse crescimento. Além do crescimento populacional

⁹ Atlas Histórico e Geográfico do município de Ouro Branco (2006)

¹⁰ IBGE (2012)

proporcionado pela indústria, os jovens não precisam sair da cidade para trabalhar. A cidade possui escolas profissionalizantes como o SENAI e o CEFET. Em 2008, foi instalado um campus da Universidade Federal de São João Del Rey em Ouro Branco, o que deve contribuir para a diminuição do número de jovens que saem da cidade para estudar.

Em Dias (2008), fizemos uma pesquisa detalhada sobre a história da cidade. Vejamos a seguir:

Ouro Branco pertenceu a Ouro Preto, inicialmente, como povoado; depois, como distrito: “Ouro Branco, velho como as Minas Gerais (...) é realmente das mais antigas freguesias de Minas, que foi tornada colativa pelo alvará de 16 de fevereiro de 1724.” (BARBOSA, 1995, p.229).

Apenas em 1953, obteve autonomia: “O município de Ouro Branco, desmembrado do de Ouro Preto, foi criado pela lei Nº1039, de 12 de dezembro de 1953. Fica na Zona Metalúrgica.” (BARBOSA, 1995, p.229).

Na Cartilha do Legislativo de Ouro Branco, consta que seu povoamento efetivo iniciou-se em meados do século XVII, em consequência da descoberta de ouro em Minas. O descobrimento e povoamento desse território inserem-se dentro do contexto das bandeiras paulistas, que, a partir da criação da povoação de São Paulo, nos campos de Piratininga (1554), começaram a percorrer a área em busca de metais e pedras preciosas. De acordo com a cartilha, há documentos oficiais comprovando que garimpeiros do lugarejo conhecido como “Ouro Branco” uniram-se a indígenas não belicosos e criaram o arraial de Campo Alegre dos Carijós. Esse arraial originou a Vila de Queluz (atual cidade de Conselheiro Lafaiete).

Conforme consta na cartilha citada, a documentação sobre as origens de Ouro Branco é bastante restrita. No Atlas Escolar (2006), somos informados que a primeira bandeira chegou à região em 1694, comandada por Miguel Garcia de Almeida Cunha, que passou pelas terras dos atuais municípios de Itaverava e Conselheiro Lafaiete e alcançou uma serra. Nesse ponto, a bandeira se dividiu, por desentendimento entre seus integrantes, devido ao rendimento não compensador obtido na garimpagem daquele local, então denominado “Foz do Itatiaia”. Manoel Garcia seguiu pelo nordeste até o Vale do Tripuí, onde achou ouro escuro, chamado por isso “ouro preto”. A cor se devia à enorme presença de óxido de ferro no solo da região. Miguel Garcia desceu o vale do chamado Rio da Serra, que corre para oeste, paralelamente à aguda escarpa da Serra do Deus-te-Livre (atual serra do Ouro Branco), e fundou um povoado nessa região,

posteriormente, denominado “Ouro Branco”, por haver sido encontrado no local ouro de cor amarela, produzida pelo mineral paládio a ele associado, estabelecendo contraste cromático aparente com o “ouro preto”, tipo mais comum do minério.

De acordo com o Atlas Escolar, os primitivos habitantes de Ouro Branco foram os índios, provavelmente, da tribo dos Carijós. Embora não tenham deixado vestígios materiais, foram dados nomes indígenas a determinados lugares do município, como, por exemplo, Itatiaia, o que sugere a presença dos índios.

De acordo com o Histórico de Ouro Branco¹¹, o povoamento da cidade se deu em decorrência do Ciclo do Ouro; e seu crescimento econômico, nos primeiros anos do século XVIII, esteve diretamente relacionado à exploração do mineral. Mas a má qualidade das jazidas auríferas e as dificuldades de exploração, advindas do primitivo processo utilizado, fizeram a atividade mineradora retroceder. O desenvolvimento econômico passou a se sustentar, a partir de então, no comércio e na agricultura.

Ainda de acordo com o Histórico de Ouro Branco, a cidade lucrou com o comércio por estar localizada entre Vila Rica e Rio de Janeiro (capital da colônia), na rota obrigatória de tropeiros, que traziam produtos variados da capital e levavam o “ouro preto” das lavras de Vila Rica; mais tarde, foi quartel de caminhantes e andarilhos, para impedir o contrabando do ouro das Minas Gerais. Em meados do século XVIII, chegou a possuir cerca de quatorze estalagens, numerosas casas comerciais, famosas selarias e fábricas de objetos artesanais e de uso comum, consumidos pelos tropeiros e viajantes.

Nesse momento, estava sendo consolidado o núcleo urbano da cidade, em torno da igreja matriz. O viajante francês, Auguste de Saint-Hilaire, assim descreve a Serra de Ouro Branco e seu povoado:

Desde o Alto, o horizonte é limitado por uma alta montanha chamada *Deos Livre* ou *Ouro Branco*, que já tínhamos avistado no dia precedente. Ao longe, seu cume parece truncado e mais ou menos plano; os flancos têm a aparência de muito escarpados e são cobertos de hervas. Dentro em pouco chegamos à povoação de *Ouro Branco*, a única que encontráramos entre Rio de Janeiro e Villa Rica, e que pode se compor de umas cinquenta casas. Essa povoação se termina por uma praça em cuja extremidade foi construída a igreja, e que domina um amplo valle. Como este não pode ser percebido, a igreja parece apoiada contra a montanha, que apresenta por traz della uma cortina de verdura. De um lado da praça estão as casas mais consideráveis da povoação; do outro não ha construcções, mas o que torna finalmente esse conjuncto extremamente pittoresco, é um grupo de palmeiras de estirpe esbelta e folhas

¹¹ Histórico elaborado pela arquiteta Adriana Paiva de Assis e cedido pela Secretaria Municipal de Cultura, Lazer e Turismo de Ouro Branco. Disponível em: <<http://www.ourobranco.mg.gov.br>>. Acesso em: 03 dez. 2007.

leves, que rodeiam uma grande cruz plantada sem symetria do lado da praça opposto á igreja. Tendo descido dessa pequena plataforma, entramos no valle. Era dia de festa, e os habitantes da vizinhança se dirigiam em grande numero para a igreja. Todos estavam vestidos com limpeza: as mulheres traziam vestidos brancos, uma especie de jaquetão de panno e um chapéo de feltro, mas as pernas e pés estavam nús. Quasi todos os que encontravamos, homens e mulheres, brancos e gente de côr, tinham um grande bocio, e, nesse districto assim como nos valles da Europa em que essa enfermidade é commum, se attribue á frialdade das aguas. Seguindo o valle vimos uma serie de datas de terrenos de onde se extrahiu ouro, e onde o solo esburacado, a ausencia de vegetação, e montes de cascalho esparsos dão á paysagem um ar de tristeza. [...] A montanha de Deos Livre faz parte da cadeia occidental: como todas as elevações visinhas, estava coberta, por essa época, de uma vegetação tão fresca como a que exhibem nossos campos de trigo no começo da primavera. Sobe-se esse morro por um declive bastante fácil, e chegando-se ao cume, descortina-se um panorama bastante extenso. (SAINT-HILAIRE, 1938, p.125-128).

Segundo Barbosa (1995), ainda hoje, essas casas do período colonial constituem, para o estudioso, um pequeno compêndio da casa rural em Minas Gerais. A igreja, em estilo Barroco e dedicada a Santo Antônio, foi construída no trajeto da Estrada Real e levou 62 anos (1717-1779) para ser concluída. A duração das obra indica a importância da construção, pois toda igreja de certo destaque, nos tempos coloniais, levou muitos anos para ficar concluída.

Há no Atlas Escolar, uma descrição dos vários ciclos que marcaram a economia e a história da cidade.

No século XVIII, durante o Ciclo do Ouro, foi construída a Igreja de Santo Antônio, cuja imponente ornamentação revela a riqueza aurífera da localidade à época.

No século XIX, devido ao fértil solo de terras roxas, a região destacou-se na vinicultura, chegando a sediar a Companhia de Vinhos Nacionais. Segundo Barbosa (1995, p.229), Eschwege¹², que chegou ao Brasil em 1807, fez esta curiosa observação sobre Ouro Branco: “a única localidade do Brasil onde todos os habitantes se dedicam, em suas fazendas, à cultura da vinha.”

No início do século XX, o município passou pelo Ciclo da Batata, chegando a se destacar como o maior produtor de batatas de Minas Gerais.

E, mais recentemente, em 1976, Ouro Branco entrou no Ciclo do Aço, com a implantação da Açominas, maior usina do grupo Gerdau nas Américas, transpondo as fronteiras nacionais. Esse Ciclo fez com que a população – em trinta e seis anos (1976-

¹² Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855). Engenheiro, mineralogista e militar alemão. Desempenhou importante papel no desenvolvimento da geologia no Brasil. Acompanhou D. João VI ao Brasil (1807). Posteriormente foi designado para acompanhar a mineração de ouro e a fabricação de ferro em Minas Gerais.

2012) – tivesse um expressivo crescimento. Em 1970, a cidade possuía pouco mais de 6.000 habitantes¹³; em 2000, a população chegou a 30.383 habitantes; e, em 2010, atingiu 35.268 habitantes¹⁴.

A cidade foi projetada para uma população de 100.000 habitantes. Em 2005, iniciou-se um processo de expansão da Açominas, o que tem contribuindo, ainda mais, para o crescimento da população.

3.3 O município de Machacalis¹⁵

Machacalis localiza-se na macrorregião do Jequitinhonha/Mucuri, na mesorregião do Vale do Mucuri e na microrregião de Nanuque.

O município de Machacalis está situado a 645 km de Belo Horizonte. A cidade apresenta uma área¹⁶ de 332,377Km² em terras de relevo ondulado, tendo como municípios limítrofes Águas Formosas, Fronteira dos Vales, Santa Helena de Minas, Bertópolis, Umburatiba e Crisólita. O **ANEXO A** indica a sua localização.

Vejam os dados como se deu o aumento populacional nos últimos anos.

Ano	Número de habitantes
1991	6.870
1996	6.689
2000	6.917
2007	6.855
2010	6.976

IBGE (2012)

Podemos observar que em quase 20 anos, a população teve um aumento de apenas 1,5%. Além disso, o número de habitantes chegou a diminuir em 1996 e 2007.

De acordo com Almeida (2008), o município de Machacalis vive da pecuária de corte e leite, com algumas poucas áreas servindo para o desenvolvimento da agricultura. A recuperação econômica do município se deve, principalmente, ao abaixamento e conservação das estradas, a instalação da indústria Barbosa e Marques, possibilitando o total aproveitamento da produção leiteira. A cidade conta ainda com uma indústria de café. A monocultura do eucalipto tende a se alastrar devido à quantidade de água no subsolo. Machacalis é uma das regiões mais ricas em água doce da região do Vale do

¹³ Atlas Escolar Histórico e Geográfico de Ouro Branco, 2006, p.35.

¹⁴ IBGE (2012).

¹⁵ Ressaltamos que o nome oficial da cidade é com x (Maxacalis), mas, como a população convencionou usar com ch (Machacalis) para diferenciá-la da tribo (Maxacali), optamos por utilizar esta grafia.

¹⁶ IBGE (2012).

Mucuri. É importante ressaltar que o acesso à cidade de Machacalis ainda é feito, por uma grande extensão, em estradas de terra.

Almeida (2008) ressalta que a zona rural da cidade de Machacalis está dividida em comunidades (*Chico Preto, Córrego Seco, Água Branca*), essas comunidades ocupam uma grande extensão territorial, sendo que a maioria dos moradores pertence a uma mesma família. A economia se sustenta na atividade agropecuária, seguida da confecção de produtos alimentícios que são expostos na feira da cidade. As casas das comunidades rurais são construções de tijolos, com telhados coloniais. Desde 2001, as comunidades rurais dispõem de energia elétrica, o que permite aos moradores fazer uso de geladeiras, chuveiros, televisões, rádios e outros pequenos aparelhos eletrônicos. Não há linhas telefônicas disponíveis para a zona rural. Existem algumas escolas municipais de ensino fundamental na zona rural, porém os jovens cursam o ensino médio na zona urbana.

Segundo Almeida (2008), em 2005, foi instalado um campus da Instituição de Ensino Superior - UNIPAC em Machacalis.

Almeida (2008, p. 61-63) fez uma pesquisa detalhada sobre a história da cidade. Vejamos a seguir:

Com o nome de Machacalis, em homenagem aos primitivos moradores, os índios Maxakali, o primeiro documento que a registrou trazia o nome de Norte. Sucessivamente, foi chamado de Bela Vista do Norte, São Sebastião do Norte e, finalmente Machacalis, em 1953, na época da sua emancipação (Santos, 1970). Em Santos (1970), temos a data em que Machacalis tornou-se município:

Pelo Decreto-lei Estadual nº 1.039, de 12 de dezembro de 1953, o Norte foi transformado em Município de Machacalis, compreendendo três distritos: Umburaninha e Bertópolis. Pela Lei nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962, o Município de Machacalis perdeu seus dois distritos, que foram promovidos ao novo Município de Bertópolis. O Município de Machacalis se restringiu à sede, não contando com nenhum povoado. (SANTOS, 1970, p. 169)

Santos (1970) aponta como “o pioneiro do lugar” o Sr. Exupério Pereira, em 1912:

No ano de 1912, descendo o Rio Alcobaça, o primeiro sitiante acomodou numa tôsca cabana, sombreada pela floresta virgem e abalada pelos gemidos lúgubres e agourentos das feras. Era envolvida por uma elevada umidade e assolada por uma chusma de impertinentes mosquitos. A primeira clareira foi prontamente aberta com os vorazes machados nas mãos hercúleas daqueles primeiros heróis. O Sr. Exupério Pereira se comportou como o pioneiro do lugar, assentando sua cabana e fazendo as roças para adquirir o direito natural de posse. Foi ele o fundador do Norte, sendo denominado mais tarde, de São Sebastião do Norte, em homenagem ao poderoso mártir, sob cuja proteção se colocou o comercinho, invocando-o contra o paludismo e a peste. Ao Sr. Exupério coube reservar a área para a construção das primeiras casas.

A primeira construção de “enchimento” e coberta de telhas de barro pertenceu a Antônio Bóia D’água. O Sr. Pussidônio Lira foi um dos primeiros habitantes, bem como, Antônio, vulgo Camisão. (SANTOS, 1970, p.167-168)

Gazel (2007) destaca que o povoamento efetivo de Machacalis iniciou-se no início do século XX, em consequência da seca e da miséria no sertão da Caatinga baiana e nas cidades do Vale do Jequitinhonha:

Machacalis, com o nome anterior de São Sebastião do Norte, surge bem no início do século passado. Inúmeras famílias vitimadas pela seca e pelas consequências da Primeira Grande Guerra (fome, hanseníase, difteria, coqueluche, gripe espanhola, perseguição política e outros tantos desafios) resolvem migrar do sertão da caatinga baiana (Condeúba) e de cidades do Vale do Jequitinhonha para a área que fica entre os rios Alcobaça e Umburanas. Ambos os rios eram caudalosos e abundantes em peixes. Além disso, o clima da região era prodigioso e muito próprio para o desenvolvimento da agricultura. Assim sendo, as famílias migrantes com as suas crianças contemplam a nova terra como um “oásis” verdejante e festivo, ao contrário de suas terras de origem vitimadas pelas constantes estiagens. (GAZEL, 2007, p. 30)

De acordo com Gazel (2007), os primeiros desbravadores que se fixaram em Machacalis foram: Antônio Boca D’Água, Manoel Lira e Exupério Pereira. Havia também os Carijós e outros índios. Para o autor todos que passaram a residir em Machacalis, em 1912, além da seca em suas terras de origem, foram também influenciados pela exploração abundante do comércio de poaia ou ipecacuanha (planta muito procurada por causa de suas propriedades medicinais). Essa planta foi descoberta graças aos índios.

A presença de índios na região, que hoje é conhecida como Machacalis, pode ser confirmada nos relatos de alguns historiadores:

A aldeia se localizava nas imediações da bifurcação do rio em seus dois ramos originais, Rio do Norte e o Rio do Sul, além dos quais se estendia a floresta virgem, ainda desconhecida do civilizado. Nestas imediações viviam também os Patachós, aliados dos Maxakali, contra os Botocudos. Também, do mesmo modo, eles foram encontrados no percurso do Rio Alcobaça ou Itanhaém, em ambas as suas margens, bem como visitavam frequentemente o Rio São Mateus e mesmo o baixo Mucuri. Mantinham relações com os brancos com quem comerciavam, ou, então apareciam furtivamente para pedir alimentos. (SANTOS, 1970, p. 86)

Antes mesmo, de começar o lugarejo, os índios Maxakali já compunham normalmente aquela paisagem, em suas andanças incessantes à procura de caça e pesca copiosas. Já não eram tão agressivos; apresentavam-se mais cordiais e facilmente sociáveis. Havia entre eles um elemento de ligação, o Sr. Joaquim Fernandes Martins, através do qual se entrosavam com Quartéis. O seu trabalho foi construtivo, contudo, parcialmente destruído pela corrupção do homem branco em fornecer bebidas alcoólicas ao aborígine, que se exasperava na sua atávica fúria selvagem, cometendo vandalismo ou perpetrando crimes na taba. (SANTOS, 1970, p. 169)

Gazel (2007) ressalta que as relações entre os conquistadores e os índios passaram por fases extremas:

Os Maxakali vivem na terra que ocupam há mais de 100 anos. Não existiam as cidades de Machacalis, Bertópolis, Umburatiba e Santa Helena de Minas. Tudo era mata virgem! Eles vieram escorraçados do Vale do Jequitinhonha

pelos “grandes” que foram tomando suas terras nas maiores das perseguições que se podem praticar contra um povo. (...) Até hoje, os Maxakali são inconformados, não se relacionando bem com os fazendeiros que são vistos como corruptos e inimigos de seu povo, principalmente aqueles que ocupam os antigos cemitérios que são pisados pelas patas dos bois e dos animais. (GAZEL, 1970, p. 75)

Nos últimos anos, graças à luta de várias entidades que trabalham pela autodeterminação dos povos indígenas, o Governo Federal fez a redemarcação das terras dos Maxakali, anexando os dois territórios, no quais eles vivem hoje: *Água Boa e Pradinho*. Assim, os índios não vivem mais ilhados entre fazendeiros. (Gazel, 1970)

Segundo Santos (1970 e Gazel (2007), a evolução política da cidade de Machacalis também foi marcada por conflitos:

Um fato torna-se incontestável: a população de Machacalis estava sempre presente nos atos religiosos, mas não abandonava o clima de tensão e ruptura. A comunidade rural que encontramos na década de 1950 é uma “comunidade-tensão.” No final da década de 1948 tem início uma inquietação política preocupante. Terminada a festa do padroeiro, com a posse do novo prefeito de Águas Formosas, o desassossego se desenvolve para deflagar-se num movimento de banditismo. Esse movimento de bandidos e jagunços fez diversas famílias, ameaçadas e perseguidas, desgostarem da cidade e se transferirem para outras regiões à procura de paz, segurança e justiça. (GAZEL, 2007, p. 65)

O decênio 1950-1960 foi trágico para o Distrito do Norte e depois Município de Machacalis. O índice de criminalidade cresceu assustadoramente. Muitas vezes por semana eu atendia, no meu consultório, pacientes feridos em desavenças, que vinham de Machacalis para Águas Formosas. Havia inquietação e indisciplina generalizadas. Neste ambiente desordenado, Machacalis se emancipou politicamente, e em 15 de outubro de 1954, foi eleito o seu primeiro prefeito, Sr. Manoel José Vital. (SANTOS, 1970, p.183)

Assim esperamos que esteja evidente a importância dessas comunidades de fala para descrição dos falares mineiros e do PB.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A nossa fundamentação teórica está baseada na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1972), na Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1976) e na Geometria de Traços (Clementes e Hume, 1996). Discutiremos também questões levantadas pela Teoria da Difusão Lexical (Bybee, 2001).

4.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1972)

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, ou Sociolinguística Variacionista, foi desenvolvida inicialmente por Weinreich; Labov e Herzog (1968) e Labov (1972). Tal proposta considera que a língua é um fenômeno social, uma vez que é usada por uma comunidade de fala em interação comunicativa. A língua está sujeita a variações que serão determinadas por fatores internos (fonológicos, morfológicos, sintáticos semânticos e discursivos) e por fatores externos (profissão, sexo, faixa etária, escolaridade, grau de formalidade discursiva etc). Tal proposta opõe-se à relação língua/homogeneidade. Incorpora a ideia de heterogeneidade e variação sistemática motivada também por fatores sociais que “continuamente operam sobre a língua”, não devendo, pois, ser estudada fora do contexto social.

Labov (2008 [1972], p. 21) explica que “(...) não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre.”

Segundo Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]), a Teoria da Variação aponta dois princípios básicos para o estudo da língua: (i) deixar de identificar a estrutura linguística como homogeneidade; (ii) entender que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidade de fala.

Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125) pontuam que a associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. “A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas”.

Os autores explicam ainda que fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações atribuídas a

um ou outro apenas, mesmo que bem construídas, falharão em explicar as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Segundo Labov (1994), o pressuposto básico do estudo da variação é o princípio de que a heterogeneidade linguística não é aleatória, mas é regulada, em princípio, por um conjunto de regras, as quais são variáveis e funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou de outra das formas variantes.

De acordo com Labov (1972), o modelo variacionista é, portanto, entendido como um espaço de investigação interdisciplinar que atua nas fronteiras entre língua e sociedade, focalizando os empregos concretos da língua.

Labov ressalta que

O estudo da variação social na língua é simplesmente um dos muitos aspectos do estudo das estruturas lingüísticas variantes. Uma motivação para o lingüista estudar tais estruturas é que elas oferecem comprovação empírica para resolver análises estruturais alternativas no nível funcional, dando soluções empíricas a problemas que, de outro modo, permanecem insolúveis. (LABOV, 2008 [1972], p. 151-152)

Segundo Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]), a chave para uma concepção racional da própria língua é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. Os autores argumentam que o domínio de estruturas heterogêneas por um falante nativo não tem a ver com multidialetalismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngua. Segundo o autor, numa língua que serve a uma comunidade complexa, a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. Labov acrescenta:

A capacidade dos seres humanos de aceitar, preservar e interpretar regras com condicionamentos variáveis é sem dúvida um aspecto importante de sua competência linguística ou *langue*. Mas ninguém tem consciência dessa competência, e não existem julgamentos intuitivos acessíveis para revelá-la a nós. Ao contrário, a percepção ingênua do nosso próprio comportamento e do dos outros é normalmente categórica, e somente o estudo cuidadoso da língua em uso demonstrará a existência dessa capacidade de operar com regras variáveis. (LABOV, 2008 [1972], p. 226)

Em toda língua, há variação, o que, eventualmente, conduz a uma mudança. Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126) alertam: “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.”

A mudança é gradual, contínua e, sempre, precedida de um período de transição entre formas variantes, que coexistem e/ou concorrem. Daqui, surge uma distinção importante entre *formas variantes estáveis* e *formas variantes em progresso*. Segundo Labov (1972), as *formas variantes estáveis* se alternam ou coexistem no sistema (na língua) por tempo indeterminado. As *formas variantes em progresso* são concorrentes – inicialmente, elas coexistem na língua; em seguida, uma das formas é preferida à outra, que se torna “obsoleta”, configurando mudança linguística.

De acordo com Labov (1972), uma maneira de conhecer as mudanças linguísticas, que se processaram em determinada língua, é estudar as mudanças em progresso. Esse recurso baseia-se na teoria do uniformitarismo, segundo a qual as línguas são regidas por leis (princípio da uniformidade). Essa teoria propõe que as forças e restrições internas que impulsionam as mudanças linguísticas em curso são idênticas às que impulsionaram as mudanças já concluídas. Contudo, problemas históricos não são resolvidos com a mesma facilidade com que questões sincrônicas da linguagem são descritas ou explicadas, porque as informações contidas nos documentos são, frequentemente, fragmentárias, sobretudo, as de natureza fonética e social. Apesar disso, podemos fornecer algumas interpretações plausíveis através de princípios que tenham fundamento empírico e, assim, iluminar o passado através do presente, assim como iluminamos o presente através do passado.

Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) dividem em cinco os problemas a serem tratados por uma teoria da mudança linguística. Labov (1972) ressalta que nem todos eles estão relacionados ao quadro social da mudança.

- a) O problema dos fatores condicionantes: deve-se identificar quais os conjuntos de mudanças possíveis e quais são os condicionantes dessas mudanças e da direção que elas podem tomar;
- b) O problema da transição: o pesquisador deve descobrir como se dá a mudança de uma determinada estrutura para outra. Labov (1972) ressalta que a questão de identificar a transição entre dois estágios quaisquer da mudança é um problema linguístico interno;
- c) O problema do encaixamento: segundo Labov (1972), o problema do encaixamento tem dois aspectos: a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças linguísticas e também como encaixada num complexo social, correlacionada com mudanças sociais. Assim, o pesquisador precisa identificar como a mudança está encaixada na estrutura interna da língua e no sistema de relações sociais;

d) O problema da avaliação: Labov (1972) explica que há um importante componente social neste problema, pois o pesquisador deve mostrar como os membros da comunidade de fala reagem à mudança em progresso e descobrir que informação expressiva as variantes veiculam;

e) O problema da implementação: deve-se explicar por que a mudança ocorreu num tempo e lugar particulares e não em outros. Segundo Labov (1972), podemos esperar que haja fatores sociais profundamente implicados no problema da implementação.

Dessa forma, a pesquisa sociolinguística implica levantamento criterioso dos registros de língua falada, descrevendo a variável (conjunto de variantes), e traçando um perfil das variantes (formas diferentes que têm o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto); análise dos fatores estruturais e sociais favorecedores; encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade; avaliação da variável; e explicação de como se deu a implementação de determinada forma variante.

Labov (1972) ressalta que as pesquisas em mudança linguística podem ser feitas em tempo real ou em tempo aparente – em tempo real, a língua é comparada em períodos distintos de tempo; em tempo aparente, a língua de diferentes grupos etários é comparada em um período específico de tempo.

Em relação às avaliações, segundo o autor, nem todas as variações recebem avaliação social clara ou são reconhecidas pelos falantes. Algumas parecem se posicionar longe do nível observável de reações sociais. Em alguns casos, os falantes ao serem perguntados sobre essas variações respondem que não identificam diferenças entre elas. Outras vezes há um prestígio/estigma atribuído à forma.

Ainda de acordo com Labov (1972), a variação estilística e social pressupõe a opção de dizer a mesma coisa de diferentes formas, isto é, as variantes são idênticas em sua referência ou em seu valor de verdade, mas são diferentes em seu valor social e/ou significado estilístico. Em uma comunidade de fala, as variantes linguísticas podem se apresentar de três modos – *estereótipos*, *marcadores* e *indicadores*. Para o referido autor, os *estereótipos* são variantes socialmente marcadas, etiquetadas de maneira ostensiva pela sociedade. Essas formas recebem uma forte estigmatização pelos grupos que as censuram. Os *marcadores* são formas linguísticas que apresentam uma distribuição social e uma diferenciação estilística. São variações que podem permanecer abaixo do nível de consciência social. Quando os *marcadores* sociolinguísticos entram na consciência social, eles geralmente são estigmatizados e se convertem em *estereótipos*. Os *indicadores* são variantes que apresentam uma diferenciação por idade

ou grupo social, mas não sugerem nenhuma variação estilística e se limitam a assinalar uma diversificação social, sem interferência da avaliação subjetiva.

Labov (1972) faz também uma distinção entre origem e propagação da mudança. Para ele, língua é um instrumento usado pelos membros de uma comunidade para se comunicarem uns com os outros. Hábitos idiossincráticos não são parte da língua assim concebida. Portanto, nós podemos dizer que uma língua mudou apenas quando um grupo de falantes usa um padrão diferente para se comunicar uns com os outros. Para exemplificar, imaginamos que uma certa palavra ou pronúncia foi de fato introduzida por um indivíduo. Ela torna-se parte da língua apenas quando é adotada pelos outros, ou seja, quando é propagada. Portanto, a implementação da mudança se dá com a propagação ou aceitação pelos outros. A partir daí nós podemos ter a continuação do mesmo padrão.

Dessa forma, o autor explica que o processo de mudança linguística pode ser considerado em três estágios:

Na sua *origem*, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua *propagação*, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu *término*, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes. (LABOV, 2008 [1972], p. 152)

Nossa análise apoia-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística, ou Sociolinguística Variacionista, tanto porque consideramos adequado dar um tratamento quantitativo aos dados, observando quais os fatores são estatisticamente relevantes na explicação do fenômeno, quanto porque o aparato teórico da Sociolinguística Variacionista permite lidar com o componente social que contribui para influenciar a variação e a mudança linguística.

4.2 O modelo Neogramático e o modelo da Difusão Lexical

Nos estudos realizados até o momento sobre as vogais médias pretônicas no português brasileiro, há aqueles que tratam o problema de uma forma que poderíamos chamar de neogramática e há aqueles que enquadram sua análise no modelo da difusão lexical.

O modelo Neogramático e o modelo da Difusão Lexical tratam de forma diferente a mudança sonora. Abordaremos essas diferenças a seguir.

No final do século XIX, os neogramáticos, grupo de linguistas da Universidade de Leipzig, formularam uma teoria sobre a evolução fonética. Segundo eles, as mudanças fonéticas tinham um caráter de absoluta regularidade, seguiam leis fixas e não admitiam exceções. Para eles, a unidade básica da mudança é o som. Portanto, os sons podem mudar a forma de uma palavra. Os neogramáticos defendiam que toda mudança sonora é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta, ocorre de acordo com regras que não admitem exceção e são condicionadas foneticamente. Atingem ao mesmo tempo todas as palavras que contêm o ambiente fonético que condiciona a mudança. As possíveis exceções seriam consideradas aparentes, uma vez que poderiam ser explicadas via empréstimo linguístico ou por analogia.

Faraco (1991, p.90) explica que devido ao princípio da regularidade absoluta das leis fonéticas, não se podia mais fazer interpretações casuais e fortuitas das irregularidades, ou seja, o postulado neogramático deu um novo rigor metodológico aos estudos históricos: “os linguistas se viram forçados a formular com precisão as tais leis ou, em último caso, a fornecer interpretações satisfatórias para as palavras que não haviam mudado conforme as leis, embora aparentemente preenchessem as condições para tanto.”

No capítulo sobre mudanças fonéticas, Saussure explica:

a mudança fonética não afeta as palavras, e sim os sons. O que se transforma é um fonema; sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos, mas que tem por consequência alterar de maneira idêntica todas as palavras em que figure o fonema em questão; é nesse sentido que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares. (SAUSSURE, 2004, p. 167)

Em meados da década de 70, o modelo da difusão lexical ganhou força com os trabalhos de Wang, Chen e Cheng sobre o chinês. Posteriormente, foi ampliado pelos trabalhos de Krishnamurti, Labov, Phillips, Bybee, Oliveira, dentre outros.

Para os difusionistas, toda mudança sonora (quer foneticamente gradual ou foneticamente abrupta) é lexicalmente gradual. Atinge palavra por palavra ou grupos de palavras por grupos de palavras com estrutura sonora semelhante e pode (ou não) atingir o léxico como um todo. A palavra é que é a unidade básica de mudança no modelo difusionista e não o som. Portanto, é a palavra que muda em relação a sons específicos.

Oliveira (1991) retoma o exemplo do caso chinês (Chao-Zhou) do trabalho de Wang, para apresentar alguns argumentos que reforçam a tese difusionista: a) há exceções a determinadas mudanças fonéticas que não podem ser explicadas por analogia; b) muitos processos fonológicos não podem ser explicados em termos de

condicionamentos fonéticos; c) nem todas as palavras que contêm o som em mudança são afetadas ao mesmo tempo.

Segundo Oliveira (1991), embora estejamos diante de dois modelos opostos, é preciso considerar o que apontou Labov em 1981: essa oposição não tem nada a ver com o resultado final de uma mudança. O autor ressalta que o modelo da difusão lexical admite a existência de irregularidades, mas não descarta a regularidade. Pontua ainda que o modelo difusionista incorpora a possibilidade de mudanças sonoras que não sejam foneticamente condicionadas, mas não recusa a possibilidade de condicionamento fonético.

Labov (1981, p.268), com base nesses dois modelos, lança a seguinte pergunta: “In the evolution of sound systems, is the basic unit of change the word or the sound?”¹⁷

O autor, diante do paradoxo existente entre o modelo Neogramático e o modelo da Difusão Lexical, afirma: “both are right, but both cannot be right” (LABOV, 1981, p.269)¹⁸. Ele propõe uma explicação capaz de conciliar os dois modelos. Ao comparar certos processos de mudança com a pronúncia do ‘*short a*’ na Filadélfia, que se realiza como tenso, mas apresenta exceção em três palavras, nas quais se realiza como frouxo, Labov postula que a variação tenso/frouxo corresponde a uma mudança fonológica abstrata, que opera em níveis hierarquicamente mais altos do que aqueles em que operam regras como as de reajuste fonético. Dessa forma, as mudanças abstratas (*high level*) expressariam mudanças lexicais, que se espalham (ou não) pelo léxico, sendo, portanto, explicáveis por Difusão Lexical, já as de reajuste fonético (*low level*) são explicáveis pelo modelo neogramático: “We have located Neogrammarian regularity in low-level output rules, and lexical diffusion in the redistribution of an abstract word class into other abstract classes.” (LABOV, 1981, p. 304)¹⁹

Para Labov (1994), a *mudança fonética regular* resulta de uma transformação gradual de um simples traço fonético do fonema num contínuo espaço fonético. Ela é característica dos estágios iniciais de uma mudança, que se desenvolve dentro de um sistema linguístico, sem condicionamento de ordem lexical ou gramatical ou qualquer grau de consciência social - *change from below*.

¹⁷ Na evolução dos sistemas sonoros, a unidade básica da mudança é a palavra ou o som? (Tradução Nossa)

¹⁸ Ambos são certos, mas ambos não podem estar certos. (LABOV, 1981, p.269) (Tradução nossa)

¹⁹ Nós localizamos regularidade neogramática nas regras *low level* e difusão lexical na redistribuição de uma classe abstrata de palavra em outras classes abstratas. (LABOV, 1981, p. 304) (Tradução Nossa)

Segundo Labov (1994), a *difusão lexical* é o resultado da repentina substituição de um fonema por outro, em um item lexical. Em geral, a forma “velha” e a “nova” se distinguem por alguns traços fonéticos.²⁰ Esse processo é mais característico nos últimos estágios de uma mudança interna, que ocorreu mediante condicionamentos lexicais e gramaticais ou mediante empréstimos de outros sistemas, havendo um elevado grau de consciência social - *change from above*.

Para Phillips (1984) e Bybee (2001), as mudanças *from below* também ocorrem por difusão lexical.

Oliveira (1991, p.103) toma uma posição mais radical, contrária à de Labov (1981) e semelhante à de Phillips (1984): “para mim *todas* as mudanças sonoras são lexicalmente implementadas, ou seja, não existem mudanças sonoras neogramáticas (muito embora possamos ter, a longo prazo, resultados neogramáticos).”²¹

Mas Oliveira (1995) explica que nenhuma análise séria ignora as razões do modelo oposto:

(...) por mais difusionista que seja uma análise, não há como ignorar que certas ‘coincidências’ fonéticas sejam coincidentes demais para serem ignoradas. Na verdade, a diferença entre as duas abordagens, naquilo que se refere ao papel do léxico nas mudanças sonoras (e não em relação a outros aspectos), se resume na ordenação relativa dos efeitos lexical e fonético. Por exemplo, é interessante observar que os linguistas de inclinação neogramática resistam à idéia do léxico como controlador primário de uma mudança sonora, mas não à idéia de que, uma vez disparada, a mudança possa ser implementada lexicalmente. Do mesmo modo, nenhum trabalho de inclinação difusionista dirá que o contexto e/ou o efeito fonético não deva(m) ser levado(s) em conta; o que não se aceita é que eles seja uma explicação para uma determinada mudança sonora. Pode-se dizer, portanto, que a diferença básica entre os dois modelos analíticos reside na escolha do controlador principal e do controlador secundário de uma mudança: para o modelo Neogramático temos 1º Fonético > 2º Lexical, enquanto que para o modelo Difusionista temos 1º Lexical > 2º Fonético. (OLIVEIRA, 1995, p. 78).

Para Phillips (1984, p. 337), “Sound changes, as we have seen, can act on either level: physiologically motivated changes act on surface forms, and affect the most

²⁰ Kiparsky (1995) discute essa questão de número de traços apresentados por Labov.

²¹ Tradução realizada pelo próprio autor no artigo: OLIVEIRA, M. A. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ALBANO, E. C.; COUDRY, M. I.; POSSENTI, S.; ALKMIM, T. M. (Org.). *Saudades da Língua: a Linguística e os 25 Anos do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP*. Campinas, Mercado de Letras, 2003. p. 605-620

frequent words first; other sound changes act on underlying forms, and affect the least frequent words first.”²²

Para Bybee (2001), em mudanças de etiologia fonética, os primeiros itens a serem atingidos são aqueles de frequência mais alta.

Bybee (2002, p. 261) argumenta que “phonetically conditioned changes that affect high-frequency words before low-frequency words are best accounted for in an exemplar model of phonological representation that allows for change to be both phonetically and lexically gradual.”²³

Bybee (2002, p. 271) acrescenta: “The discovery that sound change can be both phonetically gradual and lexically gradual forces a different view of the mental representation of the phonology of words (Bybee, 2000b; Hooper, 1981).”²⁴

A autora complementa:

(...) I have proposed a model in which variation and change are not external to the lexicon and grammar but inherent to it (Pierrehumbert, 1994). Sound change is not rule addition – something that happens at a superficial level without any effect on the deeper reaches of grammar. Rather, lexical representations are affected from the very beginnings of the change. Indeed, they supply an ongoing record of the change since they track the details of the phonetic tokens experienced. Further evidence for sound change having an immediate impact on representation is the fact that sound changes are never reversed or undone (Bybee, 2001; Cole & Hualde, 1998). (BYBEE, 2002, p. 287)²⁵

Bybee (2002) aponta alguns estudos que defendem a difusão lexical.

Phillips (1984) argued that even low-level sound changes exhibit gradual lexical diffusion. Similarly, Oliveira (1991) argued that it is likely that gradual lexical diffusion occurs even in changes that turn out to be regular. Krishnamurti (1998) demonstrated that the change of $s > h > \emptyset$ in Gondi

²² Mudanças sonoras, como vimos, podem atuar em qualquer nível: mudanças fisiologicamente motivadas agem nas formas de superfície e afetam as palavras mais frequentes primeiro; outras mudanças sonoras agem sobre as formas subjacentes, e afetam as palavras menos frequentes primeiro. (Tradução nossa)

²³ (...) mudanças foneticamente condicionadas que afetam palavras de alta frequência antes de palavras de baixa frequência são melhor explicadas por um modelo de exemplares de representação fonológica, que permite à mudança ser tanto fonética quanto lexicalmente gradual. (Tradução nossa)

²⁴ A descoberta de que a mudança sonora pode ser tanto foneticamente gradual como lexicalmente gradual força uma visão diferente da representação mental da fonologia das palavras. (Tradução nossa)

²⁵ Eu propus um modelo no qual a variação e a mudança não são externas ao léxico e à gramática, mas inerentes a ambos. (Pierrehumbert, 1994). A mudança sonora não é uma regra adicional – algo que acontece no nível superficial sem um efeito nas áreas mais profundas da gramática. Pelo contrário, as representações lexicais são afetadas no início da mudança. Na verdade, elas fornecem um registro da mudança em andamento ao marcar os detalhes fonéticos realizados. Outra evidência para a mudança sonora ter um impacto imediato na representação é o fato de que as mudanças sonoras nunca são revertidas ou desfeitas (Bybee, 2001; Cole & Hualde, 1998). (BYBEE, 2002, p. 287) (Tradução Nossa)

exhibits gradual lexical diffusion, but still goes through to completion in some dialects. In this review I present evidence to show that even gradual, phonetically conditioned change exhibits gradual lexical diffusion, though it is perhaps of a more subtle nature than the lexical diffusion studied by Wang and Labov. The lexical diffusion examined here for reductive phonetic change is highly conditioned by word frequency. (BYBEE, 2002, p. 263)²⁶

Segundo Faraco, os linguistas contrários aos neogramáticos, baseados em estudos empíricos mostraram que

uma unidade sonora pode mudar de maneira diferente duma palavra para outra, o que significa que a expansão das mudanças é lenta, progressiva e diferenciada tanto no espaço geográfico, quanto no interior do vocábulo, sendo isso decorrência do fato de as condições de uso em que cada palavra se encontra não serem idênticas. Adotar essa concepção não significa defender o caráter casual, fortuito, da mudança; significa, isto sim, mostrar que a realidade da mudança é mais complexa do que sugeria a formulação dos neogramáticos. Mais complexa, porque tem a ver com o contexto concreto em que a língua é falada, contexto este que de forma alguma é uniforme e homogêneo. (FARACO, 1991, p. 95-96).

Apresentaremos a seguir em qual desses modelos alguns pesquisadores, que estudaram as vogais médias pretônicas no português brasileiro, poderiam encaixar a sua análise.

Bisol (1981) analisa as vogais médias pretônicas na fala de moradores do Rio Grande do Sul e conclui que

A regularidade com que a mudança da pretônica ocorre em certos ambientes permite depreender a sistematicidade do fenômeno e descrevê-lo como uma regra gramatical. A mudança $\underline{o} > \underline{u}$ e $\underline{e} > \underline{i}$ é uma regra variável, condicionada por múltiplos fatores, o mais forte dos quais é a vogal alta da sílaba imediatamente seguinte. (BISOL, 1981, 258-259)

Poderíamos, provavelmente, encaixar essa análise em um modelo neogramático.

Viegas (1987, p. 163), ao analisar as vogais médias pretônicas em Belo Horizonte, afirma que “a variação da pretônica ocorre em ambientes que permitem depreender certa sistematicidade do fenômeno e descrevê-lo através de uma regra fonológica variável”, e, após análise da implementação da regra através do léxico e do

²⁶ Phillips (1984) argumenta que até mesmo mudanças sonoras *low-level* apresentam difusão lexical gradual. Da mesma forma, Oliveira (1991) argumenta que é provável que a difusão lexical gradual ocorra até mesmo em mudanças que se tornam regulares. Krishnamurti (1998) demonstrou que a mudança de $s > h > \emptyset$ em Gondi exibe difusão lexical gradual, mas ainda caminha para a completude em alguns dialetos. Nesta revisão eu apresento evidências para mostrar que até mesmo a mudança foneticamente condicionada gradual exibe difusão lexical gradual, embora talvez seja de natureza mais sutil do que a difusão lexical estudada por Wang e Labov. A difusão lexical examinada aqui para mudança fonética de redução de segmentos é altamente condicionada pela frequência da palavra. (BYBEE, 2002, p. 263) (Tradução nossa)

papel da história de cada item lexical, ela conclui que o alçamento é, possivelmente, um processo implementado por difusão lexical.

A autora ressalta que “Temos que relevar a questão do item lexical, sem contudo desprezarmos a regra variável.” (VIEGAS, 1987, p.152)

Silva (1989) embora não use o termo neogramático na sua tese, formula regras categóricas e variáveis para explicar a variação das vogais pretônicas em Salvador.

Castro (1990) explica que tanto o alçamento quanto o abaixamento não são processos casuais, pois tendem a ocorrer em certos ambientes. Ressalta, porém, que o condicionamento fonético não atua em todos os itens lexicais. Após retomar a abordagem que Viegas fez sobre a difusão lexical na sua dissertação, a autora conclui: “Assim, é possível também analisar, conforme Viegas, o aspecto lexical da variação.” (CASTRO, 1990, p. 249)

A autora acrescenta:

Uma análise que envolvesse também o conteúdo semântico como a frequência dos itens lexicais nos estilos formal/informal (Cf. Viegas 1987), por exemplo, possibilitaria verificar, sob outro ângulo, a questão da difusão lexical nos processos de alteamento e abaixamento, ampliando, ainda mais, com outro(s) fator(es), o estudo sobre as vogais médias pretônicas. Os caminhos são vários, porém é preciso escolher. (CASTRO, 1990, p. 249)

Oliveira (1991, p.102),²⁷ ao fazer uma análise do alçamento das vogais médias pretônicas no PB, levando em consideração dados levantados por Viegas (1987) conclui: “O que temos aqui é um caso de difusão lexical. AP²⁸ tem todas as características dos processos difusionistas (...), inclusive a falta de diferenciação social”.

Oliveira escreveu os artigos “Aspectos da difusão lexical” em 1992 e “O léxico como controlador de Mudanças Sonoras” em 1995, que reforçam a teoria da difusão lexical.

Callou; Leite e Coutinho (1991), embora adotem o modelo neogramático para analisar as vogais pretônicas no falar culto carioca, concluem o seu artigo dizendo:

Outra questão que pode ser aventada nos trabalhos sobre harmonização vocálica é a da difusão lexical (...). Infelizmente, não pudemos ainda realizar a quantificação necessária para verificarmos a significância da difusão lexical para a implementação ou inibição deste processo conhecido como harmonização vocálica. Fica bem claro, porém, em nossos dados, que a grande maioria dos itens nunca varia, um pequeno percentual admite duas

²⁷ Tradução realizada pelo próprio autor no artigo: OLIVEIRA, M. A. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ALBANO, E. C.; COUDRY, M. I.; POSSENTI, S.; ALKMIM, T. M. (Org.). *Saudades da Língua: a Linguística e os 25 Anos do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP*. Campinas, Mercado de Letras, 2003. p. 605-620

²⁸ AP: alçamento das pretônicas

realizações e um número diminuto (3 itens) admite a tripla variação (alta, média e baixa). (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991, p. 77)

Poderíamos dizer que Bortoni et al. (1991) utilizam o modelo neogramático para analisar as vogais médias pretônicas em duas variedades do português brasileiro: a alagoana e a brasiliense.

Já Bortoni; Gomes; Malvar (1992) fazem uma análise das vogais médias pretônicas no dialeto de Brasília seguindo o modelo neogramático, mas apontam dados que não podem ser explicados por esse modelo.

Em resumo, apresentamos, neste trabalho, evidências que argumentam a favor da interpretação neogramática do fenômeno estudado, como, por exemplo, a regra de harmonização vocálica na elevação do /e/ e a influência analógica da morfologia derivacional na variação de ambas, mas fomentamos a inquietação do leitor, apresentando dados que aparentemente não são explicados por esse modelo. Fica, então, de pé a polêmica levantada por Oliveira, à espera de outros trabalhos que certamente virão. (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p.27-28)

Viegas (2001) utiliza os dados de Belo Horizonte, coletados na sua dissertação de 1987, com o objetivo de discutir os dois modelos teóricos: o neogramático e o difusionista. Após a análise, Viegas considera que, se temos que optar, o modelo difusionista descreve melhor o alçamento. A autora explica:

A meu ver o modelo difusionista explica melhor a realidade do que o modelo neogramático, pois admite a postulação de regras com um efeito neogramático para alguns tipos de mudanças (para as que os fundadores do modelo neogramático chamavam de mudança sonora, aquelas bem regulares) e além disso abrange outros tipos de mudanças (aquelas que os neogramáticos chamavam de mudanças esporádicas, não favorecidas por fatores fonéticos apenas). As “exceções” não são exceções no modelo difusionista pois, sendo lexical a implementação da mudança, espera-se que os itens todos não tenham exatamente o mesmo “comportamento”. O modelo difusionista descreve melhor o processo porque permite-nos fazer uma análise condizente com as realidades históricas e sociais das comunidades de fala, ou seja, de acordo com a produção e o uso do item e sua valoração social. (VIEGAS, 2001, p. 236)

Klunck (2007) estudou o alçamento das pretônicas em Porto Alegre em contexto sem motivação aparente, ou seja, em palavras cujo contexto não apresenta nenhum fator que determine por si só alterações de traços vocálicos. Ela desconsiderou palavras com contexto de harmonização vocálica, de elevação quase categórica como a vogal /e/ inicial, seguida de /S/ e /N/ e vogais em sequência que podem formar ditongo ou hiato.

A autora concluiu:

Tudo indica que não estamos diante de uma regra no estilo neogramático, como a Harmonia Vocálica, mas diante de um processo que aparece modestamente no léxico como se fosse por ele controlado, pois, na vogal /o/, em que se faz relativamente mais presente, a elevação tende a envolver todo o paradigma a que pertence a palavra que mostra a vogal média convertida em vogal alta. Os registros de elevação ficaram, de fato, limitados à vogal /o/. A vogal /e/ apresentou-se escassamente como alta nos dados. Isso pode ser tomado como indício de que a elevação sem motivação aparente seja um caso de difusão lexical, nas linhas defendidas por Oliveira (1991), embora nos dados descritos se manifeste timidamente. (KLUNCK, 2007, 90-91)

Viana (2008), após análise das vogais médias pretônicas em Pará de Minas, conclui:

Mas, mesmo descrevendo contextos fonéticos favorecedores ou não da variação, vêem-se itens, em ambientes favorecedores, que raramente alçam, e itens, em ambientes considerados desfavorecedores, alçados. Em função disso, concluí ser a mudança sonora lenta e gradual, pois afeta primeiramente algumas palavras específicas e, só então, estende-se, paulatinamente, para outras formas, o que propõe o modelo da Difusão Lexical. (VIANA, 2008, p. 116)

Graebin (2008) analisou o comportamento das vogais médias pretônicas em Formosa-GO e concluiu que os dados não puderam comprovar que a variação das pretônicas esteja sendo motivada única e exclusivamente pelo nível fonético, não confirmando, assim, a visão neogramática. Mas, segundo ela, também não indicaram a ocorrência de um processo puramente difusionista. A autora explicou que nos dados analisados encontrou-se a influência de vários níveis de língua, num constante movimento e numa contínua relação, conforme o modelo dos exemplares proposto por Bybee, “em que tanto a difusão lexical quanto o condicionamento fonético estão em jogo.” (GRAEBIN, 2008, p. 209)

Silveira (2008), após descrever o comportamento das vogais médias pretônicas em nomes da fala culta do noroeste paulista, conclui:

(...) embora a análise dos dados tenha sido priorizada em virtude do que se considera no modelo Neogramático, ou seja, a partir da estrutura interna da palavra, o presente estudo apontou para resultados que podem contribuir para uma abordagem Difusionista. Dessa forma, esta pesquisa busca fornecer elementos para a discussão que envolve esses dois modelos de análise lingüística, ainda que não a faça de modo aprofundado (...). (SILVEIRA, 2008, p.124)

Bisol (2009) analisa dados de Porto Alegre e Curitiba para escrever o artigo: “O alçamento da pretônica sem motivação aparente”. Bisol (2009, p.87-88) conclui que a

harmonia vocálica consiste em “uma regra de assimilação, plenamente incorporada ao sistema” e se enquadra no modelo neogramático. Já a redução vocálica sem condicionador fonético consiste em “uma regra de neutralização, de caráter incipiente que passa despercebida em alguns dialetos”, e corresponde a um processo difusionista.

Sobre a harmonização vocálica, Bisol explica:

É, inegavelmente, uma regra neogramática, dependente do sistema, favorecida por certos contextos, o que não a impede de ser aplicada em contextos menos favorecedores, em virtude de seu caráter variável, sempre, porém, sob a égide de seu condicionador fonético, a vogal alta seguinte. (BISOL, 2009, p.87)

Sobre o alçamento sem motivação aparente (redução vocálica), Bisol explica:

Talvez mais argumentos sejam necessários, mas diante dos resultados deste estudo, podemos afirmar que a redução sem condicionador fonético específico dá sinais claros de ser um processo difusionista, cujo canal de expansão é o léxico por onde se estende via grupos de palavras com uma base em comum. Tal procedimento permite identificar o papel da analogia que é comum a processos difusionistas, conforme afirmam os protagonistas desta versão de mudança sonora. (BISOL, 2009, p. 92)

Carmo (2013) concorda com essa proposta defendida por Bisol e explica:

A variedade do noroeste paulista parece corroborar essas afirmações. Nesse dialeto, a harmonização vocálica é mais recorrente e a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é um fator altamente favorecedor do alçamento, como apontado pelo programa estatístico. A redução vocálica, por sua vez, é menos frequente, e os dados mostram que esse processo, especialmente no que diz respeito à pretônica /o/, tende a atingir vocábulos do mesmo paradigma. (CARMO, 2013, p. 215)

Cruz (2010, p.148), após descrever e analisar o processo de alçamento sem motivação aparente das pretônicas em Porto Alegre, caracterizado pela ausência da vogal alta na sílaba seguinte, conclui: “Ao que tudo indica, o resultado das variáveis selecionadas indica um processo de cunho neogramático presente no modelo variacionista, entretanto o controle realizado de determinados itens lexicais mostrou que há indícios de condicionamento lexical.”

Tondineli (2010) investigou o alçamento e o rebaixamento das vogais médias pretônicas e postônicas não finais de itens lexicais no dialeto de Montes Claros/MG e adotou o modelo da difusão lexical para sua análise: “conclui-se ser a mudança sonora lenta e gradual, pois afeta primeiramente algumas palavras específicas e, só então, estende-se, paulatinamente, para outras formas, o que propõe o modelo da difusão lexical.” (TONDINELI, 2010, p.144)

Bisinotto (2011) conclui que o alçamento das vogais médias pretônicas no falar de Ituiutaba/MG configura-se por aspectos neogramáticos.

Felice (2012) concluiu que a variação das vogais médias pretônicas em Uberlândia é condicionada por aspectos difusionistas e neogramáticos:

Além do contexto para a Harmonia Vocálica, uma regra nos moldes neogramáticos, há também inúmeros itens que vão ao encontro da hipótese difusionista, vocábulos que não possuem ambiente fonético para que o alçamento aconteça e, mesmo assim, a vogal pretônica é alçada, como os casos de alçamento sem motivação aparente, por exemplo, *t[u]mate*, *c[u]meço*, *s[i]nhor*, *p[i]quena*. Além disso, ocorrem também os casos que ora alçam e ora não alçam, como *f[i]liz/f[e]liz*, *f[u]lia/f[o]lia*, o que certamente comprovam a variabilidade do fenômeno. (FELICE, 2012, p. 119-120)

Vimos que há vários trabalhos que tratam o fenômeno de maneira diferente, ora utilizando um modelo, ora outro, ora tentando conciliá-los.

4.3 Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1976) e Geometria de Traços (Clements e Hume, 1996)

Para análise dos processos fonológicos utilizamos a Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1976) e Geometria de Traços (Clements e Hume, 1996).

Goldsmith, em sua tese de doutorado, em 1976, propôs uma teoria para tratar dos fenômenos tonais. O autor propôs que as representações fonológicas e fonéticas não consistiam numa única cadeia de segmentos. Explicou que existem formas subjacentes e de superfície que consistem em cadeias de segmentos paralelos dispostas em dois ou mais níveis. Então, propôs que as representações fonológicas se constituem de diversos níveis paralelos e que há uma hierarquia entre os traços que integram a estrutura interna dos segmentos. Dessa forma, os segmentos são analisados em camadas ou *tiers*. Assim, os sons são divididos em partes tomadas independentemente.

Matzenauer (2010, p. 45) pontua: “A Fonologia Autossegmental opera não só com segmentos completos e com matrizes inteiras de traços, mas também com **autossegmentos**, ou seja, permite a segmentação independente de parte dos sons das línguas.”

A autora explica que, de acordo com essa teoria, não existe uma relação de um-para-um (relação bijectiva) entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza, como nos modelos lineares ou segmentais.

Desse entendimento, duas consequências relevantes decorrem: “a) os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e b) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.” (MATZENAUER, 2010, p. 45)

De acordo com a fonologia autosegmental, cada traço pode funcionar isoladamente, ocupando um *tier* independente, ou pode funcionar como um conjunto solidário.

Todos os segmentos podem ter sua estrutura interna representada por um diagrama em forma de árvore, com os traços distribuídos pelos vários níveis, de tal modo que nenhum traço aparece em mais de um nível. Matzenauer (2010, p. 46) exemplifica: “Assim, uma regra pode operar somente no *tier* [nasal], ou no *tier* [contínuo] ou no *tier* [aberto], por exemplo. Como consequência desse entendimento é que o ‘processo de assimilação’ pôde ser visto como um espraçamento de traço(s) (...)”.

Os vários *tiers* são ligados por linhas de associações, com algumas restrições – o Princípio de Não Cruzamento de Linhas/PNC e o Princípio de Contorno Obrigatório/PCO -, que serão abordadas mais adiante.

A fonologia autosegmental aplicou-se inicialmente a línguas tonais, com os estudos de Goldsmith (1976). Clements, posteriormente, direcionou esses estudos para outros fenômenos originando, assim, a Geometria de Traços.

Matzenauer (2010, p.47) explica que Clements (1985, 1989, 1991) propôs uma *geometria de traços* para “representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e o fato de que os traços podem ser tanto manipulados isoladamente como em conjuntos solidários.”

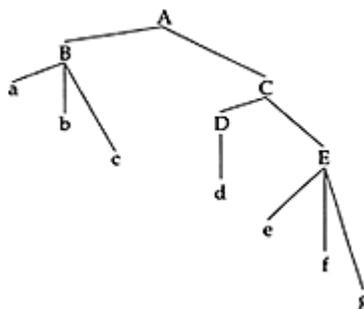
Trataremos aqui da última versão da *geometria de traços* que consta em Clements e Hume (1996), publicada com o título: *The Internal Organization of Speech Sounds*.

Geometria de Traços (Clements e Hume, 1996)

Clements e Hume (1996, p. 4) explicam: “In this approach, segments are represented in terms of hierarchically-organized node configurations whose terminal nodes are feature values, and whose intermediate nodes represent constituents.”

Matzenauer (2010) traduz essa explicação de Clements e Hume como: nós terminais são traços fonológicos e nós intermediários são classes de traços.

Clements e Hume (1996) fazem a representação dos traços numa estrutura arbórea:



CLEMENTS; HUME, 1996, p. 4

Os autores explicam:

- O nó de raiz (A) corresponde ao segmento propriamente dito e é dominado por uma unidade abstrata de tempo (X);
- B, C, D, E – representam nós de classe – dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas;
- D e E são irmãos e dependentes de C;
- a, b, c, d, e, f, g - nós terminais - são traços fonológicos;
- Os nós são ligados por linhas de associação.

Segundo os autores, a geometria de traços assume alguns princípios que definem as representações com boa-formação. Um desses princípios é o seguinte:

- *As regras fonológicas constituem uma única operação*

Clements e Hume (1996) pontuam que esse princípio prevê, por exemplo, que uma regra fonológica pode afetar o conjunto de características **d, e, f, g**, realizando uma única operação no componente **C**, no entanto, nenhuma regra pode afetar os nós **c, d, e** numa única operação, uma vez que eles não fazem parte de um mesmo nó de classe. Em geral, uma teoria que incorpora esse princípio afirma que apenas conjuntos de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas.

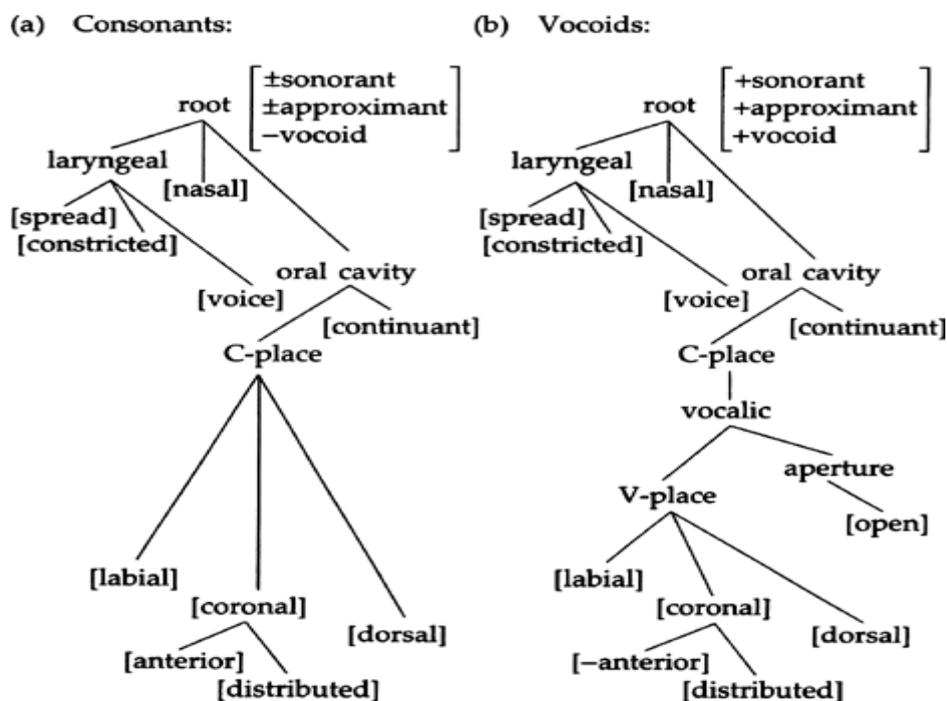
Os autores dão respostas preliminares à pergunta: Como os traços são organizados?

(a) Os traços são dispostos em camadas separadas, em que eles podem estabelecer relações não lineares (*nonbijective*) uns com os outros;

(b) Os traços são ao mesmo tempo organizados em representações hierárquicas, em que cada constituinte pode funcionar como uma unidade única em regras fonológicas.

A tarefa empírica da geometria de traços é determinar quais são os nós, e como esses nós são organizados.

Vejamos a representação da organização hierárquica de consoantes e vogais, segundo Clementes e Hume:



CLEMENTS; HUME, 1996, p. 37

Segundo os autores, qualquer som da fala pode ser representado por essa hierarquia. Alguns traços são binários: representados em termos de presença (+) ou ausência (-). Outros são monovalentes: só permitem a representação em termos de presença.

Matzenauer explica:

A estrutura arbórea que representa a *geometria de traços* possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, atendendo sempre ao princípio referido (...), isto é, tem de mostrar que constituem uma única operação, seja de desligamento de uma linha de associação ou de espraiamento de um traço. Em consequência, a estrutura apresenta, sob o mesmo nó de classe, traços que funcionam solidariamente em processos fonológicos. Isso quer dizer que essa estrutura encontra evidência no funcionamento da fonologia das línguas: a existência de cada nó de classe e a subordinação de traços na estrutura não é aleatória, ou seja, os nós têm razão de existir quando há comprovação de que os traços que estão sob o seu domínio funcionam como uma unidade em regras fonológicas. (MATZENAUER, 2010, p.52)

Nó de raiz: Clementes e Hume (1996) explicam que o nó de raiz domina todos os traços e representa o segmento como uma unidade fonológica. Os autores ressaltam que Schein e Steriade (1986) e McCarthy (1988) atribuem um status especial ao nó de raiz,

pois ele é constituído pelos chamados traços maiores: [soante], [aproximante] e [vocoide]. A unidade desses traços deriva de seu papel de dividir os segmentos em grandes classes (obstruintes, nasais, líquidas e vogais) e definir o seu grau de sonoridade. A escala de sonoridade é construída em função dos valores positivos dos traços. Esses traços nunca podem espriar ou desligar-se isoladamente. Vejamos a escala de sonoridade.

	[sonorant]	[approximant]	[vocoid]	sonority rank
obstruent	–	–	–	0
nasal	+	–	–	1
liquid	+	+	–	2
vocoid	+	+	+	3

CLEMENTS; HUME, 1996, p. 18

A organização dos traços das consoantes

Nó laríngeo: o nó laríngeo pode espriar-se ou desligar-se não apenas individualmente, mas como uma unidade, explicam Clements e Hume (1996).

Nó cavidade oral: apresenta os seguintes nós sob o seu domínio: [\pm contínuo] e o nó dos Pontos de C. Matzenauer (2010, p. 55) ressalta que esse nó “tem sua presença na estrutura justificada por existirem processos fonológicos em que há o funcionamento solidário dos traços que estão sob o seu domínio (...)”.

Nó pontos de consoante: “O nó pontos de consoante funciona como uma unidade nas regras de assimilação de ponto: os traços de ponto no trato vocal [labial], [coronal] e [dorsal] e seus dependentes espriam, nessas regras, como um todo.” (MATZENAUER, 2010, p. 56)

A organização dos traços das vogais

Nó vocálico: apresenta os seguintes nós sob o seu domínio: nó Pontos de V e nó abertura. Assim, caracteriza os traços vocálicos como uma unidade funcional. Segundo

Clements e Hume (1996), todos esses traços podem espriar livremente através de consoantes simples, pois elas não têm nó vocálico para bloquear esse processo.

Nó pontos de vogal: Clements e Hume (1996) propõem os traços [labial], [coronal] e [dorsal] para o nó Pontos de V. Eles usam os mesmos pontos de constrição das consoantes e explicam que esses traços são suficientes para distinguir o ponto de articulação das vogais, substituindo dessa forma, os tradicionais traços [posterior] e [arredondado].

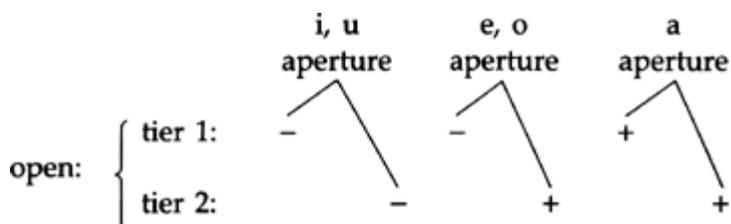
Clements e Hume (1996, p. 25) explicam que esse modelo, baseado na constrição, prevê uma classe natural correspondente a cada um dos traços de ponto no trato oral:

- a) [labial] - consoantes labiais; vogais arredondadas ou labializadas;
- b) [coronal] - consoantes coronais; vogais anteriores;
- c) [dorsal] - consoantes dorsais; vogais posteriores.

Esses traços funcionam como uma unidade.

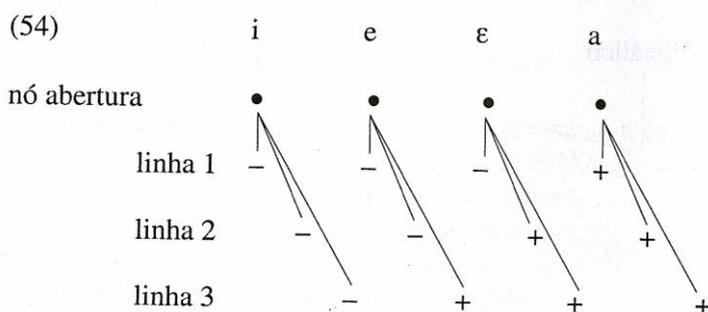
Nó abertura: Clements e Hume (1996) explicam que Hyman (1988), Clements (1989b, 1991) e Odden (1991) apresentaram evidências em várias línguas de que para caracterizar a altura das vogais, é necessário apenas um traço: [aberto], dominado pelo nó abertura.

Para expressar vários graus de altura da vogal, o traço [aberto] é disposto em vários *tiers*, aos quais é atribuído valor + ou -.



CLEMENTS; HUME, 1996, p. 29

Matzenauer (2010) explica que pode-se ter sistemas com três, quatro ou mais alturas vocálicas.



MATZENAUER, 2010, p. 59

A autora pontua:

(...) dessa representação, decorrem implicações em relação a classes naturais de segmentos vocálicos. Note-se, por exemplo, que, com os valores ali expressos, anulada a linha 3, as vogais /i, e/ passam a compartilhar os mesmos valores de traços - [-ab1, -ab2] - e esse fato as integra numa mesma classe natural. A partir dessa constatação, Clements (1989) propôs uma representação diferenciada para línguas como o Francês, que, com sistemas de quatro alturas de vogais, em geral agrupam /ε, e/ como classe natural, em oposição a /i/, e não o contrário, isto é, não agrupam, por exemplo, /i, e/ em oposição a /ε/. (MATZENAUER, 2010, p. 60)

No Português há neutralização das vogais /e, ε/ em certas posições. Então, é preciso reorganizar os sistemas de quatro alturas vocálicas. Wetzels (1992) propõe a seguinte representação para a abertura das vogais do português:

Abertura / Vogal	i/u	e/o	ε/ɔ	a
Aberto1	-	-	-	+
Aberto2	-	+	+	+
Aberto3	-	-	+	+

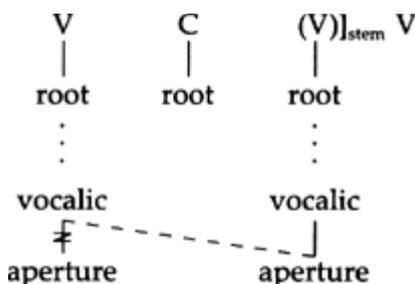
“Os diferentes graus de abertura, representados pelos *tiers* dispostos ordenadamente, ligam-se a um único nó abertura. Essa ligação na geometria expressa o fato de que todos os graus de abertura podem espalhar juntos, como uma unidade.” (MATZENAUER, 2010, p. 60).

Clements e Hume (1996) usam exemplos de Quicoli (1990) e Wetzels (1993) sobre as vogais médias do Português. Apresentam uma comparação entre as formas da 1ª pessoa e da 2ª pessoa do presente do indicativo:

2nd person:			1st person:		
mɔr-a-s	[móras]	“you reside”	mɔr-a-o	[móro]	“I reside”
mɔv-e-s	[móves]	“you move”	mɔv-e-o	[móvo]	“I move”
sɛrv-i-s	[sérves]	“you serve”	sɛrv-i-o	[sírvo]	“I serve”

CLEMENTS; HUME, 1996, p. 28

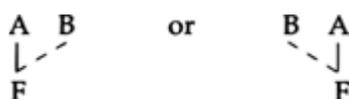
Os autores explicam que na 1ª pessoa, a vogal média da raiz assimila a altura (ou seja, o nó abertura) da vogal não baixa do tema, tornando-se vogal média alta antes de [e] e vogal alta antes de [i]; a vogal temática é apagada. Não há assimilação na 2ª pessoa. Eles representam a assimilação da seguinte forma:



CLEMENTS; HUME, 1996, p. 28

Clements e Hume (1996) apresentam alguns processos fonológicos na perspectiva da representação hierárquica de traços. Apresentam também alguns princípios que delimitam a aplicação de regras.

Assimilação: as regras de assimilação são caracterizadas como a associação (ou “espraiamento”) de um traço de um segmento A para um segmento vizinho B, conforme Clements e Hume (1996).



CLEMENTS; HUME, 1996, p. 10

Os autores explicam que há diferentes tipos de assimilação, a depender da natureza do segmento afetado.

- *feature-filling mode*: se a regra espraiava traços que ainda não estão especificados no alvo. Esse é considerado o modo não marcado (ou *default*) de assimilação.
- *feature-changing mode*: se a regra se aplica aos segmentos já especificados para o espraiamento de traços, substituindo seus valores originais.
- *single-feature*: apenas um traço terminal se espraiava. Exemplos: harmonia vocálica, assimilação de vozeamento e assimilação nasal.

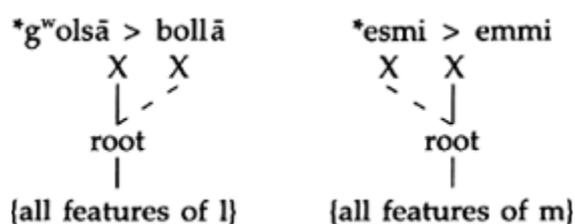
Clements e Hume (1996) ressaltam que pode-se distinguir diferentes tipos de assimilação de acordo com a identidade do nó de espraiamento. Se o nó raiz se espraia, o segmento afetado irá adquirir todos os traços do gatilho. Em *feature-changing mode* esse processo é chamado de assimilação completa ou total, dando o efeito de apagamento com alongamento compensatório.

Os autores exemplificam esse processo de assimilação total com o Grego Antigo:

*g^wolsā	>	bollā	"council"
*awsōs	>	awwōs	"dawn"
*esmi	>	emmi	"I am"
*naswos	>	nawwos	"temple"

CLEMENTS; HUME, 1996, p. 11

[s] assimila todos os traços do segmento soante precedente ou seguinte. Esse processo pode ser representado da seguinte forma:



CLEMENTS; HUME, 1996, p. 11

Dissimilação: é o processo pelo qual um segmento desaparece ou modifica-se por apresentar um traço presente em um segmento vizinho (ou próximo), explicam Clements e Hume (1996). Ressaltam que regras de dissimilação são comuns em todos os idiomas.

Os autores pontuam que a dissimilação pode ser expressa como um desvinculamento (*delinked*): um traço ou um nó é desvinculado de um segmento, o nó órfão é, então, eliminado por meio de uma convenção geral.

Clements e Hume (1996) explicam por que o desvinculamento, geralmente, tem uma função dissimilatória. Segundo eles, tem a ver com o OCP (*Princípio de Contorno Obrigatório*), segundo o qual, elementos adjacentes idênticos são proibidos.

De acordo com os autores, pela afirmação expressa, o OCP pode proibir não só segmentos adjacentes idênticos, mas também traços ou nós adjacentes idênticos em um dado *tier*, bem como regras que possam criar violações a esse princípio,

Neutralização: elimina a oposição entre dois ou mais traços fonológicos em certos contextos, conforme Trubetzkoy (1939) apud Clements e Hume (1996).

Clements e Hume (1996) exemplificam com o Coreano: nessa língua o contraste entre obstruintes desvozeadas, aspiradas e tensas é neutralizado (em coda silábica). As obstruintes coronais /t th t' č čh č' s s' / e (para alguns falantes) /h/ são neutralizadas em [t] no mesmo contexto. Em estilo de fala mais rápido ou mais casual, no entanto, as coronais podem assimilar totalmente uma pausa seguinte em condições que variam entre os falantes.

	/-e/ "in"		/-kwa/ "and"		
		slower	or	faster	
/pat ^h /	pat ^h -e	pat-k'wa	or	pak-k'wa	"field"
/os/	os-e	ot-k'wa	or	ok-k'wa	"clothes"
/čəč/	čəč-e	čət-k'wa	or	čək-k'wa	"mother's milk"
/k'oc ^h /	k'oc ^h -e	k'ot-k'wa	or	k'ok-k'wa	"flower"

MARTIN (1951); CHO (1990); KIM (1990) apud CLEMENTS; HUME, 1996

Transparência e Opacidade

Clements e Hume (1996) explicam que delimitar o domínio dentro do qual as regras podem ser aplicadas é um problema. As regras podem afetar não apenas os segmentos adjacentes, mas também os segmentos que ocorrem a uma certa distância um do outro. Exemplificam com as regras de harmonia vocálica e assimilação que normalmente se aplicam de vogal para vogal, independentemente da intervenção de consoantes. Mas ressaltam que há limites importantes em relação à distância a que uma regra afeta um segmento. E apresentam mais um princípio: *Princípio de não cruzamento de linhas (NCL)*.

De acordo com esse princípio, linhas de associação ligando dois elementos do *tier j* a dois elementos do *tier k* não podem cruzar, explicam os autores.

Por esse princípio, é permitida a representação (a), mas não é permitida a representação (b):



CLEMENTS; HUME, 1996, p. 16

Matzenauer explica:

Esse princípio funciona como uma **Condição de Boa-Formação**, que bloqueia a aplicação de qualquer regra que possa violá-lo. O modelo prediz que regras de assimilação do nó de ponto ficarão restritas a consoantes que são imediatamente adjacentes, uma vez que uma vogal ou consoante entre elas bloquearia a assimilação porque o espriamento cruzaria linhas no mesmo plano. (MATZENAUER, 2010, p. 65)

5 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

A realização das vogais médias pretônicas no falar dos Piranguenses, Ouro Branquenses e Machacalienses pode ser caracterizada como um fenômeno variável. Assim, o modelo teórico metodológico que norteia a condução deste trabalho é o da teoria Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística, proposta por Labov (1972).

O referido autor propõe que a variação pode ser condicionada por aspectos sociais e por aspectos linguísticos. Dessa maneira, é possível ordenar o aparente “caos” da linguagem.

Além de apontar que a heterogeneidade e a variação são inerentes a todas as línguas, a sociolinguística variacionista apresenta uma metodologia eficaz que evidencia a ordem na aparente desordem ou heterogeneidade. Dessa forma, esse modelo teórico-metodológico proposto por Labov busca analisar e sistematizar a variação ou heterogeneidade existente na fala de uma comunidade linguística.

Segundo Labov (1972), duas ou mais formas distintas com o mesmo valor de verdade no mesmo contexto constituem uma *variável linguística*. As formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas *variantes linguísticas*. E para definir uma variável linguística é necessário:

- a) definir o número exato de variantes;
- b) estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece;
- c) elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

Uma variável é chamada de dependente porque o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores (ou variáveis independentes²⁹) de natureza interna ou social, que podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

Para mensurar a influência das variáveis independentes na variável dependente, grande parte dos estudos variacionistas tem utilizado um método estatístico denominado de *regressão*, que possibilita investigar a mudança na variável dependente correspondente à mudança nas variáveis independentes. Na **Seção 5.6**, será apresentado o modelo estatístico utilizado na análise variacionista aqui apresentada.

²⁹ As variáveis independentes recebem essa denominação porque devem ser postuladas de forma que não haja dependência entre elas.

Através dos métodos quantitativos, é possível extrair regularidades a partir de dados empíricos, e descobrir diferenças sistemáticas entre os falantes, associadas ao ambiente linguístico e ao contexto social em que estão inseridos.

5.1 População e Amostra

O banco de dados que utilizamos nesta pesquisa foi coletado e codificado, por nós e por Almeida durante o mestrado. Ambos os bancos, integram o *corpus* do Varfon-Minas. O *corpus* aqui utilizado foi constituído com dados da fala de 24 informantes que foram selecionados considerando os fatores sociais: origem, gênero/sexo e faixa etária. Como pode ser visto no quadro seguinte:

Quadro 4: Informantes e faixa etária

OURO BRANCO		PIRANGA		MACHACALIS	
18 a 24 anos	2 informantes masculinos	18 a 24 Anos	2 informantes masculinos	18 a 24 Anos	2 informantes masculinos
	2 informantes femininos		2 informantes femininos		2 informantes femininos
40 a 60 anos	2 informantes masculinos	40 a 60 Anos	2 informantes masculinos	40 a 60 Anos	2 informantes masculinos
	2 informantes femininos		2 informantes femininos		2 informantes femininos
Total	8 informantes	Total	8 informantes	Total	8 informantes

Optamos por deixar um espaço entre as faixas etárias, porque estamos trabalhando com apenas duas faixas e, quanto maior a diferença etária, maior a chance de apreendermos diferenças no uso das variantes, caso existam essas diferenças.

Então, optamos por uma faixa etária de 18 a 24 anos, a qual denominamos “jovens” e outra faixa etária de 40 a 60 anos, a qual denominamos “adultos”.

Segundo Labov (1972), é preciso estabelecer parâmetros rígidos para a seleção dos informantes, como, por exemplo, entrevistar apenas indivíduos que tenham nascido na comunidade pesquisada ou tenham chegado a ela até os 5 anos de idade. Tarallo (1994, p.28) ressalta: “Com isso você evitará que a escolaridade do informante em uma outra comunidade, ou sua interação com falantes de outro centro até a fase crítica da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo estudado”.

Assim, os critérios adotados para a escolha dos informantes foram os seguintes:

- a) ser pessoa nascida e moradora do município de Piranga, quando a entrevista for feita nesse município;
- b) ser pessoa nascida e moradora da município de Ouro Branco, quando a entrevista for feita nesse município;

- c) ser pessoa nascida e moradora da município de Machacalis, quando a entrevista for feita nesse município;
- d) ter o ensino médio completo e pertencer ao grupo social intermediário, controlando, dessa maneira, as variáveis sociais não pesquisadas;
- e) ter boa dicção, já que o estudo das variáveis depende de uma boa qualidade sonora;
- f) estar disposta(o) a realizar entrevista gravada e autorizar a gravação;

Esse controle foi feito para que se pudessem anular possíveis interferências de fatores diferentes daqueles pesquisados.

O projeto que deu origem a esta tese foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/UFMG). Todos os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Tal termo esclarece a natureza e as condições do estudo e informa que a participação do informante é voluntária e que ele pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. O **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** pode ser lido, integralmente, no **ANEXO B**.

5.2 Coleta de dados

Para a coleta de dados, utilizamos a técnica da entrevista gravada. Foram gravados 60 minutos de entrevistas com 24 informantes, seguindo a metodologia empregada, usualmente, em estudos de caráter variacionista.

Segundo Labov (1972), nossas entrevistas se basearam em assuntos do cotidiano dos informantes. Assim, os temas das entrevistas gravadas foram subordinados às predileções de cada informante. Fizemos o possível para criar um ambiente favorável, deixando fluir o vernáculo, estilo em que o mínimo de atenção é dado à fala.

5.3 Transcrição dos dados

Baseando em Viegas (1987), as entrevistas foram transcritas de acordo com os padrões ortográficos da língua portuguesa. Essa forma de transcrição foi adotada porque possibilita a localização automatizada das palavras faladas nas entrevistas, considerando como iguais formas como, por exemplo: *descobriu* e *discubriu*. Posteriormente, os casos de vogais médias pretônicas foram ouvidos novamente e a variável dependente foi

codificada. As características da fala dos informantes como, por exemplo, concordância e regência verbais e nominais, foram respeitadas tal como pronunciadas.

5.4 Variáveis

A variável dependente

As formas variantes, ou variáveis dependentes, que nos propomos analisar são as realizações das vogais médias pretônicas (e) e (o):

- a) fechadas
- b) abertas
- c) altas

As variáveis (e) e (o) serão analisadas separadamente como já explicado.

Fatores internos ou variáveis internas independentes

Tipo silábico

Viegas (1987) constatou que as sílabas travadas por fricativa (VC) [*i*]*spressa* e por nasal (VN) [*i*]*ncarnou* (nesse caso, em início de palavra) são altamente favorecedoras do alçamento de (e); já a sílaba aberta (V) inicial o desfavorece. Para o alçamento de (o), Viegas apontou as sílabas CV (*c[u]berto*) e CVC (*c[u]steleta*), – nesse caso, quando travada por fricativas – como favorecedoras e a sílaba travada por nasal (CVN) como desfavorecedora (*c[o]nciso*).

Battisti (1993) mostra a influência do tipo silábico no alçamento das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo. Em seus estudos, a sílaba pesada favorece o alçamento das médias pretônicas em todos os grupos pesquisados.

Segundo Célia (2004), a estrutura da sílaba em que se encontra a vogal pretônica também é um fator relevante para o alçamento. As sílabas abertas CV favorecem o alçamento (*p[i]dir*, *c[u]mer*) e as sílabas travadas CVC o inibem (*p[e]rder*, *d[o]rmir*). Já no processo de abaixamento das vogais médias pretônicas, a estrutura silábica seria de importância secundária.

Assim, esse fator merece investigação.

Vogal da sílaba tônica

Nos trabalhos sobre vogais médias pretônicas (já citados nesta pesquisa), esse grupo de fator – vogal da sílaba tônica – é sempre destacado. Neste trabalho, pretendemos testar se as vogais pretônicas das cidades estudadas sofrem o processo de harmonização vocálica, que, segundo Camara Jr. (2008), ocorre quando a vogal alta tônica exerce uma ação assimilatória sobre a pretônica.

Viegas (1987, p.130) conclui que o alçamento de (e) em Belo Horizonte “é um processo de harmonização vocálica evidente (como diziam CÂMARA JR. (1969), BISOL (1981) e LEMLE (1974)) devido à grande influência da vogal alta seguinte (...)”.

Segundo Yacovenco (1993), no falar culto carioca, para a regra de alçamento de (e), os maiores índices percentuais relacionam-se à vogal alta homorgânica e à alta não homorgânica. Yacovenco (1993, p.176) conclui que “a vogal anterior oral tem sua realização intimamente ligada ao tipo de vogal tônica que a sucede, ou ainda, a vogais tônicas de formas subjacentes (...)”.

Freitas (2001) explica que em Bragança há uma frequência menor das variantes altas [i] e [u], em relação às variantes médias e baixas, mas, quando ocorrem, são favorecidas pela vogal alta da sílaba seguinte.

Célia (2004) explica que em Nova Venécia a vogal tônica alta anterior /i/ favorece a aplicação da regra, tanto para (e) quanto para (o) (*al[i]gria, ch[u]via*). Já a vogal tônica alta posterior /u/ só favorece o alçamento de (o) (*s[e]gunda, c[u]stume*).

Vogal entre a vogal da variável e a tônica

Para Bisol (1981), a harmonia vocálica ocorre quando uma vogal alta da sílaba imediatamente seguinte exerce, independente da sua tonicidade, uma ação assimilatória sobre a pretônica.

Battisti (1993) mostra que a vogal alta na sílaba seguinte, mesmo não sendo tônica, favorece o alçamento da pretônica em sílaba inicial.

Segundo Freitas (2001), a variação das vogais médias pretônicas é desencadeada pelos contextos vocálicos imediatamente seguintes, independente da tonicidade, por processo de assimilação.

Célia (2004) também mostra que o fator mais importante na harmonização vocálica é a proximidade da vogal favorecedora da harmonia, não a tonicidade dessa vogal.

Bisol (2013a), ao tratar da harmonização Sul/Sudeste, explica:

A localidade é violada, quando o traço harmonizante pula um segmento que tem traços apropriados para legitimar o processo, a exemplo de *sinhoria* e *milhoria* com um segmento interveniente que, de um modo ou de outro, não realizou o traço. (...) Todavia casos como *melancia*/**milancia* não constituem assimilação à longa distância, porque a vogal intermediária não tem condições em termos de traços para harmonizar. É, sim, um caso de legítimo bloqueio de uma vogal associada a traços que não são condizentes em nenhum ponto com a vogal gatilho, uma condição necessária para a harmonização, segundo Clements and Sezer (1982) e Zygis and Padgett (2010). (BISOL, 2013a, p.52)

Abaurre e Sandalo (2012), ao tratar da harmonia vocálica em alguns dialetos de alguns estados brasileiros, dizem que a vogal /a/ não exerce influência sobre o abaixamento, quando se encontra entre a variável dependente e a vogal que favorece o abaixamento.

Tipo de morfema em que a vogal esteja inserida

A inclusão da variável *Tipo de morfema em que a vogal esteja inserida* foi motivada para averiguar se a realização das variantes é favorecida pela estrutura da palavra. Outros autores estudaram essa variável. Bisol (1981) ressalta que

A regra de harmonização vocálica que atua no âmbito da estrutura de vocábulo (*menino* ~ *minino*) e ultrapassa por vezes juntas morfêmicas (*sofria* ~ *sufria*) não alcança prefixos (*predizer* ~ **pridizer*) ou qualquer formação vocálica que se assente no processo de composição (*sempre-viva*, **simpri-viva*) [...]. (BISOL, 1981, p. 108).

Dados de Viegas e Veado (1982), *apud* Viegas (1987), mostram um grande número de palavras com prefixo *de-/des-* alçadas, como, por exemplo: *disnecessário*, *disliga*.

Paradigma

Em alguns casos, a abertura da vogal pode ter sido favorecida por um paradigma que apresenta uma vogal média baixa de 1º grau. Por exemplo: *portaria* pertence ao paradigma de *porta*; *versículo* de *verso*; e *terreno* de *terra*. Talvez pudéssemos falar em influência do acento secundário morfológico.

De acordo com Mateus et al. (2006), as palavras com os sufixos *-zinho*, *-zito*, *-zão* etc. (como *papelzinho* ou *mulherzita*) e com o sufixo *-mente* (como *belamente*), possuem acento secundário morfológico, pois nestas palavras existe um acento

secundário decorrente da estrutura morfológica, dado que a sua forma de base é uma palavra e o sufixo também funciona como uma palavra.

Bisol ressalta:

Parece que é a preservação do acento secundário que intercepta a regra que torna [-bx] as vogais baixas, ou seja, usando termos da fonologia clássica, a neutralização. Ex. b[ɛ]la, b[ɛ]lamente, b[ɛ]líssimo; f[ɛ]ra, f[ɛ]razinha; b[ɔ]la, b[ɔ]linha; mas não b[e]líssimo, b[ɔ]linha (Leite, 1974; Mira Mateus, 1975). (BISOL, 1981, p.101)

Segundo Bisol (1981), a vogal média pretônica tende a manter a natureza da vogal tônica a que está relacionada, em palavra primitiva, em função de o falante guardar na lembrança a natureza da vogal acentuada.

Distância da sílaba tônica

A posição da sílaba tônica influencia a aplicação da regra de assimilação. Segundo Bisol (1981, p.115), “[...] é natural a regra de assimilação que atinge sons vizinhos e não natural a que pula uma sílaba para afetar terceiras.”

Battisti (1993) conclui, a partir de seus dados, que as posições mais próximas à sílaba tônica favorecem o alçamento. Mas ela ressalta que esse fato se mostra mais claro para (e) do que para (o).

A questão do acento secundário deve ser tratada aqui também.

Mateus et al. (2006, p.1059) explicam: “Os acentos secundários ocorrem em intervalos regulares, sempre em sílabas pré-tônicas, e a sua localização resulta do agrupamento das sílabas da palavra.”

Collischonn (1994) ressalta que o acento secundário obedece sistematicamente a uma contagem binária. Explica que, quando o número de sílabas pretônicas é par, a primeira sílaba é acentuada a cada segunda sílaba à direita desta. Quando o número de sílabas pretônicas é ímpar, há duas possibilidades: a segunda sílaba é acentuada a cada segunda sílaba à direita desta ou a primeira sílaba é acentuada e o acento seguinte somente cai sobre a terceira sílaba à direita desta. A autora dá alguns exemplos:

co.li.'brí
 tem.pe.ra.'tu.ra/ tem.pe.ra.'tu.ra
pro.ba.bi.li.'da.de
 a.con.di.cio.na.'men.to/ a.con.di.cio.na.'men.to

Collischonn (2007) explica que

uma palavra pode ter acento secundário, ou seja, uma sílaba mais proeminente do que as demais sílabas que não carregam acento primário (em palavras mais longas, podemos encontrar até mais de uma sílaba com acento secundário), por exemplo, em *hereditária*, *inexistência*, *esquecimento*, *fantasmagoria*; embora seja difícil determinar o expoente fonético principal para o acento secundário, Moraes (2003) observa que em português a variação na frequência fundamental pode ser comumente associada ao acento secundário. (COLLISCHONN, 2007, p.196)

Graebin (2008) incluiu o acento secundário como um dos grupos de fatores linguísticos na análise das vogais médias pretônicas em Formosa. Ela levantou a seguinte hipótese: “quanto mais longe da tônica as vogais /e/ e /o/ estiverem, maior será a probabilidade de o falante fazer uso do acento secundário e, conseqüentemente, do abaixamento.” (GRAEBIN, 2008, p. 123).

Após análise dos resultados, a autora concluiu que os resultados foram mais nítidos para a (o) do que para (e). Em relação à pretônica (e), “Os pesos relativos atribuídos pelo programa indicam que o distanciamento da tônica favoreceu tanto a elevação quanto o abaixamento, em oposição à manutenção da pretônica /e/.” (GRAEBIN, 2008, p. 185).

Ao observar os itens listados por Graebin, notamos que ela não separou início de palavra e prefixo *des-*. Como Graebin (2008, p. 186) mesmo observou, “(...) a escolha da variante [i] em sílabas distantes da tônica aconteceu geralmente em itens com a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte ou o prefixo *des-*.” Vejamos os itens:

- distância de 2 sílabas da tônica: *rivirar*, *pricisô*, *ixistiu*, *ixistia*, *ixistência*, *dizenove*, *dizessete*, *pirigoso*, *disisti*, *discansô*, *milhorado*, *ixamina*, *sigurança*.
- 3 sílabas antes da tônica: *disvinculei*, *disconfiado*, *disenvolvido*, *distruidor*, *disativei*, *disinflamá*, *ixatamente*, *ixaminô*, *piquininhos*, *paricidamente*.
- 4 sílabas antes da tônica: *disorganizada*, *disenvolvimento*. (GRAEBIN, 2008, p. 186).

Classe Gramatical

Consideramos o grupo de fator *classe gramatical* para examinar, de forma ampla, o efeito da classe gramatical sobre a realização das vogais médias pretônicas.

Segundo Bisol (1981, p.103), “(...) compete, como forte candidata à regra da harmonização, a vogal de certos verbos em função da abundância de condicionadores do paradigma verbal.”

Freitas (2001) conclui que os verbos favorecem a manutenção das médias (com índice próximo da faixa de irrelevância) e o alçamento (com índice significativo). Os

nomes favorecem a manutenção, como desfavorecem o abaixamento e o alçamento, sempre com índices próximos da faixa de irrelevância. Os advérbios favorecem o alçamento e desfavorecem a manutenção (esta com índice próximo da faixa de irrelevância). Os pronomes favorecem o abaixamento com alto índice.

Viegas (1987) explica:

Analizando os diversos períodos por que passou a língua portuguesa, Hart (1955) nos diz que, no português antigo, as vogais pretônicas [e] e [o] fundiram-se em [i] e [u], respectivamente. A distinção, na pronúncia do século XVI, entre médias e altas anteriores em Portugal, e no Brasil a distinção entre médias e altas tanto anteriores quanto posteriores, foram reintroduzidas por “learned reaction”. (VIEGAS, 1987, p. 47)

A autora traz uma citação de Hart no seu texto, que explica que a distinção entre essas vogais pode ter sido reintroduzida pela analogia com outras formas da mesma palavra em que o acento muda do final para a raiz. O autor ressalta que essa é uma explicação para os verbos, mas não é para os substantivos, pois neles não há troca do acento. De acordo o autor, essa distinção das médias e altas anteriores começou nos verbos e depois se estendeu para os substantivos.

Viegas (1987, p. 97), após observar a significância dos dados para (o), conclui: “Não parece, pois, haver diferenças significativas que possam ser atribuídas à classe da palavra e não a outro grupo de fatores.” A autora chegou à mesma conclusão para o (e).

Ponto de articulação do segmento precedente; Modo de articulação do segmento precedente; Ponto de articulação do segmento seguinte; Modo de articulação do segmento seguinte

Os tipos de segmento precedente e seguinte foram apontados nos trabalhos já citados nesta pesquisa como fatores importantes que atuariam na regra de alçamento das vogais, considerando-se um processo de redução vocálica devido à influência das consoantes adjacentes.

Segundo Viegas (1987), a regra de assimilação para o (o) está relacionada às consoantes adjacentes, um processo de redução vocálica. Viegas (2006) mostra que as consoantes adjacentes que possuem o traço +alto favorecem o alçamento da vogal de modo geral.

Há bastante variação nos resultados encontrados nos diversos trabalhos aqui resenhados, como pode ser visto no **Capítulo 2**.

Distância do início da palavra

A inclusão dessa variável averiguará se a realização das variantes é favorecida pela distância da variável para o início da palavra, uma vez que, segundo Coutinho (1976), apud Viegas (1987), são as pretônicas da primeira sílaba as que mais resistem a alterações e quedas.

Camara Jr. (1976) afirma:

Na realidade a sílaba que se abre pela primeira consoante do vocábulo é ligeiramente mais forte que as pretônicas seguintes; mas essa diferença pode ser ignorada quanto à relevância fonológica demarcativa. Em Portugal é só essa sílaba de primeira consoante que tem atonicidade mínima; as demais pretônicas são fonologicamente tão débeis como as postônicas. (CAMARA JR., 1976, p. 36)

Segundo Viegas (1987), as distâncias 1 (referente à primeira sílaba) e 2 (referente à segunda) favorecem o alçamento de (o), se comparadas com distâncias maiores do início da palavra, que o inibem.

Para o alçamento de (e), a autora constatou que a distância 1, referente à sílaba inicial sem segmento precedente, é altamente favorecedora e que a distância 1, referente sílaba inicial com segmento precedente, é neutra. As distâncias 2 (segunda sílaba) e 3 (terceira sílaba) foram classificadas como desfavorecedoras. Viegas (1987, p.123) ressalta: “A atonicidade menor do início da palavra segundo CÂMARA JR. (1976) não parece, pois, desfavorecer o alçamento.”

Assim, verificaremos até que ponto a aplicação da regra de variação das vogais médias pretônicas nas cidades estudadas é influenciada por esse grupo de fator.

Número de sílabas da palavra

Araújo (2006) estuda o alçamento da vogal baixa em contexto pretônico e explica:

A análise da variável número de sílabas dos itens lexicais x altura do primeiro e segundo formantes aponta para a existência de uma tendência à mudança do /a/ pretônico a depender do número de sílabas do item lexical à qual esteja esta vogal inserida: a média de F1 diminui à medida que aumenta o número de sílabas do item léxico analisado. (ARAÚJO, 2006, p. 122)

O objetivo é, posteriormente, fazer o cruzamento desse grupo de fator com a distância do início da palavra e com a distância da sílaba tônica. Assim, podemos obter mais informação sobre a atuação de questões acentuais nos processos.

Estado da glote

Quando as cordas vocais vibram durante a produção de um som, o estado da glote é vozeado (ou sonoro). Quando as cordas vocais não vibram, o estado da glote é desvozeado (ou surdo). Assim, por meio desse grupo de fator, observaremos se a realização das variantes aqui estudadas é favorecida pela vibração ou não das cordas vocais.

Viegas (1987) estudou a voz do segmento precedente e seguinte. Mas a autora ressalta que esses grupos não foram considerados significativos.

Item lexical

De acordo com as propostas difusionistas, a mudança se dá item por item, ou grupos de itens por grupos de itens, ou seja, uma mudança sonora apresenta seleção lexical. Se as variações em questão estiverem em processo de mudança, podemos avaliar melhor essa discussão através da codificação dos itens. Além disso, segundo Oliveira, A. (2006), a atribuição de códigos diferenciados para cada um dos itens possibilita retirá-los ou inserí-los facilmente na análise, caso haja a suspeita de que a motivação da variação esteja tendenciada por alguns itens específicos.

Oliveira (1992, p.40) sugere que “o comportamento individual seja checado para todos os itens lexicais. Somente depois disso é que os indivíduos poderão ser agrupados, se isto for possível.” Para isso, é preciso atribuir códigos específicos a cada indivíduo e a cada item lexical.

Viegas (1987) demonstrou a importância de se levar em consideração o item lexical nos estudos das vogais médias pretônicas. Viegas (1987, p. 7) exemplifica com itens como: “ ‘porção’ e ‘purção’, ‘Peru’ e ‘piru’ entre outras, em que o conteúdo semântico parece estar influenciando o alçamento ou o não-alçamento.”

Segundo Oliveira, A. (2006), a inserção da variável *item lexical* também permite que sejam avaliados os efeitos de frequência de ocorrência do item na variação, a partir da distribuição das variantes em relação a cada item, individualmente. Essa frequência será avaliada em estudos posteriores.

Fatores sociais ou variáveis sociais independentes

a) Gênero/sexo

Segundo Chambers (1995), em muitos estudos linguísticos já realizados, que incluem uma amostra de homens e mulheres, há evidências para a conclusão sobre seus comportamentos linguísticos: mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não padrão do que homens de mesmo grupo social nas mesmas circunstâncias.

Segundo Labov (1972), em situações formais, as mulheres empregam menos variantes estigmatizadas do que os homens, o que sugere que sejam mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua.

Labov (2006[1966]) constata que a pronúncia retroflexa do [r] pós-vocálico, forma inovadora e não estigmatizada, no inglês de Nova York, tende a ocorrer mais frequentemente na fala das mulheres do que na fala dos homens. No entanto, Labov (1972) alerta que seria um erro elaborar um princípio de que são as mulheres que sempre encabeçam a mudança linguística. Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança na mudança, mas, quando se trata de implementar uma forma socialmente estigmatizada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo. Se a mudança está abaixo do nível de consciência social, as mulheres também lideram a mudança.

Segundo Labov (1972), a diferenciação dos falantes em função do gênero decorre de aspectos de ordem social aplicados preferencialmente a um gênero ou outro.

Labov (2001) apresenta alguns princípios sobre o comportamento das mulheres:

- “For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men.” (LABOV, 2001, p.266)³⁰

- “In linguistic change from above, women adopt prestige forms at a higher rate than men.” (LABOV, 2001, p.274)³¹

- “In linguistic change from below, women use higher frequencies of innovative forms than men do.” (LABOV, 2001, p.292)³²

³⁰ Para variáveis sociolinguísticas estáveis, as mulheres apresentam taxas mais baixas de variantes estigmatizadas e taxas mais altas de variantes de prestígio do que os homens. (LABOV, 2001, p.266) (Tradução Nossa)

³¹ Em mudança linguística com consciência social, as mulheres adotam mais as formas de prestígio do que os homens. (LABOV, 2001, p.274) (Tradução Nossa)

³² Em mudança linguística sem consciência social, as mulheres usam mais as formas inovadoras do que os homens. (LABOV, 2001, p.292) (Tradução Nossa)

Labov ressalta que não é fácil conciliar o comportamento não-conformista das mulheres em uns casos com o seu comportamento conformista em outros. Assim, a partir dos princípios descritos anteriormente, formula o *Paradoxo do Gênero*:

“Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.” (LABOV, 2001, p.293)³³

Labov (2001, p.366) ressalta que o problema é: por que as mesmas pessoas às vezes são "conservadoras" e às vezes "progressistas"? E que o problema fica mais claro se estes termos forem substituídos por "conformista" e "não-conformista". E pontua que o padrão de comportamento contraditório permanece:

In	women are more	
Stable sociolinguistic variables	conservative	conforming
Change from above	progressive	conforming
Change from below	progressive	nonconforming

(LABOV, 2001, p.367)

Labov (2001) reformula o Paradoxo do Gênero como um Paradoxo da Conformidade, estabelecido em termos de desvio - contrário da conformidade.³⁴

“Women deviate less than men from linguistic norms when the deviations are overtly proscribed, but more than men when the deviations are not proscribed.” (LABOV, 2001, p.367)³⁵

Leite e Callou (2002) ressaltam:

A generalização que se pode fazer sobre as diferenças existentes entre a linguagem masculina e feminina é a de que a identidade homem/mulher interage com outras identidades culturais, não podendo ser vista isoladamente, e sim em conjunto com outros fatores. A interação gênero/faixa etária desempenha papel de importância na análise do processo de mudança lingüística. (LEITE; CALLOU, 2002, p.38).

³³ Mulheres conformam mais rigorosamente do que os homens às normas sociolinguísticas que são publicamente prescritas, mas conformam menos do que os homens quando elas não estão prescritas. (LABOV, 2001, p.293) (Tradução Nossa)

³⁴ Para maiores informações sobre a questão do gênero, ver Labov (2002).

³⁵ As mulheres desviam menos do que os homens das normas linguísticas quando os desvios são publicamente prosritos, mas desviam mais do que os homens quando os desvios não são prosritos. (LABOV, 2001, p.367) (Tradução nossa)

b) Faixa etária³⁶

A realização da variável sob análise, dentro de cada faixa etária, pode indicar se o fenômeno é estável ou está em processo de mudança. Segundo Labov (1972), o estudo da variação linguística em tempo aparente pode revelar diferentes estágios de uma língua. O estudo em tempo aparente é a comparação da linguagem de diferentes grupos etários em determinado momento do tempo. Se o uso da variante inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos grupos mais idosos, há indícios de que se trata de uma situação de mudança em progresso.

Os jovens tendem a privilegiar as pronúncias mais inovadoras, enquanto adultos e idosos utilizam mais as formas conservadoras. Esse fenômeno foi comprovado em, pelo menos, dois estudos de Labov: o primeiro (anteriormente mencionado) é relativo à pronúncia retroflexa do /r/ pós-vocálico em Nova York, em 1966; o segundo refere-se à centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, na fala dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard, Massachussets, em 1963.

c) Origem

Como já dissemos, três cidades de Minas Gerais foram escolhidas como local de pesquisa. A primeira é Piranga, situada na Zona da Mata Mineira; a segunda é Ouro Branco, localizada na Região Central; a terceira é Machacalis, localizada no Vale do Mucuri. Essas cidades estão em áreas dialetais diferentes, como explicado na **Seção 1.2**. Estudando essas três áreas dialetais, talvez possamos falar em português do Brasil.

5.5 Codificação das variáveis

Usamos dois bancos de dados na nossa pesquisa. O banco de dados elaborado por Dias (2008), com as entrevistas de Piranga e Ouro Branco, e o banco de dados elaborado por Almeida (2008), com as entrevistas de Machacalis. Almeida realizou entrevistas na zona urbana e na zona rural. Utilizaremos apenas as entrevistas da zona urbana, uma vez que em Piranga e Ouro Branco não coletamos dados na zona rural.

A percepção da variável por apenas uma pessoa não é confiável, por isso, além da nossa codificação, foi necessária a ajuda de dois juízes, que ouviram todas as entrevistas e codificaram, independentemente, as variáveis dependentes. Comparamos a

³⁶ Estamos trabalhando apenas com duas faixas etárias por questões de tempo, e assim trabalharemos apenas com indícios de progressão, caso ocorram.

codificação dos juízes com a nossa e prevaleceu o código usado pela maioria, ou seja, pelo menos por duas pessoas. Quando houve três codificações diferentes para a mesma realização, optamos por descartá-la. Quando houve duas codificações semelhantes, mas mesmo assim havia dúvida sobre a realização da variável, usamos o programa Praat, para a mensuração e análise acústica das realizações das vogais.

Segundo Kent e Read (1991), as vogais são, frequentemente, caracterizadas por meio de ressonâncias do trato vocal, denominadas “formantes”. Na descrição de vogais, são utilizados apenas os formantes mais baixos – especificamente, os três primeiros (F1, F2 e F3). Uma representação mais simples pode ser adotada, analisando-se as frequências dos dois primeiros formantes (F1 e F2). Os autores acrescentam que essa representação simplificada é, talvez, a mais conhecida e usada na descrição acústica de sons da fala.

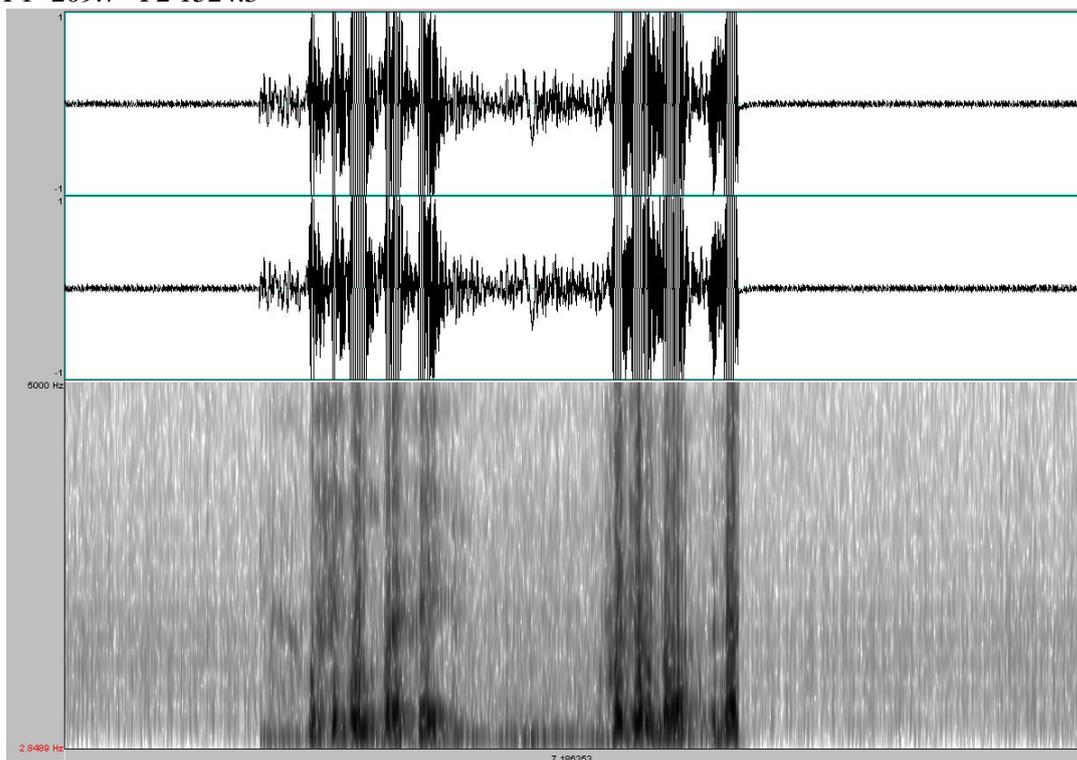
As 6 figuras a seguir são espectrogramas de trechos da fala de informantes das comunidades estudadas. Esses trechos contêm itens lexicais que representam as variações sonoras das vogais médias pretônicas (e) e (o). Os espectrogramas apresentados foram gerados pelo *software* Praat, versão 4.4.07.

Figura 5: Análise acústica da vogal pretônica [i]

Ilustra o alçamento da vogal (e): *s[í]gundo*

Espectrograma: “o segundo prefeito, foi de Ouro Branco” (PMAO)

F1=209.7 F2 1524.3



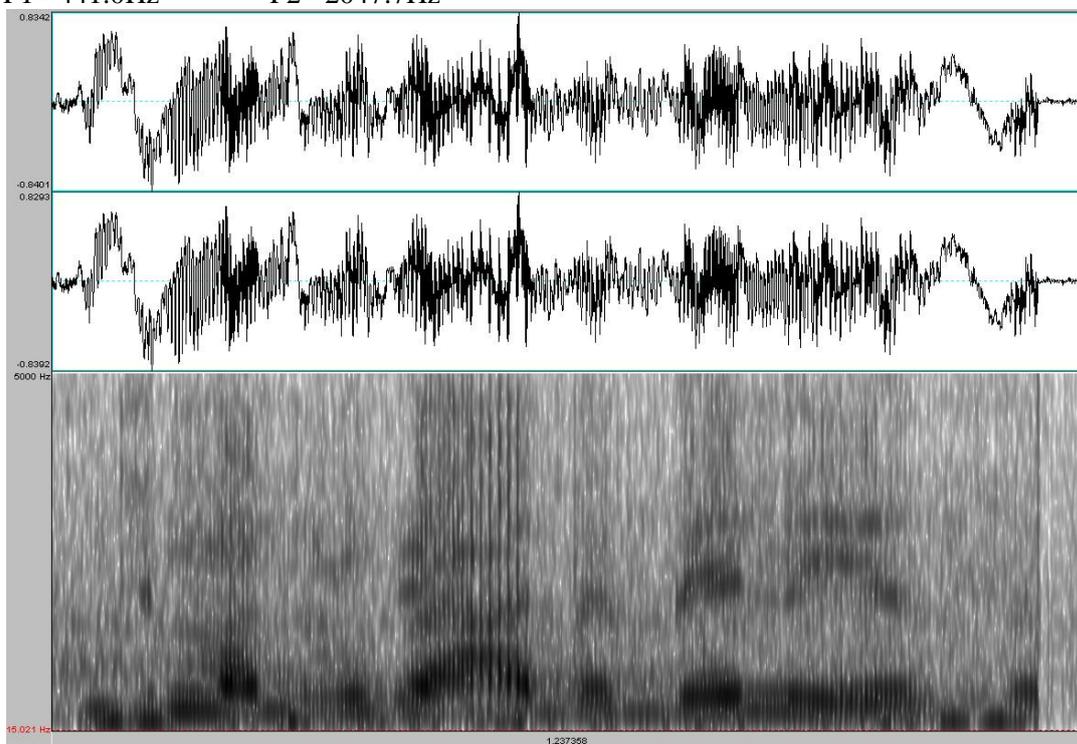
[i]

Figura 6: Análise acústica da vogal pretônica [e]

Ilustra a manutenção da vogal (e): *b[e]leza*

Espectrograma: “de madrugada, beleza” (NFJO)

F1= 441.0Hz F2= 2047.7Hz



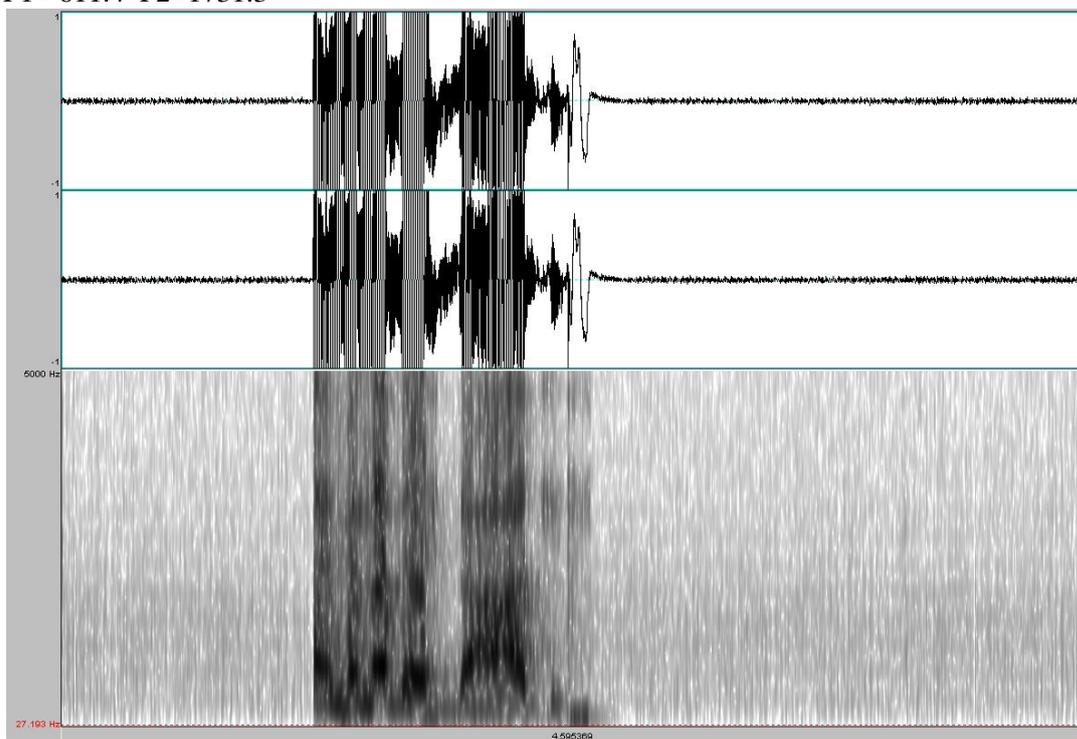
[e]

Figura 7: Análise acústica da vogal pretônica [ɛ]

Ilustra a abertura da vogal (e): *v[ɛ]rdade*

Espectrograma: “mas na verdade” (GFJP)

F1= 611.4 F2=1731.3



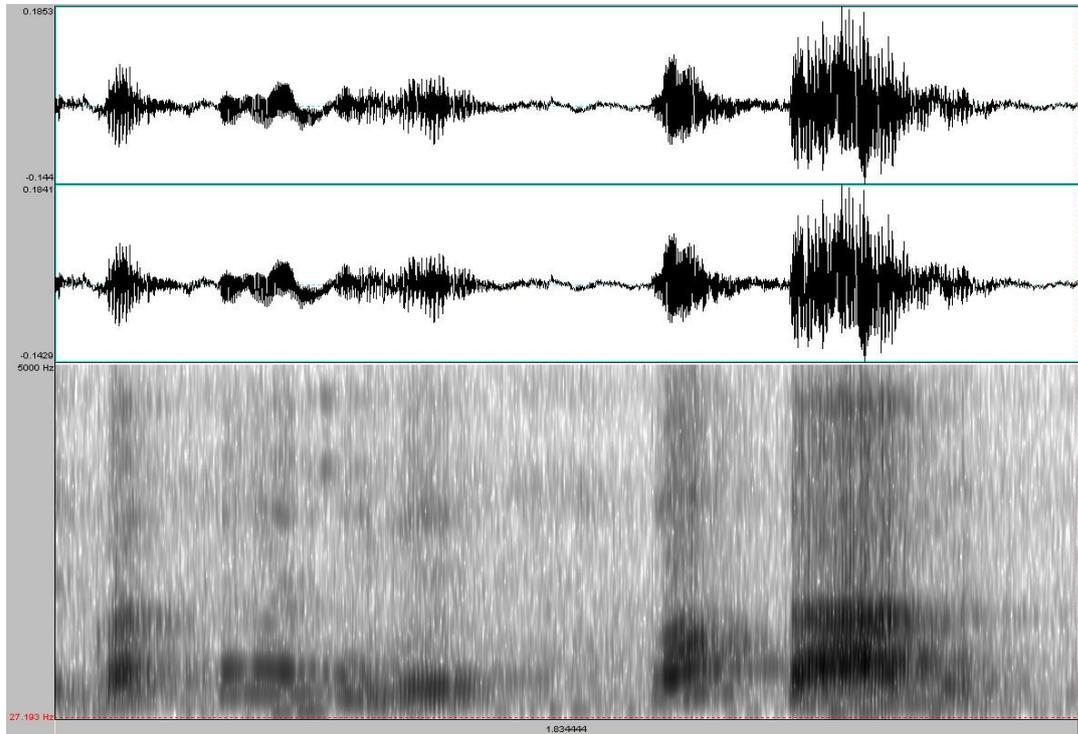
[ɛ]

Figura 8: Análise acústica da vogal pretônica [ɔ]

Ilustra a abertura da vogal (o): *l[ɔ]tado*.

Espectrograma: “quase cê não entra na igreja, ltado” (LMAP)

F1= 599.27Hz F2= 1074Hz



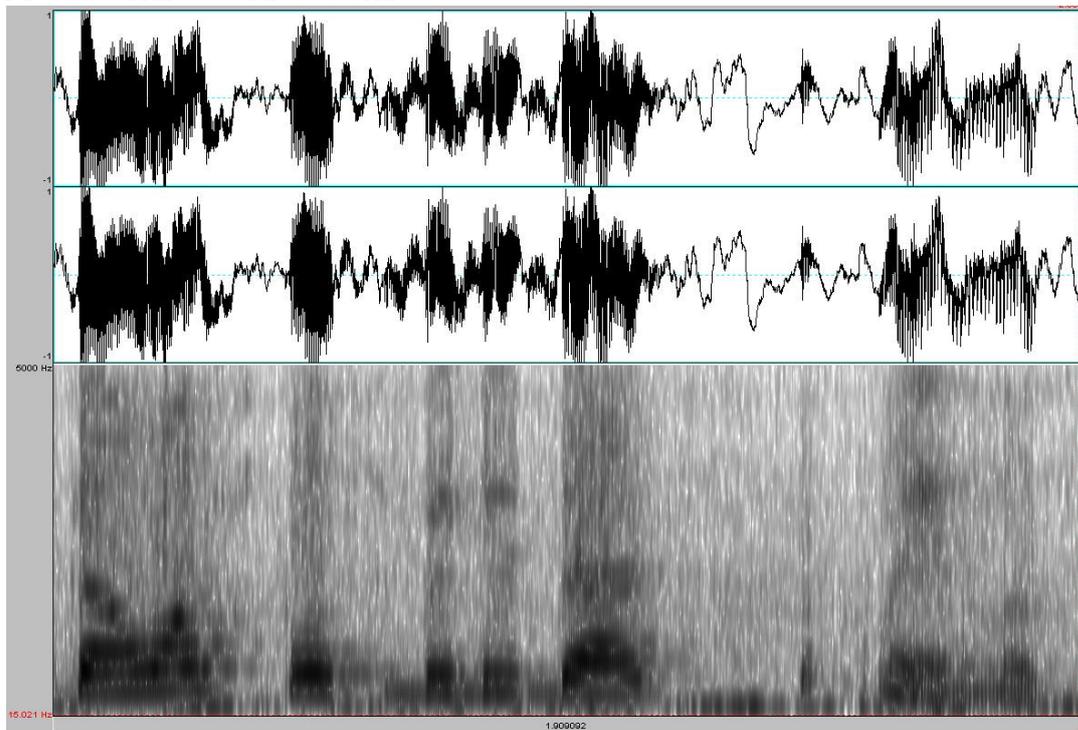
[ɔ]

Figura 9: Análise acústica da vogal pretônica [o]

Ilustra a manutenção da vogal (o): *p[o]ssibilidades*.

Espectrograma: “então as possibilidades são menas” (LFAO)

F1= 538.41Hz F2=976.6Hz



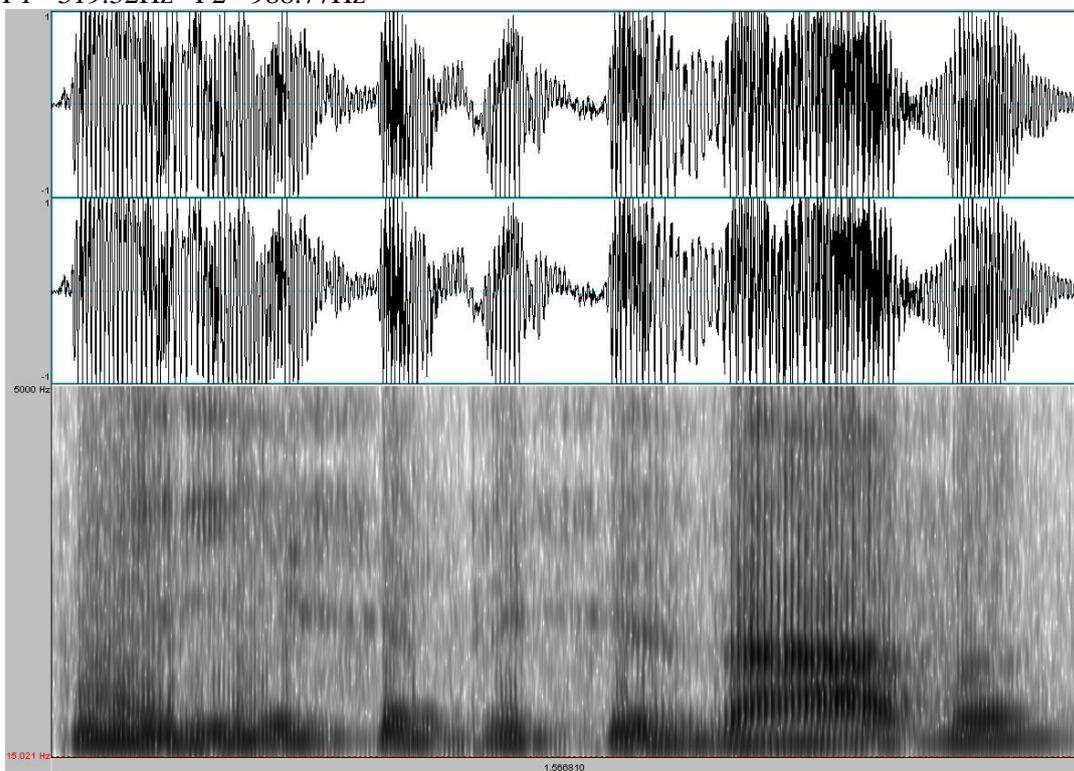
[o]

Figura 10: Análise acústica da vogal pretônica [u]

Ilustrao alçamento da vogal (o): *p[u]lícia*.

Espectrograma: “polícia precisava” (CMJP)

F1= 319.32Hz F2= 988.77Hz



[u]

A análise dos espectrogramas indica que:

- a) [ε] e [ɔ] apresentam frequências altas de F1;
- b) [e] e [o] apresentam frequências médias de F1;
- c) [i] e [u] apresentam frequências baixas de F1;
- d) [u], [o] e [ɔ] apresentam frequência baixa de F2 e pequena diferença entre F2 e F1 – 669.45Hz, 438.19Hz e 474.73Hz, respectivamente;
- e) [i], [e] e [ε] apresentam frequência alta de F2 e uma grande diferença entre F2 e F1 – 1314.6Hz, 1606.7Hz e 1119.9Hz, respectivamente.

Esses resultados estão de acordo com a afirmação de Kent e Read (1991), sobre a frequência dos formantes (F1 e F2) das vogais – as vogais baixas apresentam F1 alto; as vogais altas, F1 baixo. Para esses pesquisadores, as vogais anteriores têm frequência alta de F2 e diferença considerável entre F2 e F1. As vogais posteriores têm F2 baixo e pouca diferença entre F2 e F1.

A codificação para a variável dependente foi realizada da seguinte maneira para o alçamento:

Variável dependente
1 = vogal média de 2º grau anterior oral e nasal [e], [ẽ]
2 = vogal média de 2º grau posterior oral e nasal [o], [õ]
3 = vogal alta anterior oral e nasal [i], [ĩ]
4 = vogal alta posterior oral e nasal [u], [ũ]
5 = vogal média de 1º grau anterior [ɛ]
6 = vogal média de 1º grau posterior [ɔ]

E da seguinte forma para a abertura.

Variável dependente
1 = vogal média de 2º grau anterior [e]
2 = vogal média de 2º grau posterior [o]
3 = vogal alta anterior [i]
4 = vogal alta posterior [u]
5 = vogal média de 1º grau anterior [ɛ]
6 = vogal média de 1º grau posterior [ɔ]
7 = vogal média de 2º grau anterior nasal [ẽ]
8 = vogal média al de 2º grau ta posterior nasal [õ]
9 = vogal alta anterior nasal [ĩ]
10 = vogal alta posterior nasal [ũ]

Para a abertura, fizemos a codificação das orais e nasais separadamente, pois, quando a sílaba é travada por nasal, não houve abertura. Então, com essa codificação foi possível separar a vogal nasal para fazer a análise, pois só analisaremos as formas de variável dependente em que há possibilidade de abertura.

Estabelecemos um código para cada indivíduo, como pode ser visto a seguir:

Piranga

1 = BMJP	5 = LMAP
2 = CMJP	6 = RMAP
3 = GFJP	7 = DFAP
4 = LFJP	8 = SFAP

Ouro Branco

1 = LMJO	5 = PMAO
2 = WMJO	6 = SMAO
3 = NFJO	7 = FFAO
4 = SFJO	8 = LFAO

A primeira letra é a inicial do nome do informante.

A segunda indica o gênero/sexo (masculino ou feminino).

A terceira indica a faixa etária (jovem ou adulto).

A quarta indica a cidade (Piranga ou Ouro Branco).

Machacalis

1 = PMJ	5 = DMA
2 = SMJ	6 = JMA
3 = KFJ	7 = GFA
4 = JFJ	8 = MFA

Em Machacalis não há a quarta letra, porque nesse banco de dados só há dados dessa cidade.

A codificação das variáveis independentes sociais foi feita da seguinte forma:

a) Gênero/sexo

1 = masculino
2 = feminino

b) Faixa etária (anos)

1 = 18 a 24
2 = 40 a 60

c) Origem (para o banco de dados de Piranga e Ouro Branco)

1 = Piranga
2 = Ouro Branco

A codificação das variáveis independentes internas foi feita da seguinte forma:

a) Tipo silábico

Codificação das letras
V = vogal
C = consoante
S = semivogal

Codificação das sílabas
1 = V
2 = VC
4 = CVC
5 = CCV
6 = VS
8 = OUTROS
9 = CV

O fator *outros*³⁷ representa as estruturas silábicas: CVS, CVCC, CCVS, CCVC.

³⁷ Agrupamos alguns tipos silábicos no fator *outros*, porque cada caso separadamente ocorreu poucas vezes, e ao fazer o cruzamento entre as variáveis independentes, ocorreram muitos zeros na distribuição dos dados.

b) Vogal da sílaba tônica

1 = vogal baixa oral [a]	7 = vogal média de 1º grau posterior oral [ɔ]
2 = vogal média de 2º grau anterior oral [e]	8 = vogal baixa nasal [ã]
3 = vogal média de 2º grau posterior oral [o]	9 = vogal média de 2º grau anterior nasal [ẽ]
4 = vogal alta anterior oral [i]	10 = vogal média de 2º grau posterior nasal [õ]
5 = vogal alta posterior oral [u]	11 = vogal alta anterior nasal [ĩ]
6 = vogal média de 1º grau anterior oral [ɛ]	12 = vogal alta posterior nasal [ũ]

Fizemos alguns agrupamentos:

1 = vogal baixa oral [a]
2 = vogal baixa nasal [ã]
3 = vogal alta oral [i], [u], [ĩ], [ũ]
5 = vogal média de 2º grau nasal [ẽ], [õ]
6 = vogal média de 1º grau oral [ɛ], [ɔ]
7 = vogal média de 2º grau oral [e], [o]

c) Vogal entre a vogal da variável e a tônica

1 = vogal baixa oral [a]	8 = vogal baixa nasal [ã]
2 = vogal média de 2º grau anterior oral [e]	9 = vogal média de 2º grau anterior nasal [ẽ]
3 = vogal média de 2º grau posterior oral [o]	10 = vogal média de 2º grau posterior nasal [õ]
4 = vogal alta anterior oral [i]	11 = vogal alta anterior nasal [ĩ]
5 = vogal alta posterior oral [u]	12 = vogal alta posterior nasal [ũ]
6 = vogal média de 1º grau anterior oral [ɛ]	15 = ausência de vogal
7 = vogal média de 1º grau posterior oral [ɔ]	16 = outros

Fizemos alguns agrupamentos:

1 = ausência de vogal e outros
2 = vogal baixa ou média de 1º grau oral [a], [ɛ], [ɔ]
3 = vogal baixa nasal [ã]
4 = vogal alta oral [i], [u]
5 = vogal alta nasal [ĩ], [ũ]
6 = vogal média de 2º grau nasal [ẽ], [õ]
7 = vogal média de 2º grau oral [e], [o]

O fator *outros* representa a presença de semivogal seguinte à vogal da variável.
(Ex.: aceitava, coisinha)

d) Tipo de morfema em que a vogal esteja inserida

2 = Prefixo des-
3 = Prefixo de-
4 = Prefixo re-
5 = Prefixo pré-
6 = Prefixo per-

7 = Prefixo es-
8 = Prefixo em- ou en-
9 = Prefixo co-
10 = Prefixo com- ou con-
11 = Prefixo pro-
12 = Sigla
13 = Derivação em -mente
14 = Derivação em -(z)inho.
15 = Radical

e) Paradigma

2 = Paradigma com vogal aberta entre nomes (certeza > certo)
3 = Paradigma com vogal fechada (chegar > chega)
4 = Paradigma com vogal aberta entre classes diferentes (terminar > término)
5 = Não tem paradigma com vogal aberta (decide)
6 = Outros (felipe)
7 = Paradigma com vogal aberta entre verbos (pegar > pega)

Fizemos alguns agrupamentos visando à otimização e melhor distribuição de dados.

2 = Paradigma com vogal aberta (entre verbos, entre nomes e entre classes diferentes)
3 = Paradigma em que não há vogal aberta (paradigma com vogal fechada, não tem paradigma, outros)

O fator *outros* representa os nomes próprios e as siglas.

f) Distância da sílaba tônica

1 = distância 1
2 = distância 2
3 = distância 3
4 = distância 4 ou mais

Fizemos alguns agrupamentos visando à otimização e distribuição de dados.

1 = distância 1
2 = distância 2, 3, 4 ou mais

g) Classe gramatical

2 = adjetivo	6 = pronome
3 = verbo	7 = numeral
4 = advérbio	8 = interjeição
5 = conectivo	9 = substantivo

Assim como em outros grupos, fizemos alguns agrupamentos visando à otimização e distribuição de dados.

1 = verbo
2 = não verbo (adjetivo, advérbio, conectivo, pronome, numeral, interjeição, substantivo)

h) Segmento precedente

1 = a	7 = u	13 = f	19 = n	25 = ɲ
2 = ε	8 = w	14 = v	20 = l	26 = λ
3 = e	9 = y	15 = t	21 = tʃ	27 = k
4 = i	10 = b	16 = d	22 = dʒ	28 = g
5 = ɔ	11 = p	17 = s	23 = ʃ	29 = r
6 = o	12 = m	18 = z	24 = ʒ	30 = h
31 = ausência de segmento precedente na mesma palavra				

Constituímos dois grupos de fator: modo do segmento precedente e ponto do segmento precedente e fizemos alguns agrupamentos.

Modo do segmento precedente

1 = a	6 = o	31 = ausência
2 = ε	7 = u	33 = fricativas (f, v, s, z, h, ʃ, ʒ)
3 = e	8 = w	34 = nasais (m, n, ɲ)
4 = i	9 = y	36 = oclusivas (p, b, t, d, k, g,)
5 = ɔ	29 = r (tepe), l, λ (laterais)	

Ponto do segmento precedente

1 = a	6 = o	32 = labiais (m, b, p, f, v)
2 = ε	7 = u	34 = dorsais (k, g, h)
3 = e	8 = w	35 = coronais (t, d, s, z, n, ɲ, ʃ, ʒ, l, λ, r)
4 = i	9 = y	
5 = ɔ	31 = ausência	

i) Segmento seguinte

1 = a	8 = w	15 = t	22 = dʒ	29 = r
2 = ε	9 = y	16 = d	23 = ʃ	30 = h
3 = e	10 = b	17 = s	24 = ʒ	31 = ã
4 = i	11 = p	18 = z	25 = ɲ	32 = ã
5 = o	12 = m	19 = n	26 = λ	34 = õ
6 = o	13 = f	20 = l	27 = k	36 = ã
7 = u	14 = v	21 = tʃ	28 = g	37 = ã

Constituímos dois grupos de fator: modo do segmento seguinte e ponto do segmento seguinte e fizemos alguns agrupamentos.

Modo do segmento seguinte

1 = a	7 = u	36 = ã
2 = ε	8 = w	39 = fricativas (f, v, s, z, h, ʃ, ʒ)
3 = e	9 = y	40 = nasais (m, n, ɲ)
4 = i	29 = r (tepe), l, λ (laterais)	42 = oclusivas (p, b, t, d, k, g)
5 = o	31 = ã	
6 = o	32 = ã	

Ponto do segmento seguinte

1 = a	6 = o	32 = ã
2 = ε	7 = u	36 = ã
3 = e	8 = w	38 = labiais (m, b, p, f, v)
4 = i	9 = y	40 = dorsais (k, g, h)
5 = o	31 = ã	41 = coronais (t, d, s, z, n, ɲ, ʃ, ʒ, l, λ, r)

j) Distância do início da palavra

1 = primeira sílaba
2 = segunda sílaba
3 = terceira sílaba
4 = quarta sílaba ou mais

Fizemos alguns agrupamentos visando à otimização e distribuição de dados.

1 = primeira sílaba
2 = segunda, terceira, quarta sílabas ou mais

k) Número de sílabas da palavra

2 = três sílabas
3 = quatro sílabas
4 = cinco sílabas ou mais
5 = duas sílabas

l) Estado da Glote – Segmento Precedente

1 = Consoante vozeada (b, m, v, d, z, n, l, ʒ, ɲ, ʎ, g, r)
2 = Consoante desvozeada (p, f, t, s, ʃ, k, h)
3 = Vogais e semivogais (a, ε, e, i, ɔ, o, w, y)
4 = ausência

m) Estado da Glote – Segmento Seguinte

1 = Consoante vozeada (b, m, v, d, z, n, l, ʒ, ɲ, ʎ, g, r)
2 = Consoante desvozeada (p, f, t, s, ʃ, k, h)
3 = Vogais e semivogais (a, ã, ε, e, ê, i, ĩ, ɔ, o, w, y,)

n) Item lexical

Conforme já mencionado, os nossos bancos de dados foram construídos durante o mestrado, portanto, desde a primeira versão até a versão que usaremos nesta tese, várias codificações e alterações foram feitas. Apresentaremos a seguir o número de ocorrências de vogais médias pretônicas que há na versão do banco de dados utilizado nesta pesquisa.

No banco de dados de Piranga e Ouro Branco foram contabilizadas 2.369 palavras diferentes, considerando diferentes palavras como, por exemplo, pergunta, perguntei, perguntou, perguntava, perguntando, conforme Bybee (2001).

Ao total, foram codificadas 14.886 ocorrências de vogais médias pretônicas, ou seja, foram feitas 282.834 codificações. Chegamos a esse número de codificações, multiplicando o número de ocorrências de palavras (14.886) pelo número de variáveis (19), dependentes e independentes.

No banco de dados de Machacalis foram contabilizadas 2.295 palavras diferentes. Foram codificadas 13.351 ocorrências de vogais médias pretônicas, ou seja, foram feitas 253.669 codificações. É importante ressaltar que nesses números referentes a Machacalis estão incluídas as codificações da zona urbana e da zona rural e, conforme já explicado anteriormente, nesta pesquisa só trabalharemos com os dados da zona urbana.

Enfim, são aproximadamente 400.000 codificações utilizadas nesta tese.

Lembramos que as codificações feitas para esta tese são diferentes das codificações feitas nas dissertações. Vejamos:

Grupo de fatores	Dissertações – Dias (2008) e Almeida (2008)	Tese
Variável dependente (neste caso, apenas para a abertura)	Oral e nasal foram codificadas juntas	Oral e nasal foram codificadas separadas
Vogal da sílaba tônica	[a] [ɛ] [ɔ] foram codificadas juntas [i,u] foram codificadas separadas de [ĩ, û] e foram inseridas dessa forma na regressão	[a] foi codificada separada de [ɛ] [ɔ] [i,u, ĩ, û] foram codificadas juntas e foram inseridas dessa forma na regressão
Classe gramatical	Foram codificadas oito classes gramaticais e foram inseridas dessa forma na regressão	Foi analisada apenas a distinção <i>verbos X não verbos</i> e inserida dessa forma na regressão
Distância do início da palavra	Foram codificadas quatro distâncias do início da palavra e foram inseridas dessa forma na regressão	Foi analisada apenas a distinção <i>1ª sílaba X 2ª sílaba ou mais</i> e inserida dessa forma na regressão
Tipo de morfema	Todos os fatores codificados foram inseridos na regressão	Apenas o radical foi inserido na regressão. Foram feitos testes depois da regressão
Distância da tônica	Todas as distâncias foram inseridas na regressão	Apenas a distância 1 da tônica foi inserida na regressão. Foram feitos testes depois da regressão.
Modo e ponto do segmento precedente	Todos os fatores foram inseridos na regressão	Nem o ponto nem o modo precedente foram inseridos na regressão
Modo e ponto do segmento seguinte	Todos os fatores foram inseridos na regressão	Apenas o modo seguinte foi inserido na regressão
Tipo silábico	Todos os fatores foram inseridos na regressão	Não foi inserido na regressão. Foram feitos testes depois da regressão.
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	Todos os fatores foram inseridos na regressão	Não foi inserido na regressão. Foram feitos testes depois da regressão.
Estado da Glote	Não codificamos esse grupo de fator	Não foi inserido na regressão. Foram feitos testes depois da regressão.
Número de sílabas da palavra	Todos os fatores codificados foram inseridos na regressão	Não foi inserido na regressão e não foram feitos testes nesta tese.

Fizemos essas recodificações para diminuir o número de zeros ao fazer o cruzamento entre a variável dependente e cada variável independente e evitamos também zeros no cruzamento das variáveis independentes entre si, ou seja, com isso evitamos a má distribuição dos dados.

Brescancini (2002) explica:

A distribuição não-equilibrada de dados pode ocorrer até mesmo dentro de um único grupo de fatores (...). Tal situação, assim como aquela configurada pela sobreposição entre dois fatores de variáveis distintas, pode provocar o aparecimento de pesos relativos e valores para o input (p_o) distorcidos, dificuldade para se atingir a convergência e significâncias mais altas. Deve, portanto, estar o pesquisador atento para esses sinais, diretamente acessados na rodada, a fim de que não baseie a análise de um determinado fenômeno variável em resultados inadequados. (BRESCANCINI, 2002, p. 54)

5.6 O subsídio quantitativo SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

Nesta pesquisa utilizaremos o método de regressão incluído no SPSS (v.13.0).

Consideramos esse conjunto de *softwares* de fácil operacionalização. Possibilita facilmente a realização de agrupamentos depois de feita a codificação; o cruzamento dos fatores que o pesquisador desejar selecionar e a observação da significância entre os fatores do mesmo grupo.

5.6.1 Os modelos estatísticos

Sobre os modelos estatísticos, Oliveira, A. (2006) ressalta:

Os modelos estatísticos [...] que permitem que se possa explicar a variabilidade de um fenômeno em relação um conjunto de fatores, são chamados de modelos de regressão. Nos modelos de regressão temos sempre uma variável, chamada variável dependente ou variável resposta, e uma ou mais variáveis explicativas, chamadas de covariáveis, variáveis independentes ou grupo de fatores, que poderão ajudar a explicar a variabilidade na variável resposta. (OLIVEIRA, A. 2006, p. 64).

Para a seleção do modelo estatístico, Oliveira, A. (2006) explica:

A seleção do modelo estatístico a ser utilizado também depende do tipo de variável resposta do estudo. Se a variável resposta fosse contínua, por exemplo, poderíamos optar um modelo de regressão linear.[...]. Esse modelo poderia ser utilizado caso a variável resposta fosse, por exemplo, a frequência dos formantes de uma vogal, no qual teríamos observações localizadas em uma faixa contínua. Por outro lado, se a variável resposta fosse categórica, poderíamos utilizar o modelo de regressão logística. Esse modelo poderia ser utilizado caso a variável resposta fosse composta de somente duas possibilidades, por exemplo, a presença ou a ausência da marcação de plural em itens nominais. Se a variável resposta fosse categórica e apresentasse mais de duas possibilidades, poderíamos utilizar o modelo logístico multinomial. Tal modelo poderia ser utilizado, por exemplo, no estudo do pronome você, caso fossem consideradas as realizações de mais de duas variantes, considerados por hipótese como categóricas, como você, ocê e cê. (OLIVEIRA, A., 2006, p. 64-65).

Nesta pesquisa, adotaremos o *modelo de regressão binomial*, incluído no conjunto de *softwares* SPSS. Analisaremos a variação da vogal média de 2º grau com a vogal alta [e ~ i], [ẽ ~ ã], [o ~ u], [õ ~ ù] – alçamento – e variação da vogal média de 2º grau com a média de 1º grau [e ~ ε], [o ~ ɔ] – abertura.

Escolhemos esse modelo em detrimento do *modelo de regressão multinomial*, uma vez que a variação com as três formas é rara.

Oliveira, A. (2006) explica ainda a hipótese nula e a hipótese alternativa:

Qualquer hipótese levantada para explicar estatisticamente algum fenômeno vem associada a uma segunda hipótese que nega a primeira. Tais hipóteses são chamadas, respectivamente, de hipótese alternativa e hipótese nula.

Nos modelos de regressão, por exemplo, um teste estatístico poderia propor testar a hipótese nula de não haver efeito na variável dependente associado a uma variável independente. Assim, a suposição de que a variabilidade em itens lexicais terminados em /l/+vogal possa ser explicada pelo gênero dos falantes vem acompanhada da hipótese nula que sugere que o gênero dos falantes não exerce influência estatisticamente significativa sobre a variabilidade nos itens. A hipótese efetivamente testada é a hipótese nula. (OLIVEIRA, A., 2006, p.66).

Sobre o nível de significância Oliveira, A. (2006) pontua:

A probabilidade máxima aceitável de rejeitarmos a hipótese nula quando ela é de fato verdadeira é chamada de *nível de significância*. No exemplo acima, o *nível de significância* seria a probabilidade máxima de aceitarmos que o gênero do falante interfere na variabilidade, quando na realidade ele não interfere. O *nível de significância* é um valor arbitrário, definido segundo critérios do pesquisador. Convencionalmente, na sociolinguística variacionista, assim como em outras ciências, utilizamos um *nível de significância* de 0,05. (OLIVEIRA, A., 2006, p.66).

Sobre pesos relativos, Scherre e Naro explicam:

- uma medida projetada, análoga à probabilidade -, que, já sabemos, medem o efeito comparativo de cada fator em relação à primeira variante especificada na *rodada* (o peso relativo da outra variante é o complemento para 1). O peso relativo é calculado em função de desvios em relação à média da variante analisada. (SCHERRE; NARO, 2003, p. 164)

De acordo com Naro (2003), a interpretação do peso relativo é feita da seguinte forma: é favorável à aplicação da regra, se for superior a 0,5; é inibidor, se for inferior a 0,5; e é neutro se for igual a 0,5.

É importante lembrar que

[...] os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O valor lingüístico é atribuído e interpretado pelo lingüista. Se o lingüista for bom, certamente os resultados lhe permitirão refutar ou não as hipóteses estabelecidas quando da análise dos dados lingüísticos. Nunca é demais repetir que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento de fenômenos lingüísticos. (SCHERRE; NARO, 2003, p.162).

As análises estatísticas permitem ao pesquisador sistematizar uma grande quantidade de dados. Os resultados auxiliam-nos a interpretar fatos de língua, identificar mudanças em progresso e apontar tendências

Fizemos também o teste da razão da máxima verossimilhança para hierarquizar as variáveis.³⁸ Assim, podemos saber qual grupo de fator atua favoravelmente a determinada variante e podemos medir a sua atuação frente aos demais grupos de fatores favorecedores dessa variante.

Comparamos um modelo de regressão com determinada variável (e todas as outras significativas) com outro modelo sem esta variável (com todas as outras significativas). Quando o valor do teste de uma variável independente é maior do que os demais valores dos testes das outras variáveis independentes, é possível dizer que a variável retirada explica mais a respeito da variabilidade observada e quando o valor é menor do que os demais valores, pode-se dizer que a variável explica menos.

³⁸ Baseamo-nos em Oliveira (2012).

6 ANÁLISE DE (e)

Faremos sempre a análise de (e) e (o) separadamente, pois são duas variáveis diferentes, cada uma com suas variantes. As vogais anteriores e as posteriores não são, em geral, intercambiáveis entre si, por isso devem ser analisadas separadamente.

Analisaremos a variação da vogal média de 2º grau com a vogal alta [e ~ i] e [ẽ ~ ã] – alçamento³⁹ – e a variação da vogal média de 2º grau com a média de 1º grau [e ~ ε] – abertura –, pois nas cidades pesquisadas a variação [e ~ i ~ ε] e a variação [i ~ ε] ocorrem em pouquíssimos casos.

[i ~ ε] ocorre:

- a) Em Piranga, nos itens:

melhor (e flexões) 3[i], 16[ε]

melhorar (e flexões) 2[i], 3[ε]

- b) Em Machacalis, nos itens:

melhor (e flexões) 3[i] 14[ε]

desenvolvimento (1ª sílaba) 2[i], 1[ε]

[e ~ i ~ ε] ocorre:

- a) Em Ouro Branco, nos itens:

melhor (e flexões) 13[e] 4[i] 1[ε]

melhorar (e flexões) 3[e] 1[i] 2[ε]

- b) Em Machacalis, nos itens:

melhorar (e flexões) 5[e] 1[i] 13[ε]

acredita (e flexões) 8[e] 3[i] 1[ε]

precisa (e flexões) 2[e] 46[i] 1[ε]

pessoa (e flexões) 194 [e] 2[i] 2[ε]

³⁹ Não vamos adotar o termo fechamento para o alçamento como seria mais adequado. Nesta tese, vamos adotar o termo mais usado para nos referirmos ao processo - alçamento.

6.1 O que foi necessário separar antes da regressão

6.1.1 Início de palavra

Separamos o início de palavra, pois como mostrado por Viegas (1987, 2001), nesses contextos os percentuais de alçamento são muito distintos dos percentuais em outros contextos.

Em início de palavra, o alçamento é quase categórico quando a palavra começa com (e) em sílaba travada por /s/ ou /n/. Casos como: [i]scola, [i]screve, [i]xplica, [i]mbora, [i]ntão, [i]ntrar. Observemos as tabelas a seguir:

Tabela 3: Realização da pretônica (e) inicial em sílaba travada por /s/ em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	10	15	5
	%	3,1	4,7	1,6
i	n	317	305	305
	%	96,9	95,3	95,0
ε	n	0	0	11
	%	0,0	0,0	3,4
Total	n	327	320	321
	%	100,0	100,0	100,0

Tabela 4: Realização da pretônica (e) inicial em sílaba travada por /n/ em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	10	2	16
	%	2,4	0,5	4,0
i	n	406	371	384
	%	97,6	99,5	96,0
ε	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
Total	n	416	373	400
	%	100,0	100,0	100,0

Vamos comparar essas duas tabelas com outras em que o alçamento ocorre em vogal que não seja inicial, também travada por /s/ ou /n/: v[i]stida, s[i]ntia.

Tabela 5: Realização da vogal pretônica (e) não inicial – sílaba travada por /s/ em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	62	89	53
	%	62,0	56,0	46,9
i	n	35	47	20
	%	35,0	29,6	17,7
ε	n	3	23	40
	%	3,0	14,5	35,4
Total	n	100	159	113
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 6: Realização da vogal pretônica (e) não inicial – sílaba travada por /n/ em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	100	122	118
	%	80,6	87,8	90,1
i	n	24	17	13
	%	19,4	12,2	9,9
ε	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
Total	n	124	139	131
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Ao comparar as **Tabelas 3 e 5**, podemos observar que o percentual de alçamento em vogal inicial em sílaba travada por /s/ é muito diferente do percentual em vogal que não seja inicial. A realização alçada é quase categórica em início de palavra.

Observemos a significância dos dados. Fizemos o teste de qui-quadrado em relação ao alçamento de vogal em sílaba travada por /s/ para cada cidade separadamente. Nas três cidades, o p-valor⁴⁰ relativo aos dados da vogal inicial (i) em comparação com a vogal não inicial (ni) foi menor que 0,000001. Confirmando, assim, que há diferenças significativas entre o alçamento da vogal em sílaba travada por /s/ em início de palavra e em sílaba que não seja inicial.

Vejam os testes:

Ouro Branco trav /s/	i	ni	TOTAL
[e]	10	62	72
[i]	317	35	352
TOTAL	327	97	424

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

Piranga trav /s/	i	ni	TOTAL
[e]	15	89	104
[i]	305	47	352
TOTAL	320	136	456

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

⁴⁰ Consideramos como significativo um p-valor (nível de significância) < 0,05. Para maiores explicações, verificar o texto: VITRAL, L.; VIEGAS, M.C.; OLIVEIRA, A.J. Inovação versus Mudança: a interseção Gramaticalização/Teoria da Variação e Mudança. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs.) *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

Machacalis trav /s/	i	ni	TOTAL
[e]	5	53	58
[i]	305	20	325
TOTAL	310	73	383

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

A comparação das **Tabelas 4 e 6** mostra que o percentual de alçamento em vogal inicial em sílaba travada por /n/ também é muito diferente do percentual em sílaba que não seja inicial. A realização alçada é quase categórica em início de palavra.

Fizemos o teste de qui-quadrado em relação ao alçamento em sílaba travada por /n/ para cada cidade separadamente. Nas três cidades, o p-valor relativo aos dados da vogal inicial (i) em comparação com a vogal não inicial (ni) foi menor que 0,000001. Confirmando, assim, que há diferenças significativas entre o alçamento em vogal em sílaba travada por /n/ em início de palavra e em sílaba que não seja inicial. Os valores estão a seguir:

Ouro Branco trav /n/	i	ni	TOTAL
[e]	10	100	110
[i]	406	24	430
TOTAL	416	124	540

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

Piranga trav /n/	i	ni	TOTAL
[e]	2	122	124
[i]	371	17	388
TOTAL	373	139	512

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

Machacalis trav /n/	i	ni	TOTAL
[e]	16	118	134
[i]	384	13	397
TOTAL	400	131	531

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

Mais adiante demonstraremos que a vogal alta tônica é o fator mais favorecedor do alçamento quando a vogal pretônica não é inicial. Essa força fica dissipada pela força da posição início de palavra. Para Battisti (1993), o alto índice de alçamento de (e) nesses casos sugere que se trata de uma regra em vias de perder seu caráter variável, tornando-se categórica.

O resultado do alçamento foi semelhante nos três municípios, ou seja, há diferença significativa entre a vogal em início de palavra em sílaba travada por /s/ e por /n/ – nesse contexto há significativamente maior percentual de alçamento - e a vogal em sílaba travada por /s/ ou /n/ no interior de palavra.

Vamos analisar também a vogal inicial com travamento por /h/⁴¹: erguida, herdeiros.

Tabela 7: Realização da pretônica (e) inicial com travamento por /h/em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	0	1	2
	%	0,0	100,0	100,0
i	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
ε	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
Total	n	0	1	2
	%	0,0%	100,0%	100,0%

Podemos perceber que são pouquíssimos dados. Em Piranga ocorreu 1 vez o item h[e]rdeiros e em Machacalis, 2 vezes o item [e]rguida.

Vamos comparar essa tabela com a realização não inicial e com travamento por /h/: certeza, percebeu.

Tabela 8: Realização da pretônica (e) não inicial com travamento por /h/em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	135	82	53
	%	90,0	39,8	28,3
i	n	7	12	22
	%	4,7	5,8	11,8
ε	n	8	112	112
	%	5,3	54,4	59,9
Total	n	150	206	187
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Os resultados apresentados nas **Tabelas 7 e 8** são muito diferentes. Em pretônica inicial o número de ocorrências com travamento por /h/é muito baixo, e não ocorreu alçamento nem abertura nos dados, ou seja, nesse contexto não há variação. Já em pretônica não inicial, há muitas ocorrências. Em Ouro Branco predomina a manutenção nesse contexto, mas há alçamento e abertura. Em Piranga e Machacalis predomina a abertura.

⁴¹ Não foram encontrados casos de travamento por /l/, em que o /e/ seja inicial e, por isso, não trataremos desse contexto.

Iremos separar esse contexto inicial também devido às diferenças encontradas nos resultados comparativamente com não inicial.

Portanto, temos argumentos suficientes para separarmos os dados em início de palavra e darmos um tratamento especial a eles, já que a sua manutenção na regressão geraria má distribuição dos dados.

6.1.2 Encontros Vocálicos

Separamos os encontros vocálicos, pois alguns estudos (Viegas, 1987, 2001, dentre outros) aventam a possibilidade de a sua realização ser diferente das outras pretônicas. Se assim o for, postulamos a separação desses dados dos dados das pretônicas em geral, assim como o fizemos para o início de palavra.

Cristófar-Silva define ditongo:

Um **ditongo** consiste de uma seqüência de segmentos vocálicos sendo que um dos segmentos é interpretado como **vogal** e o outro é interpretado como um glide. (...) O segmento interpretado como vogal no ditongo é aquele que tem proeminência acentual (ou seja, conta como uma unidade em termos acentuais). O segmento interpretado como **glide** no ditongo não tem proeminência acentual. Em um ditongo, a vogal e o glide são pronunciados na mesma sílaba – como em [paʊ] “pau” – sendo que o segmento interpretado como vogal representa o núcleo ou pico da sílaba.” (CRISTÓFARO-SILVA, 2005, p.94)

Podemos observar na tabela a seguir a realização da vogal em ditongo:

Tabela 9: Realização da vogal média (e) em ditongo nas três cidades

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	54	51	25
	%	100,0	100,0	100,0
i	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
ɛ	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
Total	n	54	51	25
	%	100,0	100,0	100,0

A seguir, listamos os itens que contêm ditongo⁴² em cada cidade.

Ditongo		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
aceitando/aceitaram/aceitava (6) ⁴³	aceitava (1)	aceitei/aceitou (5)
aproveitando (1)	aproveitava (1)	ajeitando/ajeitava/ajeitou (5)
conceitual (1)	deitado (2)	beijada (1)
deitada/deitado/deitando (3)	direitinho (3)	eucalipto (1)
direitinho (3)	enfeitando/enfeitava (2)	eucaristia (2)
empreiteiras (1)	fejjoada (1)	euclides (2)
enfeitada/enfeitavam (3)	jeitinho (1)	feijão/fejjoada (4)
eucaristia (2)	prefeitura (35)	peitinho (1)
europa (1)	respeitava (2)	reivindica/reivindicação/reivindicam (3)
jeitinho (1)	treinando/treinava (3)	teixeira (1)
pneumonia (1)		
prefeitura (15)		
queimada (7)		
reinado (1)		
reivindicando (2)		
teixeira (1)		
terceirizando (5)		
Total: 54	Total: 51	Total: 25

Não houve casos de alçamento e de abertura em nenhuma das três cidades, ou seja, em ditongo, a manutenção é categórica nessas cidades. Esses casos não são casos de variação em relação à abertura e ao alçamento nas cidades aqui estudadas. Assim, os ditongos devem ser tratados separadamente.

Cristófar-Silva (2005, p.95) define hiato também: “Em oposição aos ditongos temos os hiatos que consistem de uma seqüência de vogais sendo que as vogais são pronunciadas em sílabas distintas: [ba' u] ‘baú’.”

Observemos os hiatos:

Tabela 10: Realização da vogal média (e) em hiato nas três cidades

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	58	41	21
	%	69,0	59,4	24,4
i	n	26	4	6
	%	31,0	5,8	7,0
ε	n	0	24	59
	%	0,0	34,8	68,6
Total	n	84	69	86
	%	100,0	100,0	100,0

⁴² Consideramos ditongos apenas os ditongos decrescentes. Os que poderiam ter realização de ditongo crescente foram classificados como hiatos.

⁴³ Esse número indica o número de ocorrências dos itens lexicais.

No hiato, a realização nas três cidades é bastante diferente. Em Ouro Branco, prevalece a manutenção (69,0%), enquanto em Machacalis prevalece a abertura (68,6%). Em Piranga, prevalece a manutenção (59,4%), mas o índice de abertura (34,8%) não é baixo.

A seguir, listamos os itens⁴⁴ que contêm hiato em cada cidade separadamente.

Hiato⁴⁵ em Ouro Branco	
[e]	[i]
ceando (1)	chateados (1)
ceasa (3)	orquideazinha (1)
compr[e]nder (1)	passeando (1)
freático (1)	sucateados (2)
preocupação/preocupados (4)	teatro/teatros (6)
preocupando/preocupava (2)	re[e]ncarnação/ re[e]ncarnado (15)
reação (1)	
reagir (2)	
realidade (2)	
realizasse (1)	
realmente (9)	
r[e]ncarnação/r[e]ncarnado (16)	
r[e]estruturação (1)	
re[e]struturação (1)	
saneamento (2)	
teoria (1)	
teoricamente (1)	
vereador (1)	
conscientização (1)	
conscientizando (1)	
influenciando (1)	
orientação (2)	
orientando/orientava (3)	
Total: 58	Total: 26

O alçamento ocorreu em Ouro Branco apenas no encontro de e-a e de e-en. Como veremos, o alçamento não é favorecido por [a] e [ẽ] seguintes. Propomos também aqui um tratamento diferenciado para os hiatos. Eles serão tratados separadamente dos outros casos⁴⁶.

⁴⁴ Algumas realizações foram descartadas devido à qualidade do áudio. Algumas realizações serão analisadas em estudos posteriores como pós-tônicas, como orquideazinha, por exemplo.

⁴⁵ Houve casos de ditongação que não serão analisados aqui. Por exemplo: ceiando.

⁴⁶ Como são poucos dados de encontros de hiatos diferentes, não trataremos dos possíveis grupos de fatores favorecedores do alçamento, nem da abertura.

Vamos a Piranga⁴⁷:

Hiato em Piranga		
[e]	[i]	[ɛ]
campeonato/campeonatos (2)	bombardeado (1)	freada (1)
geovana (1)	chateada (1)	vereadores (2)
pr[e]encher (2)	teatro (2)	realizável (2)
preocupada/preocupado (5)		realmente (9)
preocupo (1)		
realizada (1)		
r[e]ncarnasse (1)		
r[e]rguer (1)		
teoricamente (1)		
sociedade (1)		
científica (1)		
influencia (1)		
influenciando (1)		
proprietário (3)		
r[e]struturação (2)		
re[e]struturação (2)		
reuniões (1)		
reunir (2)		
re[e]ncarnação (6)		
r[e]ncarnação (4)		r[ɛ]ncarnação (4)
realidade (1)		realidade (5)
ansiedade (1)		ansiedade (1)
Total: 41	Total: 4	Total: 24

O alçamento ocorreu em Piranga apenas no encontro de e-a. Pelos mesmos motivos anteriores, trataremos os dados desse município como tratamos os dados de Ouro Branco, ou seja, separadamente.

Vejamos Machacalis:

Hiato em Machacalis		
[e]	[i]	[ɛ]
baseado (1)	bambeadas (1)	cadeado (1)
pr[e]enche (1)	campeonato (2)	realidade/realista (15)
preocupam (1)	chateado (1)	realmente (5)
alienado (1)		
surpr[e]endeu (1)	surpr[i]endeu (1)	
preocupada (2)		preocupada (1)
realizar (1)		realiza/ realizadas/ realizar/ realizou (9)
reúne/ reunindo (2)		reúne/reuni/reunir/reuniram (5)
reunião/ reuniões (7)		reunião/ reuniões (8)
teófilo (4) MFA (1) KFJ (3)	teófilo (1) DMA (1)	teófilo (15) DMA (5) MFA (1) GFA (2) JFJ (2) KFJ (3) PMJ (2)
Total: 21	Total: 6	Total: 59

⁴⁷ Observamos a abertura em alguns casos em Piranga. Em casos semelhantes em Ouro Branco houve a realização [e].

O alçamento ocorreu nos encontros: e-a, e-o, e-en, e-ó. Esses contextos de vogais seguintes não são favorecedores do alçamento, como veremos. Essas realizações não seguem, na maioria dos casos, a tendência geral e serão, portanto, analisadas separadamente.

As ocorrências com abertura evidenciam diferenças entre o falar de Machacalis, em que a abertura ocorre em vários encontros vocálicos, e o falar de Ouro Branco e Piranga. Machacalis se destaca ainda apresentando manutenção, abertura e alçamento em um mesmo item (teófilo). Observamos que essas três variantes não ocorrem no mesmo indivíduo. Poderíamos aventar ainda a possibilidade de alguma atuação lexical, mas a quantidade dos dados não nos permite qualquer afirmação dessa natureza neste momento.

Analisando os dados, observamos que os dados de Piranga e de Ouro Branco se assemelham, pois o alçamento ocorreu em ambas em encontro e-a (e no encontro e-en em Ouro Branco, que está relacionado à formação da palavra), já em Machacalis ocorreu em outros encontros. Será preciso analisar mais detalhadamente, em outros estudos, pois não ocorreram os mesmos encontros em todas as cidades. Em Machacalis também ocorre abertura no ditongo, nas outras cidades não.

Em termos de tratamento dos dados, nos modelos estatísticos de regressão, quando há má distribuição dos dados entre as variáveis independentes, devemos tomar alguma providência para que os resultados da regressão possam ser validados: ou recodificamos os dados – o que não garante que essa má distribuição não vá ocorrer em relação a outros grupos de fatores; ou agrupamos os fatores utilizando como critério motivações linguísticas e distribuição dos dados. Consideramos que a união de fatores poderia mascarar o efeito de algum dos fatores objeto desse agrupamento, adotamos, com as justificativas aqui arroladas, o procedimento de analisarmos separadamente as possíveis regressões dos dados de início de palavra e encontro vocálico das regressões dos dados em geral. Nesta tese vamos nos deter na regressão dos dados em geral.

6.1.3 Itens lexicais

Observamos que poderia estar ocorrendo uma influência do item lexical. Então, percebemos que seria necessário separar alguns itens, antes de rodar os dados, a fim de evitar um tendenciamento, caso haja efeito do item lexical:

- Itens em que ocorreram as 3 variações e ~ i ~ ε;
- Itens em que ocorreu apenas a variação i ~ ε;
- Itens em que a realização é categórica, ou seja, não são variáveis; e que tenham acima de 10 ocorrências;
- Itens quase categóricos em que uma das variantes ocorreu em percentual acima de 90% das realizações; e que tenham acima de 10 ocorrências.

Os quadros a seguir apresentam a lista de itens separados:

Quadro 5: Itens em que ocorreram as 3 variações (e ~ i ~ ε) ou apenas a variação i ~ ε.

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
melhor e flexões	13[e] 4[i] 1[ε]	melhor e flexões	3[i] 16[ε]	desenvolvimento (1ª sílaba)	2[i] 1[ε]
melhorar e flexões	3[e] 1[i] 2[ε]	melhorar e flexões	2[i] 3[ε]	melhor e flexões	3[i] 14[ε]
				melhorar e flexões	5[e] 1[i] 13[ε]
				acredita e flexões	8[e] 3[i] 1[ε]
				precisa e flexões	2[e] 46[i] 1[ε]
				pessoa e flexões	194 [e] 2[i] 2[ε]

Quadro 6: Itens em que a realização é categórica para a abertura de (e) (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
-----	-----	negócio e flexões	45	verdade e flexões	14
-----	-----	verdade	25	Bertópolis	11
-----	-----	fernando	23		

Quadro 7: Itens em que a realização é categórica para o acento (e) (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
precisa e flexões	25	acredita e flexões	83	pedir e flexões	24
menino e flexões	43	menino e flexões	81	conseguir e flexões	22
pequeno e flexões	23	pequeno e flexões	11	pequeno e flexões	29
Demais	13	segundo e flexões	15	segundo e flexões	14
		seguinte	12		
		senhora	20		

Quadro 8: Itens quase categóricos em que uma das variantes [i] ou [ɛ] ocorreu acima de 90% das realizações – realização quase categórica (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
Alçamento					
segundo e flexões	1 [e] 16[i]	precisa e flexões	1[e] 36[i]	serviço	1 [e] 13 [i]
		queria	1[e] 14[i]	menino e flexões	1[e] 41 [i]
		nenhum e flexões	1[e] 16[i]		
Abertura					
		melina	2 [e] 63[ɛ]	merenda e flexões	1[e] 13 [ɛ]

Observando a lista dos itens separados, podemos perceber que há itens que foram separados nas três cidades, são eles:

- a) menino e suas flexões (alçamento categórico em Piranga e Ouro Branco e quase categórico em Machacalis);
- b) pequeno e suas flexões (alçamento categórico nas três cidades);
- c) segundo e suas flexões (alçamento categórico em Piranga e Machacalis e quase categórico em Ouro Branco);
- d) precisa e suas flexões (alçamento categórico em Ouro Branco e quase categórico em Piranga e Machacalis);
- e) melhor e suas flexões (apresenta a variação e ~ i ~ ɛ em Ouro Branco e a variação i ~ ɛ em Piranga e Machacalis);
- f) melhorar e suas flexões (apresenta a variação e ~ i ~ ɛ em Ouro Branco e Machacalis e a variação i ~ ɛ em Piranga).

A análise dos itens será feita na **Seção 6.6**.

6.1.4 Distância da sílaba tônica

Na regressão, analisaremos apenas a distância 1 da tônica, para controlar adequadamente a atuação do acento secundário, caso essa atuação exerça um efeito sobre as variáveis. Analisaremos o efeito da distância da tônica, por meio de testes, ao final da análise da regressão (**Seção 6.8.1**).

Graebin (2008) estudou o efeito do acento secundário sobre o abaixamento das pretônicas e concluiu que os resultados foram mais nítidos para a (o) do que para (e).

Segundo Graebin (2008, p.188), nos resultados, observou-se uma oposição drástica entre o abaixamento e a elevação. “Enquanto o índice de elevação decresceu à medida que a vogal (o) se distanciou da sílaba tônica, o índice de abaixamento encontrou na posição mais distante da tônica um ambiente propício.”

6.1.5 Morfemas

Retiramos da regressão os dados com a derivação em *-(z)inho* e *-mente*, pois segundo a literatura, têm um comportamento diferente dos demais sufixos.

Mota (1979) pontua:

A não ocorrência de alternância vocálica entre o radical do derivado e o do não derivado, principalmente de referência aos sufixos *-(z)inho*, *-mente* (...) é fato geral no português, referido por quantos se têm ocupado do assunto, para o qual têm sido propostas diversas interpretações (...). (MOTA, 1979, p.42)

Bisol (1981) explica que o sufixo *-(z)inho* já vinha sendo apontado pela literatura como inibidor da neutralização e da harmonia vocálica. A autora ressalta:

À luz de tentadoras hipóteses que conferem aos sufixos *-zinho*, *-inho* a propriedade de atuarem no âmbito da fronteira do vocábulo, tal como *-mente*, explicar-se-ia a preservação da pretônica nas derivadas assim constituídas, da seguinte forma: não se tratando de mera adjunção de um sufixo, a harmonização vocálica que só atua no nível da palavra, fica bloqueada pela juntura de limite de vocábulo que esses sufixos levam à esquerda. (BISOL, 1981, 104-105).

Bisol (1981, p.106) complementa: “Isso se deve ao fato de esses sufixos terem a propriedade de reter a lembrança do acento subjacente da palavra com que combinam (...).”

Em relação à derivação em *-mente*, Bisol (1981, p.101) acrescenta: “Ao que tudo indica a classe dos formadores de grau e a terminação *-mente* têm características sintáticas e fonológicas que tendem a interceptar o enfraquecimento do acento e conseqüentemente a redução vocálica.”

Analisaremos nesta tese apenas as pretônicas em radical⁴⁸, para isolar o efeito dos prefixos. Caso a estratificação desse grupo fosse considerada na regressão, haveria má distribuição dos dados, em relação às outras variáveis independentes. Em Dias (2008), mostramos que parecia haver um efeito relacionado aos prefixos, um prefixo favorecia o alçamento (*des-*) e outro prefixo favorecia a abertura (*pre-*). O efeito dos morfemas será estudado por meio de testes ao final da análise da regressão.

⁴⁸Consideramos radical o que não é prefixo ou parte de uma formação composta.

6.1.6 Fatores não variáveis

Fizemos o cruzamento entre a variável dependente e cada variável independente (Crosstabs), para verificar quais fatores tiveram zero ocorrência de uma das variáveis dependentes, ou seja, em que fatores não há variação. Os dados com tais contextos foram retirados da regressão. Vejamos os quadros a seguir:

Quadro 9: Fatores internos retirados para o alçamento de (e) nas três cidades após o crosstabs

ALÇAMENTO	Fatores retirados em Ouro Branco	Fatores retirados em Piranga	Fatores retirados em Machacalis
Vogal tônica	[ã] [ê], [ô]	[a] [ã] [ê], [ô] [ε], [o]	[a] [ã]
Tipo silábico	outros (CVS, CVCC, CCVS, CCVC) Ex.: crescendo	-----	outros (CVS, CVCC, CCVS, CCVC) prestar
Número de sílabas da palavra	-----	-----	5 sílabas ou mais Ex.: aparecida, deveríamos

Em todos os casos apresentados no quadro anterior, tivemos 100% de manutenção da vogal média pretônica.

Vamos à abertura:

Quadro 10: Fatores internos retirados para a abertura (e) nas três cidades após crosstabs

ABERTURA	Fatores retirados em Ouro Branco	Fatores retirados em Piranga	Fatores retirados em Machacalis
Vogal tônica	[e], [o]	[e], [o]	-----
Tipo silábico	outros (CVS, CVCC, CCVS, CCVC) Ex.: crescendo	-----	-----
Número de sílabas da palavra	2 sílabas Ex.: betim, dedão, questão 5 sílabas ou mais Ex.: poderíamos	-----	-----

Em todos os casos apresentados no quadro anterior, tivemos 100% de manutenção da vogal média pretônica.

Podemos observar que, em Machacalis, não há restrição para a abertura e há para o alçamento. Ouro Branco é a cidade que mais possui restrições para a abertura.

Em Ouro Branco, quando o item tem 2 sílabas nunca ocorreu abertura.

Mostramos, principalmente, que há contextos ou itens com realização categórica para o alçamento ou para a abertura e que não serão tratados junto com os casos variáveis.

6.2 O que entra na regressão:

Na regressão analisaremos os seguintes grupos de fatores:

Para o alçamento	Para a abertura
Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica
Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte
Classe gramatical	Classe gramatical
Distância do início da palavra	Distância do início da palavra
Gênero/sexo	Paradigma
Faixa etária	Gênero/sexo
	Faixa etária

O grupo de fator *paradigma* será analisado apenas para a abertura, porque a sua codificação foi feita considerando-se apenas o paradigma com vogal aberta. Optamos por inserir apenas o modo na regressão, em vez de inserir ponto e modo, pois os resultados para o modo são mais generalizáveis. A inserção dos dois gerou má distribuição dos dados.

Em relação aos segmentos precedentes e seguintes, optamos apenas pelos seguintes, porque ao fazer o cruzamento entre o modo precedente e o modo seguinte, observamos um número grande de zeros, ou seja, teríamos uma má distribuição dos dados. Escolhemos o modo seguinte, porque observamos nas rodadas experimentais que ele parecia ter uma influência maior nos processos do que o modo precedente.

Posteriormente à regressão, faremos a análise do item lexical e do indivíduo.

Analisaremos o efeito dos grupos de fatores *tipo silábico*, *vogal entre a vogal da variável e a tônica*, *distância da tônica*, *morfemas*, *estado da glote*, por meio de testes (**Seção 6.8**).

Não analisaremos na regressão o grupo de fator *número de sílabas da palavra*. Ele poderá ser usado em outros trabalhos para verificar a atuação do acento secundário.

Optamos por limitar o estudo para uma distribuição mais equitativa dos dados, assim teremos um grau de certeza maior nas nossas afirmações.

Os resultados apresentados pelo programa serão analisados da seguinte forma:

- a) Analisaremos os fatores favorecedores;
- b) Analisaremos os itens de cada fator favorecedor.

Se o fator analisado apresentar mais de 1 item, consideraremos o fator como favorecedor. Caso apresente 1 item, não consideraremos o seu favorecimento, porque não podemos precisar se o que favorece é o fator ou o item.

Como há fatores com muitos agrupamentos, por exemplo: dentro de fricativas há os segmentos: [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ], [ʒ], então será preciso observar o segmento, para ver se podemos atribuir o favorecimento ao fator como um todo ou se é apenas um segmento que está favorecendo, por exemplo: apenas a fricativa glotal [h].

As rodadas serão feitas separadamente para cada cidade.

6.3 Análise do alçamento de (e).

Incluímos na mesma regressão os fatores sociais internos para ver quais das variáveis independentes são significativas para o alçamento. Estamos testando também a interação entre os fatores sociais, uma vez que há possibilidade de haver interação entre esses fatores, conforme Oliveira (2011). Faremos a análise apenas das variáveis significativas e incluiremos os seguintes grupos de fatores na regressão:

Quadro 11: Variáveis apontadas pelo SPSS como significativas para o alçamento de (e) em cada cidade

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica
Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte
Classe Gramatical	-----	Classe Gramatical
Distância do Início da palavra	-----	Distância do Início da palavra
-----	-----	Houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária
Idade	-----	
Não houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária	Não houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária	

Os grupos de fatores *vogal da sílaba tônica* e *modo do segmento seguinte* são significativos nas três cidades, portanto, provavelmente, esses grupos de fatores têm um poder maior de explicação para o alçamento.

O **Quadro 11** aponta a interação entre os fatores sociais em Machacalis. Então, foi necessário fazer uma recodificação dos fatores sociais:

Agrupamento social

3 = masculino/jovem
4 = masculino/adulto
5 = feminino/jovem
6 = feminino/adulto

6.3.1 Vogal da sílaba tônica

6.3.1.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de (e) em relação à variável *vogal da sílaba tônica*:

Tabela 11: Fatores favorecedores do alçamento de (e), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[i], [u], [ĩ], [ũ]	132/263	50,2	<0,001	0,97	[i], [u], [ĩ], [ũ]	80/199	40,2	<0,001	0,77	[i], [u], [ĩ], [ũ]	55/125	44,0	<0,001	0,88

As vogais tônicas altas orais e nasais [i, u, ĩ, ũ] favorecem o alçamento nas três cidades.

Os estudos sobre as vogais médias pretônicas confirmam o favorecimento das vogais altas orais. Alguns ressaltam o favorecimento dessas vogais na sílaba tônica, como: Mota (1979), Castro (1990), Yacovenco (1993), Viana (2008), Rezende e Magalhães (2010), Bisinotto (2011), Felice (2012).

Outros ressaltam que esse favorecimento se dá pela vogal alta da sílaba seguinte, independente da tonicidade, como: Bisol (1981) (no Rio Grando do Sul, a vogal [u] tem menor probabilidade do que a vogal [i] de causar o alçamento de (e)), Viegas (1987), Silva (1989), Battisti (1993), Freitas (2001), Célia (2004) (em Nova Venécia, apenas a alta anterior foi favorecedora), Graebin (2008) (em Formosa, apenas a alta anterior foi favorecedora), Silva (2009) (em Teresina, a vogal [u] não eleva a vogal anterior, apenas a posterior), Tondineli (2010), Carvalho (2010).

Graebin (2008) explica que em Formosa, as vogais [ɔ], [ĩ], [ũ], [õ] na sílaba seguinte também favorecem o alçamento de (e). Tondineli (2010) explica que, em Montes Claros, as vogais [ɔ], [o], na sílaba seguinte também o favorecem.

Podemos dizer que o processo de alçamento da vogal média pretônica anterior, nas três cidades aqui estudadas, se dá principalmente por meio da assimilação regressiva do traço [-aberto2] da vogal da sílaba tônica – harmonização vocálica.

6.3.1.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Propusemo-nos a analisar os itens alçados em cada fator favorecedor, para ver se realmente confirmamos o favorecimento do fator ou se há uma atuação do item lexical. Vejamos os itens⁴⁹ a seguir:

Vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ]		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
acontecia 1[i]	aborrecido 1[i]	bebia 2[i]
acontecido 3[i]	acontecido 4[i]	bebida 4[i]
acredita/acredito/ desacr[i]dita 34[i]	aprendia 2[i]	derruba 1[i]
aparecida 3[i]	belisco 1[i]	dev[i]ria 3[i]
bebida 1[i]	conhecia 1[i]	mentindo/mentiu 2[i]
conseguia/conseguindo/ conseguiram/conseguisse 6[i]	conseguia/conseguindo/conseguiram/ consegurem 7[i]	mexia 2[i]
correria 1[i]	conseguido 2[i]	nenhum/nenhuma 5[i]
derr[i]tia 1[i]	desp[i]dindo 2[i]	parecia 1[i]
descia 1[i]	devia/deviam 5[i]	perdi/perdia 4[i]
descida 1[i]	esqu[i]ci 1[i]	persegui 1[i]
destino 1[i]	felipe 1[i]	previa 1[i]
devia 4[i]	investido 1[i]	queria 6[i]
enx[i]rida 2[i]	medida 1[i]	seguidos 1[i]
felipe 3[i]	mentira 6[i]	seguinte 2[i]
medida 4[i]	parecia 1[i]	seguro 1[i]
metia 2[i]	parecido 3[i]	sentido 7[i]
mexia 1[i]	pedia /pedindo/pediu 6[i]	sentir/sentiu 2[i]
nenhum/nenhuma 24[i]	pedido 1[i]	seringa 2[i]
parecia 2[i]	perdido 1[i]	servia/servindo/servir 5[i]
pedindo/pediram 3[i]	perigo 5[i]	transferiu 1[i]
perdida/perdidas/perdido 5[i]	pers[i]guido 1[i]	vestido 2[i]
perigo 1[i]	pref[i]rível 1[i]	
preguiça 1[i]	prefiro 2[i]	
queria/queriam 11[i]	prev[i]nir 1[i]	
reconh[i]cida 1[i]	rec[i]bia 1[i]	
rep[i]ti 1[i]	ref[i]riu 3[i]	
segundo 1[i]	seguida 1[i]	
seguinte 5[i]	segura 1[i]	
sentia 3[i]	sentido 2[i]	
sentido 2[i]	servia/servisse 2[i]	
serviço 2[i]	serviço/serviços 9[i]	
vestirem 1[i]	transferidos 1[i]	
	transferindo 1[i]	
	vestia 1[i]	
	vestida 1[i]	
Total: 132[i]	Total: 80[i]	Total: 55[i]

Ao analisá-los, confirmamos o favorecimento do alçamento pelas vogais altas orais e nasais nas três cidades. Além desses itens, há ainda aqueles que tiveram

⁴⁹ Apresentamos aqui os itens realizados alçados com o número de realizações alçadas de cada item entre colchetes. Fizemos assim para todos os quadros de análise de itens nos fatores favorecedores e desfavorecedores.

alçamento categórico e têm vogal alta na sílaba tônica e por isso foram separados, conforme explicado na **Seção 6.1.3**

6.3.1.3 Análise dos segmentos⁵⁰

Observando os segmentos, constatamos que [i], [u], [ĩ], [ũ] ocorrem nos itens listados. Porém, ressaltamos que a vogal anterior ocorre bem mais do que a vogal posterior.

Bisol (2013a) explica:

Outro ponto importante a observar é a produtividade da vogal /i/ como gatilho da harmonização vocálica, no sentido de que atua com a mesma prodigalidade tanto com /e/ quanto com /o/, enquanto a vogal /u/ dá preferência à vogal /o/. O fato sugere a seguinte explicação: Revendo-se o diagrama das vogais cardinais (Jones, 1957, p.8), constata-se que o ponto mais alto de articulação é o da vogal /i/, enquanto /u/, consideravelmente mais baixo é levemente mais alto do que /e/. A razão fisiológica para este fato é que, na cavidade bucal, o espaço para as vogais [-post] é maior do que o espaço para as vogais [+post]. Portanto, uma vogal alta posterior exerce pouca força atrativa sobre /e/, pois mudar /e/ para /i/ significa criar uma articulação mais alta do que a própria vogal /u/, o condicionador. Isso explica por que veludo e bermuda, por exemplo, tendem a preservar a vogal da base, enquanto pepino~pipino e bonito~bunito tendem a alterá-la. (BISOL, 2013a, p. 54)

6.3.1.4 Análise dos fatores desfavorecedores

Como vimos no **Quadro 9**, após o cruzamento entre a variável dependente e a variável independente **vogal da sílaba tônica**, algumas vogais tônicas foram retiradas em cada cidade, pois houve manutenção categórica na variável dependente. São elas:

Quadro 12: Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente - alçamento de (e)

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[ã] [ê], [ô]	[a] [ã] [ê], [ô] [ε], [ɔ]	[a] [ã]

Além dessas vogais que apresentaram realização categórica de [e] na variável dependente, os resultados das rodadas apresentaram algumas vogais desfavorecedoras, como podemos observar na tabela a seguir:

⁵⁰ O programa selecionou o fator como significativo, estamos apenas analisando se algum dos segmentos desse fator não ocorre nos dados. Não estamos medindo a força de atuação de cada segmento. Em estudos posteriores, analisaremos cada um separadamente. O mesmo procedimento foi tomado para todos os outros grupos de fatores.

Tabela 12: Fatores desfavorecedores do alçamento de (e), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[e], [o]	1/280	0,4	0,019	0,13	[e], [o]	13/249	5,2	<0,001	0,23	[ê], [õ]	1/36	2,8	<0,001	0,05
	[a]	2/109	1,8	0,025	0,20										

Os fatores [e], [o], na tônica, mostraram-se desfavorecedores do alçamento em Ouro Branco e Piranga. [ã] apresentou realização categórica da manutenção nas três cidades. [ê], [õ] apresentou realização categórica da manutenção em Ouro Branco e Piranga e foi desfavorecedor em Machacalis. [a] apresentou realização categórica da manutenção em Piranga e Machacalis e foi desfavorecedor em Ouro Branco.

6.3.1.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejam os itens a seguir:

Vogal tônica [e], [o]	
Ouro Branco	Piranga
acontecerem/acontecesse 2[e]	aconteceram 3[e]
beleza 7[e]	aprender/aprendeu 2[e]
besteira 1[e]	atenderam 1[e]
cederam 1[e]	beleza 8[e]
cenoura 2[e]	certeza 13[e]
certeza 11[e]	cometeram 1[e]
cerveja/cervejas 2[e]	corredores 1[e]
conhecerem/conhecesse 3[e]	credores 1[e]
defesa 1[e]	desejo 1[e]
diretoria 7[e]	desr[e]speito 2[e]
enf[e]rmeira/enf[e]rmeiras 2[e]	diretoria 1[e]
eng[e]nheiro/eng[e]nheiros 4[e]	end[e]reço 2[e]
escr[e]veram 1[e]	enf[e]rmeira/enf[e]rmeiro 2[e]
interesse 2[e]	eng[e]nheiro/ eng[e]nheiros 2[e]
lerdeza 2[e]	ferreira 1[e]
perderam 1[e]	fevereiro 3[e]
pereira 1[e]	inspetora 1[e]
peessoa/pessoas 171[e]	leveza 1[e]
prefeito/prefeitos 9[e]	nenega 3[e]
professora/professoras/ professores 22[e]	nervoso 1[e]
recreio 1[e]	pedreiro 4[e]
represa 1[e]	pereira 9[e]
respeito 8[e]	pescoço 1[e]
terceiro/terceira 14[e]	peessoa/ pessoas 87[e]
tereza 1[e]	prefeito 18[e]
terreiro 2[e]	professora/professoras/ professores 33[e]
	quebrei 1[e]
	recebo 2[e]
	receio 3[e]
	receita 1[e]
	refletores 2[e]
	respeita/respeitam/respeito 15[e]

	terceira 1[e]
	terreiro 4[e]
	veredas 3[e]
	vermelho 2[e]
Total: 279 [e]	Total: 236 [e]

Ouro Branco
Vogal tônica [a]
acertasse 1[e]
aglomerado 1[e]
apelasse 1[e]
aposentada 1[e]
aposentaram 1[e]
atormentada/atormentado 2[e]
atravessava 1[e]
aumentaram 1[e]
catedrático 1[e]
cenário 1[e]
chegado 1[e]
chegaram/ chegassem/ chegava 9[e]
começaram/começava 5[e]
compensava 1[e]
conversava 2[e]
depr[e]dado 1[e]
des[e]nhava 1[e]
empr[e]gado/ empr[e]gados 4[e]
encarr[e]gado 1[e]
eng[e]ssada 1[e]
esp[e]rava 1[e]
estr[e]ssado 1[e]
fechada/fechado 2[e]
gelada/gelado 5[e]
gerada 1[e]
geraldo 1[e]
homenagem 1[e]
internado 1[e]
lembrado 1[e]
lembrava 1[e]
levada/levado 2[e]
levava 2[e]
liberdade 8[e]
matemática/ matemático/ matemáticos 4[e]
mensagem 1[e]
mestrado 1[e]
metade 1[e]
metálica/metálicas 2[e]
nec[e]ssário 1[e]
operário/operários 3[e]
papelada 1[e]
pedaço (1[e]
pegaram/pegava 5[e]
pensava 1[e]
pesado/pesados 2[e]
quebrado 1[e]
selvagem/selvagens 2[e]
sensato 1[e]
sentado/sentados 4[e]

sentarem 1[e]
soledade 3[e]
teclado 2[e]
telhado 1[e]
verdade 5[e]
Total: 107[e]

Machacalis	
Vogal tônica [ẽ], [õ]	
atendente 1[e]	
bebendo 1[e]	
devemos/devendo 2[e]	
mexendo 3[e]	
perdemos/perdendo 2[e]	
querendo 9[e]	
rec[e]bendo 1[e]	
rendendo 1[e]	
vendendo 14[e]	
vergonha 1[e]	
Total: 35[e]	

Ao analisá-los, confirmamos o desfavorecimento do alçamento pelas vogais [e], [o] em Ouro Branco e Piranga, pela vogal [a] em Ouro Branco e pela vogais [ẽ], [õ] em Machacalis, pois há vários itens com essas vogais na sílaba tônica em que ocorre a manutenção. Portanto, não podemos atribuir o desfavorecimento ao item lexical.

6.3.1.6 Análise dos segmentos

Ao observar o segmento, constatamos que os segmentos [e], [o] ocorrem nos itens listados nas duas cidades e que os segmentos [ẽ], [õ] ocorrem nos itens listados em Machacalis, portanto, o grupo de fator [e], [o] pode ser considerado desfavorecedor do alçamento em Ouro Branco e Piranga e o grupo de fator [ẽ], [õ] pode ser considerado desfavorecedor em Machacalis.

6.3.1.7 Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 13: Fatores sem significância para o alçamento de (e), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[ɛ], [ɔ]	6/80	7,5	0,674	0,45	-----	-----	----	----	-----	[e], [o]	33/232	14,2	0,632	0,54
											[ɛ], [ɔ]	10/42	23,8	0,101	0,68

Quadro 13: Fatores favorecedores, com realização categórica da manutenção, desfavorecedores e sem significância para o alçamento de (e) em relação à vogal da sílaba tônica nas três cidades

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Fatores favorecedores do alçamento	[i], [u], [ĩ], [ũ]	[i], [u], [ĩ], [ũ]	[i], [u], [ĩ], [ũ]
Realização categórica da manutenção	[ã], [ẽ], [õ]	[a], [ã], [ẽ], [õ], [ɛ], [ɔ]	[a], [ã]
Fatores desfavorecedores do alçamento	[e], [o], [a]	[e], [o]	[ẽ], [õ]
Fatores sem significância	[ɛ], [ɔ]	-----	[e], [o], [ɛ], [ɔ]

6.3.2 Modo do segmento seguinte

6.3.2.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de (e) em relação à variável *modo do segmento seguinte*:

Tabela 14: Fatores favorecedores do alçamento de (e), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	nasais	36/87	41,4	<0.001	0,76	oclusivas	23/49	46,9	0,011	0,66	nasais	45/125	36,0	<0.001	0,78
	oclusivas	59/170	34,7	<0.001	0,71										

As nasais favorecem o alçamento em Ouro Branco e Machacalis e as oclusivas o favorecem em Ouro Branco e Piranga, ou seja, o alçamento é favorecido pelo **traço** [-contínuo] seguinte.

Castro (1990), Battisti (1993), Viana (2008), Tondineli (2010), Rezende e Magalhães (2010) também mostraram que a nasal seguinte favorece o alçamento em Juiz de Fora, no Rio Grande do Sul, em Pará de Minas, em Uberaba, em Montes Claros, em duas cidades do Alto Paranaíba (Coromandel e Monte Carmelo), respectivamente. Viegas (1987) mostrou que as sonorantes (formadas por nasal e líquidas laterais) seguintes favorecem o alçamento de (e) em Belo Horizonte.

O favorecimento do alçamento pelas oclusivas seguintes também é evidenciado nos estudos de Rezende e Magalhães (2010). Bisol (1981), Yacovenco (1993), Freitas (2001), Célia (2004), Graebin (2008) e Silva (2009) mostram o favorecimento do alçamento de (e) pelas velares. Como sabemos, [k] e [g] fazem parte das oclusivas. Bisinotto (2011) e Felice (2012) constataram que as consoantes não contínuas

favorecem o alçamento de (e). Ressaltamos que as oclusivas são consoantes não contínuas.

Carmo (2013) aponta o favorecimento do alçamento de (e) pelas dorsais seguintes. As dorsais [k], [g], quando classificadas em relação ao modo, fazem parte das oclusivas.

6.3.2.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores⁵¹

Podemos observar os itens a seguir:

Modo seguinte: nasais	
Ouro Branco	Machacalis
nenhum/nenhuma 24[i]	des[i]nvolve 1[i]
semestre 3[i]	mentindo/mentiu 2[i]
senhor/senhora 4[i]	nenhum/nenhuma 5[i]
sentia 3[i]	senhor/senhora/senhoras 28[i]
sentido 2[i]	sentir/sentiu 2[i]
	sentido 7[i]
Total: 36[i]	Total: 45[i]

Modo seguinte: oclusivas	
Ouro Branco	Piranga
acredita/acredito/desacr[i]dita 34[i]	conseguia/ conseguindo/ conseguiram/ conseguirem 7[i]
bebida 1[i]	conseguido 2[i]
conseguia/ conseguindo/ conseguiram/ conseguisse 6[i]	desp[i]dindo 2[i]
derr[i]tia 1[i]	medida 1[i]
medida 4[i]	pedia/pedindo/pediu 6[i]
metia 2[i]	pedido 1[i]
pedindo/pediram 3[i]	pers[i]guido 1[i]
preguiça 1[i]	rec[i]bia 1[i]
rep[i]ti 1[i]	seguida 1[i]
segundo 1[i]	segura 1[i]
seguinte 5[i]	
Total: 59[i]	Total: 23[i]

Analisando os itens, podemos perceber que em relação às nasais seguintes, Ouro Branco e Machacalis apresentaram mais de 1 item, portanto, consideraremos o fator nasal seguinte como favorecedor nestas cidades. E em relação às oclusivas seguintes, Ouro Branco e Piranga apresentaram mais de 1 item, portanto, consideraremos o fator oclusiva seguinte como favorecedor nestas cidades.

⁵¹ Podemos observar que a vogal alta tônica ocorre em quase todos os itens, portanto estamos aqui observando um efeito potencializador sobre o efeito da tônica, ou seja, o efeito da consoante seguinte.

6.3.2.3 Análise dos segmentos

Analizamos também o segmento e observamos que todas as nasais [m], [n], [ɲ] - ocorrem na lista dos itens em Ouro Branco e devem ser consideradas favorecedoras nesta cidade. Em Machacalis, ocorrem apenas as nasais [n] e [ɲ].

Em relação às oclusivas, apenas alguns segmentos apareceram na lista dos itens. Em Ouro Branco temos os seguintes: [b], [t], [d], [g] e em Piranga: [b], [d], [g].

Portanto, nas três cidades, ocorre o processo de redução vocálica, no qual ocorre a diminuição da diferença articulatória das vogais em relação aos segmentos adjacentes.

6.3.2.4 Análise dos fatores desfavorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores que desfavorecem o alçamento de (e):

Tabela 15: Fatores desfavorecedores do alçamento de (e), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	tepe e laterais	18/101	17,8	<0,001	0,18	tepe e laterais	16/79	20,3	0,03	0,37	oclusivas	14/93	15,1	0,028	0,34
	fricativas	28/374	7,5	0,023	0,37						fricativas	28/167	16,8	0,018	0,37

O alçamento é desfavorecido por tepe e laterais seguintes em Ouro Branco e Piranga. As fricativas seguintes desfavorecem o alçamento em Ouro Branco e Machacalis e as oclusivas em Machacalis.

6.3.2.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejamos os itens:

Modo seguinte: tepe e laterais	
Ouro Branco	Piranga
acontec[e]ria 1[e]	acontec[e]riam 1[e]
aglomerado 1[e]	bateria 1[e]
apelasse 1[e]	beleza 8[e]
beleza 7[e]	caberia 1[e]
coqueria 1[e]	dev[e]ria/dev[e]riam 6[e]
correria 3[e]	end[e]reço 2[e]
delicia 2[e]	fev[e]reiro 3[e]
dev[e]ria/dev[e]riam 8[e]	haveria 1[e]
esp[e]rava 1[e]	manteriam 1[e]
felizes 1[e]	parceria 1[e]
gelada/gelado 5[e]	pereira 9[e]
gerada 1[e]	poderia 5[e]
geraldo 1[e]	querido 1[e]
interessa 2[e]	seria/ seriam 13[e]

interesse 2[e]	sugerido 1[e]
loteria 2[e]	teria 6[e]
melina 4[e]	veredas 3[e]
merece 1[e]	
oferece 1[e]	
operário/operários 3[e]	
papelada 1[e]	
parceria 1[e]	
pereira 1[e]	
período/períodos 5[e]	
poderia/poderíamos 7[e]	
queria/queriam 2[e]	
resolv[e]ria 1[e]	
selvagem/selvagens 2[e]	
seria 4[e]	
siderúrgica 2[e]	
telhado 1[e]	
tereza 1[e]	
teria/teriam 7[e]	
Total: 83[e]	Total: 63[e]

Modo seguinte: fricativas	
Ouro Branco	Machacalis
acertasse 1[e]	amanhecer 1[e]
acessível 1[e]	apareceu 1[e]
acontecerem/acontecesse/acontecia 5[e]	bermuda 1[e]
acontecido 1[e]	besteira 1[e]
aparecia 1[e]	certeza 5[e]
aparecida 1[e]	desejo 1[e]
atravessava 1[e]	devemos/ devendo 2[e]
besteira 1[e]	devia 1[e]
certeza 11[e]	devido 16[e]
cerveja/ cervejas 2[e]	divertida 1[e]
começaram/ começava 5[e]	faleceu 1[e]
conhecerem/conhecesse/conhecia 4[e]	fechou 1[e]
conhecida/conhecido 2[e]	ferver 1[e]
conversava 2[e]	fervia 1[e]
defesa 1[e]	investindo 1[e]
desobed[e]ci 1[e]	jesus 13[e]
devido 7[e]	levou 2[e]
en[e]rgia 1[e]	libertou 1[e]
enf[e]rmeira/enf[e]rmeiras 2[e]	mercê 2[e]
eng[e]ssada 1[e]	mexer/mexendo 4[e]
entr[e]vista 3[e]	percebo 1[e]
escreveram 1[e]	perdemos/perdendo/perder 3[e]
esp[e]cífica 1[e]	pergunta 1[e]
estr[e]ssado 1[e]	permita 1[e]
ex[e]rcício 6[e]	persiste 1[e]
falecido 1[e]	prefeito/prefeitos 50[e]
fechada/fechado 2[e]	previa 1[e]
internado 1[e]	receita 3[e]
internet 3[e]	resolve 1[e]
investindo 1[e]	respeito 5[e]
lerdeza 2[e]	terceira/terceiro 9[e]
levada/ levado 2[e]	verdura/verduras 3[e]
levava 2[e]	vergonha 1[e]
liberdade 8[e]	vermelha 1[e]
mer[e]ciam 1[e]	versículo 1[e]

mestrado 1[e]	
mexia 1[e]	
nec[e]ssário 1[e]	
parecido 1[e]	
perderam 1[e]	
perdido 1[e]	
pergunta 2[e]	
pesado/ pesados 2[e]	
pessoa/pessoas 171[e]	
prefeito/ prefeitos 9[e]	
professora/ professoras/ professores 22[e]	
regime 2[e]	
resolve 6[e]	
respeito 8[e]	
resposta/ respostas 5[e]	
serviço/ serviços 2[e]	
terceira/ terceiro 14[e]	
termina/termine 3[e]	
terreiro 2[e]	
travessia 1[e]	
verdade 5[e]	
Total: 346[e]	Total: 139[e]

Machacalis
Modo seguinte: oclusivas
agrediram 1[e]
beber/bebeu/bebendo 4[e]
catequese/catequista 2[e]
cebola 1[e]
chegou/cheguei 18[e]
diretor/diretora/diretores 6[e]
inspetor/inspetora/inspetoras 6[e]
negócio 1[e]
pedreiro 3[e]
pegou/peguei 24[e]
preguei 2[e]
rec[e]bendo 1[e]
setor/setores 10[e]
Total: 79[e]

Os itens mostram que o fator tepe e laterais seguintes desfavorece o alçamento em Ouro Branco e Piranga, que as fricativas seguintes desfavorecem em Ouro Branco e Machacalis e que as oclusivas seguintes desfavorecem em Machacalis, pois há vários itens com esses fatores em que ocorre apenas a manutenção. Portanto, não podemos atribuir o desfavorecimento ao item lexical

6.3.2.6 Análise dos segmentos

Ao observar o segmento, notamos que em Ouro Branco e Piranga, o tepe e as laterais [l], [ʎ] constam na lista dos itens e devem ser considerados desfavorecedores do alçamento.

Em relação às fricativas, todas elas - [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ], [ʒ] - apareceram na lista dos itens em Ouro Branco e quase todas (exceto [ʒ]) apareceram na lista dos itens em Machacalis; portanto, consideramos o fator fricativas como desfavorecedor do alçamento nestas cidades.

Em relação às oclusivas, quase todas - [b], [d], [t], [g], [k] - apareceram na lista dos itens. Essas oclusivas serão consideradas desfavorecedoras do alçamento em Machacalis.

As oclusivas e fricativas são as obstruintes e podem ser representadas pelo **traço [-soante]**. Então, podemos dizer que, de modo geral, as consoantes **[-soantes]** desfavorecem o alçamento de (e) em Machacalis.

6.3.2.7 Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 16: Fatores sem significância para o alçamento de (e), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	-----	-----	----	-----	-----	fricativas	38/273	13,9	0,287	0,45	tepe e laterais	12/50	24,0	0,82	0,48
						nasais	16/47	34,0	0,706	0,53					

6.3.3 Classe gramatical

6.3.3.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de (e) em relação à variável *classe gramatical*.

Tabela 17: Fatores favorecedores do alçamento de (e), em relação à classe gramatical

Variável independente	Ouro Branco					Piranga		Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Classe gramatical	verbos	74/185	40,0	0,003	0,62	O programa não considerou este grupo de fator significativo		verbos	37/149	24,8	0,003	0,61

Os verbos favorecem o alçamento de (e) em Ouro Branco e Machacalis.

Freitas (2001) e Rezende e Magalhães (2010) também mostraram o favorecimento do alçamento de (e) pelos verbos.

Graebin (2008) explica que além dos fatores linguísticos e extralinguísticos incluídos como variáveis na sua pesquisa, houve a interferência de outros fatores, que não foram quantificados, como a frequência e a classe gramatical do item lexical. A autora ressalta que os verbos de 3ª conjugação favorecem o alçamento, os verbos de 2ª conjugação favorecem a manutenção e os verbos de 1ª conjugação favorecem a abertura.

6.3.3.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Podemos observar os itens a seguir:

Classe gramatical: verbos	
Ouro Branco	Machacalis
acontecia 1[i]	aparecer/apareceu 4[i]
acredita/acredito/desacr[i]dita 34[i]	bebia 2[i]
consequia/ conseguindo/ consequiram/ conseguisse 6[i]	derruba 1[i]
derr[i]tia 1[i]	des[i]nvolve 1[i]
descia 1[i]	dev[i]ria 3[i]
desmaio 2[i]	mentindo/mentiu 2[i]
devia 4[i]	mexia 2[i]
metia 2[i]	par[i]cendo 1[i]
mexia 1[i]	parecia 1[i]
parecia 2[i]	perdi/perdia 4[i]
pedindo/pediram 3[i]	pers[i]gui 1[i]
queria/queriam 11[i]	previa 1[i]
rep[i]ti 1[i]	queria 6[i]
seguindo 1[i]	sentir/sentiu 2[i]
sentia 3[i]	servia/ servindo/ servir 5[i]
vestirem 1[i]	transferiu 1[i]
Total: 74[i]	Total: 37[i]

Os verbos são favorecedores do alçamento em Ouro Branco e Machacalis, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical. Há que se notar que a maioria dos verbos é de segunda e terceira conjugação.

6.3.3.3 Análise dos fatores desfavorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores que desfavorecem o alçamento de (e):

Tabela 18: Fatores desfavorecedores do alçamento de (e), em relação à classe gramatical

Variável independente	Ouro Branco					Piranga	Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Classe gramatical	não verbos	67/547	12,2	0,003	0,38	O programa não considerou este grupo de fator significativo	não verbos	62/286	21,7	0,003	0,39

Os não verbos se mostraram desfavorecedores do alçamento em Ouro Branco e Machacalis.

6.3.3.4 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Classe gramatical: não verbos	
Ouro Branco	Machacalis
acessível 1[e]	adventista 1[e]
acontecido 1[e]	assembleia/ assembleias 22[e]
aglomerado 1[e]	atendente 1[e]
aparecida 1[e]	beleza 3[e]
aposentada 1[e]	bermuda 1[e]
arenidico 1[e]	besteira 1[e]
argentina 1[e]	catequese 1[e]
atendido 1[e]	catequista 1[e]
atormentada/atormentado 2[e]	cebola 1[e]
avenida 3[e]	cenoura 1[e]
beleza 7[e]	certeza 5[e]
belv[e]dere 2[e]	dentista 1[e]
besteira 1[e]	desejo 1[e]
betim 2[e]	devido 16[e]
catedrático 1[e]	diretor/diretora/diretores 6[e]
catequese 1[e]	divertida 1[e]
cenário 1[e]	fazendeiros 2[e]
cenoura 2[e]	incentivo 3[e]
certeza 11[e]	inspeto/inspetora/inspetoras 6[e]
cerveja/cervejas 2[e]	interesse 9[e]
chegado 1[e]	jesus 13[e]
coletivo 1[e]	juventude 4[e]
conhecida/conhecido 2[e]	mendigo 1[e]
coqueria 1[e]	mercê 2[e]
correria 3[e]	negócio 1[e]
defesa 1[e]	nenhum 1[e]
delícia 2[e]	parceria 1[e]
depr[e]dado 1[e]	pedreiro 3[e]
devido 7[e]	peleja 1[e]
diretora 7[e]	pereira 2[e]
empr[e]gado/ empr[e]gados 4[e]	período 7[e]
encarr[e]gado 1[e]	prefeito/prefeitos 50[e]
en[e]rgia 1[e]	receita 3[e]
enf[e]rmeira/enf[e]rmeiras 2[e]	remédio 1[e]
eng[e]nheiro/eng[e]nheiro 4[e]	respeito 5[e]
eng[e]ssada 1[e]	senhor/ senhora/ senhoras 19[e]
entr[e]vista 3[e]	setor/setores 10[e]
esp[e]cífica 1[e]	terceira/ terceiro 9[e]
estr[e]ssado 1[e]	vendido 1[e]
ex[e]rcício 6[e]	verdura/ verduras 3[e]
falecido 1[e]	vergonha 1[e]
fechada/fechado 2[e]	vermelha 1[e]
felizes 1[e]	versículo 1[e]
gelada/gelado 5[e]	vicentinos 1[e]
gerada 1[e]	
geraldo 1[e]	
homenagem 1[e]	

insegura 1[e]	
interesse 2[e]	
internado 1[e]	
internet 3[e]	
juventude 3[e]	
lembrado 1[e]	
lerdeza 2[e]	
letícia 1[e]	
levada/levado 2[e]	
liberdade 8[e]	
loteria 2[e]	
matemática/ matemático/ matemáticos 4[e]	
medrosa 1[e]	
melina 4[e]	
mensagem 1[e]	
mestrado 1[e]	
metade 1[e]	
metálica/metálicas 2[e]	
nec[e]ssário 1[e]	
negócio/negócios 44[e]	
nenhum 4[e]	
operário/operários 3[e]	
papelada 1[e]	
parceria 1[e]	
parecido 1[e]	
pedaço 1[e]	
perdido 1[e]	
pereira 1[e]	
período/períodos 5[e]	
pesado/ pesados 2[e]	
peessoa/ pessoas 171[e]	
prefeito/ prefeitos 9[e]	
professora/ professoras/ professores 22[e]	
quebrado 1[e]	
rebelde 2[e]	
recreio 1[e]	
regime 2[e]	
remédio 3[e]	
repórter 1[e]	
represa 1[e]	
república 2[e]	
respeito 6[e]	
resposta/respostas 5[e]	
selvagem/selvagens 2[e]	
senhora 1[e]	
sensato 1[e]	
sentado/sentados 4[e]	
sentido 2[e]	
serviço/ serviços 2[e]	
siderúrgica 2[e]	
soledade 3[e]	
teclado 2[e]	
telhado 1[e]	
terceira/terceiro 14[e]	
tereza 1[e]	
terreiro 2[e]	

travessia 1[e]	
vendidos 1[e]	
verdade 5[e]	
Total: 480[e]	Total: 224[e]

O fator *não verbos* é desfavorecedor do alçamento em Ouro Branco e Machacalis, pois há vários itens em que eles ocorrem e não há alçamento.

6.3.3.5 Análise dos fatores do grupo de fator *não verbos*

Conforme explicado na codificação, temos as seguintes classes em não verbos: adjetivo, advérbio, conectivo, pronome, numeral, interjeição, substantivos. No itens listados, aparecem as seguintes classes em Ouro Branco e Machacalis: adjetivo, pronome, numeral e substantivos. Portanto, essas classes serão consideradas desfavorecedoras do alçamento nessas cidades em relação aos verbos.

6.3.4 Distância do início da palavra

6.3.4.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de (e) em relação à variável *distância do início da palavra*.

Tabela 19: Fatores favorecedores do alçamento de (e), em relação à distância do início da palavra

Variável independente	Ouro Branco					Piranga	Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Distância do início da palavra	1ª sílaba	86/498	17,3	<0,001	0,66	O programa não considerou este grupo de fator significativo	1ª sílaba	83/350	23,7	0,022	0,61

A 1ª sílaba favorece o alçamento de (e) em Ouro Branco e Machacalis.

Felice (2012) também mostra o favorecimento do alçamento pela sílaba inicial. Ela cita os exemplos: “*s[i]guro, pr[i]guiça, s[i]gundinhos.*”

Viegas (1987) tem como hipótese o fato de haver uma relação direta entre início da palavra e alçamento: quanto mais próxima do início da palavra, maior a possibilidade de alçamento da vogal pretônica (e). Após os cálculos a autora explica:

Distância 1 (início de palavra com segmento precedente): efeito neutro (0.5).
 Distância 2 - 3 (distância 2 e 3 do início da palavra): efeito desfavorecedor (0.17): “receberá”. A atonicidade menor do início da palavra segundo CÂMARA JR. (1976) não parece, pois, desfavorecer o alçamento. (VIEGAS, 1987, p.123)

6.3.4.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejam os itens:

Distância do início da palavra: 1ª sílaba	
Ouro Branco	Machacalis
bebida 1[i]	bebia 2[i]
descia 1[i]	bebida 4[i]
descida 1[i]	bezerra/ bezerro 5[i]
desmaio 2[i]	derruba 1[i]
destino 1[i]	despesa 1[i]
devia 4[i]	mentindo/mentiu 2[i]
felipe 3[i]	mexia 2[i]
medida 4[i]	nenhum/ nenhuma 5[i]
metia 2[i]	perdi/perdia 4[i]
mexia 1[i]	previa 1[i]
nenhum 24[i]	queria 6[i]
pedindo/pediram 3[i]	seguidos 1[i]
perdida/ perdidas/ perdido 5[i]	seguinte 2[i]
perigo 1[i]	seguro 1[i]
preguiça 1[i]	senhor/senhora/senhoras 28[i]
queria/queriam 11[i]	sentido/sentir/sentiu 9[i]
seguindo 1[i]	seringa 2[i]
seguinte 5[i]	servia/ servindo/ servir 5[i]
semestre 3[i]	vestido 2[i]
senhor/ senhora 4[i]	
sentia 3[i]	
sentido 2[i]	
serviço 2[i]	
vestirem 1[i]	
Total: 86[i]	Total: 83[i]

A 1ª sílaba é favorecedora do alçamento em Ouro Branco e Machacalis, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

6.3.4.3 Análise dos fatores desfavorecedores

Tabela 20: Fatores desfavorecedores do alçamento de (e), em relação à distância do início da palavra

Variável independente	Ouro Branco					Piranga		Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Distância do início da palavra	2ª sílaba ou mais	55/234	23,5	<0,001	0,34	O programa não considerou este grupo de fator significativo		2ª sílaba ou mais	16/85	18,8	0,022	0,39

O fator *2ª sílaba ou mais* desfavorece o alçamento de (e) em Ouro Branco e Machacalis.

6.3.4.4 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejam os itens:

Distância do início da palavra: 2ª sílaba ou mais	
Ouro Branco	Machacalis
acertasse 1[e]	adventista 1[e]
acessível 1[e]	agrediram 1[e]
acont[e]cerem/ acont[e]cesse 2[e]	amanhecer 1[e]
acontec[e]ria/acont[e]cia 4[e]	apareceu 1[e]
acontecido 1[e]	assembleia/assembleias 22[e]
acredito 10[e]	atendente 1[e]
aglomerado 1[e]	atender/atenderam 2[e]
aparecia 1[e]	catequese 1[e]
aparecida 1[e]	catequista 1[e]
apelasse 1[e]	diretor/ diretora/ diretores 6[e]
aposentada 1[e]	divertida 1[e]
aposentaram 1[e]	faleceu 1[e]
arenidico 1[e]	fazendeiros 2[e]
argentina 1[e]	incentivo 3[e]
atendido 1[e]	inspetor/ inspetora/ inspetoras 6[e]
atormentada/ atormentado 2[e]	interessa 1[e]
atravessava 1[e]	interesse 9[e]
aumentaram 1[e]	investindo 1[e]
avenida 3[e]	juventude 4[e]
belv[e]dere 2[e]	libertou 1[e]
catedrático 1[e]	parceria 1[e]
catequese 1[e]	rec[e]bendo 1[e]
coletivo 1[e]	vicentinos 1[e]
começaram/ começava 5[e]	
comemora 1[e]	
compensava 1[e]	
conhecerem/ conhecesse 3[e]	
conhecia 1[e]	
conhecida/ conhecido 2[e]	
conversava 2[e]	
coqueria 1[e]	
correria 3[e]	
depr[e]dado 1[e]	
des[e]nhava 1[e]	
desobed[e]ci 1[e]	
dev[e]ria/dev[e]riam 8[e]	
diretora 7[e]	
empr[e]gado/ empr[e]gados 4[e]	
encarr[e]gado 1[e]	
en[e]rgia 1[e]	
enf[e]rmeira/ enf[e]rmeiras 2[e]	
eng[e]nheiro/ eng[e]nheiros 4[e]	
eng[e]ssada 1[e]	
entr[e]vista 3[e]	
escr[e]veram 1[e]	
esp[e]cífica 1[e]	
esp[e]rava 1[e]	
estr[e]ssado 1[e]	
ex[e]rcício 6[e]	
falecido 1[e]	
homenagem 1[e]	

incentiva 1[e]	
insegura 1[e]	
interessa 2[e]	
interesse 2[e]	
internado 1[e]	
internet 3[e]	
investindo 1[e]	
juventude 3[e]	
liberdade 8[e]	
loteria 2[e]	
matemática/ matemático/ matemáticos 4[e]	
mer[e]ciam 1[e]	
nec[e]ssário 1[e]	
oferece 1[e]	
operário/ operários 3[e]	
papelada 1[e]	
parceria 1[e]	
parecido 1[e]	
perc[e]bia 1[e]	
poderia/poderíamos 7[e]	
professora/ professoras/ professores 22[e]	
resolv[e]ria 1[e]	
siderúrgica 2[e]	
soledade 3[e]	
travessia 1[e]	
Total: 179[e]	Total: 69[e]

O fator *2ª sílaba ou mais* é desfavorecedor do alçamento em Ouro Branco e Machacalis, pois há vários itens em que ele ocorre. Observamos que muitas palavras são derivadas por sufixação e poderia haver aí uma influência da estrutura morfológica da palavra. Portanto, em estudos posteriores é preciso analisar o efeito dos sufixos.

6.3.4.5 Análise da distância do início da palavra – 2ª sílaba ou mais

Nos itens listados, aparecem as seguintes sílabas em Ouro Branco e Machacalis: 2ª sílaba, 3ª sílaba e 4ª sílaba. Portanto, o fator *2ª sílaba ou mais* é considerado desfavorecedor do alçamento nessas cidades.

6.3.5 Fatores sociais

Conforme mostrado no **Quadro 11**, em Machacalis, houve interação entre os fatores sociais. Em Ouro Branco, apenas o grupo de fator faixa etária apresentou significância.

Nas tabelas a seguir, apresentamos os resultados do alçamento de (e) em relação aos fatores sociais.

Tabela 21: Resultados do alçamento de (e), em relação aos fatores sociais

Variável independente	Ouro Branco					Piranga	Machacalis
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.		
Faixa etária	jovens	86/389	21,6	0,022	0,58	O programa não considerou estes grupos de fatores significativos	Houve interação entre os fatores sociais
	adultos	55/334	16,5	0,022	0,42		
Gênero/sexo	O programa não considerou este grupo de fator significativo						

Tabela 22: Resultados do alçamento de (e), em relação à interação dos fatores sociais em Machacalis

Variável independente	Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Agrupamento social gênero/sexo*faixa etária	masculino/jovem	37/147	25,2	0,853	0,51
	masculino/adulto	24/103	23,3	0,852	0,51
	feminino/jovem	15/93	16,1	0,001	0,30
	feminino/adulto	23/92	25,0	0,004	0,68

Em Ouro Branco os jovens favorecem ligeiramente o alçamento, enquanto os adultos o desfavorecem. Em Machacalis as mulheres adultas o favorecem e as mulheres jovens o desfavorecem.

Vários estudos mostraram que os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária não foram significativos: Freitas (2001), Viana (2008), Tondineli (2010), Rezende e Magalhães (2010), Bisinotto (2011).

Graebin (2008) não verificou a faixa etária. As mulheres foram favorecedoras do alçamento na sua pesquisa.

Enquanto Bisol (1981) mostrou que os mais jovens tendem a usar menos a regra de alçamento, Viegas (1987) mostrou que os jovens o favorecem ligeiramente. Enquanto Yacovenco (1993) apontou o favorecimento dos homens, Felice (2012) mostrou que as mulheres o favorecem. Podemos ver que os fatores sociais quando significativos, apresentaram resultados diferentes.

6.3.6 Conclusão da regressão – alçamento de (e)

Após a análise de todos os fatores favorecedores, desfavorecedores e com realização categórica, nas três cidades, podemos concluir o seguinte em relação ao alçamento de (e):

- a) as três cidades, em relação às vogais tônicas, apresentam resultados semelhantes: as vogais altas favorecem o alçamento;
- b) com a vogal tônica nasal [ã] não há alçamento. A realização da manutenção é categórica nas três cidades;
- c) em relação ao modo seguinte, as nasais podem ser consideradas favorecedoras do alçamento em Ouro Branco e Machacalis e algumas oclusivas em Ouro Branco e Piranga. Assim, podemos dizer que, de modo geral, as consoantes [-contínuas] favorecem o alçamento;
- d) em relação à classe gramatical, os verbos favorecem o alçamento em Ouro Branco e Machacalis;
- e) em relação à distância do início da palavra, a 1ª sílaba favorece alçamento em Ouro Branco e Machacalis, podendo haver influência de outros fatores;
- f) em relação aos fatores sociais, os jovens favorecem o alçamento em Ouro Branco e as mulheres adultas em Machacalis.

Quadro 14: Resumo dos fatores favorecedores do alçamento de (e) nas três cidades

ALÇAMENTO	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[i], [u], [ĩ], [ũ] b[i]bida d[i]stino	[i], [u], [ĩ], [ũ] s[i]gura p[i]dindo	[i], [u], [ĩ], [ũ] v[i]stido n[i]nhum
Modo seguinte	nasais [m], [n], [ɲ] - s[i]nhor oclusivas [b], [t], [d], [g] m[i]dida	oclusivas [b], [d], [g] s[i]guida	nasais - [n], [ɲ] s[i]ntido
Classe gramatical	verbos – acr[i]dita	NS ⁵²	verbos – qu[i]ria
Distância do início da palavra	1ª sílaba – p[i]rdida	NS	1ª sílaba –s[i]rvia
Gênero/sexo	NS	NS	feminino/adulto
Faixa etária	jovens	NS	

Nesta pesquisa, mostramos que as vogais tônicas altas (orais e nasais), nas três cidades, favorecem o alçamento, por um processo de harmonia vocálica do traço [-aberto2]. Há alguns indícios de um processo de redução favorecido pelas consoantes [-contínuas] seguintes.

⁵² NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico.

6.4 Análise da abertura de (e).

Podemos observar no quadro a seguir as variáveis consideradas significativas pelo SPSS.

Quadro 15: Variáveis apontadas pelo SPSS como significativas para a abertura de (e) em cada cidade

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica
-----	-----	-----
Classe gramatical	-----	-----
Distancia do início da palavra	Distancia do início da palavra	-----
-----	Paradigma	-----
Houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária	Houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária	Gênero/sexo

		Não houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária

O grupo de fator *vogal da sílaba tônica* é significativo nas três cidades, portanto, provavelmente, esse grupo de fator tem um poder maior de explicação para a abertura.

6.4.1 Vogal da sílaba tônica

6.4.1.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores da abertura de (e) em relação à variável *vogal da sílaba tônica*:

Tabela 23: Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[a]	13/96	13,5	<0,001	0,88	[ɛ], [ɔ]	30/42	71,4	<0,001	0,84	[ɛ], [ɔ]	42/52	80,8	<0,001	0,94
	[ɛ], [ɔ]	13/87	14,9	0,001	0,83	[a]	87/120	72,5	<0,001	0,73	[ẽ], [õ]	65/85	76,5	<0,001	0,84
											[a]	82/125	65,6	<0,001	0,76

A vogal [a] e as vogais [ɛ], [ɔ] favorecem a abertura nas três cidades. Em Machacalis há também o favorecimento de [ẽ], [õ].

Nos estudos sobre as vogais médias pretônicas, foram observadas as seguintes vogais como favorecedoras da abertura de (e):

Mota (1979): vogal [+bx].

Silva (1989): [a, ɛ, ɔ, u, i] e [ã, õ, ẽ, ĩ, û], ou seja, todos os contextos diferentes de [e], [o].

Castro (1990): vogal [+bx] e [-alt + nas] na sílaba seguinte.

Yacovenco (1993): ditongo, vogais baixas e vogais médias na sílaba tônica.

Freitas (2001) e Célia (2004): [ɛ], [ɔ], [a] na sílaba seguinte.

Graebin (2008): [ɛ], [ĩ], [ẽ], [õ], [ã] na sílaba seguinte.

Silva (2009): [ɛ], [ɔ], [a] na sílaba seguinte.

Tondineli (2010): [ɛ], [e], [i] na sílaba seguinte

6.4.1.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Podemos observar os itens a seguir:

Vogal tônica [ẽ], [õ]
Machacalis
apresenta 1[ɛ]
crescemos/crescendo 4[ɛ]
defendem 1[ɛ]
depende/dependem 5[ɛ]
descendo 1[ɛ]
diferença 1[ɛ]
diferente 4[ɛ]
divergência/divergências 7[ɛ]
mexendo 1[ɛ]
presença 3[ɛ]
presente 1[ɛ]
pretendo 3[ɛ]
queremos/querendo 6[ɛ]
repente 1[ɛ]
sessenta 5[ɛ]
sessões 2[ɛ]
setenta 2[ɛ]
terreno/terrenos 4[ɛ]
trezentos 5[ɛ]
vergonha 8[ɛ]
Total: 65[ɛ]

Vogal tônica [ɛ], [ɔ]		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
internet 1[ɛ]	belv[ɛ]dere 1[ɛ]	catequese 1[ɛ]
negócio/negócios 10[ɛ]	detesto 1[ɛ]	interessa 8[ɛ]
oferece 1[ɛ]	devota 1[ɛ]	internet 7[ɛ]
resolve 1[ɛ]	intermédio 1[ɛ]	memória 1[ɛ]
	internet 4[ɛ]	merece 1[ɛ]
	nervosa 1[ɛ]	negócio 5[ɛ]
	oferece 4[ɛ]	percebe 4[ɛ]
	prefere 2[ɛ]	peteca 1[ɛ]
	recebe/recebem 9[ɛ]	recebe/recebem 3[ɛ]
	remédio 1[ɛ]	relógio 1[ɛ]
	resolve 3[ɛ]	remédio/remédios 6[ɛ]
	semestre 1[ɛ]	repete 1[ɛ]
	sequestro 1[ɛ]	resposta 2[ɛ]
		trajetória 1[ɛ]
Total: 13[ɛ]	Total: 30[ɛ]	Total: 42[ɛ]

Vogal tônica [a]		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
apertada 1[ε]	adequasse 1[ε]	adequadas 1[ε]
chegava 1[ε]	apegado/ apegados 4[ε]	agregados 1[ε]
completaram 1[ε]	bernardes 2[ε]	aniversário 3[ε]
condenado 1[ε]	chegada/chegado 4[ε]	apegada 1[ε]
fechado 1[ε]	chegaram/chegasse/chegava 5[ε]	apesar 7[ε]
levada/levado 2[ε]	começado/ começaram 2[ε]	chegar/chegaram/chegava 7[ε]
mercado 1[ε]	condenado 1[ε]	fechar 1[ε]
pesado 2[ε]	del[ε]gado/ del[ε]gados 6[ε]	geral 1[ε]
precária 1[ε]	empr[ε]gada /desempr[ε]gado/ desempr[ε]gados 4[ε]	gerar 1[ε]
rezarem 1[ε]	empr[ε]sária 1[ε]	integrado 1[ε]
verdade 1[ε]	ent[ε]rrado 1[ε]	integrar 1[ε]
	entr[ε]garam 1[ε]	legal 1[ε]
	esp[ε]rado 2[ε]	levar/levaram/levava/levavam 20[ε]
	fechado/ fechados 4[ε]	metade 1[ε]
	internado 1[ε]	pecado 2[ε]
	itinerário 1[ε]	pegar/pegava 7[ε]
	levaram/levava 4[ε]	pesado 2[ε]
	liberaram 1[ε]	pescar 1[ε]
	matemática 1[ε]	precária/precárias 2[ε]
	mercado 3[ε]	pregada 1[ε]
	mestrado 8[ε]	pregar/pregava 3[ε]
	metade 2[ε]	prepara 1[ε]
	nec[ε]ssário 1[ε]	prestar 1[ε]
	pedaços 2[ε]	quebrado 1[ε]
	pegaram/pegasse/pegavam 3[ε]	quebrar/quebrava 2[ε]
	pelada 1[ε]	regata 1[ε]
	pesado 1[ε]	renato 1[ε]
	precária/precário/precários 4[ε]	respaldo 1[ε]
	preparo 1[ε]	retrato 1[ε]
	projetado 1[ε]	rezar 2[ε]
	quebrada 1[ε]	senado 2[ε]
	remun[ε]rado 1[ε]	teclado 4[ε]
	renata 2[ε]	
	res[ε]rvada 1[ε]	
	retrato 1[ε]	
	rezava 2[ε]	
	secr[ε]tária/ secr[ε]tário 3[ε]	
	sossegado 1[ε]	
	tonelada 2[ε]	
Total: 13[ε]	Total: 87[ε]	Total: 82[ε]

Ao analisar os itens lexicais, confirmamos a descrição da atuação do fator vogais tônicas em Ouro Branco, Piranga e Machacalis, pois observamos que não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

Observamos ainda que a vogal [a] na sílaba tônica é favorecedora da abertura nas três cidades, o que contraria as afirmações de Abaurre e Sandalo (2012) que, ao tratar da harmonia vocálica em alguns dialetos de alguns estados brasileiros como Minas Gerais, Goiás e Espírito Santo, concluem que a vogal /a/ é invisível ao abaixamento:

Comparando-se o par *m[ɛ]lado* e *m[ɛ]ladérrimo*, verifica-se que, como mencionado anteriormente, a vogal pretônica não sofre abaixamento no primeiro caso. Entretanto, quando a vogal /a/ passa a ocupar a posição pretônica, como na palavra derivada, ela não bloqueia o abaixamento da vogal da primeira sílaba pretônica, desencadeado pela tônica aberta. Este fato é evidência de que o /a/ é completamente invisível. A vogal /a/, portanto, não é nem desencadeadora e nem bloqueadora do fenômeno de harmonia. (ABAURRE; SANDALO, 2012, p.19)

Vamos comparar o que as autoras dizem com o que ocorre em Ouro Branco, porque essa cidade pertence à área considerada de falar mineiro. No quadro anterior, mostramos que em Ouro Branco a vogal [a] na sílaba tônica atua favorecendo a abertura. Quando o [a] se encontra entre a vogal da variável e a tônica, ocorreu abertura nos seguintes itens em Ouro Branco: *p[ɛ]sadelo*, *p[ɛ]sadão*, *r[ɛ]lação*, *r[ɛ]laxante*, *r[ɛ]lacionado*, *r[ɛ]latar*. A vogal da sílaba tônica é desfavorecedora da abertura em 4 dos 6 itens encontrados e mesmo assim ocorre a abertura. Portanto, o [a] não parece ser invisível quando se encontra entre a vogal da variável e a tônica no falar de Ouro Branco (falar mineiro).

6.4.1.3 Análise dos segmentos

Ao observar os segmentos, constatamos que os segmentos [a], [ɛ], [ɔ], ocorrem nos itens listados, em Ouro Branco e Piranga; portanto, eles são favorecedores da abertura.

Os segmentos [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], [õ] ocorrem nos itens listados, em Machacalis; portanto, todos eles são favorecedores da abertura nesta cidade.

6.4.1.4 Análise dos fatores desfavorecedores

Como vimos no **Quadro 10**, após o cruzamento entre a variável dependente e a variável independente **vogal da sílaba tônica**, algumas vogais tônicas foram retiradas em Ouro Branco e Piranga, pois houve manutenção categórica na variável dependente. São elas:

Quadro 16: Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente – abertura de (e)

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[e], [o]	[e], [o]	-----

Não existe restrição em Machacalis para a abertura, o que mostra ser esse processo uma importante característica do falar dessa comunidade, pois não há fator bloqueador da abertura.

Além dessas vogais, os resultados das rodadas apresentaram outras mais como desfavorecedoras, como podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 24: Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[i], [u], [ĩ], [ũ]	1/103	1,0	0,008	0,08	[i], [u], [ĩ], [ũ]	12/108	11,1	<0,001	0,08	[e], [o]	1/200	0,5	<0,001	0,01
						[ã]	49/114	43,0	0,002	0,33					

Machacalis, além de não ter nenhuma vogal bloqueadora, ou seja, com nenhuma vogal tônica houve realização categórica de [e] na variável dependente, apresentou apenas [e], [o], como desfavorecedores. Essas mesmas vogais, em Piranga e Ouro Branco, apresentaram manutenção categórica da variável dependente.

Em Piranga e Ouro Branco [i], [u], [ĩ], [ũ] são desfavorecedores da abertura. [ã] também desfavorece a abertura em Piranga. Em Machacalis, mesmo o contexto típico de alçamento – vogal alta – não é bloqueador da abertura.

6.4.1.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejamos os itens:

Vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ]	
Ouro Branco	Piranga
acessível 1[e]	abertura 1[e]
acredito 10[e]	acessível 1[e]
avenida 3[e]	acontec[e]riam 1[e]
coletivo 1[e]	acontecido 3[e]
conhecia 1[e]	alegria 1[e]
conhecida/conhecida 2[e]	anest[e]sia 9[e]
coqueria 1[e]	bateria 1[e]
correria 3[e]	ben[e]fício 1[e]
delícia 2[e]	caberia 1[e]
deveria/deveriam 8[e]	conseguia/conseguiram 2[e]
devido 7[e]	decide 1[e]
en [e]rgia 1[e]	dedica 1[e]
entr[e]vista 3[e]	desperc[e]bido 1[e]
ex[e]rcício 6[e]	dev[e]ria/ dev[e]riam 6[e]
falecido 1[e]	ef[e]tivas/ ef[e]tivos 3[e]
felizes 1[e]	emp[e]cilho 1[e]
insegura 1[e]	entr[e]vista/entr[e]vistas 4[e]
investindo 1[e]	getúlio 1[e]
letícia 1[e]	haveria 1[e]
loteria 2[e]	impedi 1[e]

melina 4[e]	interfiro 1[e]
mer[e]ciam 1[e]	investido 1[e]
mexia 1[e]	investirem 1[e]
parceria 1[e]	jesus 2[e]
parecido 1[e]	letícia 3[e]
perc[e]bia 1[e]	manteriam 1[e]
perdido 1[e]	mer[e]ciam 1[e]
pergunta 2[e]	mesquita 1[e]
período/períodos 5[e]	parceria 1[e]
poderia 6[e]	pergunta 2[e]
queria 2[e]	pesquisa 1[e]
regime 2[e]	poderia 5[e]
república 2[e]	querido 1[e]
seria 4[e]	regime 1[e]
serviço/ serviços 2[e]	república 1[e]
teria/ teriam 7[e]	resume 1[e]
termina/termine 3[e]	revista 1[e]
travessia 1[e]	seria/seriam 13[e]
	serviço/serviços 5[e]
	sugerido 1[e]
	teria 6[e]
	termina 1[e]
	terrível 3[e]
	travessura 1[e]
Total: 102[e]	Total: 96[e]

Piranga
Vogal tônica [ã]
chegando 1[e]
concepção 1[e]
conversando 1[e]
esp[e]rança 1[e]
esp[e]rando 1[e]
inter[e]ssante/ inter[e]ssantes 12[e]
levanta 1[e]
perdão 2[e]
questão 32[e]
rev[e]zando 1[e]
semana 11[e]
Total: 65[e]

Machacalis
Vogal tônica [e], [o]
amanhecer 1[e]
apareceu 1[e]
beber/bebeu 3[e]
beleza 3[e]
besteira 1[e]
cebola 1[e]
cenoura 1[e]
certeza 5[e]
chegou/cheguei 18[e]
crescer/crescesse/cresceu 6[e]
desejo 1[e]
diretor/diretora/diretores 6[e]
faleceu 1[e]

fechou 1[e]
ferver 1[e]
inspetor/ inspetora/ inspetoras 6[e]
interesse 9[e]
levou 2[e]
libertou 1[e]
mercê 2[e]
mexer 1[e]
pedreiro 3[e]
pegou/peguei 24[e]
peleja 1[e]
percebo 1[e]
perder 1[e]
pereira 2[e]
prefeito/prefeitos 50[e]
preguei 2[e]
querer 2[e]
receita 3[e]
respeito 5[e]
senhor 14[e]
setor/setores 10[e]
terceira/terceiro 9[e]
vermelha 1[e]
Total: 199[e]

Ao analisar os itens lexicais, confirmamos o desfavorecimento da abertura pelas vogais [i], [u], [ĩ], [ũ] em Ouro Branco e Piranga, pelas vogais [e], [o] em Machacalis, e pela vogal [ã] em Piranga, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

6.4.1.6 Análise dos segmentos

Ao observar o segmento, constatamos que os segmentos [i], [u], [ĩ], [ũ] ocorrem nos itens listados em Ouro Branco e Piranga e que os segmentos [e], [o] ocorrem nos itens listados em Machacalis; portanto, eles são desfavorecedores da abertura nestas cidades.

6.4.1.7 Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 25: Fatores sem significância para a abertura de (e), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[ê], [ô]	4/99	4,0	0,346	0,64	[ê], [ô]	81/126	64,3	0,065	0,60	[i],[u], [ĩ],[ũ]	26/85	30,6	0,072	0,37
	[ã]	1/69	1,4	0,053	0,15						[ã]	35/103	34,0	0,697	0,47

Quadro 17: Fatores favorecedores, com realização categórica da manutenção, desfavorecedores e sem significância para a abertura de (e) em relação à vogal da sílaba tônica nas três cidades

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Fatores favorecedores da abertura	[ɛ], [ɔ], [a]	[ɛ], [ɔ], [a]	[ɛ], [ɔ], [ẽ], [õ], [a]
Realização categórica da manutenção	[e], [o]	[e], [o]	-----
Fatores desfavorecedores da abertura	[i],[u], [ĩ],[ũ]	[i],[u], [ĩ],[ũ], [ã]	[e], [o]
Fatores sem significância	[ẽ], [õ], [ã]	[ẽ], [õ]	[i],[u], [ĩ],[ũ], [ã]

Em Ouro Branco e Piranga, podemos falar em harmonia do traço [+aberto3], desencadeada pelas vogais orais [a], [ɛ], [ɔ] seguintes. Já em Machacalis, esse processo não é tão evidente uma vez que há o favorecimento de [ẽ], [õ] seguintes; e a vogal alta seguinte, que é favorecedora do alçamento, não é desfavorecedora da abertura, como o é nas outras cidades.

Cristófar-Silva (2005) explica que a ocorrência das vogais [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica acarreta marca de variação dialetal geográfica ou mesmo de idioleto. Ela ressalta que essas vogais ocorrem em certas condições específicas. Dentre elas:

- quando a vogal tônica da palavra é média-baixa. Ela cita como exemplos: ‘perereca’ [peɾeˈɾekə], ‘pororoca’ [poɾoˈɾokə], ‘precoce’ [pɾeˈkɔsɪ], ‘colega’ [kɔˈlegə].
- quando em posição tônica ocorre uma vogal nasal que na ortografia é marcada por “em/em” ou “om/on”. Ela cita como exemplos: s[ɛ]tembro, r[ɛ]dondo, n[ɔ]venta, c[ɔ]lombo.

Em relação à vogal [a], Mota (1979), Silva (1989), Castro (1990), Yacovenco (1993), Freitas (2001), Célia (2004), Silva (2009) apontam-na como favorecedoras da abertura quando está na sílaba seguinte.

Sandalo; Abaurre e Madruga (2013, p.13) buscam “evidência acústica para a harmonia vocálica com base na existência de correlação entre os valores de F1 das vogais pretônicas e tônicas.” Após a análise, os autores concluem que Salvador não harmoniza com baixas. Embora apresente muita ocorrência de baixa nas pretônicas, essas ocorrências não são por harmonia. “(...) não é possível afirmar que a harmonia vocálica seja um fato linguístico preponderante nesse dialeto, embora possa ocorrer com alguns pares de vogais, em alguns itens lexicais.” (SANDALO; ABAURRE; MADRUGA, 2013, p. 23)

A hipótese testada pelos autores é de que a ausência de harmonia com /a/, em alguns dialetos, está relacionada à dispersão do sistema vocálico. Portanto:

- Maior distância fonética entre espaços de contraste (i.e. o /a/ se encontra bastante mais baixo, na ponta do triângulo acústico em relação às outras vogais): não há harmonia com /a/.
- Menor distância fonética entre espaços de contraste (i.e. o /a/ se encontra mais aglutinado às alturas das outras vogais baixas, ou seja, os espaços acústicos das vogais baixas são mais aglutinados): há harmonia com /a/. SANDALO; ABAURRE; MADRUGA, 2013, p. 25)

Os autores concluem em relação a Salvador:

(...) considerando a escala em Hz, (...) a vogal /a/ está em uma região muito distante das vogais médias baixas /E/ e /O/ em termos de F1. (...) as vogais médias /e/ e /o/ apresentam valores que fazem intersecção com a região acústica das vogais médias baixas. Como visto, em Salvador, harmonia com baixas não resultou estatisticamente significativa (...) e, assim, não faz sentido aqui perguntar sobre o comportamento da vogal /a/ como gatilho de harmonia. (SANDALO; ABAURRE; MADRUGA, 2013, p. 25-26)

O que os nossos dados mostram é que o processo de harmonia vocálica não explica todo o processo de abertura no falar baiano por nós estudado.

Em relação às vogais [ẽ], [õ], Graebin (2008, p.154) explica que “Para a pretônica /e/, a vogal nasal seguinte produzida no mesmo ponto de articulação, [ẽ], atingiu o índice mais alto de todos os fatores: 0,852. (...) *difêrente, indêpendente, crêscendo, prêtendo, adolêscente, rêspondendo, pêrguntando (...).*”

A autora pontua:

Os altos índices de abaixamento em contexto de nasal seguinte foram observados também por Silva (1989) na fala culta de Salvador (...). Resultados semelhantes são apresentados por Bortoni, Gomes & Malvar (cf. 1992: 21) na fala de Brasília. No entanto, ainda não foi possível encontrar uma explicação de fundo fonético para o efeito da nasal, refletido nestes resultados. (GRAEBIN, 2008, p. 156)

Seara (2000) compara [e] e [ẽ] acusticamente e mostra que a frequência de F1 passa em média de 400 Hz (no segmento oral) para 502 Hz (no nasal). Então, [ẽ] é mais baixa do que [e], uma vez que quanto mais alto for F1, mais baixa é a vogal. Seara (2000, p.77-78) explica: “Enquanto para a vogal [a], a nasalidade torna a vogal menos baixa, a vogal [e], quando nasal, passa a menos alta, quer em contexto tônico quanto em átono.”

Sobre a posterior nasal, Seara (2000, p. 96) afirma: "A vogal [õ] tem seu primeiro formante oral deslocado (F'1) elevando-se em frequência, o que a torna menos

alta do que sua correspondente não-nasal. Essa direção de deslocamento ocorre nos dois contextos de tonicidade analisados, sendo, no entanto, mais evidente em contexto tônico.”

Dessa forma, [ẽ], [õ], em Machacalis, parecem estar mais próximos de [ɛ], [ɔ] do que de [e], [o]. Já com [ã] não é assim.

Veremos uma interpretação para esses dados no **Capítulo 8**.

6.4.2 Modo do segmento seguinte

6.4.2.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores da abertura de (e) em relação à variável *modo do segmento seguinte*.

Tabela 26: Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	fricativas	143/338	42,3	<0,001	0,70
			oclusivas	69/181	38,1	0,02	0,63

Machacalis apresentou como favorecedoras as oclusivas e as fricativas.

Conforme explicado anteriormente, as oclusivas e fricativas formam uma classe que possui o traço [-soante]. Então, podemos dizer que as consoantes [-soante] favorecem a abertura em Machacalis e como vimos na análise do alicamento, essas mesmas consoantes o desfavorecem.

Tondineli (2010) mostrou que as oclusivas seguintes são favorecedoras do abaixamento de (e). Célia (2004) apontou as bilabiais como favorecedoras. No grupo de fator *oclusivas* temos as bilabiais [p], [b].

Yacovenço (1993) e Célia (2004) mostraram o favorecimento do abaixamento pelas alveolares. No grupo de fator *fricativas* temos as alveolares [s], [z]. Mota (1979), Freitas (2001) e Graebin (2008) apontaram o favorecimento da glotal [h], que também está incluída no grupo fricativas nesta pesquisa.

Freitas (2001) evidencia o favorecimento do abaixamento de (e) pelas labiais. Ressaltamos que algumas delas estão no grupo de fator oclusivas - [p], [b] - e outras no grupo de fator fricativas - [f], [v].

6.4.2.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejamos os itens:

Machacalis	
Modo seguinte: oclusivas	Modo seguinte: fricativas
adequadas 1[ε]	abertura/ aberturas 2[ε]
agregados 1[ε]	aniversário 3[ε]
apegada 1[ε]	apesar 7[ε]
catequese 1[ε]	apresenta 1[ε]
chegar/chegaram/chegava 7[ε]	bermuda 2[ε]
depende/dependem 5[ε]	crecemos/crescendo 4[ε]
integrado 1[ε]	defeitos 1[ε]
integrar 1[ε]	defendem 1[ε]
legal 1[ε]	derrame 1[ε]
mecânica 1[ε]	descendo 1[ε]
metade 1[ε]	divergência/ divergências 7[ε]
negócio 5[ε]	fechar 1[ε]
pecado 2[ε]	fernanda 1[ε]
pecamos 2[ε]	internet 7[ε]
pegamos/pegando/ pegar/pegava 9[ε]	jesus 2[ε]
peteca 1[ε]	levando/levar/levaram/ levava/levavam 22[ε]
precária/precárias 2[ε]	levanta/levanto 2[ε]
pregada 1[ε]	mexendo 1[ε]
pregando/pregar/pegava 4[ε]	percebe 4[ε]
prepara 1[ε]	pergunta/ perguntas 3[ε]
pretendo 3[ε]	pergunto 1[ε]
quebrado 1[ε]	permite 1[ε]
quebrar/quebrava 2[ε]	pesado 2[ε]
reclamam 2[ε]	pescar 1[ε]
regando 1[ε]	pesquisa 4[ε]
regata 1[ε]	presença 3[ε]
repente 1[ε]	presente 1[ε]
repete 1[ε]	prestar 1[ε]
república 1[ε]	questão 12[ε]
retrato 1[ε]	recebe/ recebem 3[ε]
setenta 2[ε]	respaldo 1[ε]
teclado 4[ε]	resposta 2[ε]
trajetória 1[ε]	restante 2[ε]
	revista 1[ε]
	rezar 2[ε]
	sessenta 5[ε]
	sessões 2[ε]
	sugestão 1[ε]
	termina/ terminam 2[ε]
	terreno/ terrenos 4[ε]
	trezentos 5[ε]
	verdura/ verduras 5[ε]
	vergonha 8[ε]
	versículo 1[ε]
Total: 69[ε]	Total: 143[ε]

Ao analisar os itens em Machacalis, concluímos que os fatores *oclusivas* e *fricativas* são favorecedores da abertura, pois há vários itens em que eles ocorrem.

Alguns desses itens se encaixam em uma das categorias específicas citadas por Cristófar-Silva (2005, p. 84): “Uma vogal média-baixa [ɛ,ɔ] ocorre em posição pretônica quando seguida por consoante que ocorre na mesma sílaba. Sendo que a consoante é s: ‘destino, costume’. Sendo que a consoante é r: ‘vertical, cordeiro’. Sendo que a consoante é l: ‘selvagem, soldado’.”

Ressaltamos que na **Seção 6.8.3**, analisaremos, por meio de testes, a estrutura da sílaba. Observaremos se há diferenças entre as sílabas CV e CVC, quando a vogal média pretônica é seguida por fricativa.

6.4.2.3 Análise dos segmentos

Analisamos o segmento e confirmamos o favorecimento desses fatores, pois a abertura ocorreu diante de vários segmentos tanto para as oclusivas [p], [b], [t], [k], [g] quanto para as fricativas [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ], portanto, não podemos atribuí-lo a um segmento específico. Não ocorreu a fricativa [ʒ] e a oclusiva [d].

6.4.2.4 Análise dos fatores desfavorecedores

A tabela a seguir apresenta os fatores desfavorecedores.

Tabela 27: Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	nasais	10/58	17,2	<0,001	0,19

As nasais em Machacalis desfavorecem a abertura.

6.4.2.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Machacalis
Modo seguinte: nasais
cenoura 1[e]
nenhum 1[e]
parabenizo 1[e]
remando 3[e]
remédio 1[e]
semana/ semanas 20[e]
senado 1[e]
senhor/ senhora/ senhoras 19[e]
valdemar 1[e]
Total: 48[e]

Confirmamos o desfavorecimento da abertura pelas nasais seguintes em Machacalis, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

6.4.2.6 Análise dos segmentos

Ao observar os segmentos do fator nasais, constatamos que todas elas (m, n, ñ) ocorreram na lista dos itens. Portanto, são desfavorecedoras da abertura em Machacalis.

6.4.2.7 Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 28: Fatores sem significância para a abertura de (e), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	tepe e laterais	29/73	39,7	0,977	0,50

6.4.3 Classe gramatical

6.4.3.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores da abertura de (e) em relação à variável *classe gramatical*.

Tabela 29: Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação à classe gramatical

Variável independente	Ouro Branco					Piranga	Machacalis
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.		
Classe gramatical	não verbos	26/279	9,3	0,009	0,71	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo

Os não verbos são favorecedores da abertura em Ouro Branco.

Freitas (2001) e Tondineli (2010) mostram o favorecimento da abertura de (e) pelos nomes.

6.4.3.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejam os itens:

Ouro Branco	
Classe gramatical: não verbos	
apertada	1[ε]
condenado	1[ε]
fechado	1[ε]
frequência	1[ε]
frequente	1[ε]
internet	1[ε]
levada/levado	2[ε]
mercado	1[ε]
negócio/negócios	10[ε]
pesado	2[ε]
precária	1[ε]
retângulo	1[ε]
sergipe	1[ε]
setenta	1[ε]
verdade	1[ε]
Total:	26[ε]

O fator *não verbos* é favorecedor da abertura em Ouro Branco, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

6.4.3.3 Análise dos fatores do grupo de fator *não verbos*

Conforme explicado na codificação, temos as seguintes classes em não verbos: adjetivo, advérbio, conectivo, pronome, numeral, interjeição, substantivos. No itens listados, aparecem as seguintes classes: adjetivo, numeral e substantivos. Portanto, os nomes serão considerados favorecedores da abertura em Ouro Branco em relação aos verbos.

6.4.3.4 Análise dos fatores desfavorecedores

A tabela a seguir apresenta os fatores desfavorecedores.

Tabela 30: Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação à classe gramatical

Variável independente	Ouro Branco					Piranga	Machacalis
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.		
Classe gramatical	verbos	6/175	3,4	0,009	0,29	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo

Os verbos são desfavorecedores da abertura em Ouro Branco.

6.4.3.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejamos os itens:

Ouro Branco
Classe gramatical: verbos
acertasse 1[e]
acredito 10[e]
amedronta 1[e]
apelasse 1[e]
chegando/ chegaram/ chegassem/ chegava 15[e]
começando/ começaram/ começava 6[e]
comemora 1[e]
conhecia 1[e]
conversando/conversava 10[e]
depende 10[e]
descendo 4[e]
des[e]jando 1[e]
des[e]nhava 1[e]
dev[e]ria/dev[e]riam 8[e]
escrevendo 1[e]
esp[er]ando/esp[er]ava 4[e]
esquecendo 1[e]
frequentam/ frequente 4[e]
gerando 1[e]
interessa 2[e]
investindo 1[e]
levando 5[e]
levanta/levanto 2[e]
levava 2[e]
liberando 1[e]
merece 1[e]
mer[e]ciam (1[e]
metendo 1[e]
mexemos/mexendo 8[e]
mexia 1[e]
modelando 1[e]
observando 2[e]
oferece 1[e]
pegando/ pegaram/ pegava 8[e]
perc[e]bia 1[e]
perdendo 2[e]
pergunta 2[e]
pertence 1[e]
poderia 6[e]
pretende/pretendo 2[e]
quebrando 1[e]
querendo 10[e]
queria 2[e]
resolve 6[e]
responde/ respondem 2[e]
seria 4[e]
teria/teriam 7[e]
termina/ termine 3[e]
tremendo 2[e]
Total: 169[e]

Os verbos são desfavorecedores da abertura em Ouro Branco, pois há vários itens em que eles ocorrem.

6.4.4 Distância do início da palavra

6.4.4.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores da abertura de (e) em relação à variável *distância do início da palavra*.

Tabela 31: Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação à distância do início da palavra

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	
Distância do início da palavra	-----	----	---	----	----	1ª sílaba	175/310	56,5	<0,001	0,61	O programa não considerou este grupo de fator significativo

A 1ª sílaba favorece a abertura em Piranga.

Segundo Camara Jr. (1976, p.36), é evidente em Portugal que a 1ª sílaba possui uma tonicidade maior que as demais; portanto é esperado que ela favoreça a abertura, caso esta esteja relacionada à maior tonicidade no PB e caso o PB tenha essa 1ª sílaba mais tônica. Em Piranga há indícios de que isso esteja ocorrendo.

6.3.4.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejamos os itens:

Piranga
Distância do início da palavra: 1ª sílaba
bernardes 2[ε]
chegada/ chegado 4[ε]
chegando/ chegaram/ chegasse/ chegava 11[ε]
crescendo 1[ε]
depende/ dependem 2[ε]
descemos/ descendo 4[ε]
desenho 2[ε]
detesto 1[ε]
devendo 2[ε]
devota 1[ε]
dezembro 2[ε]
fechado/ fechados 4[ε]
fechando 2[ε]
frequência 1[ε]
frequenta/ frequente 2[ε]
gestão 1[ε]
levando/ levaram/ levava 9[ε]

mecânica 1[ε]
mercado 3[ε]
merenda 2[ε]
mestrado 8[ε]
metade 2[ε]
nervosa 1[ε]
pedaços 2[ε]
pegando/ pegaram/ pegasse/ pegavam 6[ε]
pelada 1[ε]
perdemos/ perdendo 2[ε]
pergunta 3[ε]
pergunto 2[ε]
permita/ permite 3[ε]
pertence/ pertences 5[ε]
pesado 1[ε]
precária/ precário/precários 4[ε]
prefere 2[ε]
preparo 1[ε]
presença 4[ε]
presente 1[ε]
pretendo 4[ε]
quebrada 1[ε]
querendo 14[ε]
questão 4[ε]
recebe/recebem 9[ε]
relento 1[ε]
remédio 1[ε]
renata 2[ε]
repente 1[ε]
república 2[ε]
resolve 3[ε]
retrato 1[ε]
rezando/rezava 4[ε]
semana 8[ε]
semestre 1[ε]
seqüência 1[ε]
sequestro 1[ε]
servente 2[ε]
sessenta 1[ε]
setembro 1[ε]
setenta 2[ε]
termina 1[ε]
terreno 1[ε]
trezentos 2[ε]
vergonha 2[ε]
Total: 175[ε]

A 1ª sílaba é favorecedora da abertura em Piranga, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

6.4.4.3 Análise dos fatores desfavorecedores

A tabela a seguir apresenta os fatores desfavorecedores.

Tabela 32: Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação à distância do início da palavra

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	
Distância do início da palavra	-----	----	---	----	----	2ª sílaba ou mais	84/200	42,0	<0,001	0,39	O programa não considerou este grupo de fator significativo

As sílabas não iniciais desfavorecem a abertura de (e) em Piranga.

6.4.4.4 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Veamos os itens:

Piranga
Distância do início da palavra: 2ª sílaba ou mais
abertura 1[e]
acessível 1[e]
acont[e]cendo 6[e]
acontec[e]riam 1[e]
acontecido 3[e]
adolescência 1[e]
alegria 1[e]
anest[e]sia 9[e]
antec[e]dência 1[e]
apodrecendo 1[e]
bateria 1[e]
ben[e]fício 1[e]
caberia 1[e]
catequese 5[e]
começaram 1[e]
complemento 1[e]
concepção 1[e]
consequia/ conseguiram 2[e]
conversando 1[e]
corresponde 1[e]
desperc[e]bido 1[e]
dev[e]ria/dev[e]riam 6[e]
diferente 1[e]
ef[e]tivas/ ef[e]tivos 3[e]
el[e]trônica 1[e]
em[e]rgência 1[e]
emp[e]cilho 1[e]
enf[e]rmagem 6[e]
ent[e]rrada 1[e]
entr[e]gava 3[e]
entr[e]vista/ entr[e]vistas 4[e]
esp[e]rança 1[e]
esp[e]rando/ esp[e]rava 3[e]
exc[e]lente 5[e]
haveria 1[e]
impedi 1[e]

inter[e]ssante/ inter[e]ssantes 12[e]
interfiro 1[e]
internada 2[e]
internet 5[e]
investido 1[e]
investirem 1[e]
manteriam 1[e]
matemática 1[e]
mer[e]ciam 1[e]
parceria 1[e]
poderia 5[e]
rec[e]bendo 2[e]
rev[e]zando/ rev[e]zava 2[e]
sugerido 1[e]
travessura 1[e]
Total: 116[e]

O fator *2ª sílaba ou mais* é desfavorecedor da abertura em Piranga, pois há vários itens em que ele ocorre.

6.4.4.5 Análise da distância do início da palavra – 2ª sílaba ou mais

Nos itens listados, aparecem as seguintes sílabas: 2ª sílaba, 3ª sílaba e 4ª sílaba. Portanto, o fator 2ª sílaba ou mais é considerado desfavorecedor do alçamento nessas cidades.

6.4.4.6 Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 33: Fatores sem significância para a abertura de (e), em relação à distância do início da palavra

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	
Distância do início da palavra	1ª sílaba	27/300	9,0	0,067	0,64	-----	----	---	----	----	O programa não considerou este grupo de fator significativo
	2ª sílaba ou mais	5/154	3,2	0,067	0,36						

6.4.5 Paradigma

6.4.5.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores da abertura de (e) em relação à variável *paradigma*.

Tabela 34: Fatores favorecedores da abertura de (e), em relação ao paradigma

Variável independente	Ouro Branco	Piranga					Machacalis
		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R	
Paradigma	O programa não considerou este grupo de fator significativo	Paradigma com vogal aberta	120/208	57,7	0,009	0,58	O programa não considerou este grupo de fator significativo

O fator *paradigma com vogal aberta* é favorecedor da abertura em Piranga. Provavelmente, a perda do acento primário não modifica a qualidade da vogal, que continua sendo pronunciada aberta.

Mota (1979, p. 84) explica que “Os verbos que se superficializam com vogal [+bx] nas formas de radical inacentuado apresentam, em sua maioria, vogal [+bx] nas formas de radical acentuado (...)”

Silva (1989), ao falar sobre o percurso histórico das vogais pretônicas, busca, nas listas dos ortógrafos Carmelo (1767)⁵³ e Feijó (1739)⁵⁴, informações sobre as pretônicas nos séculos passados e observa que “algumas dessas palavras (Séttáda, Sélvática) são derivadas, guardando a qualidade da vogal tônica primitiva, processo que vigora ainda na língua contemporânea.” (SILVA, 1989, p.55)

A autora acrescenta: “conforme revelou o estudo da grafia de João de Barros, já se fazia sentir a pressão morfológica que tende a transferir às pretônicas dos derivados os traços fonológicos da tônica dos primitivos.” (SILVA, 1989, p.61)

Freitas (2001) pesquisou o grupo de fator caráter átono da pretônica no paradigma e concluiu que tende ao abaixamento a pretônica relacionada à tônica de altura baixa.

Bisol (1981) explica:

É que, muitas vezes, o acento subjacente vem à superfície como subtônico, interceptando as regras de redução do vocalismo átono de acordo com o que há pouco se dizia: o falante guarda memória das regras subjacentes, por isso uma sílaba átona pode ser ouvida como forte em função de um acento maior que lhe foi atribuído nas primeiras etapas do processo derivacional. (BISOL, 1981, p.101)

⁵³ CARMELO, Fr. Luis do Monte. *Compendio de orthografia*. Lisboa: Oficina de Antonio Galhardo, 1767.

⁵⁴ FEIJÓ, João de Moraes Madureira. *Orthographia, ou arte de escrever a língua portuguesa*. Coimbra: Luis Seco Ferreira, 1739.

6.4.5.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejam os itens a seguir:

Paradigma: paradigma com vogal aberta
Piranga
acontecendo 3[ε]
adequasse 1[ε]
amadurecendo 1[ε]
apegado/ apegados 4[ε]
começaram 1[ε]
competente 1[ε]
conversando 5[ε]
crescendo 1[ε]
del[ε]gado/ del[ε]gados 6[ε]
descemos/ descendo 4[ε]
devendo 2[ε]
dezembro 2[ε]
diferente/diferentes 6[ε]
ent[ε]rrado 1[ε]
entr[ε]gando/ entr[ε]garam 2[ε]
esp[ε]rado 2[ε]
esp[ε]rando 1[ε]
ex[ε]rcendo 1[ε]
fechado/ fechados 4[ε]
fechando 2[ε]
governando 3[ε]
inter[ε]ssante 4[ε]
internado 1[ε]
levando/ levaram/ levava 9[ε]
liberaram 1[ε]
mestrado 8[ε]
oferece 4[ε]
pegando/ pegaram/ pegasse/ pegavam 6[ε]
perdemos/ perdendo 2[ε]
perman[ε]cendo 1[ε]
projetado 1[ε]
querendo 14[ε]
ref[ε]rência 2[ε]
remunerado 1[ε]
reservada 1[ε]
rezando/rezava 4[ε]
servente 2[ε]
setembro 1[ε]
setenta 2[ε]
termina 1[ε]
terreno 1[ε]
tolerando 1[ε]
Total: 120[ε]

Ao analisar os itens, confirmamos o favorecimento da abertura pelo fator *paradigma com vogal aberta* em Piranga, pois observamos que não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

6.4.5.3 Análise dos fatores desfavorecedores

A tabela a seguir apresenta os fatores desfavorecedores.

Tabela 35: Fatores desfavorecedores da abertura de (e), em relação ao paradigma

Variável independente	Ouro Branco	Piranga					Machacalis
		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R	
Paradigma	O programa não considerou este grupo de fator significativo	Paradigma em que não há vogal aberta	139/302	46,0	0,009	0,42	O programa não considerou este grupo de fator significativo

O fator *paradigma em que não há vogal aberta* se mostrou desfavorecedor da abertura em Piranga.

6.4.5.4 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejam os itens:

Paradigma: Paradigma em que não há vogal aberta
Piranga
acontec[e]riam 1[e]
adolescência 1[e]
apodrecendo 1[e]
bateria 1[e]
caberia 1[e]
catequese 5[e]
cesária 5[e]
chegando/ chegava 3[e]
complemento 1[e]
concepção 1[e]
corresponde 1[e]
decide 1[e]
dedica 1[e]
depende 1[e]
dev[e]ria/ dev[e]riam 6[e]
ef[e]tivas/ ef[e]tivos 3[e]
em[e]rgência 1[e]
emp[e]cilho 1[e]
enf[e]rmagem 6[e]
entr[e]vista/ entr[e]vistas 4[e]
exc[e]lente 5[e]
frequentam 1[e]
getúlio 1[e]
haveria 1[e]
interfiro 1[e]
internet 5[e]
jesus 2[e]
letícia 3[e]
levanta 1[e]
manteriam 1[e]
matemática 1[e]
memória 1[e]

mesquita 1[e]
neném 2[e]
parceria 1[e]
pedaços 1[e]
pedestre 1[e]
perdão 2[e]
pergunta 2[e]
pesadas/pesado 2[e]
pesquisa 1[e]
poderia 5[e]
presente 1[e]
querido 1[e]
questão 32[e]
regime 1[e]
repente 1[e]
república 1[e]
resume 1[e]
revista 1[e]
rezende 1[e]
semana 11[e]
seria/ seriam 13[e]
telhado 1[e]
teria 6[e]
terrível 3[e]
travessura 1[e]
vergonha 2[e]
Total: 163[e]

O fator *paradigma em que não há vogal aberta* é desfavorecedor da abertura em Piranga, pois observamos que não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

6.4.5.5 Análise do *paradigma em que não há vogal aberta*

Na lista dos itens apareceram paradigma com vogal fechada, não tem paradigma e outros (nome próprio e sigla), portanto, esse fator é desfavorecedor da abertura em Piranga.

6.4.6 Fatores sociais

Na tabela a seguir, apresentamos os resultados da abertura de (e) em relação aos fatores sociais.

Tabela 36: Resultados da abertura de (e), em relação aos fatores sociais

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Gênero/sexo	Houve interação entre os fatores sociais	Houve interação entre os fatores sociais	masculino	133/351	37,9	0,066	0,55
			feminino	118/299	39,5	0,066	0,45
Faixa etária			O programa não considerou este grupo de fator significativo				

Em Machacalis, nenhum fator foi significativo para a abertura de (e).

Tabela 37: Resultados da abertura de (e), em relação à interação dos fatores sociais em Ouro Branco e Piranga

Variável independente	Ouro Branco					Piranga				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Agrupamento social gênero/sexo*faixa etária	masculino/jovem	7/126	5,6	0,236	0,37	masculino/jovem	104/144	72,2	<0,001	0,73
	masculino/adulto	1/115	0,9	0,011	0,12	masculino/adulto	77/119	64,7	<0,001	0,72
	feminino/jovem	7/137	5,1	0,231	0,37	feminino/jovem	54/121	44,6	0,675	0,48
	feminino/adulto	17/76	22,4	<0,001	0,96	feminino/adulto	24/126	19,0	<0,001	0,14

Em Ouro Branco, as mulheres adultas favorecem a abertura. Em Piranga, os homens (jovens e adultos) favorecem a abertura.

Tondineli (2010) e Viana (2008) mostraram que os fatores sociais gênero e faixa etária não foram significativos para o abaixamento de (e). Graebin (2008) não pesquisou a faixa etária e as mulheres se mostraram favorecedoras do abaixamento.

Célia (2004) mostrou o favorecimento do abaixamento pela faixa etária intermediária (35-55 anos).

Ao observar os dados, notamos que parecia haver uma relação entre determinados contextos e a faixa etária.

Pesquisamos os indivíduos que realizaram a pretônica [ɛ], quando a vogal tônica era [ẽ], [õ], na cidade de Piranga, pois essas vogais tônicas se mostraram favorecedoras da abertura em Dias (2008) nesta cidade e não comprovamos esse favorecimento nesta tese. Vejamos os resultados:

Piranga					
Jovens			Adultos		
BMJP	12[ɛ]	2[e]	LMAP	12[ɛ]	4[e]
CMJP	25[ɛ]	1[e]	RMAP	10[ɛ]	1[e]
GFJP	13[ɛ]	3[e]	SFAP	6[ɛ]	9[e]
LFJP	3[ɛ]	8[e]	DFAP	0[ɛ]	17[e]
Total:	53[ɛ]	14[e]	Total:	28[ɛ]	31[e]
	79,1% de abertura			47,5% de abertura	

Piranga	jovens	adultos	TOTAL
[e]	14	31	45
[ɛ]	53	28	81
TOTAL	67	59	126

p-valor fator 1 e 2	0,0002161162

Os resultados indicam que os jovens favorecem a abertura quando a vogal tônica é [ê], [õ], o que pode ser considerado um indício de progressão neste contexto. Fizemos o teste do qui-quadrado para testar a significância e o p-valor foi inferior a 0,05, confirmando que há diferenças significativas entre a abertura de (e) em jovens e adultos quando a vogal da tônica é [ê], [õ].

Então, temos indícios de que há interação⁵⁵ entre faixa etária e contexto em Piranga. A progressão da abertura pode estar ocorrendo por contexto e esse fato deve ser considerado em estudos posteriores, observando a interação entre fatores internos e sociais.

Os resultados a seguir indicam que o mesmo não ocorre em Ouro Branco. A abertura é pequena tanto para jovens quanto para adultos e o teste do qui-quadrado indica que não há diferenças significativas entre a abertura de (e) em jovens e adultos quando a vogal da tônica é [ê], [õ] na cidade de Ouro Branco. Assim, ao que parece, as cidades trilham caminhos diferentes no presente momento em relação a esse fator. Vejamos a cidade de Ouro Branco:

Ouro Branco					
Jovens			Adultos		
LMJO	0[ɛ]	17[e]	PMAO	0[ɛ]	14[e]
WMJO	1[ɛ]	11[e]	SMAO	0[ɛ]	12[e]
NFJO	0[ɛ]	21[e]	FFAO	2[ɛ]	5[e]
SFJO	1[ɛ]	12[e]	LFAO	0[ɛ]	3[e]
Total:	2[ɛ]	61[e]	Total:	2[ɛ]	34[e]
	3,2% de abertura			5,5% de abertura	

⁵⁵ Sankoff (1988) apud Oliveira (2011) afirma que há uma pressuposição implícita de que não existe interação entre fatores linguísticos e fatores sociais. Mas Oliveira (2011, p.100), na sua pesquisa em Itaúna/MG, encontrou três tipos de interações: “variável social interagindo com outra variável social, variável social interagindo com variável linguística e variável linguística interagindo com outra variável linguística.”

Ouro Branco	jovens	adultos	TOTAL
[e]	61	34	95
[ɛ]	2	2	4
TOTAL	63	36	99

p-valor fator 1 e 2	0,5627515513

6.4.7 Conclusão da regressão – abertura de (e)

Após a análise de todos os fatores favorecedores, desfavorecedores e com realização categórica, nas três cidades, podemos concluir o seguinte em relação à abertura de (e):

- a) os processos envolvidos na abertura das vogais anteriores são mais significativos para a distinção dos falares em questão do que o alçamento;
- b) em relação às vogais tônicas, [a], [ɛ], [ɔ] foram favorecedoras da abertura nas três cidades. Machacalis ainda apresentou [ẽ], [õ] como favorecedoras;
- c) em relação ao modo seguinte, apenas Machacalis apresentou fricativas e oclusivas como favorecedoras da abertura, ou seja, consoantes seguintes com traço [-soante];
- d) em relação à classe gramatical, os nomes favorecem a abertura em Ouro Branco;
- e) em relação à distância do início da palavra, a 1ª sílaba favorece a abertura em Piranga – favorecimento do acento secundário da sílaba inicial;
- f) em relação ao paradigma, o paradigma com vogal aberta favorece a abertura em Piranga;
- g) em relação aos fatores sociais, os homens (jovens e adultos) favorecem a abertura em Piranga e as mulheres adultas o favorecem em Machacalis.

Quadro 18: Resumo dos fatores favorecedores da abertura de (e) nas três cidades

ABERTURA	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[a] - p[ε]sado	[ε], [ɔ] - r[ε]cebe	[ε], [ɔ] - r[ε]médio
	[ε], [ɔ] - n[ε]gócio	[a] - ch[ε]gada	[ẽ], [õ] - d[ε]pende
			[a] - t[ε]clado
Modo seguinte	NS ⁵⁶	NS	fricativas - [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ] - l[ε]varam oclusivas - [p], [b], [t],[k], [g] - p[ε]gava
Classe gramatical	nomes - v[ε]rdade	NS	NS
Distância do início da palavra	----- ⁵⁷	1ª sílaba - pr[ε]cária	NS
Paradigma	NS	paradigma com vogal aberta - r[ε]zava	NS
Fatores sociais	feminino/adulto	masculino/jovem masculino/adulto	-----

Em Ouro Branco é possível falar em harmonia vocálica do traço [+aberto3], desencadeada pelas vogais [a], [ε], [ɔ] seguintes. Não houve influência do paradigma, não houve influência da posição da sílaba na palavra e houve muitas restrições para a abertura, ou seja, muitos ambientes categóricos para a manutenção.

Em Piranga também é possível falar em harmonia vocálica do traço [+aberto3], favorecida pelas vogais [ε], [ɔ], [a] seguintes. Há o favorecimento da 1ª sílaba e do paradigma com vogal aberta. Os homens (adultos e jovens) favorecem a abertura em Piranga.

Machacalis apresentou abertura, com muitos fatores favorecedores. Várias vogais tônicas, várias consoantes seguintes. São muitos contextos de abertura. a) em Machacalis, os únicos contextos vocálicos desfavorecedores da abertura são aqueles que favorecem a manutenção [e], [o]; b) as vogais altas, desfavorecedoras da abertura nas outras cidades, em Machacalis não atuam significativamente assim; c) em Machacalis as consoantes que são desfavorecedoras do alçamento favorecem a abertura [-soante].

6.5 Hierarquização dos grupos de fatores favorecedores⁵⁸

Fizemos o teste da razão da máxima verossimilhança para hierarquizar as variáveis.

⁵⁶ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico

⁵⁷ -----: indica que não houve nenhum fator favorecedor neste grupo de fator, embora o grupo de fator tenha sido considerado significativo pelo programa estatístico.

⁵⁸ Baseamo-nos em Oliveira (2012).

Nos quadros a seguir, apresentamos os resultados da diferença do modelo completo (com todas as variáveis inseridas) e do modelo depois de se retirarem as variáveis uma por uma.

Quadro 19: Hierarquização para alçamento de (e)- diferença entre os valores do teste da razão da máxima verossimilhança

Alçamento		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal da sílaba tônica [i],[u],[ĩ],[ũ]: 216,825	Vogal da sílaba tônica [i],[u],[ĩ],[ũ]: 66,882	Vogal da sílaba tônica [i],[u],[ĩ],[ũ]: 71,729
Modo seguinte (nasais, oclusivas): 57,548	Modo seguinte (oclusivas): 9,183	Modo seguinte (nasais): 30,546
Distância do início da palavra (1ª sílaba): 19,567		Gênero/sexo*faixa etária ⁵⁹ (feminino/adulto): 14,438
Classe grammatical (verbos): 9,342		Classe grammatical (verbos): 8,671
Faixa etária (jovens): 5,407		Distância do início da palavra (1ª sílaba): 5,664

Em relação ao alçamento, a vogal da sílaba tônica é o grupo de fator mais importante para explicar a variabilidade observada nas três cidades. O modo seguinte é o segundo grupo de fator mais importante nas três cidades. Em Piranga, a vogal tônica explica, aproximadamente, 7 vezes mais a variabilidade do que o modo seguinte. Já em Machacalis ela explica, aproximadamente, 2 vezes mais do que o modo seguinte. E em Ouro Branco, aproximadamente, 4 vezes mais do que o modo seguinte. Ou seja, o papel da consoante seguinte relativamente é mais importante em Machacalis do que em Piranga e Ouro Branco.

Esta é uma importante constatação: o valor de cada variável independente que atua nos processos em cada município.

Quadro 20: Hierarquização para abertura de (e) diferença entre os valores do teste da razão da máxima verossimilhança

Abertura		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Gênero/sexo*faixa etária (feminino/adulto): 54,106	Vogal da sílaba tônica [ɛ],[ɔ],[a]: 124,046	Vogal da sílaba tônica [ɛ],[ɔ],[ẽ],[õ],[a]: 330,977
Vogal da sílaba tônica [a],[ɛ],[ɔ]: 36,609	Gênero/sexo*faixa etária (masculino/jovem, masculino/adulto): 102,28	Modo seguinte (fricativas, oclusivas): 28,925
Classe gramatical (nomes): 8,551	Distância do início da palavra (1ª sílaba): 12,849	
	Paradigma (paradigma com vogal aberta): 7,023	

O único grupo de fator favorecedor presente em todas as cidades é a vogal tônica. Em relação aos grupos de fatores linguísticos relacionados à abertura, a vogal

⁵⁹ * indica interação entre os fatores sociais

tônica é o grupo de fator mais importante para explicar a variabilidade observada nas três cidades.

Em Ouro Branco a interação gênero/sexo*faixa etária foi mais importante do que a influência da vogal da tônica. Em Piranga este grupo de fator foi o segundo mais importante.

O valor mais alto é para a abertura em Machacalis, em que a vogal tônica explica aproximadamente 11 vezes mais a variabilidade do que o modo seguinte (segunda mais importante).

Vale, então, ressaltar o poder de explicação das vogais tônicas seguintes na variabilidade da pretônica. Ela é realmente a variável mais importante para explicar o alçamento e a abertura.

Vale ressaltar também o papel dos grupos sociais: em Piranga e Ouro Branco o seu papel é bem maior para a abertura. Já em Machacalis é maior para o alçamento.

Podemos concluir que os aspectos segmentais (atuação das vogais e das consoantes) são mais importantes do que aspectos acentuais (como o acento inicial).

6.6 O item lexical

Vários estudos apontam a interferência lexical no estudo das vogais médias pretônicas. Viegas (1987) sugere que o alçamento possa estar relacionado ao item lexical. Ela constatou, na sua pesquisa em Belo Horizonte, que não encontrou nenhum ambiente que explique todos os casos de alçamento ou de não alçamento. Ela encontrou itens lexicais que alçaram sempre, outros que não alçaram nunca.

Viegas encontrou também itens que foram alçados sem ambientes favorecedores, e outros que não o foram, num mesmo estilo e com frequências supostamente iguais (*s[i]mestre*, *s[e]mana*, *s[e]mente*). Palavras de sentido não tão prestigiado socialmente, podendo até mesmo ter sentido pejorativo, foram alçadas com frequência e outras com sentido mais prestigiado não o foram (*p[o]rção* x *p[u]rção*, *P[e]ru* x *p[i]ru*). Houve ainda palavras que alçaram independente da questão semântica.

A autora concluiu:

(...) a descrição do fenômeno através de uma regra variável lexicalmente abrupta, como apregoavam os neo-gramáticos, não dá conta da complexidade do processo de alçamento das vogais médias pretônicas, ou seja, a regra variável da gramática ao atuar no léxico sofre restrições deste, restrições não previstas nesta teoria. Os trabalhos a respeito do alçamento até então se basearam em regras categóricas ou em regras variáveis lexicalmente abruptas. Os estudos a respeito da difusão lexical me orientaram no sentido

de o alçamento se processar gradualmente através do léxico. PHILLIPS (1984) me fornece subsídios para afirmar que a regra de alçamento atua sobre os itens mais frequentes primeiro. Ao tentarmos precisar a medida desta frequência, além da dificuldade em fazê-lo, temos que considerar e relevar a influência dos fatores não estruturais em relação ao léxico e seu uso. Além disso, alguns itens escaparam a qualquer sistematização, o que me fez observar a importância de cada item ter sua própria história. A força do componente semântico, até então não considerada nas mudanças sonoras, foi neste trabalho evidenciada. Assim, os indivíduos repassam e reforçam os valores dos conteúdos semânticos dos itens, que estão relacionados com os valores sociais, para a forma fonética destes itens, que também está associadas a valores sociais. (VIEGAS, 1987, p.168)

Oliveira (1991, p.102),⁶⁰ ao fazer uma análise do alçamento das vogais médias pretônicas no PB, levando em consideração dados levantados por Viegas (1987), conclui: “O que temos aqui é um caso de difusão lexical. AP⁶¹ tem todas as características dos processos difusionistas (...), inclusive a falta de diferenciação social”.

Viana (2008), ao estudar a variação das vogais médias pretônicas em Pará de Minas, explica que seus dados indicam que há atuação lexical. Ela ressalta que os processos de alçamento e de abaixamento (das anteriores e das posteriores) não se aplicam a todo o léxico. “Ora as palavras coexistem alteradas ou não; ‘flutuam foneticamente’, segundo Oliveira (1992b), ora apresentam ambientes favorecedores da variação e não variam e, ainda, ora apresentam ambientes desfavorecedores da variação e variam.” (VIANA, 2008, p.94)

A autora pontua que a mudança ocorre e propaga-se em palavras com estrutura sonora semelhante, porém, em alguns casos, deixa algumas palavras permanentemente sem alteração sonora e, em outros casos, atinge a todas as palavras da língua que potencialmente poderiam sofrer a mudança sonora. Diante disso, ela conclui que há um condicionamento lexical.

Tondineli (2010) explica que encontrou nos dados analisados em Montes Claros, realizações indicativas de difusão lexical e que a variação nas vogais médias é um processo controverso, pois ocorre em determinados contextos em um item lexical e, em outro item, sob as mesmas condições, não ocorre. Ela exemplifica com os itens: m[i]lhoris e m[e]lhor, int[ɛ]r[ɛ]ssa, int[e]r[ɛ]sse, c[u]nserta, c[o]nserva, entre outros.

Faremos, então, a análise do item lexical.

⁶⁰ Tradução realizada pelo próprio autor no artigo: OLIVEIRA, M. A. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ALBANO, E. C.; COUDRY, M. I.; POSSENTI, S.; ALKMIM, T. M. (Org.). *Saudades da Língua: a Linguística e os 25 Anos do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP*. Campinas, Mercado de Letras, 2003. p. 605-620

⁶¹ AP: alçamento das pretônicas

6.6.1 Alçamento

Analizamos os itens lexicais para o alçamento e observamos que:

- A- houve casos em que a vogal tônica era favorecedora do alçamento e o item não alçou;
- B- houve casos em que o alçamento ocorreu em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorreu;
- C- houve casos em que o ambiente não era favorecedor do alçamento e o item alçou.

Vamos retomar o **Quadro 14**, que apresenta os fatores favorecedores do alçamento nas três cidades.

Quadro 14: Resumo dos fatores favorecedores do alçamento de (e) nas três cidades

ALÇAMENTO	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[i], [u], [ĩ], [ũ] b[i]bida d[i]stino	[i], [u], [ĩ], [ũ] s[i]gura p[i]dindo	[i], [u], [ĩ], [ũ] v[i]stido n[i]nhum
Modo seguinte	nasais [m], [n], [ɲ] - s[i]nhor oclusivas [b], [t], [d], [g] m[i]dida	oclusivas [b], [d], [g] s[i]guida	nasais - [n], [ɲ] s[i]ntido
Classe gramatical	verbos – acr[i]dita	NS	verbos – qu[i]ria
Distância do início da palavra	1ª sílaba – p[i]rdida	NS	1ª sílaba –s[i]rvia
Gênero/sexo	NS	NS	feminino/adulto
Faixa etária	jovens	NS	

A- Casos em que a vogal tônica é favorecedora do alçamento e o item não alça:

Quadro 21: Itens em que a vogal tônica é favorecedora do alçamento de (e) e o item não alça

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Os itens abaixo apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ] ou [ũ], e mesmo assim não alçaram.	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ] ou [ũ], e mesmo assim não alçaram	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ] ou [ũ], e mesmo assim não alçaram
acessível 1[e]	abertura 1[e]	abertura/aberturas 2[ε]
arenídico 1[e]	acendi 1[e]	adventista 1[e]
argentina 1[e]	acessível 1[e]	agrediram 1[e]
atendido 1[e]	alegria 1[e]	bermuda 1[e], 2[ε]
avenida 3[e]	anest[e]sia 9[e]	catequista 1[e]
betim 2[e]	bateria 1[e]	dentista 1[e]
coletivo 1[e]	ben[e]fício 1[e]	devido 16[e]
conhecida/conhecido 2[e]	caberia 1[e]	divertida 1[e]
conhecia 1[e]	decide 1[e]	fervia 1[e]
coqueria 1[e]	dedica 1[e]	incentivo 3[e]
delícia 2[e]	dentista 4[e]	investindo 1[e]
devido 7[e]	dev[e]ria/dev[e]riam 6[e]	jesus 13[e], 2[ε]
en[e]rgia 1[e]	ef[e]tivas/ef[e]tivos 3[e]	juventude 4[e]

entr[e]vista 3[e]	emp[e]cilho 1[e]	mendigo 1[e]
esp[e]cífica 1[e]	entr[e]vista/entr[e]vistas 4[e]	parceria 1[e]
ex[er]cício 6[e]	getúlio 1[e]	pergunta/perguntas/pergunta 1[e], 4[ε]
falecido 1[e]	haveria 1[e]	período 7[e]
felizes 1[e]	hel[e]nice 1[ε]	permita/permite 1[e], 1[ε]
incentiva 1[e]	impedi 1[e]	persiste 1[e]
insegura 1[e]	incentiva/incentivo/incentivam 9[e]	pesquisa 4[ε]
investindo 1[e]	interfiro 1[e]	prendia 1[e]
juventude 3[e]	jesus 2[e]	república 1[ε]
letícia 1[e]	juventude 3[e]	revista 1[ε]
loteria 2[e]	letícia 3[e]	seria 2[e]
matemática 4[e]	manteriam 1[e]	teriam 1[e]
melina 4[e]	mendigo 2[e]	termina/terminam 2[ε]
mer[e]ciam 1[e]	mereciam 1[e]	vendido 1[e]
parceria 1[e]	mesquita 1[e]	verdura/verduras 3[e], 5[ε]
poderia/poderíamos 7[e]	ostensivo 1[e]	versículo 1[e], 1[ε]
pergunta 2[e]	pergunta/pergunta 2[e] 5[ε]	vicentinos 1[e]
período 5[e]	permita/permite 3[ε]	
regime 2[e]	pesquisa 1[e]	
república 2[e]	poderia 5[e]	
resolv[e]ria 1[e]	querido 1[e]	
seria 4[e]	regime 1[e]	
siderúrgica 2[e]	república 1[e] 2[ε]	
teria/teriam 7[e]	resume 1[e]	
termina/termine 3[e]	revista 1[e]	
travessia 1[e]	seria/seriam 13[e]	
vendidos 1[e]	serp[e]ntina 2[e]	
sergipe 1[ε]	sugerido 1[e]	
	teria 6[e]	
	termina 1[e]	
	terrível 3[e]	
	travessura 1[e]	

Em Ouro Branco, todos os itens apresentaram algum fator desfavorecedor (tepe e lateral seguinte, fricativa seguinte, 2ª sílaba ou mais, não verbo).

Em Piranga, apenas tepe e laterais seguintes desfavorecem o alçamento, portanto, em vários itens listados no quadro anterior, não há contexto que desfavoreça o alçamento. São eles: *abertura, acendi, acessível, alegria, anest[e]sia, ben[e]fício, decide, dedica, dentista, ef[e]tivas/ef[e]tivos, emp[e]cilho, entr[e]vista/entr[e]vistas, getúlio, hel[e]nice, impedi, incentiva/incentivo/incentivam, interfiro, jesus, juventude, letícia, mendigo, mesquita, ostensivo, pergunta/pergunta, permita/permite, pesquisa, regime, república, resume, serp[e]ntina, termina, terrível, travessura.*

Em Machacalis, a maioria apresentou algum fator desfavorecedor (oclusiva seguinte, fricativa seguinte, 2ª sílaba ou mais, não verbo), mas restaram alguns itens: *prendia, seria, teriam* em que não havia fator desfavorecedor.

Como estamos tratando com variação, não esperamos que o item alce sempre. Mas se há fatores favorecedores, esperamos que alce muitas vezes, principalmente se não há nenhum fator desfavorecedor. Não esperamos também que o item não alce nunca com fatores favorecedores em um processo variável.

Ao observar esses itens, notamos que vários deles têm apenas 1 ocorrência, portanto, não dá para afirmar, nesses casos, que há atuação do item. Então, separamos os itens que ocorreram só uma vez nas três cidades, vejamos quais restaram:

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
-----	anest[e]sia 9[e]	seria 2[e]
	dentista 4[e]	
	efetivas/efetivos 3[e]	
	entrevista/entrevistas 4[e]	
	incentiva/incentivo/incentivam 9[e]	
	jesus 2[e]	
	juventude 3[e]	
	letícia 3[e]	
	mendigo 2[e]	
	pergunta/pergunta 2[e] 5[ε]	
	permita/permite 3[ε]	
	república 1[e] 2[ε]	
	serp[e]ntina 2[e]	
	terrível 3[e]	

Nesses itens, podemos dizer que há indícios de atuação lexical. Mas ressaltamos ainda que pode haver outro fator atuando, que não foi analisado nesta pesquisa. Por exemplo, segundo Graebin (2008), os verbos de 3ª conjugação favorecem o alçamento, os verbos de 2ª conjugação favorecem a manutenção e os verbos de 1ª conjugação favorecem a abertura. Essa poderia ser uma possível explicação para o não alçamento no item *seria*, em Machacalis e nos itens *incentiva/incentivo/incentivam* e *pergunta/pergunta*, em Piranga. Mesmo assim restam alguns itens em Piranga⁶².

B- Casos em que o alçamento ocorre em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorre:

Em Ouro Branco, ocorreu *d[i]via* 4[i] e *d[e]vido* 7[e]; *p[i]rigo* 1[i] e *p[e]ríodo* 5[e].

Em Piranga, ocorreu *m[i]ntira* 6[i], 1[e] e *m[e]ndigo* 2[e].

Em Machacalis, ocorreu *m[i]ntiu* 1[i] e *m[e]ndigo* 1[e].

⁶² Pode estar havendo ainda influência da estrutura morfológica e/ou das consoantes adjacentes. Em estudo posteriores, analisaremos quais são exatamente essas influências.

Vejamos:

d[i]via

- a) (...) ela era nova, d[i]via ter uns trinta e cinco anos (...) - LMJO
 b) (...) todo mundo amontoadado, d[i]via ter as divisões com madeirite (...) - LMJO
 c) (...) mas ele d[i]via ter nascido em Ouro Branco (...) - PMAO
 d) (...) mas d[i]via ter uma mini (...) - LFAO

d[e]vido

- a) (...) não sei se está tendo uma conscientização, d[e]vido a esse problema de aquecimento (...) - SMAO
 b) (...) acaba se instalando aqui, d[e]vido à procura (...) - SMAO
 c) É d[e]vido a ... a empresa, por exemplo, você estiver trabalhando num setor, não é? d[e]vido a necessidade de ... de ter mais alguma coisa, por exemplo, se você ter o primário não é suficiente para a empresa. você tem que fazer pelo menos o médio, não é? ou então um curso técnico, não é? então d[e]vido a isso, aquela pessoa vai ter que estudar (...) - SMAO
 d) (...) não sei se vai ter essa necessidade, d[e]vido a essas faculdades que está vindo aqui, não é? (...) - SMAO
 e) (...) talvez é d[e]vido a isso, não é? a esses esportes (...) - SMAO

É interessante notar que *d[i]via* ocorre sempre como auxiliar. Essa questão será tratada posteriormente em outros estudos relacionando esse alicamento ao processo de gramaticalização (e de mais gramaticalização ainda) de dever.

Então, podemos falar em indícios de atuação lexical evidenciado pelos itens aqui tratados, em especial, para os pares *p[e]ríodo/p[i]rigo* e *m[i]ntira/m[e]ndigo*.

C- Casos em que o ambiente não é favorecedor do alicamento e o item alça.

Quadro 22: Itens em que o ambiente não é favorecedor do alicamento de (e) e mesmo assim o item apresenta realização alta

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Não houve nos dados desta pesquisa, casos em que o ambiente não é favorecedor do alicamento e o item alça (o que indica a força do ambiente).	Os itens abaixo não apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], nem modo seguinte <i>oclusivas</i> e mesmo assim tiveram realização alta	Os itens abaixo não apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], nem modo seguinte <i>nasais</i> , são nomes, não apresentam a variável analisada na 1ª sílaba e mesmo assim tiveram realização alta
	des[i]spero 4[i], prat[i]leira 3[i].	fut[i]bol 3[i], trav[i]sseiro 1[i].

Pode ser que tenha algum outro fator atuando, como a origem e formação desses itens, como pode ser visto no **ANEXO C**.

Passaremos agora para a análise dos itens que foram separados antes da realização da regressão analisada aqui.

Retomemos o **Quadro 7**, que apresenta os itens em que a realização é categórica para o alçamento (acima de 10 ocorrências):

Quadro 7: Itens em que a realização é categórica para o alçamento (e) (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
precisa e flexões	25	acredita e flexões	83	pedir e flexões	24
menino e flexões	43	menino e flexões	81	conseguir e flexões	22
pequeno e flexões	23	pequeno e flexões	11	pequeno e flexões	29
Demais	13	segundo e flexões	15	segundo e flexões	14
		seguinte	12		
		senhora	20		

Em Ouro Branco, todos os itens apresentam um dos principais⁶³ fatores favorecedores do alçamento como: vogal tônica [i], [ĩ], nasal seguinte ou oclusiva seguinte.

Em Piranga, a maioria dos itens também apresenta um dos principais fatores favorecedores do alçamento como: vogal tônica [i], [ĩ], [ũ], oclusiva seguinte. Apenas o item *s[i]nhora* não apresenta fator favorecedor.

Em Machacalis, a maioria dos itens também apresenta um dos principais fatores favorecedores do alçamento como: vogal tônica [i], [ũ]. Restou apenas o item *p[i]queno*.

Retomemos o **Quadro 8**, que apresenta os itens quase categóricos em que uma das variantes ocorreu acima de 90% das realizações. Apresentaremos aqui apenas os casos de alçamento.

⁶³ Ver Quadro 19, em que consta a hierarquização dos fatores favorecedores do alçamento.

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
segundo e flexões	1 [e] 16[i]	precisa e flexões	1[e] 36[i]	serviço	1[e] 13[i]
		queria	1[e] 14[i]	menino e flexões	1[e] 41[i]
		nenhum e flexões	1[e] 16[i]		

Os itens separados em que a realização quase categórica foi do alçamento apresentaram sempre uma vogal alta [i], [ĩ], [ũ] na sílaba tônica.

6.6.2 Abertura

Analisamos os itens lexicais para a abertura e observamos que:

A- houve casos em que a vogal tônica era favorecedora da abertura e o item não apresentou realização aberta;

B- **não** houve, nos nossos dados, casos em que a abertura ocorreu em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorreu;

C- houve casos em que o ambiente não era favorecedor da abertura e o item apresentou realização aberta.

Vamos retomar o **Quadro 18**, que apresenta os fatores favorecedores da abertura nas três cidades.

Quadro 18: Resumo dos fatores favorecedores da abertura de (e) nas três cidades

ABERTURA	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[a] - p[ε]sado	[ε], [ɔ] - r[ε]cebe	[ε], [ɔ] - r[ε]médio
	[ε], [ɔ] - n[ε]gócio	[a] - ch[ε]gada	[ẽ], [õ] - d[ε]pende
			[a] - t[ε]clado
Modo seguinte	NS ⁶⁴	NS	fricativas - [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ] - l[ε]varam oclusivas - [p], [b], [t],[k], [g] - p[ε]gava
Classe gramatical	nomes - v[ε]rdade	NS	NS
Distância do início da palavra	----- ⁶⁵	1ª sílaba - pr[ε]cária	NS
Paradigma	NS	paradigma com vogal aberta - r[ε]zava	NS
Fatores sociais	feminino/adulto	masculino/jovem masculino/adulto	-----

⁶⁴ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico

⁶⁵ -----: indica que não houve nenhum fator favorecedor neste grupo de fator, embora o grupo de fator tenha sido considerado significativo pelo programa estatístico.

A- Casos em que a vogal tônica é favorecedora da abertura e o item não apresentou realização aberta.

Quadro 23: Itens em que a vogal tônica é favorecedora da abertura de (e) e o item não apresentou realização aberta

Ouro Branco Os itens abaixo apresentam vogal tônica [a], [ɛ], ou [ɔ] e mesmo assim não apresentaram realização aberta.	Piranga Os itens abaixo apresentam vogal tônica [ɛ], [ɔ] ou [a], e mesmo assim não apresentaram realização aberta.	Machacalis Os itens abaixo apresentam vogal tônica [ɔ], [a], [ẽ] ou [õ] e mesmo assim não apresentaram realização aberta.
acertasse 1[e]	cesária 5[e]	apertado 1[e]
apelasse 1[e]	catequese 5[e]	bebendo 1[e]
belv[e]dere 2[e]	enf[e]rmagem 6[e]	carregar 1[e]
catequese 1[e]	memória 1[e]	devemos/devendo 2[e]
cenário 1[e]	pedestre 1[e]	futebol 3[i]
começaram/começava 5[e]	rev[e]zava 1[e]	internado 1[e]
comemora 1[e]	telhado 1[e]	mercado 1[e]
conversava 2[e]		pelado 2[e]
depr[e]dado 1[e]		perdemos/perdendo 2[e]
des[e]nhava 1[e]		rec[e]bendo 1[e]
empr[e]gado/empr[e]gados 4[e]		resolve 1[e]
eng[e]ssada 1[e]		senhora/senhoras 5[e], 6[i]
esp[e]rava 1[e]		telhado 1[e]
estr[e]ssado 1[e]		valdemar 1[e]
gelada/gelado 5[e]		vaquejada 1[e]
gerada 1[e]		
geraldo 1[e]		
homenagem 1[e]		
interessa 2[e]		
internado 1[e]		
liberdade 8[e]		
medrosa 1[e]		
merece 1[e]		
mestrado 1[e]		
metade 1[e]		
metálica/metálicas 2[e]		
nec[e]ssário 1[e]		
operário/operários 3[e]		
papelada 1[e]		
pedaço 1[e]		
pegaram/pegava (5e)		
quebrado 1[e]		
remédio 3[e]		
repórter 1[e]		
resposta/respostas 5[e]		
selvagem/selvagens 2[e]		
senhora 1[e]		
soledade 3[e]		
teclado 2[e]		
telhado 1[e]		

Em Ouro Branco, apenas os verbos desfavorecem a abertura; portanto, em vários itens listados no quadro anterior, não há nada que desfavoreça a abertura. São eles: *belv[e]dere*, *catequese*, *cenário*, *depr[e]dado*, *empr[e]gado/empr[e]gados*,

eng[e]ssada, estr[e]ssado, gelada/gelado, gerada, geraldo, homenagem, internado, liberdade, medrosa, mestrado, metade, metálica/metálicas, nec[e]ssário, operário/operários, papelada, pedaço, quebrado, remédio, repórter, resposta/respostas, selvagem/selvagens, senhora, soledade, teclado, telhado.

Em Piranga todos os itens apresentaram fator desfavorecedor (2ª sílaba ou mais em relação ao início da palavra, paradigma em que não há vogal aberta), o que poderia explicar a não ocorrência da abertura.

Em Machacalis, apenas as nasais seguintes desfavorecem a abertura, portanto, em vários itens listados no quadro anterior, não há nada que desfavoreça a abertura: *apertado, bebendo, carregar, devemos/devendo, futebol, internado, mercado, pelado, perdemos/perdendo, rec[e]bendo, resolve, telhado, vaquejada.*

Assim como fizemos para o alçamento, separamos os itens que ocorreram só uma vez nas três cidades, vejamos quais restaram:

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
belv[e]dere 2[e]	-----	devemos/devendo 2[e]
empr[e]gado/empr[e]gados (4e)		futebol 3[i]
gelada/gelado 5[e]		pelado 2[e]
liberdade 8[e]		perdemos/perdendo 2[e]
metálica/metálicas 2[e]		
operário/operários 3[e]		
remédio 3[e]		
resposta/respostas 5[e]		
selvagem/selvagens 2[e]		
soledade 3[e]		
teclado 2[e]		

Em Ouro Branco, é importante ressaltar que, como vimos na regressão, a abertura ocorre muito pouco e em poucos itens. Portanto, nesta cidade, é esperado que, mesmo em ambiente favorecedor, a abertura ocorra com um percentual menor, mas não é esperado que haja seletividade lexical, ou seja, ocorra em alguns itens lexicais e não em outros. Assim, ou há fatores não analisados atuando ou há atuação lexical. Mesmo que haja outro fator atuando, sempre resta a questão: por que determinados itens e não outros?

Lembramos também que pode haver outro fator atuando, que não foi analisado nesta pesquisa. Como explicado no alçamento, Graebin (2008) resalta que os verbos de 2ª conjugação favorecem a manutenção, o que poderia explicar o não alçamento em *d[e]vemos/d[e]vendo, p[e]rdemos/p[e]rdendo* na cidade de Machacalis. Restaram apenas os itens *fut[i]bol* e *p[e]lado* nesta cidade.

Como vimos para o alçamento anteriormente, em *futebol* pode haver uma questão da formação da palavra.

No item *p[e]lado* podemos dizer que há indícios de atuação lexical.

B- Conforme mencionado, não encontramos casos em que a abertura ocorra em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorra.

C- Casos em que o ambiente não é favorecedor da abertura e mesmo assim o item apresenta realização aberta:

Quadro 24: Itens em que o ambiente não é favorecedor da abertura de (e) e mesmo assim o item apresenta realização aberta

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
O item abaixo não apresenta vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ] é verbo e mesmo assim teve realização aberta	Os itens abaixo não apresentam vogal tônica [ɛ], [ɔ], [a], nem apresentam a variável analisada na 1ª sílaba e nem paradigma com vogal aberta e mesmo assim tiveram realização aberta.	Os itens abaixo não apresentam vogal tônica [ɛ], [ɔ], [a], [ê], [ô] nem modo seguinte <i>occlusivas</i> e <i>fricativas</i> e mesmo assim tiveram realização aberta.
fr[ɛ]quenta 1[ɛ]	el[ɛ]fante 2[ɛ]	b[ɛ]ltrato 2[ɛ]
	adol[ɛ]scente 1[ɛ]	g[ɛ]randa 1[ɛ]
	el[ɛ]mentos 1[ɛ]	lib[ɛ]randa 1[ɛ]
	exc[ɛ]lente 5[e] 1[ɛ]	lid[ɛ]rança 1[ɛ]
	hel[ɛ]nice 1[ɛ]	p[ɛ]ríodo 7[e] 1[ɛ]
	ild[ɛ]fonso 1[ɛ]	

Na maioria dos casos listados no quadro anterior, houve apenas 1 ocorrência dos itens lexicais.

Restaram os seguintes itens: *el[ɛ]fante* e *exc[ɛ]lente* em Piranga; *b[ɛ]ltrato* e *p[ɛ]ríodo* em Machacalis.

Observamos ainda que na maioria dos casos há uma vogal nasal na sílaba tônica; essa influência deve ser estudada posteriormente.

Passaremos, agora, para a análise dos itens que foram separados antes da realização da regressão analisada aqui.

Retomemos o **Quadro 6**, que apresenta os itens em que a realização é categórica para a abertura (acima de 10 ocorrências):

Quadro 6: Itens em que a realização é categórica para a abertura de (e) (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
-----	-----	negócio e flexões	45	verdade e flexões	14
-----	-----	verdade	25	Bertópolis	11
-----	-----	fernando	23		

Podemos notar que todos os itens separados em Piranga e Machacalis, em que a realização foi categórica para a abertura, possuíam um fator favorecedor como: uma vogal baixa [a], ou média de 1º grau [ɔ] na sílaba tônica. Apenas o item *f[ɛ]rmando*, em Piranga, não apresenta nenhum dos principais fatores favorecedores. Então, pode haver aqui uma atuação lexical. É importante ressaltar que este item ocorreu 23 vezes, o que fortalece os indícios de atuação lexical.

Retomemos o **Quadro 8**, que apresenta os itens quase categóricos em que uma das variantes ocorreu acima de 90% das realizações. Apresentaremos aqui apenas os casos de abertura.

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
-----	-----	melina	2 [e] 63[ɛ]	merenda e flexões	1[e] 13[ɛ]

O item *m[ɛ]renda* apresenta a vogal tônica [ẽ], que favorece a abertura em Machacalis.

Já o item *m[ɛ]lina* em Piranga, não apresenta nenhum fator que favoreça a abertura significativamente. Talvez haja a influência da nasalidade da sílaba seguinte, que pode ser um contexto em que esteja havendo a expansão da abertura. Soma-se a isso a comparação entre *m[ɛ]lina* e *m[e]lissa*, feita em Dias (2008). Dias mostrou que no item *m[ɛ]lina* prevalece a realização da vogal média de 1º grau e em *m[e]lissa* prevalece a manutenção. Dias atribuiu essa diferença ao favorecimento da abertura em *m[ɛ]lina* pela nasalidade da sílaba seguinte ou ainda devido a uma atuação lexical.

Essa expansão da abertura em contexto de nasal seguinte explicaria, dentre outras, a realização de SERENO da Carta 6 de Ribeiro *et al.* (1977), apresentada na **Figura 4**, em que há abertura no item *s[ɛ]reno* na cidade de Visconde do Rio Branco, próximo à cidade de Piranga.

Observamos que a atuação lexical parece ser mais evidente para o alçamento do que para a abertura, como pode ser visto no quadro a seguir, pois encontramos casos em que o alçamento ocorre em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorre. Não encontramos nenhum caso assim para a abertura em nenhuma das três cidades.

Vejamos esses itens:

Quadro 25: Itens restantes para o alçamento e para a abertura de (e) nas três cidades

Alçamento			
	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
A Itens em que a vogal tônica é favorecedora do alçamento e o item não alça	-----	<i>anest[e]sia, d[e]ntista, ef[e]tivas/ef[e]tivos, entr[e]vista/entr[e]vistas, j[e]sus, juv[e]ntude, l[e]tícia, m[e]ndigo, p[e]rmita/p[e]rmita, r[e]pública, serp[e]ntina, t[e]rrível</i>	-----
B Itens em que o alçamento ocorre em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorre	<i>p[e]ríodo x p[i]rigo</i>	<i>m[e]ndigo x m[i]ntira</i>	<i>m[e]ndigo x m[i]ntiu</i>
C Itens em que o ambiente não é favorecedor do alçamento e o item alça.	-----	-----	-----
Itens sempre alçados	-----	<i>s[i]nhora</i>	<i>p[i]queno</i>
Abertura			
	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
A Itens em que a vogal tônica é favorecedora da abertura e o item não apresentou realização aberta.	<i>belv[e]dere, empr[e]gado/empr[e]gados, gelada/gelado, liberdade, metálica/metálicas, operário/operários, remédio, resposta/respostas, selvagem/selvagens, soledade, teclado</i>	-----	<i>p[e]lado</i>
B Itens em que a abertura ocorre em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorre.	-----	-----	-----
C Itens em que o ambiente não é favorecedor da abertura e mesmo assim o item apresenta realização aberta:	-----	<i>el[ε]fante, exc[ε]lente</i>	<i>b[ε]ltrano, p[ε]ríodo</i>
Itens quase sempre ou sempre abertos	-----	<i>f[ε]rmando, m[ε]lina</i>	-----

Graebin acrescenta na sua conclusão sobre as variação das vogais médias em Formosa-GO:

Não registramos itens realizados categoricamente com a variante média-aberta. O fato de encontrarmos muitos itens produzidos sempre com a variante alta indica que a elevação é um processo de mudança já acabado para muitos desses itens, ao passo que, nos casos de abaixamento, o que predomina é a variação. Esse comportamento dos dados levou-nos a inferir que a difusão lexical é um processo recorrente para os casos de elevação, mas não para os de abaixamento. Uma das pistas que nos levou a essa conclusão foi o fator frequência, geralmente relacionado ao modelo difusionista (...). (GRAEBIN, 2008, p. 209)

Segundo Phillips (1984), se a mudança sonora for fisiologicamente motivada, ela atinge as palavras mais frequentes⁶⁶ primeiro; se ela não for fisiologicamente motivada, ela atinge as palavras menos frequentes primeiro.

Bybee (2001) explica que em mudanças de etiologia fonética, os primeiros itens a serem atingidos são aqueles de frequência mais alta.

In particular, the frequency with which individual words or sequences of word are used and the frequency with which certain patterns recur in a language affects the nature of mental representation and in some cases the actual phonetic shape of words (BYBEE, 2001, p.1)⁶⁷

Graebin (2008) separou os contextos categóricos e quase categóricos e observou que a lista dos itens lexicais que sofreram alçamento, tanto para (e) quanto para (o), caracterizaram-se pela presença de vocábulos frequentes, com traço [+comum] e/ou pertencentes a um mesmo grupo de exemplares. Já a lista dos itens que foram realizados com a variante média-baixa mostraram uma variedade maior de vocábulos, tanto frequentes quanto não frequentes ou não tão comuns. Mas a autora ressalta que a questão da frequência necessita de um aprofundamento maior.

Em nossa pesquisa estamos tentando tratar a questão das regras e a atuação lexical com rigor. Deparamo-nos com casos de itens que não se submeteram às regras variáveis e outros que, em condições semelhantes, submeteram-se a essas regras. Esse fato nos leva ao entendimento de que há interação do léxico com as regras variáveis nos processos em questão. Isso nos leva a considerar a atuação lexical como relevante e procurar um modelo explicativo que considere a atuação do item e os processos fonético-fonológicos. Entendemos que o fato de o item lexical não ser alçado nunca em

⁶⁶ Nesta tese não analisaremos a frequência dos itens.

⁶⁷ Em particular, a frequência com que as palavras individuais ou sequências de palavras são usadas e a frequência com que certos padrões se repetem em uma língua afetam a natureza da representação mental e, em alguns casos, a forma fonética real das palavras. (BYBEE, 2001, p.1) (Tradução Nossa)

determinado falar, quando tem ambiente para tal, não pode ser explicado pelo fato de a regra ser variável, pois a regra variável não implica em seletividade lexical.

Observamos que a literatura menciona que a atuação lexical parece estar relacionada aos nomes próprios e à possível frequência de ocorrência dos itens. O alçamento não ocorreu em *j[e]sus* e *l[e]tícia*, por exemplo, itens que têm ambiente favorecedor do alçamento.

Oliveira (1991) explica que os nomes próprios são resistentes à mudança:

Na minha opinião há três fatores, pelo menos, que podem inibir as mudanças sonoras: nomes próprios, reação contrária por parte de uma classe social e estilos de fala formais. Os nomes próprios talvez constituam o caso mais claro. É fato bem conhecido que os nomes de pessoas, cidades, rios, montanhas, etc, podem preservar uma forma antiga e resistir a uma mudança. (OLIVEIRA, 1991, p.104)⁶⁸

Mas Oliveira (1995) ressalta:

(...) é bem verdade que os nomes próprios são menos propensos a mudanças, tomados isoladamente. Contudo, se o ajuste entre dois falantes for marcado por um alto grau de empatia, não há nada que impeça que ocorram alterações exatamente nos nomes próprios. Uma evidência disto são os diminutivos de nomes próprios, que indicam familiaridade ou carinho. Assim, para Antônio temos T[u]Nico, da mesma forma como temos Bia para Beatriz. (OLIVEIRA, 1995, p.88)

A abertura ocorreu em *f[ε]rmando*, *m[ε]lina*, itens que não têm o ambiente favorecedor da abertura. Aqui podemos ter a atuação da frequência e/ou familiaridade/empatia envolvidas. Esses aspectos não serão investigados nesta tese.

6.7 Indivíduo

Oliveira (1992), após analisar os dados de 642 casos de (o) pretônico em Belo Horizonte, mostra a importância de se analisar os indivíduos. O autor separou as palavras que ocorreram pelo menos 3 vezes. Das 26 palavras que restaram, apenas 3 (jogar, comigo, português) foram consideradas possíveis casos de variação. Ao analisar os indivíduos que produziram as formas do verbo *jogar*, o autor explica:

Numa análise variacionista clássica, tendo como perspectiva o grupo, teríamos um percentual de 25% de alçamento. Contudo, na perspectiva do indivíduo o percentual de variação é 0%! Sugiro, então, mesmo correndo o risco de heresia, que o comportamento do indivíduo é mais homogêneo do que o comportamento do grupo. (OLIVEIRA, 1992, p. 39)

⁶⁸ Tradução realizada pelo próprio autor no artigo: OLIVEIRA, M. A. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ALBANO, E. C.; COUDRY, M. I.; POSSENTI, S.; ALKMIM, T. M. (Org.). *Saudades da Língua: a Linguística e os 25 Anos do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP*. Campinas, Mercado de Letras, 2003. p. 605-620

Assim, Oliveira (1992, p. 40) conclui: “A menos que haja alguma razão séria em contrário, sugiro que o comportamento individual seja checado para todos os itens lexicais.”

Segundo Viana (2008), a seleção do grupo de fator *indivíduo* em todas as realizações é o indício de que a mudança pesquisada por ela é típica de difusão lexical. Esse grupo de fator expressa diferenças no comportamento dos indivíduos na realização dos itens lexicais e também diferenças no comportamento dos indivíduos em relação à pretônica anterior e à posterior.

A autora ressalta que para o processo de alçamento, tanto da variável (e) quanto da variável (o), os indivíduos variaram pelo menos uma vez, pois não houve eliminação de informantes pelo programa. Em relação ao abaixamento, “informantes foram eliminados, o que significa que eles mantêm categoricamente as vogais médias pretônicas.” (VIANA, 2008, p.112)

Viana (2008, p.112) explica que “No caso da variável (e), 68 itens lexicais aparecem, ora com alçamento, ora com uma vogal fechada. Dentre esses itens muitos apresentam variação intra-individual. (...) No caso da variável (o), são 55 itens ora alçados, ora não.”

Tondineli conclui:

Mesmo sendo excluído por rodadas do VARBRUL, o grupo de fatores *Indivíduo* se mostra significativo a partir do momento em que podemos verificar que o comportamento diversificado dos indivíduos, em relação aos processos de alçamento e rebaixamento, compõe uma mostra variável em relação à idade, sexo, grau de escolaridade e classe social, sendo, portanto, condizente com a nossa hipótese sobre a variação ser de caráter difusionista. (TONDINELI, 2010, p.142)

Oliveira e Lee (2006) propõem um esboço de um modelo teórico que lida com os fatos da variação considerando produção e percepção. “O modelo, operacionalizável em termos dos mecanismos da Teoria da Otimalidade, pretende, com base em princípios mais gerais da língua, alocar a variação num nível abstrato (percepção) e deixar a sua implementação (produção), no uso, sensível ao par {indivíduo-item lexical}.” (OLIVEIRA; LEE, 2006, p. 41)

Os autores explicam que dessa forma é possível lidar melhor com a variação: “do ponto de vista da compreensão ela é regida por princípios gerais da língua; e do ponto de vista da produção, ela é regida por princípios menores (que são, na realidade, funções de alguns princípios maiores), sendo sua aplicação determinada individualmente e lexicalmente.” (OLIVEIRA; LEE, 2006, p. 59)

Oliveira (2009) conclui que para o dialeto de Belo Horizonte, temos o seguinte:

- os falantes processam uma forma média aberta, uma média fechada e uma alta como realizações de uma mesma categoria. Isso vale para qualquer falante do português, se admitimos um princípio que diz que, nessa posição, os traços [BAIXO] e [POSTERIOR] são os únicos que são discriminados. Até aí temos a possibilidade de variação determinada pela língua-I;
- socialmente, ou coletivamente, as médias abertas sofrem considerável restrição, sendo licenciadas apenas na presença de uma vogal tônica aberta na mesma palavra e, mesmo assim, **com restrições lexicais**. Um caminho oposto é escolhido por outros dialetos do português brasileiro;
- já as médias fechadas e as altas são distribuídas lexicalmente e individualmente. Ou seja, indivíduos diferentes constituem a forma fonética de seu léxico de forma diferenciada com relação às vogais médias pretônicas.
- a variação se reduz, portanto, a um mínimo. (OLIVEIRA, 2009, p. 112-113)

Passaremos, então, para a análise dos indivíduos nos dados desta pesquisa.

6.7.1 Alçamento

Apresentamos a seguir os itens a que atribuímos indícios de atuação lexical para o alçamento, na **Seção 6.6.1**, nos casos listados em A, B, C e o indivíduo que produziu cada item. Iremos observar se há também uma questão relacionada ao indivíduo, ou seja, foi apenas um indivíduo que produziu determinado item, ou vários indivíduos realizaram o item da mesma forma? O indivíduo realizou o item sempre da mesma forma?

O.Branco	Indivíduo	Piranga	Indivíduo	Machacalis	Indivíduo
período	LMJO 1[e] PMAO 1[e] SMAO 2[e] WMJO 1[e]	anest[e]sia	CMJP 2[e] LFJP 7[e]	mendigo	SMJ 1[e]
		dentista	RMAP 3[e] SFAP 1[e]	pequeno e flexões	MFA 10[i] GFA 6[i] JFJ 1[i] JMA 4[i] KFJ 3[i] DMA 3[i] SMJ 2[i]
		efetivas/efetivos	GFJP 3[e]		
		entrevista/entrevistas	GFJP 4[e]		
		jesus	GFJP 2[e]		
		juventude	RMAP 1[e] DFAP 2[e]		
		letícia	DFAP 3[e]		
		mendigo	BMJP 2[e]		
		permita/permite	RMAP 2[ε] SFAP 1[ε]		
		república	RMAP 2[ε]		

			DFAP 1[e]		
		serp[e]ntina	SFAP 2[e]		
		terrível	LFJP 2[e] LMAP 1[e]		
		senhora	BMJP 3[i] CMJP 1[i] GFJP 3[i] LFJP 6[i] LMAP 1[i] RMAP 1[i] SFAP 5[i]		

Em Piranga, o item *república* foi o único que variou na comunidade, mas no indivíduo não variou. Nos demais itens, em Piranga, não houve variação no indivíduo, nem na comunidade. Mostramos que a comunidade e o indivíduo são semelhantes.

Em Ouro Branco e Machacalis, não houve variação no indivíduo e nem na comunidade. Isso mostra que pode haver mesmo uma questão lexical atuando, pois como vimos na **Seção 6.6**, nesses itens, o alçamento não ocorre em contextos em que esse processo é favorecido; e ocorre o alçamento em contextos em que ele não é favorecido. Mostramos que esses processos nesses itens não podem ser atribuídos ao indivíduo.

Selecionamos também alguns itens variáveis que apresentaram maior frequência, para fazermos a análise do indivíduo em cada cidade.

Ouro Branco		
Item	Indivíduo	
acredito/ acredita/ desacr[e]dita	FFAO 9[e] 1[i] –10,0% alçamento – fenômeno variável LFAO 1[e] 3[i] –75,0% alçamento – fenômeno variável WMJO 2[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico NFJO 4[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico SMAO 5[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico LMJO 2[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico SFJO 12[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 10[e] 29[i] – 74,3 % alçamento – fenômeno variável	A maioria dos indivíduos não varia. Os dois indivíduos que variaram têm percentual de alçamento menor ou quase igual ao da comunidade.
nenhum/ nenhuma	NFJO 4[e] 1[i] –20,0% alçamento – fenômeno variável SFJO 3[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico PMAO 2[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico SMAO 8[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico LFAO 2[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico LMJO 1[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico* WMJO 7[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 4[e] 24[i] – 85,7 % alçamento – fenômeno variável	A maioria dos indivíduos não varia. O único indivíduo que variou tem percentual de alçamento menor do que a comunidade.
queria/ queriam	WMJO 1[e] – 0% alçamento – fenômeno categórico* LMJO 1[e] 3[i] –75,0% alçamento – fenômeno variável NFJO 4[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico SFJO 4[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 2[e] 11[i] – 84,6 % alçamento – fenômeno variável	A maioria dos indivíduos não varia. O único indivíduo que variou tem percentual de alçamento menor do que a comunidade.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Piranga		
Item	Indivíduo	
serviço	DFAP 1[e] – 0% alçamento – fenômeno categórico* LMAP 4[e] 5[i] – 55,6% alçamento – fenômeno variável GFJP 2[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico RMAP 1[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico* BMJP 1[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 5[e] 9[i] – 64,3% alçamento – fenômeno variável	Apenas dois indivíduos realizaram o item mais de uma vez, e um deles varia e o outro não. O único indivíduo que variou tem percentual de alçamento menor do que a comunidade.
conseguia/ conseguindo/ conseguiram/ conseguirem	DFAP 1[e] – 0% alçamento – fenômeno categórico* CMJP 1[e] 1[i] – 50% alçamento – fenômeno variável LMAP 5[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico SFAP 1[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico* Total: 2[e] 7[i] – 77,7 % alçamento – fenômeno variável	Apenas dois indivíduos realizaram o item mais de uma vez, e um deles varia e o outro não. O único indivíduo que variou tem percentual de alçamento menor do que a comunidade.
mentira	BMJP 1[e] – 0% alçamento – fenômeno categórico RMAP 1[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico LFJP 5[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 1[e] 6[i] – 85,7 % alçamento – fenômeno variável	Apenas um indivíduo realizou o item mais de uma vez e não variou. A comunidade varia.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Machacalis		
Item	Indivíduo	
senhor/ senhora/ senhoras	MFA 3[e] – 0% alçamento – fenômeno categórico KFJ 2[e] – 0% alçamento – fenômeno categórico JFJ 4[e] 4[i] – 50% alçamento – fenômeno variável SMJ 9[e] 18[i] – 66,6% alçamento – fenômeno variável DMA 1[e] 4[i] – 80% alçamento – fenômeno variável GFA 2[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 19[e] 28[i] - 59,6 % alçamento – fenômeno variável	Todos os indivíduos realizaram o item mais de uma vez. Três deles variaram e três não variaram. Dois dos indivíduos que variaram têm percentual de alçamento maior do que a comunidade. E um deles tem percentual menor.
nenhuma/ nenhuma	SMJ 1[e] – 0% alçamento – fenômeno categórico* MFA 3[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico DMA 2[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 1[e] 5[i] - 83,3 % alçamento – fenômeno variável	Dois indivíduos realizaram o item mais de uma vez, mas não variaram. A comunidade varia.
sentir/ sentiu/ sentiam	SMJ 2[e] 1[i] – 33,3% alçamento – fenômeno variável DMA 1[i] – 100% alçamento – fenômeno categórico* Total: 2[e] 2[i] - 50,0 % alçamento – fenômeno variável	Apenas um indivíduo realizou o item mais de uma vez e variou. Esse indivíduo tem percentual de alçamento menor do que a comunidade.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Nas três cidades, podemos afirmar que, de uma forma geral, os indivíduos variam menos do que a comunidade.

É importante notar que apenas em Machacalis ocorreram indivíduos com percentual maior de variação do que a comunidade. Além disso, ocorreu apenas em um

item (senhor/senhora/senhoras). Observamos ainda que esse é o único item em que a vogal da tônica não é favorecedora do alçamento.

6.7.2 Abertura

Apresentamos a seguir os itens a que atribuímos indícios de atuação lexical para a abertura, na **Seção 6.6.2**, nos casos listados em A, B, C e o indivíduo que produziu cada item.

O.Branco	Indivíduo	Piranga	Indivíduo	Machacalis	Indivíduo
belv[e]dere	SFJO 2[e]	elefante	CMJP 2[ε]	pelado	DMA 2[e]
empr[e]gado/ empr[e]gados	WMJO 2[e] SMAO 1[e] LMJO 1[e]	excelente	CMJP 1[ε] RMAP 1[e] DFAP 4[e]	beltrano	KFJ 1[ε] SMJ 1[ε]
gelada/gelado	WMJO 1[e] NFJO 4[e]	fernando	SFAP 23[ε]	período	DMA 1[e] JMA 3[e] KFJ 2[e] SMJ 1[e] 1[ε]
liberdade	LMJO 1[e] NFJO 1[e] SFJO 1[e] PMAO 5[e]	melina	GFJP 13[ε] LFJP 19[ε] LMAP 16[ε] RMAP 9[ε] SFAP 6[ε] DFAP 2[e]		
metálica/ metálicas	WMJO 2[e]				
operário/ operários	LMJO 3[e]				
remédio	WMJO 3[e]				
resposta/ respostas	WMJO 1[e] SFJO 1[e] NFJO 3[e]				
selvagem/ selvagens	NFJO 2[e]				
soledade	PMAO 3[e]				
teclado	SMAO 2[e]				

Em Ouro Branco não há variação na comunidade nem no indivíduo.

Os itens *melina* e *excelente* (em Piranga) e *período* (em Machacalis) apresentam variação na comunidade. Em Piranga, há variação apenas na comunidade, nenhum dos indivíduos varia. Já em Machacalis, apenas um dos indivíduos (SMJ) apresentou variação, ou seja, a maioria dos indivíduos não varia.

Temos indícios de que, em Piranga e Machacalis, os indivíduos variam menos do que a comunidade, de modo geral, o que vai ao encontro de Oliveira (1992).

Selecionamos também alguns itens variáveis que apresentaram maior frequência, para fazermos a análise do indivíduo em cada cidade.

Ouro Branco		
Item	Indivíduo	
negócio/ negócios	PMAO 3[e] – 0% abertura – fenômeno categórico LMJO 4[e] – 0% abertura – fenômeno categórico WMJO 19[e] – 0% abertura – fenômeno categórico NFJO 9[e] – 0% abertura – fenômeno categórico SMAO 4[e] – 0% abertura – fenômeno categórico SFJO 5[e] 5[ε] – 50,0% abertura – fenômeno variável LFAO 4[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico FFAO 1[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico* Total: 44[e] 10[ε] – 18,5% abertura – fenômeno variável	A maioria dos indivíduos não varia. O único indivíduo que variou tem percentual de abertura maior do que a comunidade.
pesado/ pesados	LMJO 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* WMJO 1[e] 2[ε] – 66,6% abertura – fenômeno variável Total: 2[e] 2[ε] - 50,0% abertura – fenômeno variável	Apenas um indivíduo realizou o item mais de uma vez e variou. Esse indivíduo tem percentual de abertura maior do que a comunidade.
levado/ levada	NFJO 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* FFAO 1[e] 1[ε] – 50,0% abertura – fenômeno variável LFAO 1[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico* Total: 2[e] 2[ε] – 50,0% abertura – fenômeno variável	Apenas um indivíduo realizou o item mais de uma vez e variou. Este indivíduo apresentou o percentual de variação igual ao da comunidade.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Piranga		
Item	Indivíduo	
questão	BMJP 14[e] – 0% abertura – fenômeno categórico LMAP 3[e] – 0% abertura – fenômeno categórico SFAP 12[e] – 0% abertura – fenômeno categórico DFAP 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* CMJP 2[e] 1[ε] – 33,3% abertura – fenômeno variável GFJP 3[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico Total: 32[e] 4[ε] - 11,1% abertura – fenômeno variável	A maioria dos indivíduos não varia. O único indivíduo que variou tem percentual de abertura maior do que a comunidade.
querendo	LFJP 3[e] – 0% abertura – fenômeno categórico DFAP 2[e] – 0% abertura – fenômeno categórico GFJP 1[e] 1[ε] – 50% abertura – fenômeno variável BMJP 1[ε] – 0% abertura – fenômeno categórico* CMJP 3[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico LMAP 6[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico RMAP 3[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico Total: 6[e] 14[ε] - 70,0% abertura – fenômeno variável	A maioria dos indivíduos não varia. O único indivíduo que variou tem percentual de abertura menor do que a comunidade.
semana	LFJP 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* RMAP 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* DFAP 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* SFAP 3[e] – 0% abertura – fenômeno categórico GFJP 5[e] 1[ε] – 16,6 % abertura – fenômeno variável LMAP 2[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico CMJP 5[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico Total: 11[e] 8[ε] - 42,10 % abertura – fenômeno variável	A maioria dos indivíduos não varia. O único indivíduo que variou tem percentual de abertura menor do que a comunidade.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Machacalis		
Item	Indivíduo	
questão	PMJ 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* SMJ 3[e] – 0% abertura – fenômeno categórico JMA 17[e] 11[ε] – 39,3% abertura – fenômeno variável MFA 1[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico* Total: 21[e] 12[ε] - 36,4% abertura – fenômeno variável	Apenas dois indivíduos realizaram o item mais de uma vez, e um deles varia e o outro não. O único indivíduo que variou tem percentual de abertura maior do que a comunidade.
jesus	KFJ 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* JFJ 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* PMJ 2[e] – 0% abertura – fenômeno categórico MFA 2[e] – 0% abertura – fenômeno categórico SMJ 6[e] – 0% abertura – fenômeno categórico DMA 1[e] 2[ε] – 66,6% abertura – fenômeno variável Total: 13[e] 2[ε] - 13,3% abertura – fenômeno variável	A maioria dos indivíduos não varia. O único indivíduo que variou tem percentual de abertura maior do que a comunidade.
querendo/ queremos	MFA 1[e] – 0% abertura – fenômeno categórico* PMJ 2[e] – 0% abertura – fenômeno categórico DMA 4[e] 1[ε] – 20,0% abertura – fenômeno variável JFJ 1[e] 2[ε] – 66,6% abertura – fenômeno variável GFA 1[e] 2[ε] – 66,6% abertura – fenômeno variável SMJ 1[ε] – 100% abertura – fenômeno categórico* Total: 9[e] 6[ε] - 40,0% abertura – fenômeno variável	Quatro indivíduos realizaram o item mais de uma vez. Três deles variaram e apenas um não variou. Dois dos indivíduos que variaram têm percentual de abertura maior do que a comunidade. E um deles tem percentual menor.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Em todas as três cidades há palavras em que a maioria dos indivíduos não varia e que a comunidade varia, mostrando que esse é o comportamento mais geral.

Para a abertura em Ouro Branco, houve casos em que o indivíduo variou mais do que a comunidade e houve casos em que os dois pareceram ser semelhantes. Comparando SFJO com NFJO, na palavra *negócio*, observamos que há diferenças individuais importantes. WMJO e LMJO, na palavra *pesado*, também mostram características individuais importantes.

Em Piranga, de uma forma geral, os indivíduos variam menos do que a comunidade. CMJP, na palavra *questão*, mostra diferenças importantes em relação a BMJP.

Em Machacalis, a maioria dos casos de indivíduos que variaram dão indícios de que o indivíduo varia mais do que a comunidade. Interessante notar que estamos trabalhando com percentual de abertura. Se trabalharmos em Machacalis com a hipótese de termos /ε/ como *default*, teríamos a maioria dos indivíduos variando menos do que a comunidade, como veremos no **Capítulo 8**.

6.7.3 Manutenção, alçamento e abertura no mesmo item

Vejamos também os indivíduos nos itens que consideramos especiais por ocorrerem as 3 variações (e ~ i ~ ε) ou apenas a variação i ~ ε⁶⁹.

Quadro 5: Itens em que ocorreram as 3 variações (e ~ i ~ ε) ou apenas a variação i ~ ε.

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
melhor e flexões	13[e] 4[i] 1[ε]	melhor e flexões	3[i] 16[ε]	desenvolvimento (1ª sílaba)	2[i] 1[ε]
melhorar e flexões	3[e] 1[i] 2[ε]	melhorar e flexões	2[i] 3[ε]	melhor e flexões	3[i] 14[ε]
				melhorar e flexões	5[e] 1[i] 13[ε]
				acredita e flexões	8[e] 3[i] 1[ε]
				precisa e flexões	2[e] 46[i] 1[ε]
				pessoa e flexões	194 [e] 2[i] 2[ε]
				teófilo ⁷⁰	4[e] 1[i] 15[ε]
O.Branco	Indivíduo	Piranga	Indivíduo	Machacalis	Indivíduo
melhor e flexões	LMJO 3[e] 1[ε] WMJO 2[e] 1[i] PMAO 3[i] NFJO 5[e] SFJO 2[e] SMAO 1[e]	melhor e flexões	BMJP 2[ε] GFJP 3[ε] LMAP 5[ε] RMAP 3[ε] DFAP 1[ε] SFAP 2[ε] CMJP 3[i]	desenvolvimento (1ª sílaba)	JMA 2[i] 1[ε]
melhorar e flexões	SFAO 1[e] SMAO 1[e] LMJO 1[e] PMAO 1[i] FFAO 2[ε]	melhorar e flexões	RMAP 3[ε] LMAP 2[i]	melhor e flexões	DMA 3[i] MFA 2[ε] JFJ 6[ε] KFJ 1[ε] PMJ 3[ε] GFA 2[ε]
				melhorar e flexões	MFA 1[ε] 1[i] GFA 6[ε] 3[e] JMA 1[ε] 1[e] KFJ 3[ε] 1[e] SMJ 1[ε] JFJ 1[ε]
				acredita e flexões	JFJ 2[e] 1[i] DMA 1[e] 2[i] PMJ 5[e] 1[ε]
				precisa e flexões	JFJ 3[i] 1[ε] JMA 7[i] 1[e] KFJ 7[i] 1[e] PMJ 1[i] SMJ 4[i] DMA 7[i] GFA 10[i] MFA 7[i]
				pessoa e flexões	KFJ 27[e] 1[i] GFA 13[e] 1[i] 1[ε] MFA 30[e] 1[ε] DMA 3[e] JFJ 20[e] JMA 42[e]

⁶⁹ Não foi observada a significância desses dados.

⁷⁰ Esse item está presente na lista de hiatos.

					PMJ 45[e] SMJ 14[e]
				teófilo	DMA 1[i] 5[ε] MFA 1[e] 1[ε] KFJ 3[e] 3[ε] GFA 2[ε] JFJ 2[ε] PMJ 2[ε]

Em Ouro Branco, nenhum indivíduo produziu as três variações no mesmo item lexical, mas existem as três variações na comunidade, ou seja, a comunidade varia mais do que o indivíduo.

Em Piranga, além de não ocorrer as três variações em nenhum item, a variação $i \sim \varepsilon$ também não foi produzida por um mesmo indivíduo em um item lexical, mas existe variação na comunidade.

Em Machacalis, houve 1 indivíduo que produziu as três formas variantes em 1 mesmo item: GFA produziu p[e]ssoal (13), p[i]ssoal (1), p[ε]ssoal (1).

Houve variação $i \sim \varepsilon$ num mesmo item lexical e realizada por um mesmo indivíduo: JMA produziu d[ε]senvolvimento (1) e d[i]senvolvimento (2); MFA produziu m[ε]lhorar (1) e m[i]lhora (1); JFJ produziu pr[ε]cisando (1) e pr[i]cisando (3); DMA produziu t[ε]ófilo (5) e t[i]ófilo (1).

Em Machacalis o indivíduo varia mais do que nas outras cidades. A comunidade varia e o indivíduo também varia.

Em Machacalis, no item em que ocorrem as três variações, temos indícios de que a comunidade varia mais do que o indivíduo.

6.8 Testes

Fizemos alguns testes para analisar os grupos de fatores que não foram incluídos na regressão, *tipo silábico, vogal entre a vogal da variável e a tônica, distância da tônica, morfemas, estado da glote*.

Ressaltamos que esses testes foram feitos por meio de comparações e controles dos dados coletados nas entrevistas espontâneas. Cada um deles está explicado a seguir. A significância dos dados não foi testada na maioria dos casos. Esses testes servem de base para futuros trabalhos.

6.8.1 Distância da tônica

6.8.1.1 Alçamento

Para fazer os testes, observamos quais foram os fatores favorecedores do alçamento em cada cidade, pois assim controlamos a atuação desses fatores.

Ouro Branco: vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], nasal [m], [n], [ɲ] e oclusiva seguinte [b], [t], [d], [g], verbo, 1ª sílaba.

Piranga: vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], oclusiva seguinte [b], [d], [g]

Machacalis: vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], nasal seguinte [n], [ɲ], verbo, 1ª sílaba.

Vejam os resultados do efeito da distância da tônica em cada cidade:

Ouro Branco					
Distância 1 da tônica			Distância 2 da tônica		
nasal seguinte	sentia	0[e] 3[i]		memoriza	1[e] 0[i]
	Total	0[e] 3[i] 100%de alçamento		Total	1[e] 0[i] 0%de alçamento
oclusiva seguinte	metia	0[e] 2[i]		Não houve dados	
	pedindo/pediram	0[e] 3[i]			
	seguindo	0[e] 1[i]			
	Total	0[e] 6[i] 100%de alçamento			

Ouro Branco ⁷¹	Dist.1	Dist.2	TOTAL
[e]	0	1	1
[i]	3	0	3
TOTAL	3	1	4

p-valor fator 1 e 2	0,0455002639

Piranga					
Distância 1 da tônica			Distância 2 da tônica		
conseguia/ conseguido/ conseguindo/ conseguiram/ conseguirem	2[e] 9[i]		categoria	1[e] 0[i]	
pedia/ pedindo/ pediu	0[e] 6[i]		delegacia	2[e] 0[i]	
pedido	0[e] 1[i]		medicina	7[e] 0[i]	
medida	0[e] 1[i]				
perseguido	0[e] 1[i]				
recebia	0[e] 1[i]				
seguida	0[e] 1[i]				

⁷¹ Nos demais quadros apresentados durante os testes, apresentaremos apenas o p-valor do teste de qui-quadrado.

segura	0[e] 1[i]			
alegria	1[e] 0[i]			
dedica	1[e] 0[i]			
despedindo	0[e] 2[i]			
despercebido	1[e] 0[i]			
impedi	1[e] 0[i]			
Total	6[e] 23[i] 79,3%de alçamento		Total	10[e] 0[i] 0%de alçamento

p-valor fator 1 e 2	0,0000517054
----------------------------	---------------------

Machacalis		
Distância 1		Distância 2
mentindo/mentiu	0[e] 2[i]	Não houve dados
sentiam/sentir/sentiu	2[e] 2[i]	

Em Machacalis não temos dados para fazer a comparação. Em Ouro Branco também não temos dados quando a consoante é oclusiva.

O teste do qui-quadrado mostra que em Piranga há significância entre os resultados apresentados para as distâncias 1 e 2 da sílaba tônica e em Ouro Branco, quando a consoante é nasal, também há significância.

Com base nesses resultados, concluímos que há indícios de que a distância 1 da tônica é favorecedora do alçamento em Piranga e Ouro Branco. Pode haver influência da vogal entre a vogal da variável e a vogal alta da tônica, mas como sabemos, o princípio de não cruzamento de linhas deve ser preservado. Mas, mesmo quando a vogal seguinte é alta (por exemplo, no item *medicina*), não houve alçamento a uma distância 2 da tônica. Podemos ter aí influência do acento secundário (considerando acento secundário como proposto por Collischon, 1994), já que o alçamento parece ser favorecido pela ausência do acento secundário. Mas temos apenas um item e para fazer generalizações é preciso fazer outros testes. Como pode ser visto em Bisol (1981, p.103), “(...) argumentamos a favor do traço atonicidade da vogal assimilada como um dos mais fortes condicionadores da regra de harmonização.”

Tondineli (2010) apontou as distâncias 1 e 2 como favorecedoras do alçamento de (e).

Rezende e Magalhães (2010) concluíram que quanto mais próxima da sílaba tônica, maior a probabilidade de ocorrer o alçamento de (e).

Bisinotto (2011) também mostrou esse favorecimento pela distância 1 da tônica.

Battisti (1993) observou que o alçamento da vogal média pretônica em sílaba inicial é favorecido pela menor distância da sílaba tônica. Segundo a autora, esse alçamento tem relação com a localização do acento, pois “a idéia é a de que o acento secundário protege as vogais contra as regras de elevação, assim como o primário”. (BATTISTI, 1993, p.72)

O fato de o alçamento poder estar relacionado à ausência de acento secundário não vai interferir nos nossos resultados da regressão, pois nós fizemos esse controle, uma vez que colocamos na regressão apenas a distância 1 da tônica.

6.8.1.2 Abertura

Os fatores favorecedores da abertura em cada cidade foram:

Ouro Branco: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], nomes.

Piranga: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], 1ª sílaba, paradigma com vogal aberta

Machacalis: vogal tônica [a], [ẽ], [õ], [ɛ], [ɔ], fricativas [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ], oclusivas [p], [b], [t],[k], [g].

Vejamos os resultados para cada cidade em relação à distância da tônica:

Ouro Branco			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
apertada	0[e] 1[ɛ]	belvedere	2[e] 0[ɛ]
belvedere	2[e] 0[ɛ]	celular	2[e] 0[ɛ]
catequese	1[e] 0[ɛ]	comercial	1[e] 0[ɛ]
cenário	1[e] 0[ɛ]	derivado	1[e] 0[ɛ]
chegado	1[e] 0[ɛ]	especial	2[e] 0[ɛ]
condenado	0[e] 1[ɛ]	federal	3[e] 0[ɛ]
depredado	1[e] 0[ɛ]	festival	4[e] 0[ɛ]
empregado/empregados	4[e] 0[ɛ]	material	1[e] 0[ɛ]
engessada	1[e] 0[ɛ]	necessário	1[e] 0[ɛ]
estressado	1[e] 0[ɛ]	pesquisado	1[e] 0[ɛ]
fechado/fechada	2[e] 1[ɛ]	pessoal	50[e] 0[ɛ]
gelada/gelado	5[e] 0[ɛ]	registrado	1[e] 0[ɛ]
gerada	1[e] 0[ɛ]	responsável	1[e] 1[ɛ]
geraldo	1[e] 0[ɛ]	restaurados	1[e] 0[ɛ]
homenagem	1[e] 0[ɛ]	separado	3[e] 0[ɛ]
internado	1[e] 0[ɛ]		
internet	3[e] 1[ɛ]		
levada/levado	2[e] 2[ɛ]		
liberdade	8[e] 0[ɛ]		
medrosa	1[e] 0[ɛ]		
mercado	0[e] 1[ɛ]		
mestrado	1[e] 0[ɛ]		
metade	1[e] 0[ɛ]		
metálica/metálicas	2[e] 0[ɛ]		
necessário	1[e] 0[ɛ]		

negócio/negócios	44[e] 10[ε]		
operário/operários	3[e] 0[ε]		
papelada	1[e] 0[ε]		
pedaço	1[e] 0[ε]		
pesado/pesados	2[e] 2[ε]		
precária	0[e] 1[ε]		
quebrado	1[e] 0[ε]		
rebelde	2[e] 0[ε]		
remédio	3[e] 0[ε]		
repórter	1[e] 0[ε]		
resposta/respostas	5[e] 0[ε]		
selvagem/selvagens	2[e] 0[ε]		
senhora	1[e] 0[ε]		
soledade	3[e] 0[ε]		
teclado	2[e] 0[ε]		
telhado	1[e] 0[ε]		
verdade	5[e] 1[ε]		
Total	119[e] 21[ε] 15,0%de abertura	Total	74[e] 1[ε] 1,3%de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,0016255862
----------------------------	---------------------

Vamos separar os itens que tenham a mesma vogal tônica. Vamos comparar apenas os itens em que a vogal entre a vogal da variável e a tônica, distância 2, é igual à vogal da tônica.

Por exemplo: vamos comparar apenas os itens que têm vogal tônica [a] da lista de distância da tônica igual a 1, com os itens que têm vogal tônica [a] e vogal entre a variável e a tônica também [a], da lista de distância da tônica igual a 2. Dessa forma, estamos impedindo que a vogal entre a vogal da variável e a tônica interfira nos resultados. Estamos testando apenas a influência do acento secundário.

Nesse caso, teremos o seguinte resultado:

Ouro Branco			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
apertada	0[e] 1[ε]	separado	3[e] 0[ε]
cenário	1[e] 0[ε]		
chegado	1[e] 0[ε]		
condenado	0[e] 1[ε]		
depredado	1[e] 0[ε]		
empregado/empregados	4[e] 0[ε]		
engessada	1[e] 0[ε]		
estressado	1[e] 0[ε]		
fechado/fechada	2[e] 1[ε]		
gelada/gelado	5[e] 0[ε]		
gerada	1[e] 0[ε]		
homenagem	1[e] 0[ε]		
internado	1[e] 0[ε]		
levada/levado	2[e] 2[ε]		
liberdade	8[e] 0[ε]		
mercado	0[e] 1[ε]		

mestrado	1[e] 0[ε]		
metade	1[e] 0[ε]		
metálica/metálicas	2[e] 0[ε]		
necessário	1[e] 0[ε]		
operário/operários	3[e] 0[ε]		
papelada	1[e] 0[ε]		
pedaço	1[e] 0[ε]		
pesado/pesados	2[e] 2[ε]		
precária	0[e] 1[ε]		
quebrado	1[e] 0[ε]		
selvagem/selvagens	2[e] 0[ε]		
soledade	3[e] 0[ε]		
teclado	2[e] 0[ε]		
telhado	1[e] 0[ε]		
verdade	5[e] 1[ε]		
Total	55[e] 10[ε] 15,4%de abertura	Total	3[e] 0[ε] 0 %de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,4619713910
----------------------------	---------------------

Ao separar os itens com mesma vogal tônica, o teste do qui-quadrado mostra que em Ouro Branco não há significância entre os resultados apresentados para as distâncias 1 e 2 da sílaba tônica. Comprovamos, então, que não há efeito do acento secundário em Ouro Branco. Mas como tivemos apenas um item, outros testes devem ser feitos posteriormente.

Vejamos os resultados de Piranga:

Piranga			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
fechado/fechados	0[e] 4[ε]	terminar	2 [e] 0[ε]
fechava	3[e] 0[ε]		
levaram/levava	0[e] 4[ε]		
mestrado	0[e] 8[ε]		
pegaram/pegasse/ pegava/pegavam	2[e] 3[ε]		
rezava	1[e] 2[ε]		
Total	6[e] 21[ε] 77,8%de abertura	Total	2[e] 0[ε] 0%de abertura

Em Piranga, não é possível fazer a comparação, porque o único item com distância 2 da tônica é *terminar*, que tem uma vogal desfavorecedora da abertura [i] entre a vogal da variável e a tônica.

Vejamos Machacalis:

Machacalis					
	Distância 1 da tônica			Distância 2 da tônica	
oclusiva seguinte	adequada/adequadas/ adequado	2[e] 1[ε]		arrecadado/ arrecadados	0[e] 3[ε]
	agregados	0[e] 1[ε]		dependendo	0[e] 1[ε]
	apegada	0[e] 1[ε]		dependente	0[e] 1[ε]
	bebendo	1[e] 0[ε]		deputado/ deputados	0[e] 8[ε]
	carregar	1[e] 0[ε]		frequentar	1[e] 0[ε]
	catequese	1[e] 1[ε]		independência	0[e] 2[ε]
	chegar/chegaram/ chegava/chegavam	14[e] 7[ε]		independente	1[e] 1[ε]
	depende/depende	0[e] 5[ε]		preparar/ preparada/ preparado	0[e] 5[ε]
	integrar/integrado	1[e] 2[ε]		regaçava	0[e] 1[ε]
	legal	0[e] 1[ε]		reportagens	0[e] 1[ε]
	metade	0[e] 1[ε]		representa	0[e] 2[ε]
	negócio	1[e] 5[ε]		secretário	0[e] 3[ε]
	pecado	0[e] 2[ε]			
	pegar/pegava	6[e] 7[ε]			
	peteca	0[e] 1[ε]			
	precária/precárias	0[e] 2[ε]			
	pregar/pregada/pregava	0[e] 4[ε]			
	prepara	0[e] 1[ε]			
	pretendo	0[e] 3[ε]			
	quebrar/quebrado/ quebrava	0[e] 3[ε]			
	recebendo	1[e] 0[ε]			
	regata	0[e] 1[ε]			
	repente	0[e] 1[ε]			
	repete	0[e] 1[ε]			
	retrato	0[e] 1[ε]			
	setenta	0[e] 2[ε]			
teclado	0[e] 4[ε]				
trajetória	0[e] 1[ε]				
Total	28[e] 59[ε] 67,8% de abertura		Total	2[e] 28[ε] 93,3% de abertura	
fricativa seguinte	aniversário	0[e] 3[ε]		apresentava	0[e] 1[ε]
	apertado	1[e] 0[ε]		artesanato/ artesanatos	2[e] 2[ε]
	apesar	5[e] 7[ε]		crescimento	1[e] 0[ε]
	apresenta	0[e] 1[ε]		defendendo	0[e] 1[ε]
	crescemos/crescendo	1[e] 4[ε]		derribar	0[e] 1[ε]
	defendem	0[e] 1[ε]		desejar/ desejaram	2[e] 0[ε]
	descendo	0[e] 1[ε]		desejosa	1[e] 0[ε]
	devemos/devendo	2[e] 0[ε]		designadas	0[e] 1[ε]
	divergência/divergências	0[e] 7[ε]		discernimento	0[e] 1[ε]
	fechar	0[e] 1[ε]		ferramenta	0[e] 1[ε]
	internado	1[e] 0[ε]		festival/ festivais	3[e] 0[ε]
	internet	0[e] 7[ε]		levantar/ levantava	1[e] 5[ε]
	levar/levaram/	3[e] 20[ε]		maternidade	0[e] 1[ε]

levava/levavam/levado				
mercado	1[e] 0[ε]		necessário/ necessários	1[e] 3[ε]
mexendo	3[e] 1[ε]		permanente	0[e] 6[ε]
percebe	0[e] 4[ε]		permanecem	0[e] 1[ε]
perdemos/perdendo	2[e] 0[ε]		preferência	0[e] 2[ε]
pesado	0[e] 2[ε]		presidente	2[e] 2[ε]
pescar	0[e] 1[ε]		recebendo	1[e] 3[ε]
presença	0[e] 3[ε]		rechonone	1[e] 0[ε]
presente	0[e] 1[ε]		referência	0[e] 1[ε]
prestar	0[e] 1[ε]		referente	0[e] 1[ε]
recebe/recebem	0[e] 3[ε]		resgatar	0[e] 1[ε]
resolve	1[e] 0[ε]		resolvendo	1[e] 1[ε]
respaldo	0[e] 1[ε]		respeitar	1[e] 0[ε]
resposta	0[e] 2[ε]		responsável	0[e] 1[ε]
rezar	1[e] 2[ε]		resultado	1[e] 0[ε]
sessenta	0[e] 5[ε]		serviçais	0[e] 3[ε]
sessões	0[e] 2[ε]		terminar/ terminava	0[e] 5[ε]
terreno/terrenos	0[e] 4[ε]			
trezentos	0[e] 5[ε]			
vergonha	1 [e] 8[ε]			
Total	22[e] 97[ε] 81,5% de abertura		Total	18[e] 44[ε] 71,0% de abertura

Oclusivas seguintes	p-valor fator 1 e 2	0,0057781608
----------------------------	----------------------------	---------------------

Fricativas seguintes	p-valor fator 1 e 2	0,1046761111
-----------------------------	----------------------------	---------------------

Faremos a comparação apenas entre os itens em que a vogal tônica, quando a distância da tônica é 1, for igual à vogal tônica, quando a distância é 2. Escolhemos a vogal tônica [ẽ], [õ], que é favorecedora da abertura em Machacalis. Além disso, a vogal entre a variável e a tônica (quando a distância é 2) tem que ser uma das vogais favorecedoras da abertura em Machacalis: [a], [ẽ], [õ], [ε], [ɔ]. Para testar a oclusiva seguinte escolhemos [ẽ] entre a vogal da variável e a tônica e para testar a fricativa seguinte escolhemos [ε] entre a vogal da variável e a tônica, devido ao número de dados. Vejamos os resultados:

Machacalis					
	Distância 1 da tônica			Distância 2 da tônica	
oclusiva seguinte	depende/depende	0[e] 5[ε]		dependendo	0[e] 1[ε]
	bebendo	1[e] 0[ε]		dependente	0[e] 1[ε]
	pretendo	0[e] 3[ε]		independência	0[e] 2[ε]
	recebendo	1[e] 0[ε]		independente	1[e] 1[ε]
	repente	0[e] 1[ε]			
	setenta	0[e] 2[ε]			
	Total	2[e] 11[ε] 84,6% de abertura		Total	1[e] 5[ε] 83,3% de abertura

fricativa seguinte	apresenta	0[e] 1[ε]		pref[ε]rência	0[e] 2[ε]
	crescemos/crescendo	1[e] 4[ε]		rec[ε]bendo ⁷²	0[e] 3[ε]
	defendem	0[e] 1[ε]		ref[ε]rência	0[e] 1[ε]
	descendo	0[e] 1[ε]		ref[ε]rente	0[e] 1[ε]
	devemos/devendo	2[e] 0[ε]			
	divergência/divergências	0[e] 7[ε]			
	mexendo	3[e] 1[ε]			
	perdemos/perdendo	2[e] 0[ε]			
	presença	0[e] 3[ε]			
	presente	0[e] 1[ε]			
	sessenta	0[e] 5[ε]			
	terreno/terrenos	0[e] 4[ε]			
	trezentos	0[e] 5[ε]			
	Total	8[e] 33[ε] 80,5% de abertura		Total	0[e] 7[ε] 100,0% de abertura

Oclusivas seguintes	p-valor fator 1 e 2	0,9432087091
----------------------------	----------------------------	---------------------

Fricativas seguintes	p-valor fator 1 e 2	0,2004594684
-----------------------------	----------------------------	---------------------

Ao separar os itens com mesma vogal tônica, o teste do qui-quadrado mostra que em Machacalis não há significância entre os resultados apresentados para as distâncias 1 e 2 da sílaba tônica, portanto não há efeito do acento secundário em Machacalis.

Podemos dizer que encontramos indícios de que a ausência de acento secundário favorece o alçamento, mas não podemos afirmar que a presença dele favoreça a abertura nos nossos dados.

Com base na literatura, seria esperado o favorecimento da abertura pela distância 2 da tônica, devido ao acento secundário, mas isso não foi comprovado nos nossos dados.

6.8.2 Vogal entre a vogal da variável e a tônica

Assim como no teste da distância da tônica, neste também observamos quais foram os fatores favorecedores do alçamento e da abertura em cada cidade, pois os itens selecionados para o teste precisam ter esses fatores controlados.

⁷² Aí estão arrolados os casos que têm [ε] entre a vogal da variável e a tônica

6.8.2.1 Alçamento

Os fatores favorecedores do alçamento foram:

Ouro Branco: vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], nasal [m], [n], [ɲ] e oclusiva seguinte [b], [t], [d], [g], verbo, 1ª sílaba.

Piranga: vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], oclusiva seguinte [b], [d], [g]

Machacalis: vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], nasal seguinte [n], [ɲ], verbo, 1ª sílaba.

Ouro Branco			
Vogal entre a var. e a tônica: o	memoriza	1[e] 0[i]	0%de alçamento

Piranga			
Vogal entre a var. e a tônica: i	medicina	7[e] 0[i]	0%de alçamento
Vogal entre a var. e a tônica: o	categoria	1[e] 0[i]	0%de alçamento
Vogal entre a var. e a tônica: a	delegacia	2[e] 0[i]	0%de alçamento

Machacalis			
Não houve dados			

Em Machacalis não encontramos itens para fazer o teste.

Podemos notar que independente da vogal que apareceu entre a vogal da variável e a tônica não houve alçamento, mesmo com todos os outros contextos sendo favorecedores. Portanto, analisando esses poucos casos, podemos observar que, no processo variável, temos preservado o princípio de não cruzamento de linhas, no processo de assimilação.

Conforme já explicamos, ao tratar da distância em relação à sílaba tônica, talvez o não alçamento, em *medicina*, esteja relacionado ao efeito do acento secundário. Mas pode ser também efeito do item lexical.

6.8.2.2 Abertura

Os fatores favorecedores da abertura foram:

Ouro Branco: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], nomes.

Piranga: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], 1ª sílaba, paradigma com vogal aberta

Machacalis: vogal tônica [a], [ẽ], [õ], [ɛ], [ɔ], fricativas [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ], oclusivas [p], [b], [t],[k], [g].

Ouro Branco			
Vogal entre a var. e a tônica: a	restaurados	1[e] 0[ε]	0%de abertura
	separado	3[e] 0[ε]	
	Total:	4[e] 0[ε]	
Vogal entre a var. e a tônica: e	belvedere	2 [e] 0[ε]	0%de abertura
	necessário	1[e] 0[ε]	
	Total:	3[e] 0[ε]	
Vogal entre a var. e a tônica: u	celular	2[e] 0[ε]	0%de abertura
	Total:	2[e] 0[ε]	
Vogal entre a var. e a tônica: i	comercial	1[e] 0[ε]	0%de abertura
	derivado	1[e] 0[ε]	
	especial	2[e] 0[ε]	
	festival	4[e] 0[ε]	
	material	1[e] 0[ε]	
	pesquisado	1[e] 0[ε]	
	registrado	1[e] 0[ε]	
Total:	11[e] 0[ε]		
Vogal entre a var. e a tônica: õ	responsável	1[e] 1[ε]	50%de abertura
	Total:	1[e] 1[ε]	

Piranga			
Vogal entre a var. e a tônica: i	terminar	2 [e] 0[ε]	0%de abertura
	Total:	2[e] 0[ε]	

Em Ouro Branco, apenas no item *responsável* houve abertura. Mas como foi apenas 1 item, não podemos atribuir esse favorecimento à vogal entre a variável e a tônica. Nos outros casos, não houve abertura. Mesmo com a vogal [a], favorecedora da abertura quando está na tônica, não houve abertura quando está entre a variável e a tônica. O efeito da tonicidade do gatilho parece ser importante em Ouro Branco.

Em Piranga não houve abertura, mas como ocorreu apenas um item, não podemos fazer uma afirmação mais precisa.

Machacalis			
Vogal entre a var. e a tônica: a	arrecadado/arrecadados	0[e] 3[ε]	90,9% de abertura
	preparada/preparado	0[e] 4[ε]	
	preparar	0[e] 1[ε]	
	regaçava	0[e] 1[ε]	
	artesanato/artesanatos	2[e] 2[ε]	
	ferramenta	0[e] 1[ε]	
	permanente	0[e] 6[ε]	
	permanecem	0[e] 1[ε]	
	resgatar	0[e] 1[ε]	
	Total:	2[e] 20[ε]	
	Vogal entre a var. e a tônica: ã	levantar/levantava	
Total:		1[e] 5[ε]	
Vogal entre a var. e a tônica: ã	frequentar	1[e] 0[ε]	77,8% de abertura
	independência	0[e] 2[ε]	
	independente	1[e] 1[ε]	
	dependendo	0[e] 1[ε]	
	dependente	0[e] 1[ε]	

	defendendo	0[e] 1[ɛ]	
	apresentava	0[e] 1[ɛ]	
	Total:	2[e] 7[ɛ]	
Vogal entre a var. e a tônica: õ	responsável	0[e] 1[ɛ]	50%de abertura
	rechonone ⁷³	1[e] 0[ɛ]	
	Total:	1[e] 1[ɛ]	
Vogal entre a var. e a tônica: e	respeitar	1[e] 0[ɛ]	0% de abertura
	recebendo	1[e] 0[ɛ]	
	desejar/desejaram	2[e] 0[ɛ]	
	desejosa	1[e] 0[ɛ]	
	Total:	5[e] 0[ɛ]	
Vogal entre a var. e a tônica: o	resolvendo	1[e] 1[ɛ]	50%de abertura
	Total:	1[e] 1[ɛ]	
Vogal entre a var. e a tônica: u	deputado/deputados	0[e] 8[ɛ]	88,9% de abertura
	resultado	1[e] 0[ɛ]	
	Total:	1[e] 8[ɛ]	
Vogal entre a var. e a tônica: i	crescimento	1[e] 0[ɛ]	70,0% de abertura
	derribar	0[e] 1[ɛ]	
	designadas	0[e] 1[ɛ]	
	discernimento	0[e] 1[ɛ]	
	festival/festivais	3[e] 0[ɛ]	
	maternidade	0[e] 1[ɛ]	
	presidente	2[e] 2[ɛ]	
	serviçais	0[e] 3[ɛ]	
	terminar/terminava	0[e] 5[ɛ]	
	Total:	6[e] 14[ɛ]	
Vogal entre a var. e a tônica: ε	representa	0[e] 2[ɛ]	
	secretário	0[e] 3[ɛ]	
	necessário/necessários	1[e] 3[ɛ]	
	preferência	0[e] 2[ɛ]	
	referência	0[e] 1[ɛ]	
	referente	0[e] 1[ɛ]	
	recebendo	0[e] 3[ɛ]	
	Total:	1[e] 15[ɛ]	
Vogal entre a var. e a tônica: ɔ	reportagens	0[e] 1[ɛ]	100%de abertura
	Total:	0[e] 1[ɛ]	

Em Machacalis, há uma porcentagem alta de abertura com quase todas as vogais que apareceram entre a vogal da variável e a tônica. Apenas a vogal [e] se mostrou desfavorecedora da abertura de maneira categórica. Quando a vogal é [o], [õ], [ɔ] não podemos tirar nenhuma conclusão, devido ao número baixo de ocorrências. Almeida (2008) mostrou que todas as vogais diferentes de [e], [o] foram favorecedoras da abertura em Machacalis quando estão entre a vogal da variável e a tônica.

Vamos selecionar as ocorrências de vogal [ẽ] na tônica (contexto favorecedor da abertura), e fazer a seguinte comparação: vogal [ẽ] entre a variável e a tônica e vogal [i] entre a variável e a tônica. Esses contextos, por hipótese, devem atuar diferentemente, pois [ẽ] é favorecedor da abertura em Machacalis e [i] não é significativo.

⁷³ Segundo o falante, PMJ, rechonone é uma empresa multinacional que ele representa.

Machacalis			
Vogal entre a var. e a tônica: ã	independência	0[e] 2[ε]	85,7% de abertura
	independente	1[e] 1[ε]	
	dependendo	0[e] 1[ε]	
	dependente	0[e] 1[ε]	
	defendendo	0[e] 1[ε]	
	Total:	1[e] 6[ε]	
Vogal entre a var. e a tônica: i	crescimento	1[e] 0[ε]	50,0% de abertura
	discernimento	0[e] 1[ε]	
	presidente	2[e] 2[ε]	
	Total:	3[e] 3[ε]	

p-valor fator 1 e 2	0,1642643660
----------------------------	---------------------

O teste do qui-quadrado mostra um p-valor não significativo em Machacalis, portanto não houve diferenças para a abertura quando a vogal seguinte é favorecedora ou quando não é favorecedora.

6.8.3 Estrutura da sílaba (tipo silábico)

Fricativas

Faremos o teste apenas para a abertura em Machacalis, pois apenas nesse caso as fricativas foram favorecedoras.

Fizemos o controle considerando os fatores favorecedores da abertura nesta cidade: vogal tônica [a], [ã], [ô], [ε], [o], fricativas [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ]

Machacalis			
CV		CVC	
apesar	5[e] 7[ε]	aniversário	0[e] 3[ε]
defendem	0[e] 1[ε]	apertado	1[e] 0[ε]
devemos/ devendo	2[e] 0[ε]	divergência/ divergências	0[e] 7[ε]
fechar	0[e] 1[ε]	internado	1[e] 0[ε]
levado/levar/ levaram/ levava/ levavam	3[e] 20[ε]	internet	0[e] 7[ε]
mexendo	3[e] 1[ε]	mercado	1[e] 0[ε]
pesado	0[e] 2[ε]	percebe	0[e] 4[ε]
recebe/ recebem	0[e] 3[ε]	perdemos/perdendo	2[e] 0[ε]
resolve	1[e] 0[ε]	pescar	0[e] 1[ε]
rezar	1[e] 2[ε]	respaldo	0[e] 1[ε]
sessenta	0[e] 5[ε]	resposta	0[e] 2[ε]
sessões	0[e] 2[ε]	vergonha	1[e] 8[ε]
terreno/terrenos	0[e] 4[ε]		
Total	15[e] 48[ε]	Total	6[e] 33[ε]
	23,8% [e] de manutenção 76,2% [ε] de abertura		15,4% [e] de manutenção 84,6% [ε] de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,3064862529
---------------------	--------------

Observamos que a porcentagem de abertura é semelhante em sílaba CV e CVC. Portanto, não há diferença entre as estruturas silábicas CV e CVC, para a abertura, quando há fricativa. Fizemos o teste do qui-quadrado para testar a significância e o p-valor foi superior a 0,05, confirmando que não há diferenças significativas entre a abertura de (e) em sílaba CV e em sílaba CVC (travada por fricativa).

Célia (2004) também concluiu que a estrutura silábica tem importância secundária no processo de abertura das vogais médias pretônicas.

6.8.4 Estado da glote

Fizemos o teste do Estado da glote para ver se encontramos algum indício de que esse fator seja favorecedor.

Viana (2008) mostrou que, em Pará de Minas, o estado da glote precedente não influencia a variação das vogais médias pretônicas. E mostrou também que o segmento sonoro em contexto seguinte favorece o alçamento de (e) e de (o) e o abaixamento de (o).

Fizemos o teste para o estado da glote seguinte, já que estamos usando o modo seguinte, para observar se há interferência desse grupo de fatores nos processos.

Fizemos o teste em Machacalis que teve oclusivas como favorecedoras para a abertura. Dessa forma, observaremos se há diferença entre as oclusivas vozeadas e as oclusivas desvozeadas.

Vejamos:

Machacalis	
pecamos/pecando	2[e] 2[ɛ]
pegamos/pegando	2[e] 2[ɛ]
	4[e] 4[ɛ] 50% de manutenção 50% de abertura

Em Machacalis não há diferença entre as oclusivas vozeadas e as desvozeadas, mas como são poucos dados, esse resultado é apenas um indício.

6.8.5 Morfemas e não morfemas

Fizemos a comparação entre palavras em que re- é morfema e entre palavras em que re- não é morfema para observarmos se algum deles favorece mais a abertura do que o outro. Podemos observar os resultados a seguir:

Piranga				Machacalis				
		[e]	[ɛ]	Total		[e]	[ɛ]	Total
re- morfema	repassa ⁷⁴	1	2	3	repassa	0	1	1
re-não morfema	rezava	1	2	3	rezar	1	2	3

Os resultados mostram que não há diferença importante entre re- morfema e re- não morfema para a abertura. A abertura ocorre quase na mesma proporção em morfemas ou não.

Fizemos a mesma comparação entre des- morfema e des- não morfema, para observarmos se algum deles favorece mais o alçamento do que o outro.

Ouro Branco				
		[e]	[i]	Total
des- morfema	descarto	0	2	2
des-não morfema	desmaio (verbo)	0	2	2

Os resultados também mostram que não há diferença entre des- morfema e des- não morfema para o alçamento. Ele também ocorre na mesma proporção nos dois casos. Como são poucos dados, não chegamos a uma conclusão definitiva, mas os resultados obtidos indicam que esses morfemas parecem não interferir diferentemente nos processos aqui analisados.

Mota (1979) observou, nos dados de Ribeirópolis, que o alçamento ocorreu na pretônica precedida pelo segmento [d]. Ela cita os exemplos: *despejo*, *despejou*, *descasca*, *descascar*, *descascou*, *descansa*, *descansar*, *descansando*. A autora observou ainda que o alçamento se verifica também quando o segmento [z] inicia a sílaba seguinte à da pretônica. Ela cita como exemplos: *desejou*, *desarma*, *desarmar*, *desempregado*. “Uma outra hipótese que aventamos foi a da interferência da análise mórfica nesses exemplos em prefixo *des* (realizado [dis], [diš] ou [diz]) + *radical*, o que por extensão analógica se aplicaria também a casos do tipo *desejou*.” (MOTA, 1979, p.120)

⁷⁴ A consoante seguinte dos itens testados é diferente, porque não ocorreram itens com a mesma consoante seguinte para fazer o teste.

Viegas (1987) estudou o prefixo *de-/des-* e constatou que o (e) apresenta alta porcentagem de alçamento nos prefixos *de-/des-* (em início de sílaba), por exemplo: *d[i]scansa*.

6.8.6 Conclusão dos testes de (e)

Em relação aos testes, chegamos às seguintes conclusões:

- a) Há indícios de que o não alçamento a uma distância 2 da tônica esteja provavelmente relacionado ao acento secundário;
- b) Observamos o princípio de não cruzamento de linhas no processo de alçamento;
- c) Em relação à abertura, comprovamos que não há efeito do acento secundário;
- d) Encontramos indícios de que a tonicidade da vogal gatilho, para a abertura, também é um fator relevante.

6.9 Conclusão sobre a análise de (e).

Antes de fazer a regressão, mostramos que:

- a) Em início de palavra, o alçamento é quase categórico quando a palavra começa com (e) em sílaba travada por /s/ ou /n/.
Em pretônica inicial, o número de ocorrências com travamento por /h/ é muito baixo, e não ocorreu alçamento nem abertura nos dados, ou seja, nesse contexto não há variação.
- b) Em ditongo, a manutenção é categórica em Ouro Branco e Piranga. Em Machacalis há abertura.
- c) Em hiato, a realização nas três cidades é bastante diferente. Em Ouro Branco, prevalece a manutenção (69,0%), enquanto em Machacalis prevalece a abertura (68,6%). Em Piranga, prevalece a manutenção (59,4%), mas o índice de abertura (34,8%) não é baixo. Em Piranga e Ouro Branco o alçamento ocorreu principalmente em encontro e-a, já em Machacalis ocorreu em outros encontros.

Após a regressão, a hierarquização dos grupos de fatores favorecedores e os testes, podemos concluir que a vogal da sílaba tônica é o grupo de fator mais importante para explicar a variabilidade observada nas três cidades para o alçamento e para a abertura. Em relação ao modo seguinte, os fatores favorecedores do alçamento em Piranga e Machacalis constituem um subconjunto dos fatores favorecedores de Ouro Branco.

Nesta pesquisa, mostramos que as vogais tônicas altas, nas três cidades, favorecem o alçamento, por um processo de harmonia vocálica do traço [-aberto2]. Há alguns indícios de um processo de redução vocálica favorecido pelas consoantes seguintes com traço [-contínuo]. Os verbos favorecem o alçamento em Ouro Branco e Machacalis. Em Ouro Branco há um favorecimento do alçamento pelos jovens, indício de progressão do processo. Em Machacalis há um favorecimento pelas mulheres adultas.

Há indícios de que o não alçamento a uma distância 2 da tônica esteja relacionado ao acento secundário, observamos o princípio de não cruzamento de linhas no processo de alçamento.

A abertura se mostrou mais relevante na distinção dos falares.

Em Ouro Branco e Piranga é possível falar em harmonia vocálica do traço [+aberto3], desencadeada pelas vogais [a], [ɛ], [ɔ] seguintes. Os nomes também favorecem a abertura em Ouro Branco. Nesta cidade houve muitas restrições para a abertura. Em Piranga há ainda o favorecimento da 1ª sílaba – indícios de atuação do acento inicial e também do paradigma com vogal aberta. Em Piranga, os homens favorecem a abertura. Testes indicam que os jovens favorecem a abertura quando a vogal tônica é [ê], [õ], ou seja, há indícios de progressão da abertura nesse contexto.

Machacalis apresentou abertura, com muitos fatores favorecedores. Várias vogais tônicas, várias consoantes seguintes. São muitos contextos de abertura. a) em Machacalis, os únicos contextos vocálicos desfavorecedores da abertura são aqueles que favorecem a manutenção [e], [o]; b) as vogais altas, desfavorecedoras da abertura nas outras cidades, em Machacalis não atuam significativamente assim; c) em Machacalis as consoantes que são desfavorecedoras do alçamento favorecem a abertura [-soante]. d) as mulheres adultas são favorecedoras da abertura. Não é possível falar em harmonia vocálica como nas outras cidades.

Em relação ao teste da distância da tônica, ficou comprovado que não há efeito do acento secundário para a abertura.

A atuação lexical parece ser mais evidente para o alçamento do que para a abertura, pois encontramos casos em que o alçamento ocorre em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorre.

Em relação ao alçamento, nas três cidades, de modo geral, há indícios de que os indivíduos variam menos do que a comunidade.

Em relação à abertura, em Ouro Branco, houve casos em que o indivíduo variou mais do que a comunidade e houve casos em que os dois pareceram ser semelhantes. Em Piranga e Machacalis, de uma forma geral, os indivíduos variam menos do que a comunidade.

7 ANÁLISE DE (o)

Analisaremos a variação da vogal média de 2º grau com a vogal alta [o ~ u] e [õ ~ ã] – alçamento – e a variação da vogal média de 2º grau com a média de 1º grau [o ~ ɔ] – abertura, pois nas cidades pesquisadas, a variação [o ~ u ~ ɔ] e a variação [u ~ ɔ] no mesmo item ocorrem em pouquíssimos casos.

[u ~ ɔ] ocorre:

- c) Em Ouro Branco, no item *dormir* (e flexões) 14[u] 1[ɔ].
- d) Em Machacalis, no item *comércio* (1ª sílaba) 1[u] 1[ɔ].

[o ~ u ~ ɔ] ocorre:

- c) Em Piranga, nos itens:

jogar (e flexões) 1[o] 15[u] 8[ɔ]

começar (e flexões) 9[o] 27[u] 9[ɔ]

poder (e flexões) 12[o] 14[u] 2[ɔ]

comigo 8[o] 1[u] 13[ɔ]

- d) Em Ouro Branco, no item *jogar* (e flexões) 4[o] 5[u] 2[ɔ]
- e) Em Machacalis, nos itens:

aposentar (e flexões) 4[o] 3[u] 3[ɔ]

começar (e flexões) 6[o] 52[u] 2[ɔ]

poder (e flexões) 9[o] 8[u] 1[ɔ]

7.1 O que foi necessário separar antes da regressão

7.1.1 Início de palavra

- 1- Separamos o início de palavra, assim como fizemos para (e).

Vejamos os resultados para o início de palavra em sílaba travada por /s/: hospital

Tabela 38: Realização da pretônica (o) inicial em sílaba travada por /s/ em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
o	n	8	57	1
	%	80,0	95,0	3,4
u	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
ɔ	n	2	3	28
	%	20,0	5,0	96,6
Total	n	10	60	29
	%	100,0	100,0	100,0

Ressaltamos que as palavras realizadas aqui foram as mesmas nas três cidades: *hospital* e suas flexões. Apenas Piranga apresentou também a palavra *ostensivo*.

Ressaltamos a grande diferença entre Machacalis e as outras duas cidades. A abertura é quase categórica nesse contexto em Machacalis.

Vamos comparar essa tabela com outra em que o (o) ocorre em vogal que não seja inicial, também travada por /s/: *acostumado*, *gostaria*.

Tabela 39: Realização da vogal pretônica (o) não inicial – sílaba travada por /s/ em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
o	n	19	5	12
	%	51,4	21,7	35,3
u	n	15	6	7
	%	40,5	26,1	20,6
ɔ	n	3	12	5
	%	8,1	52,2	44,1
Total	n	37	23	24
	%	100,0	100,0	100,0

Ao comparar as **Tabelas 38 e 39**, podemos observar que o percentual de manutenção, alçamento e abertura em vogal inicial em sílaba travada por /s/ é muito diferente do percentual em vogal que não é inicial.

Em Ouro Branco, prevalece a manutenção em vogal inicial em sílaba travada por /s/ e não ocorre alçamento. Quando a vogal não é inicial, a manutenção prevalece ainda sobre as demais variantes, mas passamos a ter um percentual alto de alçamento.

Em Piranga, a manutenção prevalece quando a vogal é inicial e a abertura prevalece quando a vogal não é inicial.

Em Machacalis, a abertura prevalece em vogal inicial em sílaba travada por /s/ e não ocorre alçamento. Quando a vogal não é inicial, ainda prevalece a abertura, mas o percentual de manutenção e alçamento aumenta muito.

Os resultados são muito diferentes quando as variantes estão em posição absoluta ou não. Vamos, então, separar a sílaba inicial travada por /s/.

Poderíamos criar o grupo de fator que incluísse um fator como *vogal em início de palavra* e outro como *vogal não inicial na primeira sílaba* e fazer a regressão, porém, optamos por não fazer dessa forma, uma vez que teríamos má distribuição dos dados, em relação às outras variáveis independentes.

Fizemos o teste de qui-quadrado em relação ao alçamento e à abertura em sílaba travada por /s/ para cada cidade separadamente.

Em relação ao alçamento, o p-valor relativo aos dados da vogal inicial (i) em comparação com a vogal não inicial (ni) foi menor que 0,05 em Ouro Branco e Piranga, confirmando, assim, que há diferenças significativas entre o alçamento em vogal em sílaba travada por /s/ em início de palavra e em sílaba que não seja inicial nessas cidades. Em Machacalis, o p-valor não foi significativo (poucos dados), mas faremos o tratamento dos dados padronizado nas três cidades. Os valores estão a seguir:

Ouro Branco trav /s/	i	ni	TOTAL
[o]	8	19	27
[u]	0	15	15
TOTAL	8	34	42

p-valor fator 1 e 2	0,0191233998

Piranga trav /s/	i	ni	TOTAL
[o]	57	5	62
[u]	0	6	6
TOTAL	57	11	68

p-valor fator 1 e 2	0,0000000052

Machacalis trav /s/	i	ni	TOTAL
[o]	1	12	13
[u]	0	7	7
TOTAL	1	19	20

p-valor fator 1 e 2	0,4515326785

Em relação à abertura, o p-valor foi menor que 0,05 em Piranga e Machacalis. Em Ouro Branco, o p-valor não foi significativo, mas faremos o tratamento dos dados padronizado nas três cidades. Os valores estão a seguir:

Ouro Branco trav /s/	i	ni	TOTAL
[o]	8	19	27
[ɔ]	2	3	5
TOTAL	10	22	32

p-valor fator 1 e 2	0,6458453102

Piranga trav /s/	i	ni	TOTAL
[o]	57	5	62
[ɔ]	3	12	15
TOTAL	60	17	77

p-valor fator 1 e 2	0,0000000017

Machacalis trav /s/	i	ni	TOTAL
[o]	1	12	13
[ɔ]	28	5	33
TOTAL	29	17	46

p-valor fator 1 e 2	0,0000010527

Vejam os resultados para o início de palavra em sílaba travada por /n/:
honrado

Tabela 40: Realização da pretônica (o) inicial em sílaba travada por /n/ em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
o	n	0	0	2
	%	0,0	0,0	100,0
u	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
ɔ	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
Total	n	0	0	2
	%	0,0	0,0	100,0

Há pouquíssimos dados em sílaba inicial travada por /n/. Apenas o item *honrado* e suas flexões ocorreu em Machacalis.

Vamos comparar essa tabela com outra em que o (o) ocorre em vogal que não seja inicial, também travada por /n/: comprava, conseguir.

Tabela 41: Realização da vogal pretônica (o) não inicial – sílaba travada por /n/ em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
o	n	354	359	264
	%	98,9	97,3	88,6
u	n	4	10	34
	%	1,1	2,7	11,4
ɔ	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
Total	n	358	369	298
	%	100,0	100,0	100,0

Em pretônica inicial, o número de ocorrências com travamento por /n/ é muito baixo, já em pretônica não inicial, há muitas ocorrências. Os resultados apresentados nas **Tabelas 40 e 41** são diferentes. Nas três cidades predomina a manutenção em contexto não inicial, mas há também o alçamento.

Portanto, esse contexto inicial será tratado separadamente, uma vez que os resultados são bastante diferentes do contexto não inicial.

Vamos analisar também a vogal inicial com travamento por /h/: organismo, hormônios.

Tabela 42: Realização da pretônica (o) inicial com travamento por /h/em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
o	n	10	2	4
	%	100,0	16,7	17,4
u	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
o	n	0	10	19
	%	0,0	83,3	82,6
Total	n	10	12	23
	%	100,0%	100,0%	100,0%

É interessante notar que em Ouro Branco não houve caso de abertura. Vamos comparar essa tabela com a realização não inicial e com travamento por /h/: dormir, formado.

Tabela 43: Realização da pretônica (o) não inicial com travamento por /h/em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
o	n	52	31	12
	%	63,4	47,0	20,0
u	n	18	10	5
	%	22,0	15,2	8,3
o	n	12	25	43
	%	14,6	37,9	71,7
Total	n	82	66	60
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Os resultados apresentados nas **Tabelas 42 e 43** são muito diferentes.

Em Ouro Branco, quando a vogal é inicial há apenas manutenção, quando a vogal não é inicial, a manutenção ainda prevalece, mas ocorre também alçamento e abertura.

Em Piranga, quando a vogal é inicial há mais abertura e quando a vogal não é inicial, há mais manutenção. O alçamento, que não ocorreu quando a vogal era inicial, passou a ocorrer com vogal não inicial.

Em Machacalis a abertura é maior nos dois contextos, mas quando a vogal é inicial, não há alçamento.

Portanto, esse contexto inicial também será analisado separadamente, pois é diferente do contexto não inicial, como nos casos anteriores.

Vejamos o teste do qui-quadrado.

Ouro Branco trav /h/	i	ni	TOTAL
[o]	10	52	62
[u]	0	18	18
TOTAL	10	70	80

p-valor fator 1 e 2	0,0685263154

Piranga trav /h/	i	ni	TOTAL
[o]	2	31	33
[u]	0	10	10
TOTAL	2	41	43

p-valor fator 1 e 2	0,4252996712

Machacalis trav /h/	i	ni	TOTAL
[o]	4	12	16
[u]	0	5	5
TOTAL	4	17	21

p-valor fator 1 e 2	0,2140060431

Ouro Branco trav /h/	i	ni	TOTAL
[o]	10	52	62
[ɔ]	0	12	12
TOTAL	10	64	74

p-valor fator 1 e 2	0,1346635352

Piranga trav /h/	i	ni	TOTAL
[o]	2	31	33
[ɔ]	10	25	35
TOTAL	12	56	68

p-valor fator 1 e 2	0,0149488167

Machacalis trav /h/	i	ni	TOTAL
[o]	4	12	16
[ɔ]	19	43	62
TOTAL	23	55	78

p-valor fator 1 e 2	0,6588484705

O p-valor deu significativo apenas para a abertura em Piranga, daremos um tratamento padronizado aos dados das três cidades e, portanto, trataremos esses dados em contexto inicial separadamente.

Vamos separar também a vogal inicial com travamento por /b/ e /p/: objetivo, opção, objeto.

Tabela 44: Realização da pretônica (o) inicial com travamento por /b/ e /p/ em três cidades mineiras

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
o	n	9	6	2
	%	100,0	66,7	40,0
u	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
o	n	0	3	3
	%	0,0	33,3	60,0
Total	n	9	9	5
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Em Ouro Branco não houve caso de abertura com esse tipo de travamento também.

Não encontramos nenhuma ocorrência nos nossos dados de (o) em vogal que não seja inicial, travada por /b/ ou /p/.

Seguindo a nossa padronização, iremos separar esse contexto inicial também.

Portanto, temos argumentos suficientes para separarmos os dados em início de palavra e darmos um tratamento especial a eles, já que a sua manutenção na regressão geraria má distribuição dos dados.

7.1.2 Encontros Vocálicos

Separamos os encontros vocálicos, assim como fizemos para (e). Podemos observar nas tabelas a seguir a realização dos encontros vocálicos

Tabela 45: Realização da vogal média (o) em ditongo nas três cidades

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
o	n	35	24	29
	%	100,0	96,0	100,0
u	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
o	n	0	1	0
	%	0,0	4,0	0,0
Total	n	35	25	29
	%	100,0	100,0	100,0

A seguir, listamos os itens que contêm ditongo em cada cidade.

Ditongo		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
boiando (1)	apoiando 1[ɔ]	apoiar/ apoiava (4)
coisinha (4)	coisinha/coisinhas (3)	adoidado (1)
coitado/coitados (4)	coitada/ coitado/ coitados/ coitadinha (4)	coisinha/ coisinhas (5)
doutorado (1)	moisés (1)	doutrina (1)
joinvile (1)	oitava (5)	houvesse (1)
noitinha (1)	oitenta (9)	louvamos (1)
oitava (10)	ouvindo (1)	moisés (1)
oitenta (8)	poupança (1)	oitava (7)
outorgou (1)		oitenta (8)
ouvindo (4)		
Total: 35	Total: 25	Total: 29

Não houve casos de alçamento. Houve apenas 1 caso de abertura em Piranga. Portanto, a manutenção é categórica em Ouro Branco e Machacalis e quase categórica em Piranga. Esses casos não são casos de variação em relação à abertura e ao alçamento. Assim, devem ser tratados separadamente.

Observemos os hiatos:

Tabela 46: Realização da vogal média (o) em hiato nas três cidades

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
o	n	40	22	43
	%	58,8	34,9	54,4
u	n	23	21	21
	%	33,8	33,3	26,6
ɔ	n	5	20	15
	%	7,4	31,8	19,0
Total	n	68	63	79
	%	100,0	100,0	100,0

Nas três cidades, em hiato, a ordem é: manutenção > alçamento > abertura. Mas os percentuais são diferentes. Em Piranga os três processos apresentam um percentual bastante semelhante. Já em Ouro Branco e Machacalis, o percentual de manutenção é bem maior do que o alçamento e a abertura.

A seguir, listamos os itens que contêm hiato em cada cidade separadamente.

Ouro Branco		
[o]	[u]	[ɔ]
abençoando (1)	abençoando (1)	arquiocese (1)
adoecem (1)	adoeceu (1)	funcionários (1)
boazinha (1)	amontoado (2)	missionários (1)
coelho/ coelhos (3)	cachoeira (2)	teoricamente (1)
c[o]ordenador (2)	doença (4)	violão (1)
co[o]rdenador (2)	doendo (1)	

doente/ doentes (2)	doente/doentes (4)	
pessoalzinho (1)	doída (1)	
povoado (3)	enjoado (1)	
arquidiocesano (1)	voador (1)	
condicionado (1)	maioria (4)	
curiosidade (3)	salariozinho (1)	
decepcionada (1)		
extraordinário (1)		
funcionários (1)		
interiorzinho (1)		
maioria (2)		
pioneiros (1)		
preocupação (3)		
preocupados (1)		
preocupando/ preocupava (2)		
relacionamento (1)		
teoria (1)		
violência (1)		
violenta/ violentas (2)		
violetas (1)		
Total: 40	Total: 23	Total: 5

Piranga		
[o]	[u]	[ɔ]
coelho (1)	boato/boatos (5)	arquidiocese (1)
c[o]ordenador (1)	cachoeira (1)	campeonato (1)
co[o]rdenador (1)	doença (2)	emocionado (1)
coroação (1)	doendo (4)	funcionamento (1)
doação/ doações (2)	feijoada (1)	funcionários (1)
proibido (2)	joana (2)	funcionasse/ funcionava (3)
campeonatos (1)	moeda (1)	milionário (1)
estacionamento (2)	montoeira (1)	paiolino (1)
funcionando (1)	voador (1)	pressionado (1)
geovana (1)	voando (1)	profissionalização (2)
impressionante (1)	zoeirenta (1)	religiosamente (1)
preocupada/ preocupado (6)	maioria (1)	selecionado (2)
preocupado (1)		teoricamente (1)
prioridades (1)		valiosíssima (1)
		violência (2)
Total: 22	Total: 21	Total: 20

Machacalis		
[o]	[u]	[ɔ]
doamos (2)	adoeceu/ adoeci/ adoecia (3)	coeficiente (1)
moída (1)	doença (1)	biblioteca (1)
adicionar (1)	doente/ doentes (13)	bilionários (2)
cardiologista (1)	padroeiro (2)	funcionárias/ funcionário/ funcionários (5)
curiosidade (3)	maioria (2)	tradicional (2)
funcionando (2)		violência (2)
funcionárias/ funcionário funcionários (20)		violenta (2)
maioria (2)		
missionária/ missionário/ missionários (4)		
prioridade (1)		

priorizando (1)		
tradicional (3)		
violãozinho (1)		
violonistas (1)		
Total: 43	Total: 21	Total: 15

O alçamento ocorre em vários contextos nas três cidades.

Em Ouro Branco: o-ã, o-e, o-a, o-en, o-i, i-o

Em Piranga: o-a, o-e, o-en, o-ã, i-o

Em Machacalis: o-e, o-en, i-o

Como veremos, esses contextos de vogais seguintes não são favorecedores do alçamento (com exceção do contexto o-i em Ouro Branco). Essas realizações não seguem, na maioria dos casos, a tendência geral e serão, portanto, analisadas separadamente

A abertura nas três cidades aconteceu principalmente em encontro de i-o. Ouro Branco ocorreu 1 caso em encontro de e-o. Em Piranga ocorreram dois casos em encontro de e-o. Em Machacalis ocorreu 1 caso em encontro de o-e. O percentual de abertura em Machacalis é mais baixo, diferente do percentual geral como veremos mais adiante.

Comparação com os resultados de (e):

Em início de palavra, o alçamento é quase categórico quando a palavra começa com (e) em sílaba travada por /s/ ou /n/.

Já quando a palavra começa com (o), em sílaba travada por /s/, temos abertura quase categórica em Machacalis. Alto índice de manutenção em Piranga e Ouro Branco. Em sílaba travada por /n/, Ouro Branco e Piranga não apresentaram dados e Machacalis apresentou apenas 2 itens em que houve manutenção da média.

Quando a palavra começa com (e), em sílaba travada por /h/, Ouro Branco não apresentou dados. Piranga e Machacalis apresentaram poucos casos de manutenção.

Já quando a palavra começa com (o), em sílaba travada por /h/, em Ouro Branco ocorreu manutenção categórica e em Piranga e Machacalis predominou a abertura.

Quando a palavra começa com (e), em sílaba travada por /b/ ou /p/, não houve dados. E quando a palavra começa com (o), em sílaba travada por /b/ ou /p/, houve manutenção categórica em Ouro Branco, a manutenção predominou em Piranga e a abertura predominou em Machacalis.

Em relação aos ditongos, para (e) e (o) há indícios de manutenção de modo geral. Para o (e), há casos de abertura em Machacalis.

No hiato, para a variável (e), a realização nas três cidades é bastante diferente e os encontros que ocorreram também são diferentes. Em Ouro Branco, prevalece a manutenção enquanto em Machacalis prevalece a abertura. Em Piranga, prevalece a manutenção, mas o índice de abertura não é baixo.

Em relação à variável (o), nas três cidades, em hiato, a ordem é: manutenção > alçamento > abertura. Mas os percentuais são diferentes. Em Piranga os três processos apresentam um percentual bastante semelhante. Já em Ouro Branco e Machacalis, o percentual de manutenção é bem maior que o alçamento e a abertura.

7.1.3 Itens lexicais

Assim como fizemos para (e), separamos alguns itens, antes de rodar os dados, a fim de evitar um tendenciamento, causado pelo efeito do item lexical:

- a) Itens em que ocorreram as 3 variações o ~ u ~ ɔ;
- b) Itens em que ocorreu apenas a variação u ~ ɔ;
- c) Itens em que a realização é categórica, ou seja, não são variáveis; e que tenham acima de 10 ocorrências;
- d) Itens quase categóricos em que uma das variantes ocorreu em percentual acima de 90% das realizações; e que tenham acima de 10 ocorrências;

Os quadros a seguir apresentam a lista de itens separados:

Quadro 26: Itens em que ocorreram as 3 variações (o ~ u ~ ɔ) ou apenas a variação u ~ ɔ.

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
jogar e flexões	4[o] 5[u] 2[ɔ]	jogar e flexões	1[o] 15[u] 8[ɔ]	aposentar e flexões	4[o] 3[u] 3[ɔ]
dormir e flexões	14[u] 1[ɔ]	começar e flexões	9[o] 27[u] 9[ɔ]	começar e flexões	6[o] 52[u] 2[ɔ]
		poder e flexões	12[o] 14[u] 2[ɔ]	poder e flexões	9[o] 8[u] 1[ɔ]
		comigo	8[o] 1[u] 13[ɔ]	comércio	1[u] 1[ɔ]

Quadro 27: Itens em que a realização é categórica para a abertura de (o) (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
sozinho ⁷⁵ e flexões	11	colega e flexões	12	formosas	18

Quadro 28: Itens em que a realização é categórica para o alçamento de (o) (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
-----	-----	gov[e]rno	17	bonito e flexões	15
		polícia e flexões	15		
		política e flexões	16		
		rosário	14		

Quadro 29: Itens quase categóricos em que uma das variantes [u] ou [ɔ] ocorreu acima de 90% das realizações - realização quase categórica (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
Alçamento					
-----	-----	-----	-----	conhecer e flexões	1[o] 33[u]
				conversar e flexões	1[o] 15[u]
				política e flexões	1[o] 71[u]
Abertura					
-----	-----	-----	-----	projeto e flexões	1[o] 29[ɔ]

A análise dos itens será feita na **Seção 7.6**.

7.1.4 Distância da sílaba tônica

Na regressão, analisaremos apenas a distância 1 da tônica, como fizemos para o (e). Analisaremos o efeito da distância da tônica, por meio de testes ao final da análise da regressão (**Seção 7.8.1**).

7.1.5 Morfemas

Analisaremos apenas o radical, para isolar o efeito dos prefixos, devido à má distribuição dos dados, como foi feito para o (e). O efeito dos morfemas será estudado por meio de testes ao final da análise da regressão.

⁷⁵ No tópico 7.1.5 explicamos que na regressão serão analisadas apenas as pretônicas em radical.

7.1.6 Fatores não variáveis

Fizemos o cruzamento entre a variável dependente e cada variável independente (Crosstabs), para verificar quais fatores tiveram zero ocorrência de uma das variáveis dependentes, ou seja, em que fatores não há variação. Os dados com tais contextos foram retirados da regressão. Vejamos os quadros a seguir:

Quadro 30: Fatores internos retirados para o alçamento de (o) nas três cidades após o crosstabs

ALÇAMENTO	Fatores retirados em Ouro Branco	Fatores retirados em Piranga	Fatores retirados em Machacalis
Vogal tônica	[a] [ê], [ô]	[ã]	-----
Tipo silábico	-----	outros (CVS, CVCC, CCVS, CCVC) Ex.: constrói	outros (CVS, CVCC, CCVS, CCVC) Ex.: apronteí, fronteira
Número de sílabas da palavra	5 sílabas ou mais Ex.: econômica, elaborado	-----	5 sílabas ou mais Ex.: apostolado
Modo do segmento precedente	-----	-----	tepe e laterais Ex.: produtos, coloquei

Em todos os casos apresentados no quadro anterior, tivemos 100% de manutenção da vogal média pretônica.

Vamos à abertura:

Quadro 31: Fatores internos retirados para a abertura de (o) nas três cidades após crosstabs

ABERTURA	Fatores retirados em Ouro Branco	Fatores retirados em Piranga	Fatores retirados em Machacalis
Vogal tônica	[e], [o]	[e], [o]	-----
Tipo silábico	-----	outros (CVS, CVCC, CCVS, CCVC) Ex.: constrói	-----
Número de sílabas da palavra	2 sílabas Ex.: fogão, cortei	2 sílabas Ex.: dormir, morreu	-----

Em todos os casos apresentados no quadro anterior, tivemos 100% de manutenção da vogal média pretônica.

Podemos observar que, em Machacalis, não há restrição para a abertura.

Em Ouro Branco e Piranga, quando o item tem 2 sílabas nunca ocorreu abertura, provavelmente devido à ausência do acento inicial, o mesmo ocorreu para a abertura de (e) em Ouro Branco.

Mostramos, principalmente, que há contextos ou itens com realização categórica para o alçamento ou para a abertura e que não serão tratados junto com os casos variáveis.

7.2 O que entra na regressão:

Conforme fizemos para o (e), na regressão analisaremos os seguintes grupos de fatores:

Para o alçamento	Para a abertura
Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica
Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte
Classe gramatical	Classe gramatical
Distância do início da palavra	Distância do início da palavra
Gênero/sexo	Paradigma
Faixa etária	Gênero/sexo
	Faixa etária

7.3 Análise do alçamento de (o).

Podemos observar no quadro a seguir as variáveis consideradas significativas pelo SPSS:

Quadro 32: Variáveis apontadas pelo SPSS como significativas para o alçamento (o) em cada cidade

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica
Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte
-----	Classe Gramatical	Classe Gramatical
-----	Distância do Início da palavra	-----
-----	-----	-----
-----	-----	-----
Não houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária	Houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária	Não houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária

Os grupos de fatores *vogal da sílaba tônica* e *modo do segmento seguinte* são significativos nas três cidades; portanto, provavelmente, esses grupos de fatores têm um poder maior de explicação para o alçamento.

7.3.1 Vogal da sílaba tônica

7.3.1.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de (o) em relação à variável *vogal da sílaba tônica*:

Tabela 47: Fatores favorecedores do alçamento de (o), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[i],[u], [ĩ], [ũ]	53/100	53,0	<0,001	0,86	[i], [u], [ĩ], [ũ]	53/90	58,9	<0,001	0,95	[i], [u], [ĩ], [ũ]	37/49	75,5	<0,001	0,91
						[ε], [ɔ]	9/56	16,1	0,001	0,88	[ε], [ɔ]	22/42	52,4	<0,001	0,87

As vogais altas orais e nasais são favorecedoras do alçamento nas três cidades. As vogais [ε], [ɔ] favorecem o alçamento em Piranga e Machacalis.

Os estudos sobre as vogais médias pretônicas confirmam o favorecimento das vogais altas orais. Alguns ressaltam o favorecimento das vogais altas na sílaba tônica, como: Mota (1979), Castro (1990), Yacovenco (1993) (no falar culto carioca, apenas a alta anterior favoreceu o alçamento de (o)), Bisinotto (2011), Felice (2012).

Outros ressaltam que esse favorecimento se dá pela vogal alta da sílaba seguinte, independente da tonicidade, como: Bisol (1981), Silva (1989), Battisti (1993), Freitas (2001), Célia (2004), Graebin (2008), Silva (2009), Tondineli (2010), Carvalho (2010), Carmo (2013).

Graebin (2008) explica que em Formosa, as vogais [e], [ε], [ũ] na sílaba seguinte também favorecem o alçamento de (o). Tondineli (2010) explica que, em Montes Claros, as vogais [e], [ε], na sílaba seguinte, também o favorecem.

Bisinotto (2011) ressalta que [ε], [ɔ] na sílaba tônica também são favorecedoras do alçamento de (o).

Já para Viegas (1987, p.164), “a vogal alta imediatamente seguinte favorece o alçamento de (e), mas não influencia o alçamento de (o) da mesma maneira.”

Viegas (1987, p. 165) acrescenta: “a regra de assimilação para o (o) parece estar relacionada mais com as consoantes adjacentes do que com a vogal seguinte, assim como a regra proposta por ABAURRE-GNERRE (1981) para a elevação do traço de altura das vogais médias pretônicas.”

7.3.1.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Assim como fizemos para (e), analisaremos os itens alçados em cada fator favorecedor, para ver se realmente confirmamos o favorecimento do fator ou se há uma atuação do item lexical. Vejamos os itens a seguir:

Vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ]		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
acostuma 3[u]	bobiça 1[u]	comida 3[u]
agonia 1[u]	bonita/bonito 3[u]	comigo 6[u]
bonito 1[u]	comida 2[u]	costume/costumes 6[u]
comida 1[u]	corria 2[u]	domingo/domingos 10[u]
corrida 1[u]	corrido 1[u]	dormia/dormir/dormindo 6[u]
cortina 3[u]	coruja 1[u]	polícia 1[u]
costuma/ costumam/costumo 4[u]	descobrirem 1[u]	sobrinha/sobrinhos 2[u]
costume 3[u]	diretoria 1[u]	sofrida 1[u]
descobriu 1[u]	domingo 8[u]	vistoria 2[u]
domingo 5[u]	dormi/dormir/dormindo 10[u]	
gordura 1[u]	envolvia 1[u]	
motivo 1[u]	escondido 2[u]	
notícia 1[u]	explodiu 1[u]	
pneumonia 1[u]	gasolina 3[u]	
podia 5[u]	impossível 2[u]	
polícia 3[u]	mochila 1[u]	
política 6[u]	morrido 3[u]	
possível 4[u]	motivo 1[u]	
sobrinha/sobrinhas 7[u]	possíveis/possível 5[u]	
sofrida 1[u]	sobrinha/sobrinho 3[u]	
	sofrido 1[u]	
Total: 53[u]	Total: 53[u]	Total: 37[u]

Vogal tônica [ɛ], [ɔ]	
Piranga	Machacalis
boneca 3[u]	acontece 10[u]
coberta 1[u]	coberta 1[u]
conhece 2[u]	conserta 1[u]
conversa/converso 2[u]	josé 8[u]
moleque 1[u]	moderna 1[u]
	moleque 1[u]
Total: 9[u]	Total: 22[u]

Ao analisá-los, confirmamos o favorecimento do alçamento pelas vogais altas orais e nasais nas três cidades. Além desses itens, há, dentre os que tiveram alçamento categórico, alguns com vogal alta na sílaba tônica. Esses itens foram separados, conforme explicado na **Seção 7.1.3**

As vogais [ɛ], [ɔ] na sílaba tônica na regressão se apresentaram como favorecedoras do alçamento e ocorreram em vários itens, mas observaremos na **Seção 7.4.1** que essas vogais também serão favorecedoras da abertura.

Podemos observar que não houve nenhum item alçado com vogal tônica [ɔ]. Em Piranga ocorreram 2 itens com manutenção (c[o]ncordo – 4 ocorrências, c[o]nsola – 1 ocorrência) quando a vogal tônica foi [ɔ] e em Machacalis não houve nenhum caso.

Em relação ao item coberta, Viegas (2001, p. 184), em uma análise diacrônica, pontua: “Se acrescentássemos os dados de Tavares (1961) poderíamos dizer que a

elevação do o extrapola o ambiente vogal alta seguinte, já que o item *coberta* ocorre com e e o item *Jordão* ocorre com u.”

Viegas (2001, p. 112) fez uma lista de “itens que não possuem vogal alta, não vieram de palavra com vogal alta, nem foram registrados com vogal alta na época da vinda do português para o Brasil”, mas que se apresentaram alçados em Belo Horizonte. Dentre esses itens estão: conhecer, conversar, consertar, moderno.

Observamos também que, em Piranga, todos os itens apresentaram uma consoante labial ou a velar [k] como segmento precedente. Em Machacalis, apenas o item *josé* não apresenta uma dessas consoantes. Como não inserimos o segmento precedente na regressão, consultamos a literatura e confirmamos que esses fatores são considerados favorecedores do alçamento de (o).

Alguns dos estudiosos que apontam as labiais precedentes como favorecedoras são: Bisol (1981), Yacovenco (1993), Battisti (1993), Freitas (2001), Carvalho (2010), Bisinotto (2011), Felice (2012), Carmo (2013). Graebin (2008) aponta o favorecimento das bilabiais precedentes.

Alguns também apontam as velares precedentes como favorecedores: Bisol (1981), Castro (1990), Yacovenco (1993), Freitas (2001), Célia (2004), Silva (2009), Carvalho (2010).

Viegas aponta as obstruintes precedentes (fator formado pela junção das oclusivas e das fricativas), como favorecedoras do alçamento de (o). Como exemplos cita: *c[u]berta*, *s[u]ssego*. Ressaltamos que a velar [k] está incluída nesse grupo de fator.

Viana (2008) e Tondineli (2010) apontam as oclusivas precedentes como favorecedoras. Battisti (1993) e Felice (2001) apontam as dorsais precedentes como favorecedoras. Bisinotto (2011) aponta as consoantes não contínuas precedentes como favorecedoras. Sabemos que a velar [k] faz parte de todos esses grupos de fatores nomeados de formas diferentes.

Portanto, podemos dizer que o segmento precedente parece atuar para o (o). Parece haver evidências de atuação lexical, pois existem outros tantos dados com essas mesmas consoantes precedentes em que não ocorre o alçamento.

Em relação às vogais tônicas seguintes, observamos que outros fatores já consagrados na literatura atuam no alçamento de (o), como vogal alta seguinte, mas há algo mais atuando.

7.3.1.3 Análise dos segmentos

Observando os segmentos, constatamos que [i], [u], [ĩ], [ũ] ocorrem nos itens listados.

Mas ressaltamos que a vogal posterior ocorreu bem menos do que a vogal anterior, assim como aconteceu na análise de (e).

7.3.1.4 Análise dos fatores desfavorecedores

Como vimos no **Quadro 30**, após o cruzamento entre a variável dependente e a variável independente **vogal da sílaba tônica**, algumas vogais tônicas foram retiradas em Ouro Branco e Piranga, pois houve manutenção categórica na variável dependente. São elas:

Quadro 33: Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente – alçamento de (o)

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[a] [ẽ], [õ]	[ã]	-----

Houve também algumas vogais desfavorecedoras, como podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 48: Fatores desfavorecedores do alçamento de (o), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[ã]	1/41	2,4	0,004	0,10	[e], [o]	1/43	2,3	0,001	0,03	[ã]	1/42	2,4	0,027	0,12
											[e], [o]	9/82	11,0	0,006	0,24

O fator [ã] apresentou realização categórica da manutenção em Piranga e foi desfavorecedor em Ouro Branco e Machacalis. [e], [o] mostraram-se desfavorecedores do alçamento em Piranga e Machacalis. [a], [ẽ], [õ] apresentaram realização categórica da manutenção em Ouro Branco.

7.3.1.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejamos os itens a seguir:

Vogal tônica [e], [o]	
Piranga	Machacalis
aconteça 2[o]	acolheu 1[o]
apontou 1[o]	cobrei/cobrou 2[o]
bondoso 1[o]	colher 1[o]
conforto 2[o]	conceito 1[o]
conheço 1[o]	conosco 1[o]
conosco 1[o]	conselho/conselhos 15[o]
conselho 1[o]	controle 3[o]
controle 2[o]	correios 1[o]
coreto 7[o]	correr/correu 4[o]
coroa 1[o]	foquei 1[o]
correios 1[o]	formou 1[o]
demoroso 1[o]	gostoso 3[o]
desordeiro 1[o]	gostou 1[o]
formei 1[o]	governo 2[o]
gostoso 2[o]	morrer/morreram/morreu 15[o]
goteira 1[o]	mostrou 1[o]
morreu 1[o]	pobreza 1[o]
poderes 1[o]	porteiro 1[o]
proveito 1[o]	sacoleira 3[o]
redondeza 1[o]	socorro 3[o]
removeram 1[o]	sofreu 1[o]
socorro 3[o]	solteira 2[o]
solteira 2[o]	tomou 2[o]
torneio/torneios 3[o]	tornou 2[o]
torn[o]zelo 2[o]	torresmo 1[o]
vergonhoso 1[o]	voltei 3[o]
	votou 1[o]
Total: 42[o]	Total: 73[o]

Vogal tônica [ã]	
Ouro branco	Machacalis
acompanho 1[o]	bonança 1[o]
brotando 1[o]	cobrança 1[o]
chocante 1[o]	colchão 3[o]
col[o]cando 3[o]	compramos 3[o]
compramos 1[o]	gozando 1[o]
cantando 2[o]	importantes 1[o]
cont[o]nando 2[o]	jogando 4[o]
debochando 1[o]	moramos/morando 3[o]
formando 1[o]	soltando 1[o]
gostando 3[o]	sonhando 1[o]
montando 1[o]	suponhamos 11[o]
montanha 1[o]	tocando 1[o]
morando 2[o]	tomando 4[o]
namorando 1[o]	tornando 1[o]
programa/programas 7[o]	volante 1[o]
recordando 1[o]	voltando/voltamos 4[o]
rodando 1[o]	
soltando 2[o]	
tocando 2[o]	
tomando 3[o]	
tornando 1[o]	
voltando 2[o]	
Total: 40[o]	Total: 41[o]

Ao analisá-los, confirmamos o desfavorecimento do alçamento pelas vogais [e], [o] em Piranga e Machacalis, pela vogal [ã] em Ouro Branco e Machacalis, pois há vários itens com essas vogais na sílaba tônica em que ocorre a manutenção. Portanto, não podemos atribuir o desfavorecimento ao item lexical.

7.3.1.6 Análise dos segmentos

Ao observar o segmento, constatamos que os segmentos [e], [o] ocorrem nos itens listados nas duas cidades; portanto, o grupo de fator [e], [o] pode ser considerado desfavorecedor do alçamento em Piranga e Machacalis.

7.3.1.7 Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 49: Fatores sem significância para o alçamento de (o), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[e], [o]	12/62	19,4	0,703	0,54	[a]	1/38	2,6	0,159	0,22	[a]	5/53	9,4	0,06	0,30
	[ɛ], [ɔ]	12/85	14,1	0,473	0,57	[ê], [ô]	3/13	23,1	0,814	0,46	[ê], [ô]	4/23	17,4	0,657	0,44

Depois das ponderações acerca da atuação do modo precedente e do item lexical, vejamos o quadro a seguir:

Quadro 34: Fatores favorecedores, com realização categórica da manutenção, desfavorecedores e sem significância para o alçamento de (o) em relação à vogal da sílaba tônica nas três cidades

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Fatores favorecedores do alçamento	[i],[u], [ĩ], [ũ]	[i],[u], [ĩ], [ũ]	[i],[u], [ĩ], [ũ]
Realização categórica da manutenção	[a], [ê], [ô]	[ã]	-----
Fatores desfavorecedores do alçamento	[ã]	[e], [o]	[e], [o], [ã]
Fatores sem significância	[e], [o], [ɛ], [ɔ]	[a], [ê], [ô]	[a], [ê], [ô]

7.3.2 Modo do segmento seguinte

7.3.2.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de (o) em relação à variável *modo do segmento seguinte*:

Tabela 50: Fatores favorecedores do alçamento de (o), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	fricativas	26/51	51,0	<0,001	0,75	fricativas	29/50	58,0	<0,001	0,92	fricativas	28/77	36,4	0,017	0,71

As fricativas favorecem o alçamento nas três cidades.

Viana (2008) e Tondineli (2010) apontam as fricativas como favorecedoras do alçamento de (o).

Graebin (2008) aponta as labiodentais [f], [v], pós-alveolares [ʃ], [ʒ], coda em /S/ (*c[u]stumo*) como favorecedoras do alçamento de (o). Todas essas consoantes foram incluídas por nós no grupo de fator *fricativas*.

Bisol (1981), Silva (1989), Castro (1990), Yacovenco (1993), Battisti (1993), Silva (2009), Bisinotto (2011) e Carmo (2013) mostram o favorecimento do alçamento de (o) pelas labiais [p], [b], [m], [f], [v]. As labiais [f], [v], quando classificadas em relação ao modo, fazem parte do grupo de fator *fricativas*.

Célia (2004) aponta as labiodentais [f], [v] como favorecedoras do alçamento de (o).

Bisol (1981), Yacovenco (1993), Battisti (1993) e Silva (2009) apontaram também o favorecimento das palatais [tʃ], [dʒ], [ʎ], [ɲ], [ʃ], [ʒ]. As palatais [ʃ], [ʒ], quando classificadas em relação ao modo, fazem parte do grupo de fator *fricativas*.

Silva (2009) aponta ainda as coronais como favorecedoras. As coronais [s], [z], quando classificadas em relação ao modo, fazem parte do grupo de fator *fricativas*.

Viegas (1987) aponta as obstruintes e as nasais como favorecedoras do alçamento de (o). Mas ao tratar do tipo silábico, ela aponta a sílaba CVC, travada por fricativa (*c[u]stela*), como favorecedora e afirma: “Observo, ainda, que as fricativas seguintes ([+contínuo]) favorecem.” (VIEGAS, 1987, p. 101).

A autora acrescenta:

E ainda: o travamento por fricativa tem um comportamento diferente do travamento por nasal, no caso de (o). Isto deve ser considerado, para, neste caso, podermos atribuir o favorecimento ao modo da consoante seguinte (pois a fricativa favorece sempre, independente de estar na mesma sílaba ou não). (VIEGAS, 1987, p. 103).

7.3.2.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Podemos observar os itens a seguir:

Modo seguinte: fricativas		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
acostuma 3[u]	almoçava 1[u]	costume/ costumes 6[u]
aproveitam 1[u]	chovendo 3[u]	dormia/dormir/dormindo 6[u]
corrida 1[u]	corria 2[u]	governo 5[u]
cortina 3[u]	corrido 1[u]	josé 8[u]
costuma/cotumam/costumo 4[u]	dormi/dormir/dormindo 10[u]	sofrida 1[u]
costume 3[u]	impossível 2[u]	sossego 1[u]
gordura 1[u]	mochila 1[u]	tostão 1[u]
governo 4[u]	morrido 3[u]	
possível 4[u]	possíveis/possível 5[u]	
sofrida 1[u]	sofrido 1[u]	
sossego 1[u]		
Total: 26[u]	Total: 29[u]	Total: 28[u]

Como as três cidades apresentaram mais de 1 item no fator *fricativas*, consideraremos este fator favorecedor.

As fricativas na regressão se apresentaram como favorecedoras do alçamento e ocorreram em vários itens, mas observaremos na **Seção 7.4.2** que elas também serão favorecedoras da abertura, em Piranga e Machacalis.

Muitos itens listados apresentaram uma consoante labial ou a velar [k] como segmento precedente, fatores esses considerados favorecedores do alçamento de (o) na literatura. Ressaltamos ainda que pode haver atuação lexical.

7.3.2.3 Análise dos segmentos

Analizamos também o segmento e observamos que apenas alguns segmentos apareceram na lista dos itens. Em Ouro Branco temos os seguintes: [s], [v], [h], [f]. Em Piranga: [s], [v], [h], [f], [ʃ] e em Machacalis: [s], [v], [h], [f], [z]. O único segmento que não apareceu em nenhuma das três cidades foi [ʒ].

7.3.2.4 Análise dos fatores desfavorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores que desfavorecem o alçamento de (o):

Tabela 51: Fatores desfavorecedores do alçamento de (o), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	tepe e laterais	9/54	16,7	0,048	0,34	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
	nasais	24/122	19,7	0,033	0,37										

O alçamento é desfavorecido por nasais, tepe e laterais seguintes em Ouro Branco.

7.3.2.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejam os itens:

Ouro Branco	
Modo seguinte: tepe e laterais	Modo seguinte: nasais
bolívia 1[o]	acompanho 1[o]
bolsista 1[o]	aconteça/ acontece 16[o]
colega/ colegas 8[o]	automóveis 1[o]
colégio 15[o]	começa/começam 5[o]
coleira 2[o]	comércio 1[o]
colheita 2[o]	comigo 18[o]
florestas 1[o]	complexa/ complexo 2[o]
folclore 3[o]	compramos 1[o]
melhoria/ melhorias 2[o]	conceito 8[o]
morando 2[o]	concordo 1[o]
namorando/namorei 2[o]	cond[o]mínio 1[o]
políticos 1[o]	confunde 1[o]
resolvesse 1[o]	conhece/conheço 13[o]
soltando 2[o]	consegue/conseguem 2[o]
voltando 2[o]	consiga/consigo 5[o]
	contando 2[o]
	controle 1[o]
	conversa/converso 9[o]
	garçonete 1[o]
	harmonia 1[o]
	loc[o]movem 1[o]
	montando 1[o]
	montanha 1[o]
	preconceito 1[o]
	promessa 1[o]
	tomando 3[o]
Total: 45[o]	Total: 98[o]

Os itens mostram que nasais, tepe e laterais seguintes desfavorecem o alçamento em Ouro Branco, pois há vários itens com esses fatores em que ocorre apenas a manutenção. Portanto, não podemos atribuir o desfavorecimento ao item lexical.

7.3.2.6 Análise dos segmentos

Ao observar o segmento, notamos que o tepe e as laterais [l], [ʎ] constam na lista dos itens e devem ser considerados desfavorecedores do alçamento em Ouro Branco.

Em relação às nasais, todas elas [m], [n], [ɲ] ocorrem na lista dos itens em Ouro Branco e devem ser consideradas desfavorecedoras nesta cidade.

7.3.2.7 Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 52: Fatores sem significância para o alçamento de (o), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	oclusivas	19/61	31,1	0,844	0,51	oclusivas	8/24	33,3	0,091	0,30	oclusivas	5/29	17,2	0,837	0,47
						tepe e laterais	7/38	18,4	0,068	0,28	tepe e laterais	5/38	13,2	0,278	0,36
						nasais	23/128	18,0	0,055	0,33	nasais	40/147	27,2	0,481	0,44

Lembramos que o fator *modo do segmento precedente* não foi inserido na regressão, mas como explicado na **Seção 7.1.6**, o tepe e as laterais precedentes apresentaram manutenção categórica em Machacalis, dessa forma, os itens que apresentaram esses segmentos precedentes não entraram na regressão nessa cidade.

7.3.3 Classe gramatical

7.3.3.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de (o) em relação à variável *classe gramatical*.

Tabela 53: Fatores favorecedores do alçamento de (o), em relação à classe gramatical

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Classe gramatical	O programa não considerou este grupo de fator significativo					não verbos	43/136	31,6	0,001	0,68	não verbos	53/144	36,8	0,001	0,66

Os não verbos favorecem o alçamento de (o) em Piranga e Machacalis.

Já Freitas (2001), Viana (2008) e Tondineli (2010) apontam os verbos como favorecedores do alçamento de (o). Carvalho (2010) aponta os não nomes (conjunção, preposição, numeral e pronome, advérbio, verbo) como favorecedores.

7.3.3.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Podemos observar os itens a seguir:

Classe gramatical: não verbos	
Piranga	Machacalis
bobiça 1[u]	coberta 1[u]
boneca 3[u]	comida 3[u]
bonita/bonito 3[u]	comigo 6[u]
coberta 1[u]	compadre 4[u]
comida 2[u]	costume/costumes 6[u]
corrido 1[u]	domingo/domingos 10[u]
coruja 1[u]	governo 5[u]
diretoria 1[u]	josé 8[u]
domingo 8[u]	moderna 1[u]
escondido 2[u]	moleque 1[u]
gasolina 3[u]	polícia 1[u]
impossível 2[u]	sobrinha/sobrinhos 2[u]
mochila 1[u]	sofrida 1[u]
moleque 1[u]	sossego 1[u]
morrido 3[u]	tostão 1[u]
motivo 1[u]	vistoria 2[u]
possível/possíveis 5[u]	
sobrinha/sobrinho 3[u]	
sofrido 1[u]	
Total: 43[u]	Total: 53[u]

Os *não verbos* são favorecedores do alçamento em Piranga e Machacalis, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

7.3.3.3 Análise dos fatores do grupo de fator *não verbos*

Conforme explicado na codificação, temos as seguintes classes em não verbos: adjetivo, advérbio, conectivo, pronome, numeral, interjeição, substantivos. No itens listados, aparecem as seguintes classes: adjetivos, substantivos e pronome (*comigo*). Portanto, os nomes serão considerados favorecedores do alçamento em Piranga e Machacalis.

7.3.3.4 Análise dos fatores desfavorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores que desfavorecem o alçamento de (o):

Tabela 54: Fatores desfavorecedores do alçamento de (o), em relação à classe gramatical

Variável independente	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Classe gramatical	O programa não considerou este grupo de fator significativo	verbos	24/104	23,1	0,001	0,32	verbos	24/146	16,4	0,001	0,34

Os verbos se mostraram desfavorecedores do alçamento em Piranga e Machacalis.

7.3.3.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Classe gramatical: verbos	
Piranga	Machacalis
aconteça/ acontece/ acontecem 25[o]	acolheu 1[o]
apontou 1[o]	acontece 10[o]
compensa 1[o]	cobrar/cobrei/cobrou 4[o]
comprava 2[o]	colhendo/colher 2[o]
comungam/comungo 3[o]	comenta 1[o]
concordo 4[o]	complica 1[o]
conc[o]rrendo 1[o]	compramos/comprar 6[o]
confesso 1[o]	confunde 2[o]
conhece/conheço 2[o]	congrego 1[o]
consegue/conseguem 11[o]	consegue/consigo 7[o]
consiga/ consigo 8[o]	converte 2[o]
consomem 1[o]	convida 1[o]
contaram/contavam 3[o]	correndo/correr/correu 6[o]
contenta 1[o]	foquei 1[o]
conversa 1[o]	formar/formou 3[o]
copiam 1[o]	gostava/gostou 5[o]
corrige 1[o]	gozando 1[o]
encontraram 1[o]	jogando/jogar 5[o]
formei 1[o]	moramos/morando 3[o]
informaram 1[o]	morrer/morreram/morreu 15[o]
morreu/morria 2[o]	mostrou 1[o]
procura/procuro 3[o]	sobrava 1[o]
removeram 1[o]	sofreu 1[o]
torcendo 1[o]	soltando 1[o]
voltaram/voltasse/voltava 3[o]	sonhando 1[o]
	suponhamos 11[o]
	suportar 2[o]
	tocando/tocava 4[o]
	tomando/tomar/tomou 9[o]
	tornando/tornou 3[o]
	voltando/voltar/voltei 8[o]
	votamos/votou 3[o]
Total: 80[o]	Total: 122[o]

O fator *verbos* é desfavorecedor do alçamento em Piranga e Machacalis, pois há vários itens em que eles ocorrem.

7.3.4 Distância do início da palavra

7.3.4.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do acentamento de (o) em relação à variável *distância do início da palavra*.

Tabela 55: Fatores favorecedores do acentamento de (o), em relação à distância do início da palavra

Variável independente	Ouro Branco	Piranga				Machacalis	
		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R	
Distância do início da palavra	O programa não considerou este grupo de fator significativo	1ª sílaba	55/169	32,5	0,013	0,66	O programa não considerou este grupo de fator significativo

A 1ª sílaba favorece o acentamento de (o) em Piranga.

Felice (2012) também mostra o favorecimento do acentamento pela sílaba inicial (Exemplos: c[u]meço, f[u]lia).

Segundo Viegas (1987, p. 95), o grupo de fator *distância do início da palavra* parece não ser relevante para o acentamento de (o), ao analisar a posição distância 1 x distância 2. “De qualquer forma, tais distâncias favorecem mais o acentamento se as compararmos com posições mais distantes do início da palavra, que o inibem (...)”.

Viegas (1987, p. 96) acrescenta: “Diferentemente do que diziam COUTINHO (1976) e CÂMARA JR. (1976) se a vogal média estiver em sílaba inicial não mostra sinal de resistência com relação ao acentamento, desde que a vogal média não esteja em posição inicial na palavra.”

7.3.4.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejam os itens:

Distância do início da palavra: 1ª sílaba
Piranga
bobiça 1[u]
boneca 3[u]
bonita/bonito 3[u]
chovendo 3[u]
coberta 1[u]
comida 2[u]
conhece/conheço 3[u]
conversa/converso 2[u]
corria 2[u]
corrido 1[u]
coruja 1[u]
domingo 8[u]
dormi/dormir/dormindo 10[u]

mochila 1[u]
moleque 1[u]
morrido 3[u]
motivo 1[u]
possível/possíveis 5[u]
sobrinha/sobrinho 3[u]
sofrido 1[u]
Total: 55[u]

A 1ª sílaba é favorecedora do alçamento em Piranga, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

7.3.4.3 Análise dos fatores desfavorecedores

Tabela 56: Fatores desfavorecedores do alçamento de (o), em relação à distância do início da palavra

Variável independente	Ouro Branco	Piranga					Machacalis
		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R	
Distância do início da palavra	O programa não considerou este grupo de fator significativo	2ª sílaba ou mais	12/71	16,9	0,013	0,34	O programa não considerou este grupo de fator significativo

O fator *2ª sílaba ou mais* desfavorece o alçamento de (o) em Piranga.

7.3.4.4 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejam os itens:

Distância do início da palavra: 2ª sílaba ou mais
Piranga
abobada 1[o]
aconteça/acontece/acontecem 25[o]
apontou 1[o]
arrombada 1[o]
auton[o]mia 1[o]
categoria 1[o]
compr[o]misso 1[o]
conc[o]rrência/conc[o]rrente 3[o]
conc[o]rrendo 1[o]
demolido 1[o]
demoroso 1[o]
desenvolvida 1[o]
desordeiro 1[o]
diretoria 3[o]
encontraram 1[o]
envolvida 1[o]
informaram 1[o]
melhoria 1[o]
mot[o]rista 2[o]
plantonista 2[o]
profess[o]rado 4[o]
redondeza 1[o]
removeram 1[o]

torn[o]zelo 2[o]
vergonhoso 1[o]
Total: 59[o]

O fator 2ª sílaba ou mais é desfavorecedor do alçamento em Piranga, pois há vários itens em que ele ocorre.⁷⁶

7.3.4.5 Análise da distância do início da palavra – 2ª sílaba ou mais

Nos itens listados, aparecem a 2ª sílaba e a 3ª sílaba. Portanto, essas sílabas são consideradas desfavorecedoras do alçamento em Piranga.

7.3.5 Fatores sociais

Conforme mostrado no **Quadro 32**, apenas em Piranga, houve interação entre os fatores sociais. Nas tabelas a seguir, apresentamos os resultados do alçamento de (o) em relação aos fatores sociais.

Tabela 57: Resultados do alçamento de (o), em relação aos fatores sociais

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Variável independente			
Faixa etária	O programa não considerou estes grupos de fatores significativos	Houve interação entre os fatores sociais	O programa não considerou estes grupos de fatores significativos
Gênero/sexo			

Tabela 58: Resultados do alçamento de (o), em relação à interação dos fatores sociais em Piranga

Variável independente	Piranga				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Agrupamento social Gênero/sexo*faixa etária	masculino/jovem	23/65	35,4	0,006	0,73
	masculino/adulto	16/60	26,7	0,26	0,39
	feminino/jovem	12/52	23,1	0,141	0,37
	feminino/adulto	16/63	25,4	0,906	0,49

⁷⁶ Pode estar havendo também influência da formação da palavra, o que será tratado em estudos posteriores.

Em Piranga, os homens jovens favorecem o alçamento de (o). Os outros fatores não apresentaram significância.

Vários estudos mostraram que os fatores sociais gênero e faixa etária não foram significativos: Viegas (1987), Freitas (2001), Viana (2008), Graebin (2008), Tondineli (2010), Bisinotto (2011).

Bisol (1981) mostrou que os mais jovens tendem a usar menos a regra de alçamento. Yacovenco (1993) apontou o favorecimento dos homens. Felice (2012) mostrou que em sua pesquisa o gênero não foi selecionado como relevante e que os falantes com 50 anos ou mais favorecem o alçamento de (o). Podemos ver que os fatores sociais quando significativos, apresentaram resultados diferentes.

7.3.6 Conclusão da regressão – alçamento de (o)

Após a análise de todos os fatores favorecedores, desfavorecedores e com realização categórica, nas três cidades, podemos concluir o seguinte em relação ao alçamento de (o):

- a) as três cidades em relação à vogal tônica, apresentaram as vogais altas como favorecedoras do alçamento;
- b) em relação ao modo seguinte, as fricativas [s], [v], [h], [f] são favorecedoras do alçamento nas três cidades. Piranga ainda apresenta a fricativa [ʃ] como favorecedora e Machacalis a fricativa [z]. Assim, podemos dizer que, de modo geral, as consoantes com traços [-soante +contínuo] favorecem o alçamento de (o);
- c) houve indícios de atuação do modo precedente;
- d) houve indícios de atuação lexical;
- e) em relação à classe gramatical, os nomes favorecem o alçamento em Piranga e Machacalis;
- f) em relação à distância do início da palavra, a 1ª sílaba favorece o alçamento em Piranga, podendo haver influência de outros fatores;
- g) em relação aos fatores sociais, os homens jovens favorecem o alçamento em Piranga.

Quadro 35: Resumo dos fatores favorecedores do alçamento de (o) nas três cidades

ALÇAMENTO de (o)	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[i], [u], [ĩ], [ũ] p[u]lítica, g[u]rdura	[i], [u], [ĩ], [ũ] d[u]mingo, b[u]nito	[i], [u], [ĩ], [ũ] c[u]stume, c[u]mida
Modo seguinte	fricativas [s], [v], [h], [f] apr[u]veitam	fricativas [s], [v], [h], [f], [ʃ] alm[u]çava	fricativas [s], [v], [h], [f], [z] g[u]verno
Classe gramatical	NS ⁷⁷	nomes – gas[u]lina	nomes – c[u]mpadre
Distância do início da palavra	NS	1ª sílaba – p[u]ssível	NS
Gênero/sexo	NS	masculino/jovens	NS
Faixa etária	NS		NS

O processo de alçamento da vogal média pretônica posterior, nas três cidades aqui estudadas, se dá principalmente por meio da assimilação regressiva do traço [-aberto2] da vogal da sílaba tônica – harmonização vocálica.

Apresentaremos aqui o **Quadro 14**, com os fatores favorecedores do alçamento de (e), para fazermos uma comparação dos resultados:

Quadro 14: Resumo dos fatores favorecedores do alçamento de (e) nas três cidades

ALÇAMENTO	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[i], [u], [ĩ], [ũ] b[i]bida d[i]stino	[i], [u], [ĩ], [ũ] s[i]gura p[i]dindo	[i], [u], [ĩ], [ũ] v[i]stido n[i]nhum
Modo seguinte	nasais [m], [n], [ɲ] - s[i]nhor oclusivas [b], [t], [d], [g] m[i]dida	oclusivas [b], [d], [g] s[i]guida	nasais - [n], [ɲ] s[i]ntido
Classe gramatical	verbos – acr[i]dita	NS ⁷⁸	verbos – qu[i]ria
Distância do início da palavra	1ª sílaba – p[i]rdida	NS	1ª sílaba – s[i]rvia
Gênero/sexo	NS	NS	feminino/adulto
Faixa etária	jovens	NS	

O alçamento de (e) e (o) têm em comum o favorecimento das vogais altas na sílaba tônica. O restante dos fatores favorecedores não são coincidentes, o que reforça ainda mais a importância da vogal tônica.

⁷⁷ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico.

⁷⁸ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico.

7.4 Análise da abertura de (o).

Podemos observar no quadro a seguir as variáveis consideradas significativas pelo SPSS.

Quadro 36: Variáveis apontadas pelo SPSS como significativas para a abertura de (o) em cada cidade

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica
-----	Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte
-----	-----	-----
-----	-----	Distância do início da palavra
Paradigma	-----	-----
Houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária	-----	Gênero/sexo
	-----	-----
	Não houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária	Não houve interação entre os fatores sociais gênero/sexo e faixa etária

O grupo de fator *vogal da sílaba tônica* é significativo nas três cidades; portanto, esse grupo de fator tem um poder maior de explicação para a abertura.

7.4.1 Vogal da sílaba tônica

7.4.1.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores da abertura de (o) em relação à variável *vogal da sílaba tônica*:

Tabela 59: Fatores favorecedores da abertura de (o), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[ɛ], [ɔ]	13/57	22,8	<0,001	0,89	[a]	71/82	86,6	<0,001	0,82	[ɛ], [ɔ]	27/31	87,1	<0,001	0,90
	[a]	27/82	32,9	<0,001	0,81	[ɛ], [ɔ]	33/38	86,8	0,005	0,79	[ẽ], [õ]	26/45	57,8	0,006	0,73
											[a]	48/82	58,5	0,006	0,68

A vogal [a] e as vogais [ɛ], [ɔ] favorecem a abertura nas três cidades. Em Machacalis há também o favorecimento de [ẽ], [õ].

Nos estudos sobre as vogais médias pretônicas, foram observadas as seguintes vogais como favorecedoras da abertura de (o):

Mota (1979): [+bx].

Silva (1989): [a, ɛ, ɔ, u, i] e [ã, õ, ẽ, ĩ, û], ou seja, todos os contextos diferentes de [e], [o].

Castro (1990): vogal [+bx] e [-alt + nas] na sílaba seguinte.

Yacovenco (1993), Freitas (2001) e Célia (2004): [ɛ], [ɔ], [a] na sílaba seguinte.

Graebin (2008): [ɛ], [ɔ], [a], [ẽ], [ã] na sílaba seguinte.

Viana (2008): vogais tônicas [ɛ], [ɔ] e vogais tônicas nasais.

Silva (2009): [ɛ], [ɔ], [a] na sílaba seguinte.

Tondineli (2010): [ɔ], [o], [u], [i] [e], [ɛ], na sílaba seguinte

7.4.1.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Podemos observar os itens a seguir:

Vogal tônica [ẽ], [õ]	
Machacalis	
momento/momentos	8[ɔ]
noventa	6[ɔ]
problema	12[ɔ]
Total:	26[ɔ]

Vogal tônica [ɛ], [ɔ]		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
colega 3[ɔ]	bloquetes 1[ɔ]	bloquete 4[ɔ]
colégio 1[ɔ]	coloca 1[ɔ]	colega/colegas 4[ɔ]
coloca 4[ɔ]	comércio 1[ɔ]	colégio 1[ɔ]
comédia 2[ɔ]	garçonetes 2[ɔ]	coloca 4[ɔ]
novela 1[ɔ]	horr[ɔ]rosa 3[ɔ]	comédia 2[ɔ]
promete 1[ɔ]	modernas/moderno 3[ɔ]	novela/novelas 5[ɔ]
xororó 1[ɔ]	nordeste 1[ɔ]	processo 4[ɔ]
	novela 4[ɔ]	progresso 1[ɔ]
	processo/processos 6[ɔ]	promessas 1[ɔ]
	projeto 9[ɔ]	psicológico 1[ɔ]
	protege 2[ɔ]	
Total: 13[ɔ]	Total: 33[ɔ]	Total: 27[ɔ]

Vogal tônica [a]		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
acordava 1[ɔ]	abandonada 1[ɔ]	bordados 1[ɔ]
chocada 1[ɔ]	abobado 2[ɔ]	botar 1[ɔ]
chorava 3[ɔ]	acordava 1[ɔ]	chocaram 2[ɔ]
coragem 1[ɔ]	adorava 2[ɔ]	chorar 1[ɔ]
cortado 1[ɔ]	advogados 1[ɔ]	cobravam 1[ɔ]
cortaram 1[ɔ]	apaixonado 1[ɔ]	forçado 2[ɔ]
encostados 1[ɔ]	bobagem 1[ɔ]	formado 1[ɔ]
esforçados 1[ɔ]	botaram 1[ɔ]	formaram 1[ɔ]
formado 1[ɔ]	col[ɔ]cada 1[ɔ]	gostava 4[ɔ]
gostava 2[ɔ]	col[ɔ]caram/col[ɔ]cava 8[ɔ]	isolado 1[ɔ]
insuportável 2[ɔ]	comarca 7[ɔ]	jogava 1[ɔ]
lotada 1[ɔ]	coragem 2[ɔ]	jornal 1[ɔ]
melhorasse 1[ɔ]	cortada 1[ɔ]	morar/moravam/morava 11[ɔ]
morava/moravam 5[ɔ]	empacotava 1[ɔ]	mostrar/mostrava 2[ɔ]
namorado 3[ɔ]	encostada/encostado 2[ɔ]	normal 3[ɔ]
rosário 1[ɔ]	encostava 1[ɔ]	pastoral 1[ɔ]
tomara 1[ɔ]	formada 1[ɔ]	tocar/tocavam 2[ɔ]
	formato 1[ɔ]	tomar/tomava 2[ɔ]
	gostava 6[ɔ]	topázio 1[ɔ]
	informado 1[ɔ]	tornar 1[ɔ]
	informática 3[ɔ]	trocar/trocavam 3[ɔ]

	isolado 1[ɔ]	voltada 1[ɔ]
	lotado 4[ɔ]	voltar/voltava 2[ɔ]
	molhava 2[ɔ]	votado 2[ɔ]
	morava/moravam 2[ɔ]	
	namorada 1[ɔ]	
	namorava 2[ɔ]	
	reformaram 1[ɔ]	
	reportagem 3[ɔ]	
	sobrasse 2[ɔ]	
	socava 1[ɔ]	
	tomado 1[ɔ]	
	tomara 4[ɔ]	
	voltada 1[ɔ]	
	votaram 1[ɔ]	
Total: 27[ɔ]	Total: 71[ɔ]	Total: 48[ɔ]

Ao analisar os itens lexicais, confirmamos a descrição da atuação do fator vogais tônicas em Ouro Branco, Piranga e Machacalis, pois observamos que não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

7.4.1.3 Análise dos segmentos

Ao observar os segmentos, constatamos que os segmentos [a], [ɛ], [ɔ], ocorrem nos itens listados, em Ouro Branco, Piranga e Machacalis; portanto, eles são favorecedores da abertura.

Ao observar os segmentos [ẽ], [õ], constatamos que apenas [ẽ] ocorre nos itens listados, em Machacalis; portanto, apenas esse segmento será considerado favorecedor da abertura.

7.4.1.4 Análise dos fatores desfavorecedores

Como vimos no **Quadro 31**, após o cruzamento entre a variável dependente e a variável independente **vogal da sílaba tônica**, algumas vogais tônicas foram retiradas em Ouro Branco e Piranga, pois houve manutenção categórica na variável dependente. São elas:

Quadro 37: Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente – abertura de (o)

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[e], [o]	[e], [o]	-----

Além dessas vogais, os resultados das rodadas apresentaram outras mais como desfavorecedoras, como podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 60: Fatores desfavorecedores da abertura de (o), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	-----	-----	----	----	----	[i], [u], [ĩ], [ũ]	1/29	3,4	<0,001	0,02	[i], [u], [ĩ], [ũ]	3/17	17,6	0,048	0,24
											[e], [o]	4/60	6,7	<0,001	0,06

Os fatores [i], [u], [ĩ], [ũ] mostraram-se desfavorecedores da abertura em Piranga e Machacalis. [e], [o] apresentaram manutenção categórica da variável dependente em Piranga e Ouro Branco e foram desfavorecedoras da abertura em Machacalis.

7.4.1.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejamos os itens:

Vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ]	
Piranga	Machacalis
auton[o]mia 1[o]	aproximam 1[o]
categoria 1[o]	comício 1[o]
coluna 1[o]	corrupta 1[o]
compr[o]misso 1[o]	disponível 1[o]
comungam/comungo 3[o]	noturno 1[o]
copiam 1[o]	procura 5[o]
corrige 1[o]	produtos 3[o]
demolido 1[o]	sofrida 1[o]
desenvolvida 1[o]	
diretoria 3[o]	
envolvida 1[o]	
melhoria 1[o]	
morria 1[o]	
motivo 1[o]	
mot[o]rista 2[o]	
plantonista 2[o]	
procura/procuro 4[o]	
produto 1[o]	
rotina 1[o]	
Total: 28[o]	Total: 14[o]

Machacalis
Vogal tônica [e], [o]
acolheu 1[o]
cobrei/cobrou 2[o]
colher 1[o]
col[o]quei 1[o]
conosco 1[o]
correios 1[o]
correr/correu 4[o]
foquei 1[o]
formou 1[o]
gostoso 3[o]
gostou 1[o]
governo 2[o]
morrer/morreram/morreu 15[o]
mostrou 1[o]

patroleiro 1[o]
pobreza 1[o]
porteiro 1[o]
sacoleira 3[o]
socorro 3[o]
sofreu 1[o]
solteira 2[o]
tomou 2[o]
tornou 2[o]
torresmo 1[o]
voltei 3[o]
votou 1[o]
Total: 56[o]

Ao analisar os itens lexicais, confirmamos o desfavorecimento da abertura pelas vogais [i], [u], [ĩ], [ũ] em Piranga e Machacalis e pelas vogais [e], [o] em Machacalis, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

7.4.1.6 Análise dos segmentos

Ao observar o segmento, constatamos que o segmento [ĩ] não ocorre em Piranga e que o segmento [ũ] não ocorre em Machacalis. Portanto, os segmentos desfavorecedores da abertura em Piranga são: [i], [u], [ũ] e em Machacalis são: [i], [u], [ĩ].

Os segmentos [e], [o] ocorrem nos itens listados em Machacalis, portanto, eles são desfavorecedores da abertura nesta cidade.

7.4.1.7 Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 61: Fatores sem significância para a abertura de (o), em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[ã]	2/36	5,6	0,10	0,24	[ã]	18/27	66,7	0,728	0,54	[ã]	22/62	35,5	0,731	0,47
	[ê], [ô]	3/62	4,8	0,09	0,27	[ê], [ô]	34/41	82,9	0,079	0,68					
	[i],[u], [ĩ],[ũ]	1/50	2,0	0,105	0,20										

Quadro 38: Fatores favorecedores, com realização categórica da manutenção, desfavorecedores e sem significância para a abertura de (o) em relação à vogal da sílaba tônica nas três cidades

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Fatores favorecedores da abertura	[ε], [ɔ], [a]	[ε], [ɔ], [a]	[ε], [ɔ], [a], [ê]
Realização categórica da manutenção	[e], [o]	[e], [o]	-----
Fatores desfavorecedores da abertura	-----	[i], [u], [ũ]	[i], [u], [ĩ], [e], [o]
Fatores sem significância	[ã], [ê], [ô], [i], [u], [ĩ],[ũ]	[ã], [ê], [ô]	[ã]

Em Ouro Branco e Piranga, podemos falar em harmonia do traço [+aberto3], desencadeada pelas vogais orais [a], [ɛ], [ɔ] seguintes. Já em Machacalis, há algo além disso, uma vez que há o favorecimento de [ẽ] seguinte.

Para a variável (e), como vimos anteriormente, também não foi possível propor uma regra de harmonia vocálica em Machacalis.

7.4.2 Modo do segmento seguinte

7.4.2.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores da abertura de (o) em relação à variável *modo do segmento seguinte*.

Tabela 62: Fatores favorecedores da abertura de (o), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	O programa não considerou este grupo de fator significativo	fricativas	67/77	87,0	0,042	0,67	fricativas	47/99	47,5	0,001	0,70

As fricativas são favorecedoras da abertura de (o) em Piranga e Machacalis.

Viana (2008) e Tondineli (2010) mostraram que as fricativas são favorecedoras do abaixamento de (o).

Mota (1979) e Freitas (2001) apontaram a glotal [h], Graebin (2008) apontou a glotal [h] e a coda em /R/ como favorecedoras do abaixamento de (o). Essas consoantes estão incluídas no grupo de fator a que denominamos *fricativas*.

Célia (2004) mostrou o favorecimento do abaixamento pelas alveolares, palatais e labiodentais. Temos as labiodentais [f],[v], temos duas alveolares [s],[z] e temos duas palatais [ʃ], [ʒ] no grupo de fator *fricativas*.

Yacovenco (1993) apontou o favorecimento do fator palatais, temos duas delas [ʃ], [ʒ] no grupo de fator fricativas.

Silva (2009) apontou as velares [k], [g], [h] como favorecedoras. Temos a velar [h] no grupo de fator fricativas.

7.4.2.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejamos os itens:

Modo seguinte: Fricativas	
Piranga	Machacalis
acordando/acordava 2[ç]	bordados 1[ç]
bordando 1[ç]	correr 1[ç]
correndo 2[ç]	forçado 2[ç]
cortada 1[ç]	formado 1[ç]
cortando 3[ç]	formamos/formando/formaram 5[ç]
encostada/encostado 2[ç]	gostamos/gostando/gostava 9[ç]
encostava 1[ç]	importância/importantes 2[ç]
formada 1[ç]	jornal 1[ç]
formando 2[ç]	morreu 2[ç]
formato 1[ç]	mostrando/mostrar/mostrava 3[ç]
gostava 6[ç]	normal 3[ç]
informado 1[ç]	novela/novelas 5[ç]
informática 3[ç]	noventa 6[ç]
inocência 2[ç]	processo 4[ç]
inocente/inocentes 4[ç]	prosando 1[ç]
morrendo 5[ç]	tornar 1[ç]
nordeste 1[ç]	
novela 4[ç]	
novembro 2[ç]	
noventa 2[ç]	
processo/processos 6[ç]	
projeto 9[ç]	
reformando/reformaram 2[ç]	
reportagem 3[ç]	
sofrendo 1[ç]	
Total: 67[ç]	Total: 47[ç]

Como há vários itens em cada cidade, consideraremos este fator favorecedor da abertura.

Como explicamos na análise do alçamento de (o) (**Seção 7.3.2**), as fricativas seguintes na regressão se apresentaram como favorecedoras do alçamento também. Ressaltamos que nos parece estranho o mesmo fator favorecer o alçamento e a abertura ao mesmo tempo. Então, pode estar havendo uma atuação lexical ou pode ser influência das consoantes precedentes.

7.4.2.3 Análise dos segmentos

Analizamos o segmento e constatamos que as fricativas [s], [v], [h], [f], [ʒ] ocorrem em Piranga e as fricativas [s], [v], [h], [z] ocorrem em Machacalis.

7.4.2.4 Análise dos fatores desfavorecedores

A tabela a seguir apresenta os fatores desfavorecedores.

Tabela 63: Fatores desfavorecedores da abertura de (o), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	O programa não considerou este grupo de fator significativo	tepe e laterais	22/43	51,2	0,025	0,30	nasais	16/53	30,2	0,014	0,32

Tepe e laterais desfavorecem a abertura em Piranga e as nasais desfavorecem em Machacalis.

7.4.2.5 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Piranga	Machacalis
Modo seguinte: tepe e laterais	Modo seguinte: nasais
categoria 1[o]	bonança 1[o]
colégio 1[o]	comarca 1[o]
coluna 1[o]	comenta 1[o]
coragem 1[o]	comício 1[o]
demolido 1[o]	conosco 1[o]
desenvolvida 1[o]	disponível 1[o]
diretoria 3[o]	momento/momentos 8[o]
envolvida 1[o]	promessa 1[o]
melhoria 1[o]	sonhando 1[o]
mot[o]rista 2[o]	suponhamos 11[o]
namorando 1[o]	tomando/tomar 7[o]
profess[o]rado 4[o]	tomara 1[o]
voltaram/voltasse/voltava 3[o]	tomou 2[o]
Total: 21[o]	Total: 37[o]

Confirmamos o desfavorecimento da abertura por tepe e laterais seguintes em Piranga e pelas nasais seguintes em Machacalis, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

7.4.2.6 Análise dos segmentos

Ao observar o segmento, notamos que o tepe e as laterais [l], [λ] constam na lista dos itens e devem ser considerados desfavorecedores da abertura em Piranga.

Em relação às nasais, constatamos que todas elas [m], [n], [ɲ] ocorreram na lista dos itens. Portanto, são desfavorecedoras da abertura em Machacalis.

7.4.2.7 Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 64: Fatores sem significância para a abertura de (o), em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	O programa não considerou este grupo de fator significativo	oclusivas	42/55	76,4	0,165	0,63	oclusivas	37/79	46,8	0,973	0,50
		nasais	26/42	61,9	0,248	0,40	tepe e laterais	30/66	45,5	0,703	0,47

7.4.3 Classe gramatical

7.4.3.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os resultados da abertura de (o) em relação à variável *classe gramatical*.

Tabela 65: Resultado da abertura de (o), em relação à classe gramatical

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Classe gramatical	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo

O grupo de fator classe gramatical não foi considerado significativo em nenhuma das três cidades.

7.4.4 Distância do início da palavra

7.4.4.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores da abertura de (o) em relação à variável *distância do início da palavra*.

Tabela 66: Fatores favorecedores da abertura de (o), em relação à distância do início da palavra

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Distância do início da palavra	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	1ª sílaba	124/265	46,7	0,029	0,66

A 1ª sílaba favorece a abertura em Machacalis, início de acento inicial.

Tondineli (2010) também apontou a posição inicial como favorecedora do abaixamento de (o) e citou como exemplos: pr[ɔ]jeto, pr[ɔ]cesso

7.3.4.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejam os itens:

Machacalis
Distância do início da palavra: 1ª sílaba
bloquete 4[ç]
boleta 1[ç]
bordados 1[ç]
botar 1[ç]
chocaram 2[ç]
chorar 1[ç]
cobrança 1[ç]
cobrando/cobravam 3[ç]
colega/colegas 4[ç]
colégio 1[ç]
coloca 4[ç]
comédia 2[ç]
correr 1[ç]
forçado 2[ç]
formado 1[ç]
formamos/ formando/ formaram 5[ç]
gostamos/gostando/gostava 9[ç]
jogando/jogava 2[ç]
jornal 1[ç]
momento/momentos 8[ç]
morando/morar/moraram/morava 12[ç]
morreu 2[ç]
mostrando/mostrar/mostrava 3[ç]
normal 3[ç]
novela/novelas 5[ç]
noventa 6[ç]
problema 12[ç]
processo 4[ç]
procura/procuram 2[ç]
programas 1[ç]
progresso 1[ç]
promessas 1[ç]
prosando 1[ç]
romance 2[ç]
tocar/tocavam 2[ç]
tomando/tomar/tomava 3[ç]
topázio 1[ç]
tornar 1[ç]
trocar/trocavam 3[ç]
voltada 1[ç]
voltar/voltava 2[ç]
votado 2[ç]
Total: 124[ç]

A 1ª sílaba é favorecedora da abertura em Machacalis, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

7.4.4.3 Análise dos fatores desfavorecedores

A tabela a seguir apresenta os fatores desfavorecedores.

Tabela 67: Fatores desfavorecedores da abertura de (o), em relação à distância do início da palavra

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Distância do início da palavra	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	2ª sílaba ou mais	5/31	16,1	0,029	0,34

As sílabas não iniciais desfavorecem a abertura de (o) em Machacalis.

7.4.4.4 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejam os itens:

Machacalis
Distância do início da palavra: 2ª sílaba ou mais
acolheu 1[o]
apost[o]lado 2[o]
aproximam 1[o]
col[o]quei 1[o]
disponível 1[o]
importantes 1[o]
namorados 1[o]
pastoral 1[o]
patroleiro 1[o]
sacoleira 3[o]
suponhamos 11[o]
suportar 2[o]
Total: 26[o]

O fator *2ª sílaba ou mais* é desfavorecedor da abertura em Machacalis, pois há vários itens em que ele ocorre.

7.4.4.5 Análise da distância do início da palavra – 2ª sílaba ou mais

Nos itens listados, aparecem a 2ª sílaba e a 3ª sílaba. Portanto, essas sílabas são consideradas desfavorecedoras do alçamento em Machacalis.

7.4.5 Paradigma

7.4.5.1 Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores da abertura de (o) em relação à variável *paradigma*.

Tabela 68: Fatores favorecedores da abertura de (o), em relação ao paradigma

Variável independente	Ouro Branco					Piranga	Machacalis
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.		
Paradigma	Paradigma com vogal aberta	28/113	24,8	0,004	0,70	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo

O fator *paradigma com vogal aberta* é favorecedor da abertura em Ouro Branco.

Freitas (2001) pesquisou o grupo de fator caráter átono da pretônica no paradigma e concluiu que tende ao abaixamento a pretônica relacionada à tônica de altura baixa e também tende ao abaixamento a pretônica relacionada à tônica de altura variável entre média e baixa.

7.4.5.2 Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejamos os itens a seguir:

Paradigma: paradigma com vogal aberta
Ouro Branco
acordava 1[ɔ]
chocada 1[ɔ]
chorava 3[ɔ]
correndo 1[ɔ]
cortado 1[ɔ]
cortando/cortaram 2[ɔ]
esforçados 1[ɔ]
formado 1[ɔ]
fortíssimo 1[ɔ]
gostava 2[ɔ]
insuportável 2[ɔ]
lotada 1[ɔ]
melhorasse 1[ɔ]
morando/morava/moravam 6[ɔ]
namorado 3[ɔ]
novena 1[ɔ]
Total: 28[ɔ]

Ao analisar os itens, confirmamos o favorecimento da abertura pelo fator *paradigma com vogal aberta* em Ouro Branco, pois observamos que não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

7.4.5.3 Análise dos fatores desfavorecedores

A tabela a seguir apresenta os fatores desfavorecedores.

Tabela 69: Fatores desfavorecedores da abertura de (o), em relação ao paradigma

Variável independente	Fatores	Ouro Branco				P.R.	Piranga	Machacalis
		n/nt	%	Sig.				
Paradigma	Paradigma em que não há vogal aberta	18/170	10,6	0,004	0,30	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	

O fator *paradigma em que não há vogal aberta* se mostrou desfavorecedor da abertura em Ouro Branco.

7.4.5.4 Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejam os itens:

Paradigma: Paradigma em que não há vogal aberta
Ouro Branco
abandonada/abandonadas 2[o]
apaixonada 1[o]
aposenta/aposente 2[o]
automóveis 1[o]
bolívia 1[o]
bolsista 1[o]
catalogadas 1[o]
colega/colegas 8[o]
colégio 15[o]
colônia 1[o]
começa/começam 5[o]
comentam 2[o]
comércio 1[o]
comigo 18[o]
conc[o]rdava 2[o]
cond[o]mínio 1[o]
conhece 1[o]
coragem 6[o]
cor[o]nhada 1[o]
democrático 1[o]
diretoria 1[o]
dout[o]rado 1[o]
econ[o]mia 1[o]
econômica/econômico 3[o]
envergonhado 1[o]
filos[o]fia 1[o]
florestas 1[o]
folclore 3[o]
fomento 1[o]
garçone 1[o]
harmonia 1[o]
itacol[o]mi 2[o]
loc[o]movem 1[o]
matemática 1[o]
momento 6[o]

motivo 1[o]
notícias 1[o]
novela 1[o]
patrocínio 1[o]
políticos 1[o]
problema/problemas 19[o]
procura/procuram 9[o]
programa/programas 7[o]
progresso 1[o]
projeto 2[o]
promessa 1[o]
protege 1[o]
provável 1[o]
rogério 1[o]
sabedoria 1[o]
soldado 1[o]
temporário 1[o]
tomando 3[o]
tomava 1[o]
topique 2[o]
Total: 152[o]

O fator *paradigma em que não há vogal aberta* é desfavorecedor da abertura em Ouro Branco, pois observamos que não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

7.4.5.5 Análise do *paradigma em que não há vogal aberta*

Na lista dos itens apareceram paradigma com vogal fechada, não tem paradigma e outros (nome próprio e sigla), portanto, esse fator é desfavorecedor da abertura em Piranga.

7.4.6 Fatores sociais

Na tabela a seguir, apresentamos os resultados da abertura de (o) em relação aos fatores sociais.

Tabela 70: Resultados da abertura de (o), em relação aos fatores sociais

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Gênero/sexo	Houve interação entre os fatores sociais	O programa não considerou estes grupos de fatores significativos	maculino	53/167	31,7	<0,001	0,36
			feminino	77/130	59,2	<0,001	0,64
Faixa etária			O programa não considerou este grupo de fator significativo				

Em Machacalis, as mulheres favorecem a abertura, enquanto os homens a desfavorecem.

Tabela 71: Resultados da abertura de (o), em relação à interação dos fatores sociais em Ouro Branco

Variável independente	Ouro Branco				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Agrupamento social gênero/sexo*faixa etária	masculino/jovem	19/75	25,3	0,012	0,68
	masculino/adulto	5/95	5,3	0,001	0,21
	feminino/jovem	8/66	12,1	0,140	0,37
	feminino/adulto	14/51	27,5	0,002	0,75

Em Ouro Branco, os homens jovens e as mulheres adultas favorecem a abertura. Os homens adultos o desfavorecem.

Graebin (2008) mostrou que os fatores sociais não foram significativos para a abertura de (o).

Célia (2004) mostrou o favorecimento do abaixamento pela faixa etária intermediária (35-55 anos).

Tondineli (2010) apontou os falantes de até 50 anos como favorecedores do abaixamento de (o).

Ao observar os dados, notamos que parecia haver uma relação entre determinados contextos e a faixa etária.

Pesquisamos os indivíduos que realizaram a pretônica [ɔ], quando a vogal tônica era [ẽ], [õ], na cidade de Piranga, pois essas vogais tônicas se mostraram favorecedoras da abertura em Dias (2008) nesta cidade e não comprovamos esse favorecimento evidente nesta tese.

Na análise da variável (e), os resultados indicaram que os jovens favorecem a abertura quando a vogal tônica é [ẽ], [õ], o que pode ser considerado um indício de progressão nesse contexto. Os resultados a seguir indicam que o mesmo não ocorre para a variável (o). A abertura é alta tanto para jovens quanto para adultos e o teste do qui-quadrado indica que não há diferenças significativas entre a abertura de (e) em jovens e adultos quando a vogal da tônica é [ẽ], [õ].

Piranga					
Jovens			Adultos		
BMJP	3[ɔ]	1[o]	LMAP	1[ɔ]	0[o]
CMJP	11[ɔ]	0[o]	RMAP	9[ɔ]	0[o]
GFJP	2[ɔ]	1[o]	SFAP	2[ɔ]	3[o]
LFJP	1[ɔ]	2[o]	DFAP	5[ɔ]	0[o]
Total:	17[ɔ]	4[o]	Total:	17[ɔ]	3[o]
	81,0% de abertura			85,0% de abertura	

Piranga	jovens	adultos	TOTAL
[o]	4	3	7
[ɔ]	17	17	34
TOTAL	21	20	41

p-valor fator 1 e 2	0,7306262270

Inicialmente, a ideia é de que a abertura de (o), em Piranga, não está progredindo no contexto de vogal tônica [ẽ], [õ], mas quando comparado com (e), percebemos que na verdade, o que ocorre é que, provavelmente, já houve a progressão. Podemos ver isso no percentual: para (o) é mais de 80% de abertura tanto para jovens quanto para adultos, ou seja, um percentual alto. Já para (e), o percentual de adultos é baixo (47,5%) e o percentual de jovens é alto (79,1%).

Dessa forma, podemos concluir que no contexto de vogal tônica [ẽ], [õ], em Piranga, a abertura de (e) está em progressão e a abertura de (o), provavelmente, já progrediu.

Fizemos o mesmo para Ouro Branco e os resultados a seguir indicam que a abertura é pequena tanto para jovens quanto para adultos e o teste do qui-quadrado indica que não há diferenças significativas entre a abertura de (o) em jovens e adultos quando a vogal da tônica é [ẽ], [õ] na cidade de Ouro Branco:

Ouro Branco					
Jovens			Adultos		
LMJO	1[ɔ]	3[o]	PMAO	0[ɔ]	17[o]
WMJO	0[ɔ]	6[o]	SMAO	0[ɔ]	9[o]
NFJO	0[ɔ]	7[o]	FFAO	1[ɔ]	5[o]
SFJO	0[ɔ]	4[o]	LFAO	1[ɔ]	8[o]
Total:	1[ɔ]	20[o]	Total:	2[ɔ]	39[o]
	4,8% de abertura			4,9% de abertura	

Ouro Branco	jovens	adultos	TOTAL
[o]	20	39	59
[ɔ]	1	2	3
TOTAL	21	41	62

p-valor fator 1 e 2	0,9839076952

7.4.7 Conclusão da regressão – abertura de (o)

Após a análise de todos os fatores favorecedores, desfavorecedores e com realização categórica, nas três cidades, podemos concluir o seguinte em relação à abertura:

- os processos envolvidos na abertura das vogais posteriores são mais significativos para a distinção dos falares em questão do que o alçamento;
- em relação às vogais tônicas, [a], [ɛ], [ɔ] foram favorecedoras da abertura nas três cidades. Machacalis ainda apresentou a vogal [ẽ] como favorecedora;
- em relação ao modo seguinte, as fricativas [s], [v], [h], [f], [ʒ] foram favorecedoras da abertura em Piranga e as fricativas [s], [v], [h], [z] em Machacalis, ou seja, consoantes seguintes com traço [-soante +contínuo];
- em relação à distância do início da palavra, a 1ª sílaba favorece em Machacalis - favorecimento do acento secundário da sílaba inicial;
- em relação ao paradigma, o paradigma com vogal aberta favorece a abertura em Ouro Branco;
- em relação aos fatores sociais, as mulheres adultas e os homens jovens favorecem a abertura em Ouro Branco e as mulheres favorecem em Machacalis.

Quadro 39: Resumo dos fatores favorecedores da abertura de (o) nas três cidades

ABERTURA de (o)	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[ɛ], [ɔ] - c[ɔ]loca	[a] - g[ɔ]stava	[ɛ], [ɔ] - c[ɔ]lega
	[a] - m[ɔ]rava	[ɛ], [ɔ] - m[ɔ]derno	[ẽ] - pr[ɔ]blema
			[a] - n[ɔ]rma
Modo seguinte	NS ⁷⁹	fricativas [s], [v], [h], [f], [ʒ] pr[ɔ]cesso	fricativas [s], [v], [h], [z] g[ɔ]stamos
Classe gramatical	NS	NS	NS
Distância do início da palavra	NS	NS	1ª sílaba - n[ɔ]vela
Paradigma	paradigma com vogal aberta - ch[ɔ]rava	NS	NS
Fatores sociais	feminino/adulto masculino/jovem	NS	feminino

Em Ouro Branco é possível falar em harmonia vocálica do traço [+aberto3], desencadeada pelas vogais [a], [ɛ], [ɔ] seguintes. Houve favorecimento do paradigma com vogal aberta e não houve influência da posição da sílaba na palavra.

⁷⁹ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico

Em Piranga também é possível falar em harmonia vocálica do traço [+aberto3], favorecida pelas vogais [ɛ], [ɔ], [a] seguintes. Há o favorecimento também das fricativas seguintes.

Machacalis apresentou abertura, com muitos fatores favorecedores. Várias vogais tônicas, algumas fricativas seguintes e 1ª sílaba da palavra. Apresentaremos uma proposta de análise no próximo capítulo.

Apresentaremos aqui o **Quadro 18**, com os fatores favorecedores da abertura de (e), para fazermos uma comparação dos resultados:

Quadro 18: Resumo dos fatores favorecedores da abertura de (e) nas três cidades

ABERTURA	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[a] - p[ɛ]sado	[ɛ], [ɔ] - r[ɛ]cebe	[ɛ], [ɔ] - r[ɛ]médio
	[ɛ], [ɔ] - n[ɛ]gócio	[a] - ch[ɛ]gada	[ẽ], [õ] - d[ɛ]pende
			[a] - t[ɛ]clado
Modo seguinte	NS ⁸⁰	NS	fricativas - [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ] - l[ɛ]varam oclusivas - [p], [b], [t],[k], [g] - p[ɛ]gava
Classe gramatical	nomes - v[ɛ]rdade	NS	NS
Distância do início da palavra	----- ⁸¹	1ª sílaba - pr[ɛ]cária	NS
Paradigma	NS	paradigma com vogal aberta - r[ɛ]zava	NS
Fatores sociais	feminino/adulto	masculino/jovem masculino/adulto	-----

As vogais tônicas favorecedoras da abertura são as mesmas para (o) e para (e).

Em Machacalis, as fricativas [s], [v], [h], [z] favorecem a abertura de (o) e as fricativas [f], [v], [s], [z], [h], [ʃ] favorecem a abertura de (e).

A 1ª sílaba favorece a abertura de (o) em Machacalis e a abertura de (e) em Piranga.

O paradigma com vogal aberta favorece a abertura de (o) em Ouro Branco e a abertura de (e) em Piranga.

As mulheres adultas favorecem a abertura de (o) e de (e) em Ouro Branco. Os homens jovens favorecem a abertura de (o) em Ouro Branco e a abertura de (e) em Piranga.

⁸⁰ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico

⁸¹ -----: indica que não houve nenhum fator favorecedor neste grupo de fator, embora o grupo de fator tenha sido considerado significativo pelo programa estatístico.

7.5 Hierarquização dos grupos de fatores favorecedores⁸²

Fizemos o teste da razão da máxima verossimilhança para hierarquizar as variáveis, assim como foi feito para a variável (e).

Nos quadros a seguir, apresentamos os resultados:

Quadro 40: Hierarquização para alçamento de (o)- diferença entre os valores do teste da razão da máxima verossimilhança

Alçamento		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal da sílaba tônica [i],[u],[ĩ],[ũ]: 55,351	Vogal da sílaba tônica [i],[u],[ĩ],[ũ]: 92,369	Vogal da sílaba tônica [i],[u],[ĩ],[ũ]: 95,879
Modo seguinte (fricativas): 17,156	Modo seguinte (fricativas): 26,952	Classe gramatical (nomes): 11,511
	Gênero/sexo*faixaetária ⁸³ (masculino/jovem): 14,006	Modo seguinte (fricativas): 7,708
	Classe gramatical (nomes): 11,255	
	Distância do início da palavra (1ª sílaba): 6,916	

Em relação ao alçamento de (o), a vogal da sílaba tônica é o grupo de fator mais importante para explicar a variabilidade observada nas três cidades. O modo seguinte é o segundo grupo de fator mais importante em Ouro Branco e Piranga. Em Machacalis, a vogal tônica explica, aproximadamente, 8 vezes mais a variabilidade do que a classe gramatical (a segunda mais importante). Em Piranga e Ouro Branco ela explica, aproximadamente, 3 vezes mais do que o modo seguinte.

Quadro 41: Hierarquização para abertura de (o)- diferença entre os valores do teste da razão da máxima verossimilhança

Abertura		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal da sílaba tônica [ɛ],[ɔ],[a]: 44,635	Vogal da sílaba tônica [a],[ɛ],[ɔ],[a]: 69,758	Vogal da sílaba tônica [ɛ],[ɔ],[ẽ],[a]: 85,146
Gênero/sexo*faixaetária (feminino/adulto e masculino/jovem): 25,435	Modo seguinte (fricativas): 9,521	Gênero/sexo (feminino): 15,189
Paradigma (paradigma com vogal aberta): 9,788		Modo seguinte (fricativas): 13,324
		Distância do início da palavra (1ª sílaba): 5,341

O valor mais alto é para a abertura em Piranga, em que a vogal tônica explica aproximadamente 7 vezes mais a variabilidade do que o modo seguinte (segunda mais

⁸² Baseamo-nos em Oliveira (2012).

⁸³ * indica interação entre os fatores sociais

importante). Em Machacalis ela explica, aproximadamente, 6 vezes mais do que o modo seguinte (segundo grupo de fator linguístico mais importante). E em Ouro Branco a vogal tônica explica, aproximadamente, 5 vezes mais do que o paradigma.

O único grupo de fator favorecedor presente em todas as cidades para (e) e (o) é a vogal tônica e esse é o grupo de fator mais importante para explicar a variabilidade observada nas três cidades tanto para a abertura quanto para o alçamento.

Podemos concluir que os aspectos segmentais (atuação das vogais e das consoantes) são mais importantes do que aspectos acentuais (como acento inicial).

7.6 O item lexical

Faremos a análise do item lexical, assim como foi feito para a variável (e).

7.6.1 Alçamento

Analizamos os itens lexicais para o alçamento e observamos que:

A- houve casos em que a vogal tônica era favorecedora do alçamento e o item não alçou;

B- houve casos em que o alçamento ocorreu em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorreu;

C- houve casos em que o ambiente não era favorecedor do alçamento e o item alçou.

Vamos retomar o **Quadro 35**, que apresenta os fatores favorecedores do alçamento nas três cidades.

Quadro 35: Resumo dos fatores favorecedores do alçamento de (o) nas três cidades

ALÇAMENTO de (o)	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[i], [u], [ĩ], [ũ] p[u]lítica, g[u]rdura	[i], [u], [ĩ], [ũ] d[u]mingo, b[u]nito	[i], [u], [ĩ], [ũ] c[u]stume, c[u]mida
Modo seguinte	fricativas [s], [v], [h], [f] apr[u]veitam	fricativas [s], [v], [h], [f], [ʃ] alm[u]çava	fricativas [s], [v], [h], [f], [z] g[u]verno
Classe gramatical	NS ⁸⁴	nomes – gas[u]lina	nomes – c[u]mpadre
Distância do início da palavra	NS	1ª sílaba – p[u]ssível	NS
Gênero/sexo	NS	masculino/jovens	NS
Faixa etária	NS		NS

⁸⁴ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico.

A- Casos em que a vogal tônica é favorecedora do alçamento e o item não alça:

Quadro 42: Itens em que a vogal tônica é favorecedora do alçamento de (o) e o item não alça

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Os itens abaixo apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ] ou [ũ], e mesmo assim não alçaram.	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ] e mesmo assim não alçaram	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [i], [u], [ũ] e mesmo assim não alçaram
bolívia 1[o]	coluna 1[o]	comício 1[o]
bolsista 1[o]	comungam/comungo 3[o]	complica 1[o]
comigo 18[o]	consiga/consigo 8[o]	confunde 2[o]
confunde 1[o]	consulta 1[o]	consigo 2[o]
consiga/consigo 5[o]	copiam 1[o]	contrito 1[o]
fortíssimo 1[o]	corrige 1[o]	convida 1[o]
morrido 1[o]	procura/procuro 4[o]	corrupta 1[o]
procura/procuram 9[o]	produto 1[o]	noturno 1[o]
topique 2[o]	rotina 1[o]	disponível 1[o]
cond[o]mínio 1[o]	auton[o]mia 1[o]	
harmonia 1[o]	categoria 1[o]	
melhoria/melhorias 2[o]	compr[o]misso 1[o]	
patrocínio 1[o]	demolido 1[o]	
	desenvolvida 1[o]	
	melhoria 1[o]	
	mot[o]rista 2[o]	
	plantonista 2[o]	

Em Ouro Branco, a maioria apresentou algum fator desfavorecedor (tepe seguinte, lateral seguinte ou nasal seguinte), mas restaram alguns itens: *fortíssimo*, *morrido*, *procura/procuram*, *topique*, *patrocínio*.

Em Piranga, os verbos e a 2ª sílaba ou mais são desfavorecedores do alçamento e a maioria dos itens listados apresentaram esses contextos. Mas restaram alguns itens: *coluna*, *consulta*, *produto*, *rotina*.

Em Machacalis, apenas os verbos desfavorecem o alçamento, portanto, em alguns itens listados no quadro anterior, não há contexto que desfavoreça o alçamento. São eles: *comício*, *contrito*, *corrupta*, *noturno*, *disponível*.

Como estamos tratando com variação, não esperamos que o item alce sempre. Mas se há fatores favorecedores, esperamos que alce muitas vezes, principalmente se não há nenhum fator desfavorecedor.

Ao observar esses itens, notamos que vários deles têm apenas 1 ocorrência, portanto, não dá para afirmar, nesses casos, que há atuação do item. Então, separamos os itens que ocorreram só uma vez nas três cidades, vejamos quais restaram:

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Os itens abaixo apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ] ou [ũ], e mesmo assim não alçaram.	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ] e mesmo assim não alçaram	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [i], [u], [ũ] e mesmo assim não alçaram
procura/procuram 9[o]	-----	-----
topique 2[o]	-----	-----

Nesses itens que restaram em Ouro Branco, podemos dizer que há indícios de atuação lexical.

B- Casos em que o alçamento ocorre em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorre:

Em Ouro Branco, ocorreu *c[u]mida* (1u) e *c[o]migo* (18o).

Em Piranga, não encontramos casos em que o alçamento ocorra em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorra.

Em Machacalis, ocorreu *c[u]mida* (3u) e *c[o]mício* (1o)

Podemos falar em indícios de atuação lexical evidenciado pelos itens aqui tratados.

C- Casos em que o ambiente não é favorecedor do alçamento e o item alça.

Quadro 43: Itens em que o ambiente não é favorecedor do alçamento de (o) e mesmo assim o item apresenta realização alta:

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Os itens abaixo não apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], nem modo seguinte <i>fricativas</i> e mesmo assim tiveram realização alta	Não houve, nos dados desta pesquisa, casos em que o ambiente não é favorecedor do alçamento e o item alça (o que indica a força do ambiente).	Os itens abaixo não apresentam vogal tônica [i], [u], [ĩ], [ũ], nem modo seguinte <i>fricativas</i> , são verbos e mesmo assim tiveram realização alta
conheço/conhece 13[o] 6[u]		acontece 10[o] 10[u]
comércio 1[o] 4[u]		comendo/comer 6[u]
boteco 3[u]		colhendo 1[o] 1[u]
começa/começam/começo 5[o] 3[u]		conserta 1[u]
conversa/converso 9[o] 2[u]		
fogão 1[u]		

Em Ouro Branco, o item *fogão* apresentou apenas uma ocorrência e em Machacalis, o item *conserta* também apresentou apenas uma ocorrência. Por isso, serão separados da lista apresentada no quadro anterior.

Passaremos agora para a análise dos itens que foram separados antes da realização da regressão analisada aqui.

Retomemos o **Quadro 28**, que apresenta os itens em que a realização é categórica para o alçamento (acima de 10 ocorrências):

Quadro 28: Itens em que a realização é categórica para o alçamento (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
-----	-----	gov[e]rno	17	bonito e flexões	15
		polícia e flexões	15		
		política e flexões	16		
		rosário	14		

Em Ouro Branco, não houve nenhum item com realização categórica do alçamento (acima de 10 ocorrências).

Em Piranga, quase todos os itens apresentam um dos principais fatores favorecedores do alçamento como: vogal tônica [i] ou fricativa seguinte [v]. Sobrou o item *rosário*.

Em Machacalis, o item *bonito* também apresenta um dos principais fatores favorecedores do alçamento: vogal tônica [i].

Retomemos o **Quadro 29**, que apresenta os itens quase categóricos em que uma das variantes ocorreu acima de 90% das realizações. Apresentaremos aqui apenas os casos de alçamento.

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
-----	-----	-----	-----	conhecer e flexões	1[o] 33[u]
				conversar e flexões	1[o] 15[u]
				política e flexões	1[o] 71[u]

Em Ouro Branco e Piranga, não houve nenhum item com realização quase categórica do alçamento (acima de 10 ocorrências).

Em Machacalis, o item *política* apresenta um dos principais fatores favorecedores do alçamento: vogal tônica [i].

Restaram os itens: conhecer e conversar

7.6.2 Abertura

Analizamos os itens lexicais para a abertura e observamos que:

A- houve casos em que a vogal tônica era favorecedora da abertura e o item não apresentou realização aberta;

B- houve casos em que a abertura ocorreu em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorreu;

C- houve casos em que o ambiente não era favorecedor da abertura e o item apresentou realização aberta.

Vamos retomar o **Quadro 39**, que apresenta os fatores favorecedores da abertura nas três cidades.

Quadro 39: Resumo dos fatores favorecedores da abertura de (o) nas três cidades

ABERTURA de (o)	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[ɛ], [ɔ] - c[ɔ]loca	[a] - g[ɔ]stava	[ɛ], [ɔ] - c[ɔ]lega
	[a] - m[ɔ]rava	[ɛ], [ɔ] - m[ɔ]derno	[ẽ] - pr[ɔ]blema
Modo seguinte	NS ⁸⁵	fricativas [s], [v], [h], [f], [ʒ] pr[ɔ]cesso	[a] - n[ɔ]rmal fricativas [s], [v], [h], [z] g[ɔ]stamos
Classe gramatical	NS	NS	NS
Distância do início da palavra	NS	NS	1ª sílaba - n[ɔ]vela
Paradigma	paradigma com vogal aberta - ch[ɔ]rava	NS	NS
Fatores sociais	feminino/adulto masculino/jovem	NS	feminino

A- Casos em que a vogal tônica é favorecedora da abertura e o item não apresentou realização aberta.

Quadro 44: Itens em que a vogal tônica é favorecedora da abertura de (o) e o item não apresentou realização aberta

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Os itens abaixo apresentam vogal tônica [a], [ɛ], ou [ɔ] e mesmo assim não apresentaram realização aberta.	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [a], [ɛ], ou [ɔ] e mesmo assim não apresentaram realização aberta.	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [ɛ], [ɔ], [a] ou [ẽ] e mesmo assim não apresentaram realização aberta.
boteco 3[u]	boneca 3[u]	coberta 1[u]
começa/começam 5[o] 2[u]	cobaia 1[o]	colhendo 1[o] 1[u]
comércio 1[o] 4[u]	coberta 1[u]	colheres 1[o]
conhece 1[o] 1[u]	colégio 1[o]	comarca 1[o]
dosado 1[o]	conhece 1[o] 2[u]	comendo 3[u]

⁸⁵ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico

drogado 1[o]	moleque 1[u]	comenta 1[o]
florestas 1[o]	voltaram/voltasse/voltava 3[o]	correndo 2[o]
folclore 3[o]	abobada 1[o]	folgada 1[o]
molhada 1[o]	almoçava 1[u]	josé 1[o] 8[u]
mostraram 1[o]	profess[o]rado 4[o]	moderna 1[u]
portarem 1[o]		moleque 1[u]
progresso 1[o]		provável 1[o]
projeto 2[o]		provoca 1[o]
promessa 1[o]		sobrava 1[o]
protege 1[o]		tomara 1[o]
provável 1[o]		apost[o]lado 2[o]
rogério 1[o]		namorados 1[o]
soldado 1[o]		suportar 2[o]
tomava 1[o]		
voltado 1[o]		
abandonada/abandonadas 2[o]		
abordada 1[o]		
alojados 1[o]		
apaixonada 1[o]		
automóveis 1[o]		
catalogadas 1[o]		
colab[o]rado 1[o]		
col[o]cada/col[o]cadas 1[o]		
conc[o]rdava 2[o]		
cor[o]nhada 1[o]		
democrático 1[o]		
demorava 1[o]		
dout[o]rado 1[o]		
elaborado 1[o]		
empolgado 1[o]		
envergonhado 1[o]		
garçõete 1[o]		
importaram 1[o]		
loc[o]movem 1[o]		
namorava 1[o]		
temporário 1[o]		
transformada 1[o]		

Em Ouro Branco, apenas o paradigma em que não há vogal aberta desfavorece a abertura; portanto, em vários itens listados no quadro anterior, não há nada que desfavoreça a abertura. São eles: *dosado*, *drogado*, *molhada*, *mostraram*, *portarem*, *voltado*, *abordada*, *alojados*, *colab[o]rado*, *col[o]cada/col[o]cadas*, *conc[o]rdava*, *demorava*, *elaborado*, *empolgado*, *importaram*, *namorava*, *transformada*.

Em Piranga, tepe e laterais seguintes desfavorecem a abertura. Vejamos os itens que não apresentaram nenhum fator desfavorecedor: *boneca*, *cobaia*, *coberta*, *conhece*, *abobada*, *almoçava*.

Em Machacalis, as nasais seguintes e a 2ª sílaba ou mais desfavorecem a abertura, portanto, em vários itens listados no quadro anterior, não há nada que

desfavoreça a abertura: *coberta, colhendo, colheres, correndo, folgada, josé, moderna, moleque, provável, provoca, sobrava*.

Assim como fizemos para o alçamento, separamos os itens que ocorreram só uma vez nas três cidades, vejamos quais restaram:

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Os itens abaixo apresentam vogal tônica [a], [ɛ], ou [ɔ] e mesmo assim não apresentaram realização aberta.	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [a], [ɛ], ou [ɔ] e mesmo assim não apresentaram realização aberta.	Os itens abaixo apresentam vogal tônica [ɛ], [ɔ], [a] ou [ẽ] e mesmo assim não apresentaram realização aberta.
conc[o]rdava 2[o]	boneca 3[u]	colhendo 1[o] 1[u]
	conhece 1[o] 2[u]	correndo 2[o]
		josé 1[o] 8[u]

Em Ouro Branco, é importante ressaltar que, como vimos na regressão, a abertura ocorre muito pouco e em poucos itens. Portanto, nesta cidade, é esperado que mesmo em ambiente favorecedor, a abertura ocorra com um percentual menor.

Pode haver outro fator atuando, que não foi analisado nesta pesquisa. Como explicado anteriormente, os verbos de 2ª conjugação parecem favorecer a manutenção, o que poderia explicar a não abertura em *conhece* na cidade de Piranga e em *colhendo e correndo* na cidade de Machacalis. Restou apenas o item *boneca* em Piranga e *josé* em Machacalis. Nesses itens, podemos dizer que há fortes indícios de atuação lexical.

B- Casos em que a abertura ocorre em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorre:

Em Ouro Branco, ocorreu *comédia* 2[ɔ] e *comércio* 1[o]; 4[u]; *novena* 1[o]; 1[ɔ], *noventa* (5o).

Em Piranga e Machacalis, não encontramos casos em que o alçamento ocorra em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorra.

Podemos falar em indícios de atuação lexical evidenciado pelos itens aqui tratados (*comércio, noventa*).

C- Casos em que o ambiente não é favorecedor da abertura e mesmo assim o item apresenta realização aberta:

Quadro 45: Itens em que o ambiente não é favorecedor da abertura de (o) e mesmo assim o item apresenta realização aberta

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
O item abaixo não apresenta vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ] e nem paradigma com vogal aberta e mesmo assim teve realização aberta	Os itens abaixo não apresentam vogal tônica [ɛ], [ɔ], [a], nem modo seguinte <i>fricativas</i> e mesmo assim apresentaram realização aberta.	Não houve, nos dados desta pesquisa, casos em que o ambiente não é favorecedor da abertura e o item apresenta realização aberta (o que indica a força do ambiente).
momento 6[o] 1[ɔ]	momento/momentos 1[o] 7[ɔ]	
	problema/problemas 1[o] 7[ɔ]	
	potência 2[ɔ]	
	programa 2[ɔ]	
	tomando 3[o] 2[ɔ]	
	cobrança 1[o] 1[ɔ]	
	cobrando 1[o] 1[ɔ]	
	chorando 1[ɔ]	
	morando 1[ɔ]	
	demorando 1[ɔ]	
	fedorento 1[ɔ]	

Em Piranga, os itens *chorando*, *morando*, *demorando* e *fedorento* apresentaram apenas uma ocorrência e por isso, serão separados da lista apresentada no quadro anterior.

Observamos ainda que em todos os itens há uma nasal na sílaba tônica, essa influência deve ser estudada posteriormente.

Passaremos agora para a análise dos itens que foram separados antes da realização da regressão analisada aqui.

Retomemos o **Quadro 27**, que apresenta os itens em que a realização é categórica para a abertura (acima de 10 ocorrências):

Quadro 27: Itens em que a realização é categórica para a abertura (acima de 10 ocorrências)

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
sozinho e flexões	11	colega e flexões	12	formosas	18

Podemos notar que todos os itens separados, em que a realização foi categórica para a abertura, possuíam um fator favorecedor. Em Ouro Branco, quanto ao item *sozinho*, paradigma com vogal aberta (*só*), como já foi explicado, seu tratamento deve ser feito separadamente. Em Piranga o item *colega* possui vogal tônica [ɛ]. Em Machacalis o item *formosas* possui vogal tônica [ɔ].

Retomemos o **Quadro 29**, que apresenta os itens quase categóricos em que uma das variantes ocorreu acima de 90% das realizações. Apresentaremos aqui apenas os casos de abertura.

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
-----	-----	-----	-----	projeto e flexões	1[o] 29[ɔ]

Em Ouro Branco e Piranga, não houve nenhum item com realização categórica do alçamento (acima de 10 ocorrências).

Em Machacalis, o item *projeto* apresenta um dos principais fatores favorecedores do alçamento: vogal tônica [ɛ].

Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 46: Itens restantes para o alçamento e para a abertura de (o) nas três cidades

Alçamento (o)			
	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
A Itens em que a vogal tônica é favorecedora do alçamento e o item não alça	<i>pr[o]cura/pr[o]curam, t[o]pique,</i>	-----	-----
B Itens em que o alçamento ocorre em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorre	<i>c[o]migo x c[u]mida</i>	-----	<i>c[o]mício x c[u]mida</i>
C Itens em que o ambiente não é favorecedor do alçamento e o item alça.	<i>c[u]nheço/c[u]nhece c[u]mércio,b[u]teco c[u]meça/c[u]meçam/ c[u]meço c[u]nversa/c[u]nverso</i>	-----	<i>ac[u]ntece c[u]mendo/c[u]mer c[u]lhendo</i>
Itens quase sempre ou sempre alçados	-----	<i>r[u]sário</i>	<i>c[u]nhecer,c[u]nversar</i>
Abertura (o)			
	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
A Itens em que a vogal tônica era favorecedora da abertura e o item não apresentou realização aberta	<i>conc[o]rdava</i>	<i>b[u]neca</i>	<i>j[u]sé/j[o]sé</i>
B Itens em que a abertura ocorreu em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorreu	<i>n[o]venta x n[ɔ]vena c[o]mércio/c[u]mércio x c[ɔ]média</i>	-----	-----
C Itens em que o ambiente não era favorecedor da abertura e o item apresentou realização aberta	<i>m[ɔ]mento</i>	<i>m[ɔ]mento,pr[ɔ]blema, p[ɔ]tência,pr[ɔ]grama, t[ɔ]mando, c[ɔ]brança, c[ɔ]brando</i>	-----
Itens quase sempre ou sempre abertos	-----	-----	-----

Portanto, podemos dizer que há algum indício de atuação lexical.

Apresentaremos aqui o **Quadro 25** que apresenta os itens em que houve atuação lexical para o (e), para fazermos uma comparação dos resultados:

Quadro 25: Itens restantes para o alçamento e para a abertura de (e) nas três cidades

Alçamento			
	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
A Itens em que a vogal tônica é favorecedora do alçamento e o item não alça	-----	<i>anest[e]sia, d[e]ntista, ef[e]tivas/ef[e]tivos, entr[e]vista/entr[e]vistas, j[e]sus, juv[e]ntude, l[e]tícia, m[e]ndigo, p[e]rmita/p[e]rmitê, r[e]pública, serp[e]ntina, t[e]rrível</i>	-----
B Itens em que o alçamento ocorre em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorre	<i>p[e]ríodo x p[i]rigo</i>	<i>m[e]ndigo x m[i]ntira</i>	<i>m[e]ndigo x m[i]ntiu</i>
C Itens em que o ambiente não é favorecedor do alçamento e o item alça.	-----	-----	-----
Itens sempre alçados	-----	<i>s[i]nhora</i>	<i>p[i]queno</i>
Abertura			
	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
A Itens em que a vogal tônica é favorecedora da abertura e o item não apresentou realização aberta.	<i>belv[e]dere, empr[e]gado/empr[e]gados, gelada/gelado, liberdade, metálica/metálicas, operário/operários, remédio, resposta/respostas, selvagem/selvagens, soledade, teclado</i>	-----	<i>p[e]lado</i>
B Itens em que a abertura ocorra em um item e em outro, sob condições semelhantes, não ocorra.	-----	-----	-----
C Itens em que o ambiente não é favorecedor da abertura e mesmo assim o item apresenta realização aberta:	-----	<i>el[ε]fante, exc[ε]lente</i>	<i>b[ε]ltrano, p[ε]riodo</i>
Itens quase sempre ou sempre abertos	-----	<i>f[ε]rmando, m[ε]lina</i>	-----

Para a grande parte dos dados, podemos postular alguns processos atuando. Mas ressaltamos que, tanto para (e) quanto para (o), para o alçamento e para a abertura, evidenciamos a atuação de alguns itens lexicais, principalmente aqueles que têm o mesmo contexto e um item sempre alça e o outro nunca alça.

É interessante ressaltar que há regras em competição, mas nem todos os casos podem ser explicados dessa forma. Alguns autores optam por marcar no léxico, mas estamos procurando um modelo explicativo para a atuação lexical.

Não estamos tratando a questão do item lexical quantitativamente, para nós o fato de haver evidência de atuação lexical em alguns itens lexicais já é suficiente para mostrarmos a necessidade de um modelo que considere a atuação lexical.

7.7 Indivíduo

Faremos a análise do indivíduo, assim como foi feito para a variável (e).

Iremos observar se há também uma questão relacionada ou indivíduo, ou seja, foi apenas um indivíduo que produziu determinado item, ou vários indivíduos realizaram o item da mesma forma? O indivíduo realizou o item sempre da mesma forma? A comunidade varia mais que o indivíduo sempre? Ou seja, o indivíduo é sempre mais homogêneo do que a comunidade?

Ao analisar o indivíduo, observamos cada variante realizada por ele. E ao analisar a comunidade, observamos a soma das variantes realizadas por todos os indivíduos que produziram determinado item.

7.7.1 Alçamento

Apresentamos a seguir os itens a que atribuímos indícios de atuação lexical para o alçamento, na **Seção 7.6.1**, nos casos listados em A, B, C e o indivíduo que produziu cada item.

O.Branco	Indivíduo	Piranga	Indivíduo	Machacalis	Indivíduo
procura/procuram	FFAO 3[o] LFAO 2[o] SMAO 1[o] LMJO 3[o]	rosário	BMJP (1u) LFJP (1u) DFAP (1u) CMJP (5u) LMAP (2u) SFAP (4u)	comício	PMJ 1[o]
topique	WMJO 2[o]			acontece	GFA 1[o] KFJ 2[o] SMJ 1[o] PMJ 6[o] 10[u]
comigo	LMJO 2[o] WMJO 2[o] NFJO 4[o] SMAO 4[o] LFAO 4[o] SFJO 2[o]			comendo/comer	SMJ 4[u] DMA 1[u] MFA 1[u]
conhece/conheço	LMJO 2[o]			colhendo	SMJ 1[o]

	WMJO 6[o] NFJO 2[o] LFAO 2[o] SFJO 1[o] 2[u] PMAO 2[u] SMAO 2[u]				MFA 1[u]
comércio	PMAO 1[o] SMAO 1[u] FFAO 3[u]			conhecer e flexões	JMA 1[o] 2[u] DMA 4[u] PMJ 18[u] JFJ 2[u] SMJ 2[u] KFJ 5[u]
boteco	PMAO 3[u]			conversar e flexões	JMA 1[o] 2[u] JFJ 3[u] PMJ 2[u] DMA 1[u] KFJ 6[u] GFA 1[u]
começa/começam/ começo	PMAO 1[o] FFAO 4[o] WMJO 2[u] NFJO 1[u]				
conversa/converso	NFJO 2[o] SFJO 5[o] SMAO 1[o] FFAO 1[o] WMJO 2[u]				

Em Ouro Branco, houve variação na comunidade nos itens: *conhece/conheço*, *comércio*, *começa/começam/começo*, *conversa/converso*. Mas houve variação no indivíduo apenas no item *conhece*, em que o indivíduo SFJO ora produziu [o], ora produziu [u]. Há diferenças entre NFJO e SFJO. A maioria dos indivíduos não varia.

Em Piranga não houve variação no indivíduo e nem na comunidade.

Em Machacalis, houve variação na comunidade nos itens: *acontece*, *colhendo*, *conhecer e flexões*, *conversar e flexões*. Mas apenas dois indivíduos apresentaram variação. PMJ produziu o item *acontece* ora com manutenção, ora alçado. JMA produziu os itens *conhecer e flexões*, *conversar e flexões* ora com manutenção, ora alçado (diferentemente de DMA). A maioria dos indivíduos não varia.

Nas duas cidades, a maioria dos itens é produzida por mais de um indivíduo, ou seja, o processo não pode ser atribuído a determinado indivíduo.

Selecionamos também alguns itens variáveis que apresentaram maior frequência, para fazermos a análise do indivíduo em cada cidade.

Ouro Branco ⁸⁶		
Item	Indivíduo	
política/políticos	PMAO 1[o] – 0% alçamento – fenômeno categórico* SMAO 1[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico* LMJO 2[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico FFAO 3[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 1[o] 6[u] – 85,7% alçamento – fenômeno variável	Nenhum indivíduo varia para este item. A comunidade varia.
gov[er]no	WMJO 1[o] – 0% alçamento – fenômeno categórico* PMAO 4[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 1[o] 4[u] – 80,0% alçamento – fenômeno variável	Apenas um indivíduo produziu este item mais de uma vez e não variou. A comunidade varia.
motivo	FFAO 1[o] – 0% alçamento – fenômeno categórico NFJO 1[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico* Total: 1[o] 1[u] – 50,0% alçamento – fenômeno variável	Nenhum indivíduo produziu este item mais de uma vez. A comunidade varia.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Piranga		
Item	Indivíduo	
diretoria	LFJP 3[o] – 0% alçamento – fenômeno categórico DFAP 1[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico* Total: 3[o] 1[u] – 25,0% alçamento – fenômeno variável	Apenas um indivíduo produziu este item mais de uma vez e não variou. A comunidade varia.
conhece/conheço	BMJP 2[o] 2[u] – 50,0% alçamento – fenômeno variável GFJO 1[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico* Total: 2[o] 3[u] – 60,0% alçamento – fenômeno variável	Apenas um indivíduo produziu este item mais de uma vez e variou. Esse indivíduo tem percentual de alçamento menor do que a comunidade.
conversa/converso	GFJP 1[o] – 0% alçamento – fenômeno categórico* RMAP 1[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico* CMJO 1[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico* Total: 1[o] 2[u] – 66,6% alçamento – fenômeno variável	Nenhum indivíduo produziu este item mais de uma vez. A comunidade varia.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

⁸⁶ Os itens mais frequentes em Ouro Branco foram: *conheço*, *conversa*, *começa* e *comércio*. Mas esses itens já foram listados no quadro anterior, que apresenta os itens a que atribuímos indícios de atuação lexical para o alçamento. Então pegamos os próximos itens mais frequentes.

Machacalis ⁸⁷		
Item	Indivíduo	
josé	GFA 1[o] 3[u] – 75,0% alçamento – fenômeno variável MFA 3[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico JFJ 2[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 1[o] 8[u] – 88,9% alçamento – fenômeno variável	A maioria dos indivíduos não varia. O único indivíduo que variou tem percentual de alçamento menor do que a comunidade.
governo	JMA 2[o] 3[u] – 60,0% alçamento – fenômeno variável KFJ 2[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico Total: 2[o] 5[u] – 71,4% alçamento – fenômeno variável	Os dois indivíduos realizaram o item mais de uma vez, e um deles varia e o outro não. O único indivíduo que variou tem percentual de alçamento menor do que a comunidade.
sofrida	KFJ 1[o] – 0% alçamento – fenômeno categórico* SMJ 1[u] – 100% alçamento – fenômeno categórico* Total: 1[o] 1[u] – 50,0% alçamento – fenômeno variável	Nenhum indivíduo produziu este item mais de uma vez. A comunidade varia.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Nas três cidades, podemos afirmar que, de uma forma geral, os indivíduos variam menos do que a comunidade.

7.7.2 Abertura

Apresentamos a seguir os itens a que atribuímos indícios de atuação lexical para a abertura, na **Seção 7.6.2**, nos casos listados em A, B, C e o indivíduo que produziu cada item.

O.Branco	Indivíduo	Piranga	Indivíduo	Machacalis	Indivíduo
concordava	LMJO 1[o] NFJO 1[o]	boneca	LFJP 2[u] DFAP 1[u]	josé	GFA 1[o] 3[u] MFA 3[u] JFJ 2[u]
noventa	PMAO 4[o] LMJO 1[o]	momento	BMJP 1[o] DFAP 1[ç] GFJP 1[ç] LMAO 1[ç] CMJP 1[ç] RMAO 3[ç]		
comércio	PMAO 1[o] SMAO 1[u] FFAO 3[u]	problema	DFAP 1[o] 1[ç] BMJP 1[ç] CMJP 3[ç] GFJP 1[ç] SFAP 1[ç]		
momento	LMJO 1[o] SFJO 2[o] PMAO 1[o] SMAO 2[o] LFAO 1[ç]	potência	RMAO 1[ç] DFAP 1[ç]		
		programa	SFAP 2[ç]		

⁸⁷ O item mais frequente em Machacalis foi *acontece*, mas esse item já foi listado no quadro anterior, que apresenta os itens a que atribuímos indícios de atuação lexical para o alçamento. Então pegamos o segundo, terceiro e quarto mais frequentes.

		tomando	BMJP 1[o] SFAP 1[ç] LFJP 2[o] 1[ç]		
		cobrança	DFAP 1[o] 1[ç]		
		cobrando	DFAP 1[o] LFJP 1[ç]		

Em Ouro Branco, apenas os itens *comércio* e *momento* apresentam variação na comunidade. Mas nenhum dos indivíduos varia.

Em Piranga, houve variação na comunidade nos itens: *momento*, *problema*, *tomando*, *cobrança*, *cobrando*. Mas apenas dois indivíduos apresentaram variação. LFJP produziu o item *tomando* ora com manutenção, ora com abertura. DFAP produziu os itens *problema* e *cobrança* ora com manutenção, ora com abertura. A maioria dos indivíduos não varia.

Em Ouro Branco e Piranga, a maioria dos itens é produzida da mesma forma por mais de um indivíduo, ou seja, o processo não pode ser atribuído ao indivíduo.

Em Machacalis, o único item listado (josé) apresenta variação na comunidade e em um dos indivíduos (GFA) (diferentemente de MFA).

Selecionamos também alguns itens variáveis que apresentaram maior frequência, para fazermos a análise do indivíduo em cada cidade.

Ouro Branco			
Item	Indivíduo		
colégio	WMJO 1[o] – 0% abertura – fenômeno categórico*	Apenas um indivíduo produziu este item mais de uma vez e não variou.	
	PMAO 1[o] – 0% abertura – fenômeno categórico*		
	NFJO 13[o] – 0% abertura – fenômeno categórico		
	LFAO 1[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico*		
	Total: 15[o] 1[ç] – 6,3% abertura – fenômeno variável		
gostava	LMJO 1[o] – 0% abertura – fenômeno categórico*	A maioria dos indivíduos não varia.	
	NFJO 7[o] – 0% abertura – fenômeno categórico		
	PMAO 2[o] – 0% abertura – fenômeno categórico		
	WMJO 1[o] 1[ç] – 50,0% abertura – fenômeno variável		
	SMAO 1[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico*		
Total: 11[o] 2[ç] – 15,4% abertura – fenômeno variável	O único indivíduo que variou tem percentual de abertura maior do que a comunidade.		
colega/colegas		WMJO 5[o] – 0% abertura – fenômeno categórico	Nenhum indivíduo varia para este item.
		SMAO 2[o] – 0% abertura – fenômeno categórico	
		NFJO 1[o] – 0% abertura – fenômeno categórico*	
		LMJO 1[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico*	
	SFJO 2[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico		
Total: 8[o] 3[ç] – 27,3% abertura – fenômeno variável	A comunidade varia.		
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.			

Piranga ⁸⁸		
Item	Indivíduo	
comércio	LFJP 1[o] – 0% abertura – fenômeno categórico* LMAP 2[o] – 0% abertura – fenômeno categórico BMJP 1[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico* Total: 3[o] 1[ç] – 25,0% abertura – fenômeno variável	Apenas um indivíduo produziu este item mais de uma vez e não variou. A comunidade varia.
cortando	DFAP 1[o] – 0% abertura – fenômeno categórico* LFJP 3[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico Total: 1[o] 3[ç] – 75,0% abertura – fenômeno variável	Apenas um indivíduo produziu este item mais de uma vez e não variou. A comunidade varia.
coragem	LMAP 1[o] 1[ç] – 50,0% abertura – fenômeno variável SFAP 1[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico Total: 1[o] 2[ç] – 66,7% abertura – fenômeno variável	Apenas um indivíduo produziu este item mais de uma vez e variou. Esse indivíduo tem percentual de abertura menor do que a comunidade.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Machacalis		
Item	Indivíduo	
problema	KFJ 2[o] – 0% abertura – fenômeno categórico* PMJ 1[o] – 0% abertura – fenômeno categórico* MFA 2[o] 2[ç] – 50,0% abertura – fenômeno variável GFA 1[o] 6[ç] – 85,7% abertura – fenômeno variável SMJ 1[o] 3[ç] – 75,0% abertura – fenômeno variável DMA 1[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico* Total: 7[o] 12[ç] – 63,2% abertura – fenômeno variável	Quatro indivíduos realizaram o item mais de uma vez e três deles variaram. Dois desses indivíduos têm percentual de abertura maior do que a comunidade. Um deles tem percentual menor.
morrer/morreram/ morreu	KFJ 1[o] – 0% abertura – fenômeno categórico* DMA 11[o] 1[ç] – 8,3% abertura – fenômeno variável MFA 3[o] 1[ç] – 25,0% abertura – fenômeno variável Total: 15[o] 2[ç] – 11,8% abertura – fenômeno variável	Os dois indivíduos que realizaram o item mais de uma vez variaram. Um desses indivíduos têm percentual maior do que a comunidade. O outro tem percentual menor.
momento	SMJ 7[o] 4[ç] – 36,4% abertura – fenômeno variável KFJ 1[o] 1[ç] – 50,0% abertura – fenômeno variável MFA 2[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico* PMJ 1[ç] – 100% abertura – fenômeno categórico* Total: 8[o] 8[ç] – 50,0% abertura – fenômeno variável	Três indivíduos realizaram o item mais de uma vez e dois deles variaram. Um desses indivíduos tem percentual menor do que a comunidade. O outro tem percentual igual.
*Os casos sombreados são de indivíduos que produziram o item apenas uma vez e, portanto, não serão considerados nas conclusões da terceira coluna, uma vez que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre eles.		

Em Ouro Branco e Piranga, podemos afirmar que, de uma forma geral, os indivíduos variam menos do que a comunidade.

Em Machacalis, a maioria dos casos de indivíduos que variaram dão indícios de que o indivíduo varia mais do que a comunidade. Assim, como ressaltamos para a

⁸⁸ Os itens mais frequentes em Piranga foram: *momento*, *problema*, *tomando*. Mas esses itens já foram listados no quadro anterior, que apresenta os itens a que atribuímos indícios de atuação lexical para a abertura. Então pegamos os próximos itens mais frequentes.

variável (e), estamos trabalhando com percentual de abertura. Se trabalharmos em Machacalis com a hipótese de termos [ɔ] como *default*, teríamos a maioria dos indivíduos variando menos do que a comunidade, como veremos no **Capítulo 8**.

7.7.3 Manutenção, alçamento e abertura no mesmo item

Vejamos também os indivíduos nos itens que consideramos especiais por ocorrerem as 3 variações (o ~ u ~ ɔ) ou apenas a variação u ~ ɔ.⁸⁹

Quadro 26: Itens em que ocorreram as 3 variações (o ~ u ~ ɔ) ou apenas a variação u ~ ɔ.

O.Branco	Nº ocorrências	Piranga	Nº ocorrências	Machacalis	Nº ocorrências
jogar e flexões	4[o] 5[u] 2[ɔ]	jogar e flexões	1[o] 15[u] 8[ɔ]	aposentar e flexões	4[o] 3[u] 3[ɔ]
dormir e flexões	14[u] 1[ɔ]	começar e flexões	9[o] 27[u] 9[ɔ]	começar e flexões	6[o] 52[u] 2[ɔ]
		poder e flexões	12[o] 14[u] 2[ɔ]	poder e flexões	9[o] 8[u] 1[ɔ]
		comigo	8[o] 1[u] 13[ɔ]	comércio	1[u] 1[ɔ]
O.Branco	Indivíduo	Piranga	Indivíduo	Machacalis	Indivíduo
jogar e flexões	LMJO 1[u] PMAO 1[u] NFJO 2[o] 2[u] WMJO 2[o] 1[u] 2[ɔ]	jogar e flexões	DFAP 1[u] BMJP 2[u] GFJP 7[u] RMAP 1[ɔ] SFAP 3[ɔ] LFJP 1[o] 1[u] CMJP 4[u] 4[ɔ]	aposentar e flexões	MFA 1[o] DMA 2[u] GFA 3[ɔ] KFJ 3[o] 1[u]
dormir e flexões	SFJO 1[u] WMJO 1[u] NFJO 12[u] FFAO 1[ɔ]	começar e flexões	LMAP 1[o] GFJP 3[u] DFAP 2[u] CMJP 2[o] 7[u] RMAP 1[o] 3[u] BMJP 1[o] 7[u] SFAP 2[u] 3[ɔ] LFJP 4[o] 3[u] 6[ɔ]	começar e flexões	JFJ 5[u] MFA 6[u] DMA 8[u] KFJ 5[u] PMJ 7[u] SMJ 1[o] 19[u] JMA 1[u] 1[ɔ] GFA 5[o] 1[u] 1[ɔ]
		poder e flexões	GFJP 6[o] LMAP 2[u] SFAP 5[u] BMJP 1[o] 1[u] RMAP 4[o] 3[u] DFAP 2[u] 1[ɔ] CMJP 1[o] 1[u] 1[ɔ]	poder e flexões	JMA 1[o] JFJ 2[o] GFA 1[u] MFA 1[ɔ] DMA 1[o] 5[u] KFJ 3[o] 1[u] SMJ 2[o] 1[u]
		comigo	LFJP 7[o] GFJP 3[ɔ] RMAP 3[ɔ] SFAP 3[ɔ] LMAP 1[o] 1[ɔ] CMJP 1[u] 3[ɔ]	comércio	DMA 1[u] SMJ 1[ɔ]

⁸⁹ Não foi observada a significância desses dados.

Em Ouro Branco, não houve a variação $u \sim \text{ɔ}$, um indivíduo (WMJO) produziu as três variações no mesmo item lexical, mas a maioria dos indivíduos não variou. Portanto, a comunidade parece variar mais do que o indivíduo.

Em Piranga, dois indivíduos (LFJP e CMJP) produziram as três variações no mesmo item lexical. Em todos os itens houve a variação $u \sim \text{ɔ}$ em apenas um indivíduo. Portanto, a comunidade parece variar mais do que o indivíduo. Há variação entre indivíduos dos mesmos grupos de fatores sociais.

Em Machacalis, a variação $u \sim \text{ɔ}$ ocorreu apenas no indivíduo JMA e as três variações ocorreram apenas no indivíduo GFA. A maioria dos indivíduos não variou. Portanto, a comunidade parece variar mais do que o indivíduo.

Portanto, quando ocorrem as três variações, temos indícios de que a comunidade varia mais do que o indivíduo nas três cidades.

Comparação com os resultados de (e):

Em relação ao alçamento, tanto para a variável (e) quanto para a variável (o), de uma forma geral, nas três cidades, os indivíduos variam menos do que a comunidade.

Em relação à abertura, em Piranga e Machacalis, tanto para (e) quanto para (o), podemos afirmar que, de uma forma geral, os indivíduos variam menos do que a comunidade.

Já em Ouro Branco, os resultados foram diferentes para as duas variáveis. Para (e), houve casos em que o indivíduo varia mais do que a comunidade e houve casos em que os dois pareceram ser semelhantes. Enquanto para (o), de uma forma geral, os indivíduos variam menos do que a comunidade.

Há características individuais, mas também há semelhanças nos diversos grupos sociais.

7.8 Testes

Conforme explicado anteriormente, faremos alguns testes para analisar os grupos de fatores *tipo silábico, vogal entre a vogal da variável e a tônica, distância da tônica, morfemas, estado da glote*.

7.8.1 Distância da tônica

7.8.1.1 Alçamento

Para fazer os testes, observamos quais foram os fatores favorecedores do alçamento em cada cidade, pois assim controlamos a atuação desses fatores.

Ouro Branco: [i], [u], [ĩ], [ũ], fricativas [s], [v], [h], [f]

Piranga: [i], [u], [ĩ], [ũ], fricativas [s], [v], [h], [f], [ʃ], nomes, 1ª sílaba

Machacalis: [i], [u], [ĩ], [ũ], fricativas [s], [v], [h], [f], [z], nomes

Vejam os resultados do efeito da distância da tônica em cada cidade:

Ouro Branco			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
acostuma	0(o) 3(u)	corr[e]ria	4(o) 0(u)
corrida	1(o) 1(u)	formatura	2(o) 0(u)
cortina	0(o) 3(u)	gostaria	1(o) 0(u)
costuma/costumam/costumo	0(o) 4(u)	jornalista	1(o) 0(u)
costume	0(o) 3(u)	portaria	4(o) 0(u)
gordura	0(o) 1(u)		
morrido	1(o) 0(u)		
patrocínio	1(o) 0(u)		
possível	0(o) 4(u)		
sofrida	0(o) 1(u)		
Total	3(o) 20(u) 86,9%de alçamento	Total	12(o) 0(u) 0%de alçamento

p-valor fator 1 e 2	0,0000008042
----------------------------	---------------------

Piranga			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
corrido	0(o) 1(u)	porcaria	1(o) 0(u)
mochila	0(o) 1(u)		
morrido	0(o) 3(u)		
possível/possíveis	0(o) 5(u)		
sofrido	0(o) 1(u)		
Total	0(o) 11(u) 100,0%de alçamento	Total	1(o) 0(u) 0%de alçamento

p-valor fator 1 e 2	0,0005320055
----------------------------	---------------------

Machacalis			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
corrupta	1(o) 0(u)	mord[o]mia	1(o) 0(u)
costume/costumes	0(o) 6(u)		
sofrida	1(o) 1(u)		
Total	2(o) 7(u) 77,8%de alçamento	Total	1(o) 0(u) 0%de alçamento

p-valor fator 1 e 2	0,1073644652
----------------------------	---------------------

Com base nesses resultados, concluímos que a distância 1 da tônica é favorecedora do alçamento em Ouro Branco e Piranga, pois os testes do qui-quadrado foram significativos nessas cidades. Em Piranga e Machacalis, quando a distância da tônica é 2, temos apenas 1 item. Mas em Ouro Branco, temos vários itens e mesmo assim não houve alçamento. Parece que o não alçamento a uma distância 2 da tônica está relacionado ao acento secundário, ou seja, o alçamento é favorecido pela ausência do acento secundário, assim como vimos para o alçamento de (e).

Battisti (1993), Tondineli (2010) e Bisinotto (2011) também apontaram a distância 1 como favorecedora do alçamento de (o).

7.8.1.2 Abertura

Os fatores favorecedores da abertura em cada cidade foram:

Ouro Branco: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], paradigma com vogal aberta.

Piranga: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], fricativas [s], [v], [h], [f], [ʒ]

Machacalis: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], fricativas fricativas [s], [v], [h], [z], 1ª sílaba .

Vejam os resultados para cada cidade em relação à distância da tônica:

Ouro Branco			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
abordada	1(o) 0(ɔ)	apropriado	1(o) 0(ɔ)
acordava	0(o) 1(ɔ)	copiava	1(o) 0(ɔ)
alojados	1(o) 0(ɔ)	novidade	2(o) 0(ɔ)
chocada	0(o) 1(ɔ)	uniformizado	1(o) 0(ɔ)
chorava	1(o) 3(ɔ)		
colaborado	1(o) 0(ɔ)		
colocada/colocadas	2(o) 0(ɔ)		
cortado	0(o) 1(ɔ)		
cortaram	0(o) 1(ɔ)		
demorava	1(o) 0(ɔ)		
dosado	1(o) 0(ɔ)		
drogado	1(o) 0(ɔ)		
esforçados	0(o) 1(ɔ)		
formado	1(o) 1(ɔ)		
gostava	11(o) 2(ɔ)		
importaram	1(o) 0(ɔ)		
insuportável	0(o) 2(ɔ)		
lotada/lotado	1(o) 1(ɔ)		
melhorasse	0(o) 1(ɔ)		
molhada	1(o) 0(ɔ)		
morava/moravam	3(o) 5(ɔ)		
mostraram	1(o) 0(ɔ)		
namorado	0(o) 3(ɔ)		
namorava	1(o) 0(ɔ)		
portarem	1(o) 0(ɔ)		
transformada	1(o) 0(ɔ)		

voltado	1(o) 0(ɔ)			
Total	32(o) 23(ɔ) 41,8%de abertura		Total	5(o) 0(ɔ) 0%de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,0655665641
----------------------------	---------------------

Ao analisar a abertura de (e), para tentar impedir que a vogal entre a vogal da variável e a tônica interferisse nos resultados, fizemos a comparação apenas entre os itens em que a vogal tônica, quando a distância da tônica era 1, fosse igual à vogal tônica, quando a distância era 2. Além disso, a vogal entre a variável e a tônica (quando a distância é 2) tinha que ser uma das vogais favorecedoras da abertura.

Não pudemos fazer dessa forma em Ouro Branco para o alçamento de (o), pois em todos os itens da coluna 2 do quadro anterior, a vogal entre a variável e a tônica foi [i], vogal sem significância para a abertura, nesta cidade.

Vejamos os resultados de Piranga:

Piranga			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
acordava	0(o) 1(ɔ)	aproveitava	1(o) 0(ɔ)
cortada	0(o) 1(ɔ)	formulário	1(o) 0(ɔ)
encostada/encostado	0(o) 2(ɔ)	negociado	1(o) 0(ɔ)
encostava	0(o) 1(ɔ)	negociar	1(o) 0(ɔ)
formada	0(o) 1(ɔ)	novidade	2(o) 0(ɔ)
formato	0(o) 1(ɔ)	proj[ɛ]tado	0(o) 1(ɔ)
gostava	0(o) 6(ɔ)	rod[o]viária	30(o) 0(ɔ)
informado	0(o) 1(ɔ)		
informaram	1(o) 0(ɔ)		
informática	0(o) 3(ɔ)		
nordeste	0(o) 1(ɔ)		
novela	0(o) 4(ɔ)		
processo/processos	0(o) 6(ɔ)		
projeto	0(o) 9(ɔ)		
reformaram	0(o) 1(ɔ)		
reportagem	0(o) 3(ɔ)		
Total	1(o) 41(ɔ) 97,6%de abertura	Total	36(o) 1(ɔ) 2,7%de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000
----------------------------	---------------------

Em Piranga, pudemos fazer a comparação conforme explicado anteriormente. A vogal tônica igual quando a distância era 1 e quando era 2 foi a vogal [a]. E a vogal entre a variável e a tônica favorecedora da abertura foi a vogal [ɛ].

Piranga			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
acordava	0(o) 1(ɔ)	proj[ɛ]tado	0(o) 1(ɔ)
cortada	0(o) 1(ɔ)		
encostada/encostado	0(o) 2(ɔ)		
encostava	0(o) 1(ɔ)		
formada	0(o) 1(ɔ)		
formato	0(o) 1(ɔ)		
gostava	0(o) 6(ɔ)		
informado	0(o) 1(ɔ)		
informaram	1(o) 0(ɔ)		
informática	0(o) 3(ɔ)		
reformaram	0(o) 1(ɔ)		
reportagem	0(o) 3(ɔ)		
Total	1(o) 21(ɔ) 95,5%de abertura	Total	0(o) 1(ɔ) 100,0%de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,8274350782
----------------------------	---------------------

Ao separar os itens com mesma vogal tônica, o teste do qui-quadrado mostra que não há significância entre os resultados apresentados para as distâncias 1 e 2 da sílaba tônica. Comprovamos, então, que não há efeito do acento secundário em Piranga, mas ressaltamos que temos apenas um item.

Vejamos a seguir os resultados de Machacalis:

Machacalis			
Distância 1 da tônica		Distância 2 da tônica	
bordados	0(o) 1(ɔ)	mocidade	1(o) 0(ɔ)
correndo	2(o) 0(ɔ)	movimento/movimentos	0(o) 6(ɔ)
forçado	0(o) 2(ɔ)	novidade	1(o) 0(ɔ)
formado	0(o) 1(ɔ)	proc[ɛ]dência	0(o) 1(ɔ)
formar/formaram	2(o) 1(ɔ)	prosp[ɛ]rar	0(o) 1(ɔ)
gostava	4(o) 4(ɔ)	social	0(o) 6(ɔ)
jornal	0(o) 1(ɔ)		
josé	1(o) 0(ɔ)		
mostrar/mostrava	0(o) 2(ɔ)		
normal	0(o) 3(ɔ)		
novela/novelas	0(o) 5(ɔ)		
noventa	0(o) 6(ɔ)		
processo	0(o) 4(ɔ)		
provável	1(o) 0(ɔ)		
provoca	1(o) 0(ɔ)		
tornar	0(o) 1(ɔ)		
Total	11(o) 31(ɔ) 73,8%de abertura	Total	2(o) 14(ɔ) 87,5%de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,2637897011
----------------------------	---------------------

Em Machacalis, pudemos fazer a comparação conforme explicado anteriormente. A vogal tônica igual quando a distância era 1 e quando era 2 foi a vogal [ê]. E a vogal entre a variável e a tônica favorecedora da abertura foi a vogal [ε].

Machacalis				
Distância 1 da tônica			Distância 2 da tônica	
correndo	2(o) 0(ɔ)		proc[ε]dência	0(o) 1(ɔ)
noventa	0(o) 6(ɔ)			
Total	2(o) 6(ɔ) 75,0%de abertura		Total	0(o) 1(ɔ) 100%de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,5707503881
----------------------------	---------------------

O teste do qui-quadrado mostra que não há significância entre os resultados apresentados para as distâncias 1 e 2 da sílaba tônica. Comprovamos, então, que não há efeito do acento secundário em Machacalis, mas ressaltamos que temos apenas um item.

7.8.2 Vogal entre a vogal da variável e a tônica

Assim como no teste da distância da tônica, nesse também observamos quais foram os fatores favorecedores do alçamento e da abertura em cada cidade, pois os itens selecionados para o teste precisam ter esses fatores controlados.

7.8.2.1 Alçamento

Os fatores favorecedores do alçamento em cada cidade foram:

Ouro Branco: [i], [u], [ĩ], [ũ], fricativas [s], [v], [h], [f]

Piranga: [i], [u], [ĩ], [ũ], fricativas [s], [v], [h], [f], [ʃ], nomes, 1ª sílaba

Machacalis: [i], [u], [ĩ], [ũ], fricativas [s], [v], [h], [f], [z], nomes

Ouro Branco			
Vogal entre a var. e a tônica: e	corr[e]ria	4(o) 0(u)	0%de alçamento
	Total:	4(o) 0(u)	
Vogal entre a var. e a tônica: a	formatura	2(o) 0(u)	0%de alçamento
	gostaria	1(o) 0(u)	0%de alçamento
	jornalista	1(o) 0(u)	0%de alçamento
	portaria	4(o) 0(u)	0%de alçamento
	Total:	8(o) 0(u)	

Piranga			
Vogal entre a var. e a tônica: a	porcaria	1(o) 0(u)	0%de alçamento

Machacalis			
Vogal entre a var. e a tônica: o	mord[o]mia	1(o) 0(u)	0%de alçamento

Independente da vogal que apareceu entre a vogal da variável e a tônica nos nossos dados, não houve alçamento, mesmo com todos os outros contextos sendo favorecedores. Mas, a vogal alta entre a vogal da variável e a tônica não apareceu em nenhum item, então não pudemos constatar se ela favoreceria ou não o alçamento. Além disso, em Piranga e Machacalis temos apenas 1 item. Portanto, somente a partir desses poucos casos, não podemos chegar a uma conclusão a respeito do favorecimento ou não do alçamento pela vogal entre a vogal da variável e a tônica.

7.8.2.2 Abertura

Os fatores favorecedores da abertura em cada cidade foram:

Ouro Branco: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], paradigma com vogal aberta.

Piranga: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], fricativas [s], [v], [h], [f], [ʒ]

Machacalis: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], fricativas fricativas [s], [v], [h], [z], 1ª sílaba .

Ouro Branco			
Vogal entre a var. e a tônica: i	apropriado	1(o) 0(ɔ)	0%de abertura
	copiava	1(o) 0(ɔ)	
	novidade	2(o) 0(ɔ)	
	uniformizado	1(o) 0(ɔ)	
	Total:	5(o) 0(ɔ)	

Em Ouro Branco, a única vogal entre a vogal da variável e a tônica que ocorreu foi a vogal alta anterior. Não houve abertura em nenhum item. Portanto, a vogal [i] entre a vogal da variável e a tônica parece desfavorecer a abertura em Ouro Branco.

Piranga ⁹⁰			
Vogal entre a var. e a tônica: o	rod[o]viária	30(o) 0(ɔ)	0%de abertura
	Total:	30(o) 0(ɔ)	
Vogal entre a var. e a tônica: e	aproveitava	1(o) 0(ɔ)	0%de abertura
	Total:	1(o) 0(ɔ)	
Vogal entre a var. e a tônica: u	formulário	1(o) 0(ɔ)	0%de abertura
	Total:	1(o) 0(ɔ)	
Vogal entre a var. e a tônica: i	negociado	1(o) 0(ɔ)	0%de abertura
	negociar	1(o) 0(ɔ)	
	novidade	2(o) 0(ɔ)	
	Total:	4(o) 0(ɔ)	
Vogal entre a var. e a tônica: ɛ	proj[ɛ]tado	0(o) 1(ɔ)	100%de abertura
	Total:	0(o) 1(ɔ)	

Em Piranga, houve abertura apenas com a vogal [ɛ] em um único item. Com as vogais altas e com as vogais médias de 2º grau, não houve abertura. Analisando esses poucos dados, talvez possamos dizer que a média de 1º grau [ɛ] entre a vogal da variável

⁹⁰ Ressaltamos que, com o controle que estamos fazendo, a vogal [a] não ocorreu entre a vogal da variável e a tônica, então não pudemos realizar a comparação entre o seu efeito e o efeito da tônica.

e a tônica favorece a abertura em Piranga. Pontuamos que as outras vogais que ocorreram têm efeito desfavorecedor da abertura.

Machacalis				
Vogal entre a var. e a tônica: i	mocidade	1(o)	0(ɔ)	85,7%de abertura
	movimento/movimentos	0(o)	6(ɔ)	
	novidade	1(o)	0(ɔ)	
	social	0(o)	6(ɔ)	
	Total:	2(o)	12(ɔ)	
Vogal entre a var. e a tônica: ε	proc[ε]dência	0(o)	1(ɔ)	100%de abertura
	prosp[ε]rar	0(o)	1(ɔ)	
	Total:	0(o)	2(ɔ)	

p-valor fator 1 e 2	0,5677091662
----------------------------	---------------------

Em Machacalis, em relação às demais cidades, há uma porcentagem alta de abertura com todas as vogais que apareceram entre a vogal da variável e a tônica.

Vamos selecionar as ocorrências de vogal [a] na tônica (contexto favorecedor da abertura), e fazer a seguinte comparação: vogal [ε] entre a variável e a tônica e vogal [i] entre a variável e a tônica. Esses contextos, por hipótese, devem atuar diferentemente, pois [ε] é favorecedor da abertura em Machacalis e [i] é desfavorecedor.

Machacalis				
Vogal entre a var. e a tônica: i	mocidade	1(o)	0(ɔ)	75,0%de abertura
	novidade	1(o)	0(ɔ)	
	social	0(o)	6(ɔ)	
	Total:	2(o)	6(ɔ)	
Vogal entre a var. e a tônica: ε	prosp[ε]rar	0(o)	1(ɔ)	100%de abertura
	Total:	0(o)	2(ɔ)	

p-valor fator 1 e 2	0,4291953004
----------------------------	---------------------

Quando a vogal entre a variável e a tônica é uma das vogais que deram favorecedoras da abertura quando está na sílaba tônica (por exemplo, [ε]), ou quando é uma vogal que não deu favorecedora na sílaba tônica (por exemplo, [i]) sempre houve o favorecimento da abertura. O qui-quadrado não foi significativo, mas ressaltamos que temos apenas um item quando a vogal entre a variável e a tônica é [ε].

7.8.3 Estrutura da sílaba (tipo silábico)

7.8.3.1 Alçamento

Fizemos o teste nas três cidades, pois em todas elas as fricativas foram favorecedoras do alçamento.

Observamos quais foram os fatores favorecedores do alçamento em cada cidade, pois assim controlamos a atuação desses fatores.

Ouro Branco: [i], [u], [ĩ], [ũ], fricativas [s], [v], [h], [f]

Piranga: [i], [u], [ĩ], [ũ], fricativas [s], [v], [h], [f], [ʃ], nomes, 1ª sílaba

Machacalis: [i], [u], [ĩ], [ũ], fricativas [s], [v], [h], [f], [z], nomes

Ouro Branco			
CV		CVC	
corrida	1(o) 1(u)	acostuma	0(o) 3(u)
morrido	1(o) 0(u)	cortina	0(o) 3(u)
possível	0(o) 4(u)	costuma/costumam/costumo	0(o) 4(u)
sofrida	0(o) 1(u)	costume	0(o) 3(u)
		gordura	0(o) 1(u)
Total	2(o) 6(u)	Total	0(o) 14(u)
	25,0% (o) de manutenção 75,0% (u) de alçamento		0% (o) de manutenção 100,0% (u) de alçamento

p-valor fator 1 e 2	0,0497459907
----------------------------	---------------------

Faremos a comparação apenas com a fricativa [h] seguinte e com a vogal tônica [i], ou seja, com mais controle.

Ouro Branco			
CV		CVC	
corrida	1(o) 1(u)	cortina	0(o) 3(u)
morrido	1(o) 0(u)		
Total	2(o) 1(u)	Total	0(o) 3(u)
	66,7% (o) de manutenção 33,3% (u) de alçamento		0% (o) de manutenção 100,0% (u) de alçamento

p-valor fator 1 e 2	0,0832645167
----------------------------	---------------------

O teste de qui-quadrado não foi significativo em Ouro Branco, mostrando que não há diferenças para o alçamento de (o) em sílaba CV e em sílaba CVC, quando seguido de fricativa [h].

Piranga			
CV		CVC	
corrido	0(o) 1(u)	-----	-----
mochila	0(o) 1(u)		
morrido	0(o) 3(u)		
possível/possíveis	0(o) 5(u)		
sofrido	0(o) 1(u)		
Total	0(o) 11(u)		
	0% (o) de manutenção 100% (u) de alçamento		

Em Piranga, não foi possível fazer a comparação, porque não houve dados para o tipo silábico CVC.

Machacalis			
CV		CVC	
corrupta	1(o) 0(u)	costume/costumes	0(o) 6(u)
sofrida	1(o) 1(u)		
Total	2(o) 1(u)	Total	0(o) 6(u)
	66,7% (o) de manutenção 33,3% (u) de alçamento		0% (o) de manutenção 100,0% (u) de alçamento

p-valor fator 1 e 2	0,0233422020
---------------------	--------------

Não pudemos fazer a comparação com a mesma fricativa e a mesma vogal tônica em Machacalis por falta de dados.

7.8.3.2 Abertura

Fizemos o teste em Piranga e Machacalis, pois apenas nessas cidades as fricativas foram favorecedoras da abertura.

Os fatores favorecedores da abertura em cada cidade foram:

Piranga: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], fricativas [s], [v], [h], [f], [ʒ]

Machacalis: vogal tônica [a], [ɛ], [ɔ], [ẽ], fricativas fricativas [s], [v], [h], [z], 1ª sílaba .

Piranga			
CV		CVC	
novela	0[o] 4[ɔ]	acordava	0[o] 1[ɔ]
		cortada	0[o] 1[ɔ]
		encostada/encostado	0[o] 2[ɔ]
		encostava	0[o] 1[ɔ]
		formada	0[o] 1[ɔ]
		formato	0[o] 1[ɔ]

		gostava	0[o] 6[ɔ]
		informado	0[o] 1[ɔ]
		informaram	1[o] 0[ɔ]
		informática	0[o] 3[ɔ]
		nordeste	0[o] 1[ɔ]
		reformaram	0[o] 1[ɔ]
		reportagem	0[o] 3[ɔ]
Total	0[o] 4[ɔ]	Total	1[o] 22[ɔ]
	0% [o] de manutenção 100,0% [ɔ] de abertura		4,3% [o] de manutenção 95,7% [ɔ] de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,6708563953
----------------------------	---------------------

Não pudemos fazer a comparação com a mesma fricativa e a mesma vogal tônica em Piranga por falta de dados.

Machacalis			
CV		CVC	
correndo	2(o) 0(ɔ)	bordados	0(o) 1(ɔ)
josé	1(o) 0(ɔ)	forçado	0(o) 2(ɔ)
novela/novelas	0(o) 5(ɔ)	formado	0(o) 1(ɔ)
noventa	0(o) 6(ɔ)	formar/formaram	2(o) 1(ɔ)
		gostava	4(o) 4(ɔ)
		jornal	0(o) 1(ɔ)
		mostrar/mostrava	0(o) 2(ɔ)
		normal	0(o) 3(ɔ)
		tornar	0(o) 1(ɔ)
Total	3(o) 11(ɔ)	Total	6(o) 16(ɔ)
	21,4% (o) de manutenção 78,6% (ɔ) de abertura		27,3% (o) de manutenção 72,7% (ɔ) de abertura

p-valor fator 1 e 2	0,6930118864
----------------------------	---------------------

Não pudemos fazer a comparação com a mesma fricativa e a mesma vogal tônica em Machacalis por falta de dados.

De maneira geral, parece não haver diferença entre as estruturas silábicas CV e CVC, para a abertura, quando há fricativa em Piranga e Machacalis.

Célia (2004) também concluiu que a estrutura silábica não tem significância no processo de abaixamento da variável (o).

Esta questão deve ser considerada em estudos posteriores porque temos poucos dados. Ao que parece a estrutura da sílaba e o tipo de fricativa podem atuar diferentemente no alçamento e na abertura. Em Piranga não houve dados de CVC para o alçamento e há apenas 1 item CV para a abertura.

7.8.4 Estado da glote

7.8.4.1 Alçamento

Para o alçamento, não encontramos dados para fazer o teste em nenhuma das três cidades.

7.8.4.1 Abertura

As fricativas foram favorecedoras da abertura apenas em Piranga e Machacalis. Em Piranga, não encontramos dados, com o controle necessário, para fazer o teste. Então, fizemos o teste apenas em Machacalis.

Fricativas favorecedoras em Machacalis: [s], [v], [h], [z]. Só temos o par s, z.

Vejamos:

Machacalis	
gostando	(0o) (2o) 100% de abertura
gozando	(1o) (0o) 0% de abertura

Nossos dados mostram que o segmento desvozeado favorece a abertura. Mas como temos apenas um item com consoante seguinte vozeada para fazer a comparação, não podemos chegar a uma conclusão sobre o a influência do estado da glote.

Viana (2008), em Pará de Minas, mostrou que o segmento sonoro em contexto seguinte favorece o abaixamento de /o/.

7.8.5 Morfemas e não morfemas

Não encontramos dados para fazer o teste em nenhuma das três cidades nem para o alçamento, nem para a abertura.

Ao procurar os dados para fazer a comparação, observamos que há indícios de que não há atuação do morfema para a abertura, na verdade, a vogal baixa é que parece ser a responsável pela abertura.

Vejamos:

Piranga	
promove/promovem	0[o] 6[ɔ]
promoveu	1[o] 0[ɔ]

Ao comparar esses itens, fica evidente mais uma vez atuação da vogal.

7.8.6 Conclusão dos testes de (o) e comparação com (e):

- a) Há indícios de que o não alçamento de (o) a uma distância 2 da tônica esteja, provavelmente, relacionado ao acento secundário, assim como para o alçamento de (e);
- b) Em relação à abertura, comprovamos que não há efeito do acento secundário, assim como para a abertura de (e);

7.9 Conclusão sobre a análise de (o)

Antes de fazer a regressão, mostramos que:

- a) Quando a palavra começa com (o), em sílaba travada por /s/, temos abertura quase categórica em Machacalis. Alto índice de manutenção em Ouro Branco e Piranga. Em sílaba travada por /n/, Ouro Branco e Piranga não apresentaram dados e Machacalis apresentou apenas 2 itens em que houve manutenção da média. Em sílaba travada por /h/, em Ouro Branco ocorreu manutenção categórica e em Piranga e Machacalis predominou a abertura.
- b) Em ditongo, a manutenção é categórica em Ouro Branco e Machacalis e quase categórica em Piranga.
- c) Em hiato, nas três cidades, a ordem é: manutenção > alçamento > abertura. Mas os percentuais são diferentes. Em Piranga os três processos apresentam um percentual bastante semelhante. Já em Ouro Branco e Machacalis, o percentual de manutenção é bem maior do que o alçamento e a abertura.

Após a regressão, a hierarquização dos grupos de fatores favorecedores e os testes, podemos concluir que a vogal da sílaba tônica é o grupo de fator mais importante

para explicar a variabilidade observada nas três cidades para o alçamento e para a abertura.

Nesta pesquisa, mostramos que as vogais tônicas altas, nas três cidades, favorecem o alçamento, por um processo de harmonia vocálica do traço [-aberto2]. Há indícios de um processo de redução vocálica favorecido pelas consoantes seguintes com traço [-soante +contínuo]. Os nomes favorecem o alçamento em Piranga e Machacalis. Os homens jovens favorecem o alçamento em Piranga.

Há indícios de que o não alçamento a uma distância 2 da tônica esteja relacionado ao acento secundário.

A abertura se mostrou mais relevante na distinção dos falares.

Em Ouro Branco e Piranga é possível falar em harmonia vocálica do traço [+aberto3], desencadeada pelas vogais [a], [ɛ], [ɔ] seguintes. Em Ouro Branco houve também favorecimento do paradigma com vogal aberta. As mulheres adultas e os homens jovens favorecem a abertura nessa cidade. Em Piranga há o favorecimento das consoantes seguintes com traço [-soante +contínuo]. Os testes indicam que houve uma progressão da abertura quando a vogal tônica é [ê], [õ].

Machacalis apresentou abertura, com muitos fatores favorecedores. Várias vogais tônicas, algumas fricativas seguintes [s], [v], [h], [z] e 1ª sílaba da palavra – início de acento inicial. As mulheres favorecem a abertura nesta cidade. Não é possível falar em harmonia vocálica como nas outras cidades.

O teste da distância da tônica mostrou que não há efeito do acento secundário para a abertura.

Há indícios de atuação lexical nas três cidades. Em relação ao alçamento e à abertura nas três cidades, de modo geral, há indícios de que os indivíduos variam menos do que a comunidade.

8 ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS ASPECTOS FONOLÓGICOS DE (e) e (o)

Estamos analisando falares que possuem 7 vogais em pauta pretônica. Consideramos o *default* de acordo com o número de contextos favorecedores.

Após as análises de (e) e (o), podemos concluir que em **Ouro Branco e Piranga** temos as formas /e/ e /o/ como *default* para as vogais médias pretônicas.

A abertura da pretônica pode ocorrer quando a vogal da tônica é [ɛ], [ɔ], [a], por um processo de harmonia vocálica do traço [+aberto3]. Ressaltamos que a abertura em Ouro Branco apresentou um percentual muito baixo, sempre inferior à manutenção.

O alçamento da pretônica ocorre nessas cidades por um processo de harmonia vocálica do traço [-aberto2].

Já em **Machacalis**, propomos que as vogais médias pretônicas *default* sejam /ɛ/ e /ɔ/, pois durante a análise percebemos que Machacalis apresentava resultados bastante diferentes dos outros falares estudados. A abertura nessa cidade ocorre em vários encontros vocálicos, diferente de Ouro Branco e Piranga. É a única cidade que apresentou as três variações em encontro vocálico. Apresentou mais contextos vocálicos favorecedores da abertura do que as outras cidades – as vogais [ẽ], [õ] deram favorecedoras na regressão. Também apresentou mais consoantes favorecedoras da abertura. Em Machacalis não há restrição para a abertura provocada pela vogal da sílaba tônica, nas outras cidades com as vogais [e] e [o] na sílaba tônica não há abertura.

O processo proposto para a realização [e] e [o], em Machacalis, é de harmonia vocálica do traço [-aberto3], favorecido principalmente pelas vogais tônicas [e] e [o] seguintes e também pela vogal tônica seguinte [ẽ].

No alçamento da pretônica ocorre primeiro a harmonia parcial /ɛ, ɔ / → /e,o/ (harmonia do traço [-aberto3]); e depois a harmonia total /e,o/ → /i,u/ (harmonia do traço [-aberto2]), conforme Bisol (2013a).

Passemos agora para a explicação de cada caso em Machacalis.

1) com as vogais [ẽ], [õ] na sílaba tônica prevalece a forma média baixa da pretônica, pois ao que parece temos [ẽ], [õ] mais baixas do que [e], [o], como explica Seara (2000).

Seara (2000) compara [e] e [ẽ] acusticamente e mostra que a frequência de F1 passa em média de 400 Hz (no segmento oral) para 502 Hz (no nasal). Então, [ẽ] é mais baixa do que [e], uma vez que quanto mais alto for F1, mais baixa é a vogal. Seara

(2000, p.77-78) explica: “Enquanto para a vogal [a], a nasalidade torna a vogal menos baixa, a vogal [e], quando nasal, passa a menos alta, quer em contexto tônico quanto em átono.”

Sobre a posterior nasal, Seara (2000, p. 96) afirma: "A vogal [õ] tem seu primeiro formante oral deslocado (F'1) elevando-se em freqüência, o que a torna menos alta do que sua correspondente não-nasal. Essa direção de deslocamento ocorre nos dois contextos de tonicidade analisados, sendo, no entanto, mais evidente em contexto tônico.”

2) a vogal [ẽ] na sílaba tônica favorece a realização de [e], [o], pois [ẽ] é mais alta do que [a].

Seara (2000, p. 62) compara [a] e [ã] acusticamente e mostra que “O primeiro formante oral (F'1) da vogal nasal sofre um significativo abaixamento em freqüência e enfraquece em intensidade, passando em média de 740 Hz (oral) para 560 Hz (nasal) em contexto tônico, e de 666 Hz (oral) para 597 Hz (nasal) em contexto átono”. Então, [ã] é mais alta do que [a], pois quanto mais baixo for F1, mais alta é a vogal.

Seara (2000, p. 66) pontua ao se referir à vogal baixa central: “Verificamos assim (...) que a coloração nasal leva ao levantamento da vogal, isto é, a vogal nasal, tanto tônica quanto átona, é menos baixa do que a oral.”

O Instituto Camões apresenta um quadro que representa as vogais orais e nasais do PE.

Altura	Ponto de Articulação		
	Anterior ou Paleatal	Central	Posterior ou Velal
Altas	[i, ĩ]	[ɨ]	[u, ũ]
Médias	[e, ê]	[ɘ, ẽ]	[o, õ]
Baixas	[ɛ]	[a]	[ɔ]
	Não Arredondadas		Arredondadas

Fonte: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo3_1.html

Consideramos assim que a vogal [ẽ] é menos aberta do que a vogal [a] e por isso favorece a realização [e], [o] em Machacalis.

3) A harmonia parcial / ϵ, \circ / \rightarrow / e, o / e a harmonia total / e, o / \rightarrow / i, u / são explicadas por Bisol (2013a).

A autora explica que, no sul/sudeste, a neutralização anula a média aberta e no norte/nordeste ambas as médias emergem por assimilação.

Bisol cita alguns exemplos de variação tripartida em Teresina e ressalta que eles apontam para a harmonia gradual:

alegria ~ alegria ~ aligria;

fõrtuna ~ fortuna ~ furtuna.

A autora explica:

Segundo Trubetzkoy (1967, p.85), e-i formam uma oposição gradual somente em sistemas que possuem vogais com um grau de abertura maior do que e, separadas dessa vogal por um grau mínimo de abertura. Por conseguinte espera-se que harmonização gradual seja perceptível e captável em variedades do norte/nordeste, em que ambas as médias estão presentes na forma de superfície, pois a média fechada separa-se da alta por um grau de abertura e a média aberta por dois graus. (BISOL, 2013a, p. 55)

Bisol (2013a) ressalta que a harmonia parcial é alimentadora da harmonia total, mas ela pode ou não prosseguir. Ou seja, pode ocorrer apenas a harmonia parcial / ϵ, \circ / \rightarrow / e, o / e aumentar o número de vogais médias ou ela pode prosseguir e ocorrer a harmonia total / e, o / \rightarrow / i, u /.

A autora explica:

A primeira regra consiste em desligar o traço [+ab3] da média aberta, o alvo, para dar lugar ao traço [-ab3] da vogal alta vizinha, o gatilho, provocando a mudança de um grau de abertura, isto é, produzindo a média fechada, (alegria \rightarrow aligria). Como toda regra de mudança, desassocia-se um traço e introduz-se outro. A harmonização, como foi referido, pode parar neste ponto, aumentando o número das médias fechadas na pretônica. Todavia, pode prosseguir. A segunda regra desassocia o traço [+ab2] da vogal alvo para dar lugar a [-ab2] da vogal alta do gatilho, atingindo-se o efeito da harmonia total, por mudança de um grau de abertura. Em suma, a partir de al[ϵ]gria realizam-se por gradação *alegria* e *aligria*. Isso ocorre tanto com a média [-post] quanto com a média [+post]. Portanto, a harmonia gradual é perceptível no português brasileiro em variedades que manifestam a média aberta no sistema pretônico. (BISOL, 2013a, p.57)

Segundo Bisol, em estudos anteriores, a média fechada diante de sílaba com vogal alta era tratada como exceção. Ela ressalta que “em variedades com sete vogais na pretônica, é, de fato, o efeito parcial da harmonia (...) pois, nesses sistemas, a média fechada, átona só emerge por assimilação, seja diante de média fechada, seja diante de vogal alta, esse com efeito parcial.” (BISOL, 2013a, p.59)

Conforme dito anteriormente, adotamos a Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços para explicar esses processos propostos em cada cidade.

Wetzels (1992) propõe a seguinte representação para a abertura das vogais do português PB:

Abertura / Vogal	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
Aberto1	-	-	-	+
Aberto2	-	+	+	+
Aberto3	-	-	+	+

A partir das explicações anteriores, podemos propor para a vogal [ẽ], os seguintes traços de abertura:

Abertura / Vogal	ẽ
Aberto1	+
Aberto2	+
Aberto3	-

Então, podemos propor a seguinte representação para os processos citados anteriormente em cada cidade:

8.1 Ouro Branco e Piranga

8.1.1 Abertura

Representação da Harmonia vocálica do traço [+aberto3]

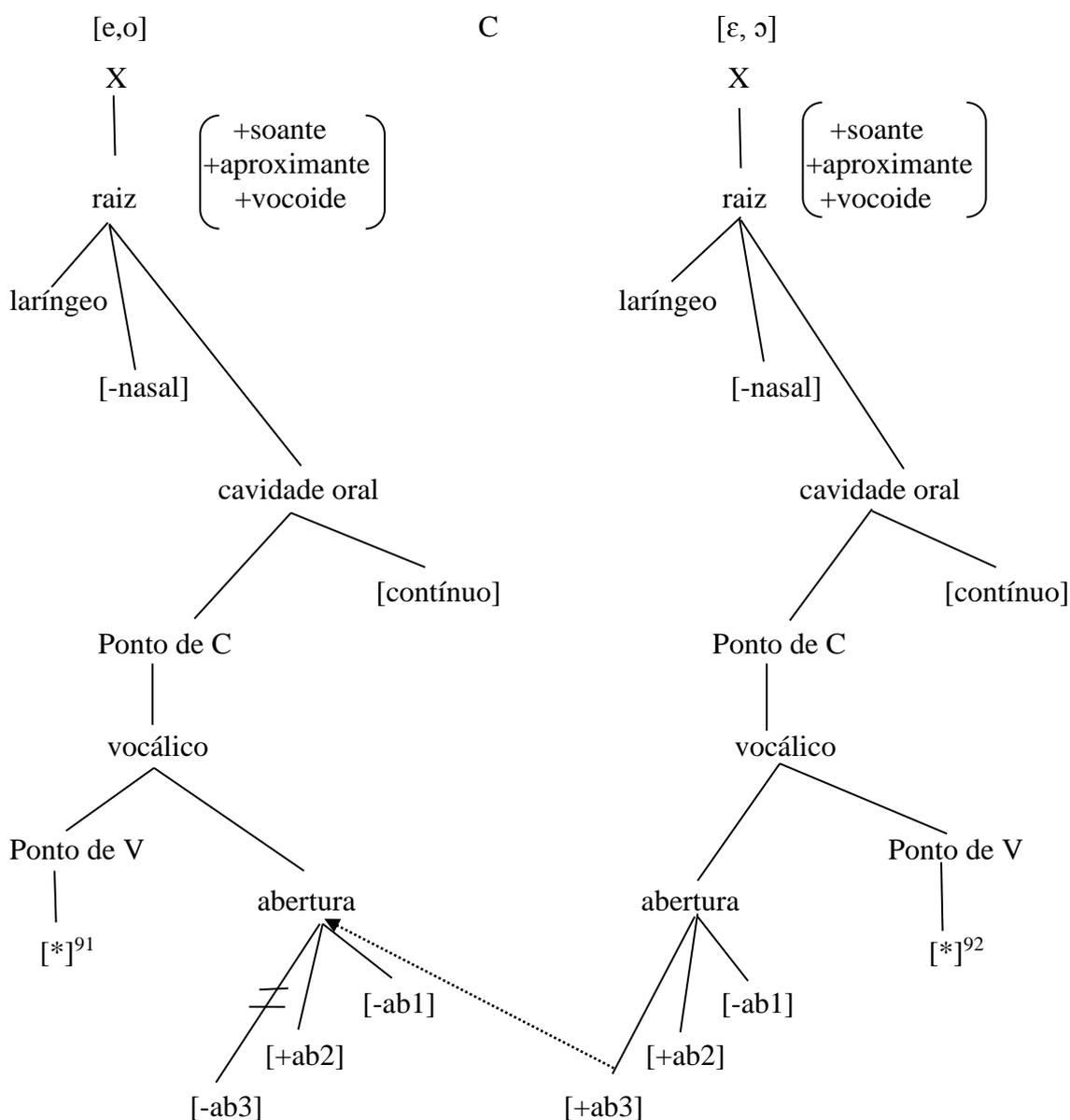
[e,o] → [ɛ, ɔ] gatilho do processo: [ɛ, ɔ]

r[e]c[ɛ]be → r[ɛ]c[ɛ]be

n[e]g[ɔ]cio → n[ɛ]g[ɔ]cio

n[o]v[ɛ]la → n[ɔ]v[ɛ]la

c[o]l[ɔ]ca → c[ɔ]l[ɔ]ca



⁹¹ [coronal] para [e]; [labial] para [o]

⁹² [coronal] para [ɛ]; [labial] para [ɔ]

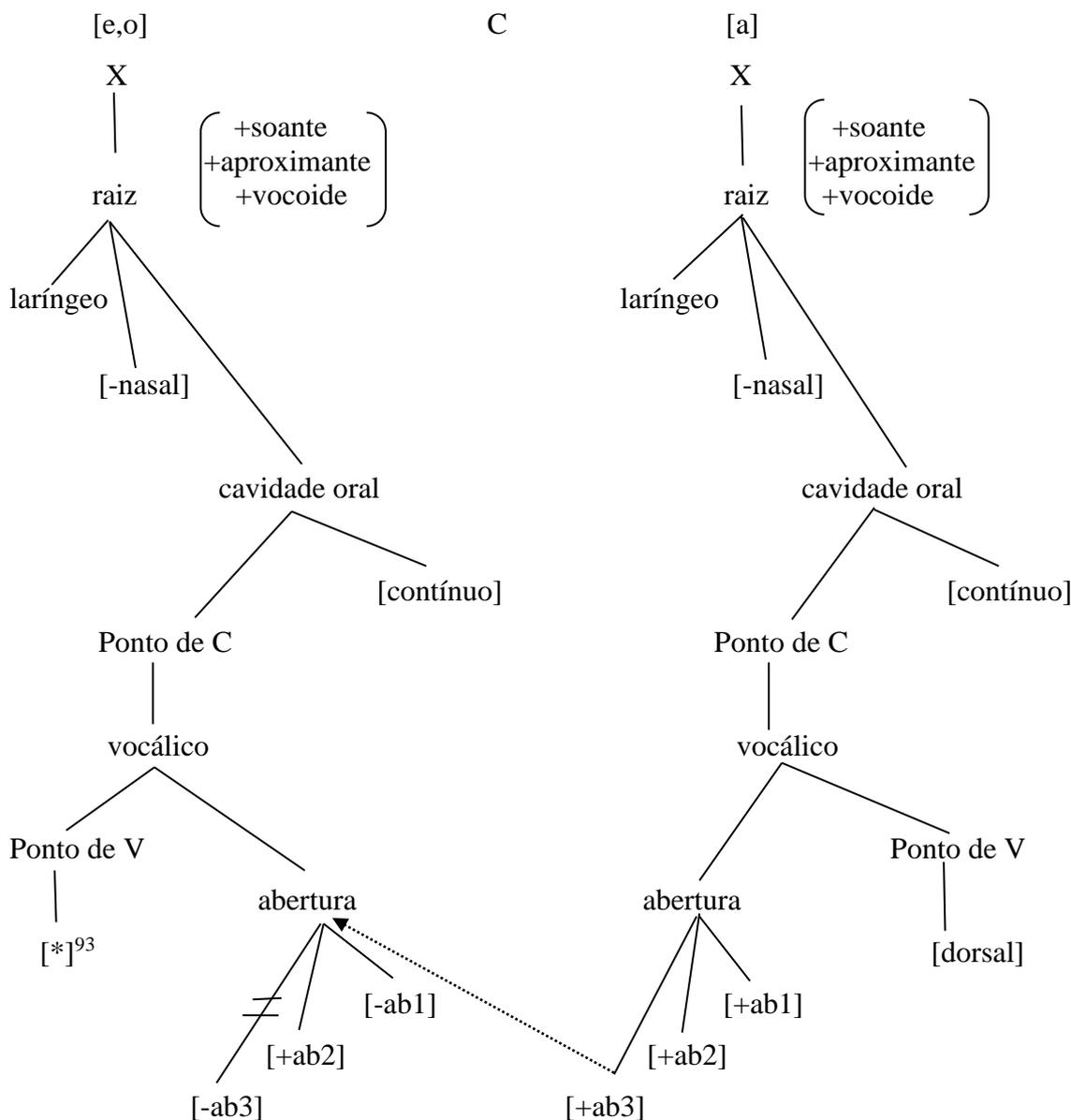
O nó de abertura da vogal média alta tem seu traço [-aberto3] desligado para dar lugar ao traço [+aberto3] da vogal média baixa seguinte, que é o gatilho do processo. Assim, o nó de abertura da vogal média baixa espraia para o nó vocálico da vogal média alta, ocorrendo a mudança de um grau de abertura, ou seja, a vogal média pretônica [e,o], com traços [-ab1, +ab2, -ab3] assimila o traço [+ab3] da vogal média baixa seguinte e torna-se média baixa também. Os traços [-ab1] e [+ab2] mantêm-se da mesma forma, já que são traços da vogal média baixa.

Segundo Clements e Hume (1996), todos esses traços podem espraizar livremente através de consoantes simples, pois elas não têm nó vocálico para bloquear esse processo.

[e,o] → [ɛ, ɔ] gatilho do processo: [a]

f[e]chado → f[ɛ]chado

g[o]stava → g[ɔ]stava



O nó de abertura da vogal média alta tem seu traço [-aberto3] desligado para dar lugar ao traço [+aberto3] da vogal baixa seguinte, que é o gatilho do processo. Assim, o nó de abertura da vogal baixa seguinte espraia para o nó vocálico da vogal média alta, ocorrendo a mudança de um grau de abertura, ou seja, a vogal média pretônica [e,o], com traços [-ab1, +ab2, -ab3] assimila o traço [+ab3] da vogal baixa seguinte e torna-se média baixa. Os traços [-ab1] e [+ab2] mantêm-se da mesma forma, já que são traços

⁹³ [coronal] para [e]; [labial] para [o]

da vogal média baixa. Ressaltamos que a vogal média alta não assimila o traço [+ab1] da vogal baixa.

8.1.2 Alçamento

Representação da Harmonia vocálica do traço [-aberto2]

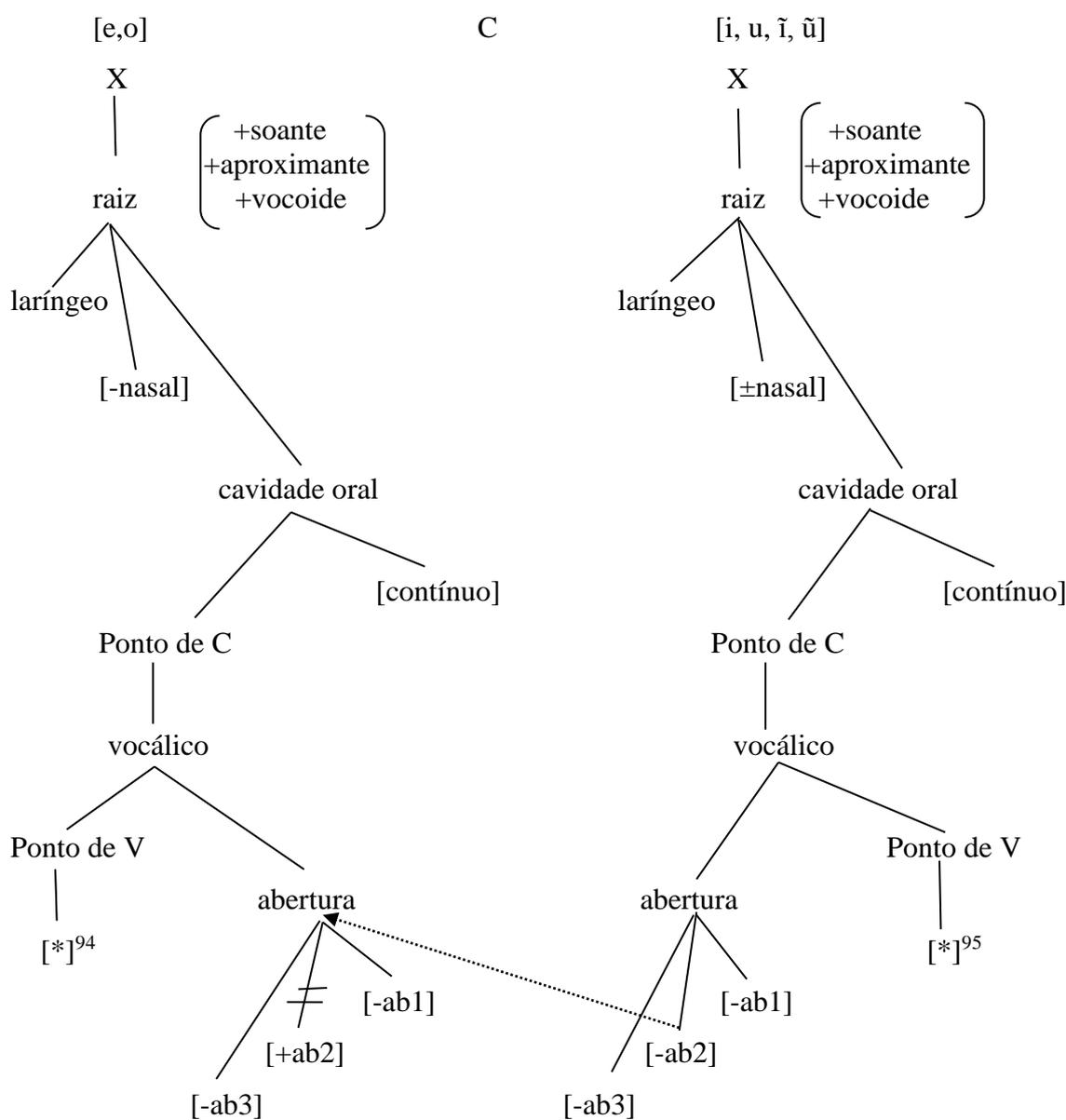
[e,o] → [i, u] gatilho do processo: [i, u, ã, õ]

b[e]b[i]da → b[i]b[i]da

g[o]rd[u]ra → g[u]rd[u]ra

n[e]nh[u]m → n[i]nh[u]m

d[o]m[i]ngo → d[u]m[i]ngo



⁹⁴ [coronal] para [e]; [labial] para [o]

⁹⁵ [coronal] para [i, ã]; [labial] para [u, õ]

O nó de abertura da vogal média alta tem seu traço [+aberto2] desligado para dar lugar ao traço [-aberto2] da vogal alta seguinte, que é o gatilho do processo. Assim, o nó de abertura da vogal alta seguinte espraia para o nó vocálico da vogal média antecedente, ocorrendo a mudança de um grau de abertura, ou seja, a vogal média pretônica [e,o], com traços [-ab1, +ab2, -ab3] assimila o traço [-ab2] da vogal alta seguinte e torna-se alta também. Os traços [-ab1] e [-ab3] mantêm-se da mesma forma, já que são traços da vogal alta.

8.2 Machacalis

8.2.1 Elevação de média baixa para média alta

Representação da Harmonia vocálica do traço [-aberto3]

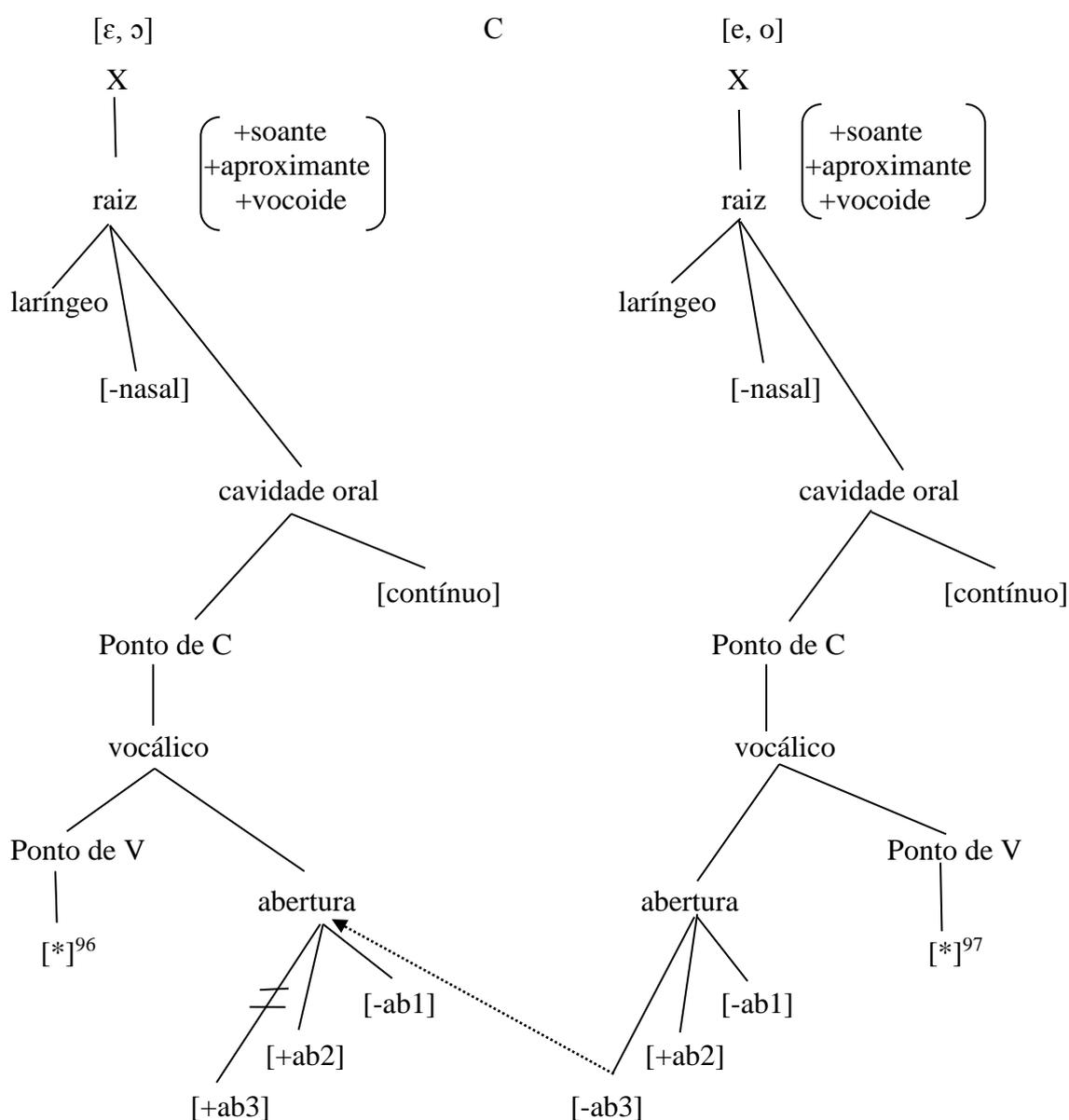
[ε, ɔ] → [e, o] gatilho do processo: [e, o]

c[ε]rt[e]za → c[e]rt[e]za

s[ε]t[o]r → s[e]t[o]r

c[ɔ]rr[e]ios → c[o]rr[e]ios

f[ɔ]rm[o]u → f[o]rm[o]u



⁹⁶ [coronal] para [ε]; [labial] para [ɔ]

⁹⁷ [coronal] para [e]; [labial] para [o]

O nó de abertura da vogal média baixa tem seu traço [+aberto3] desligado para dar lugar ao traço [-aberto3] da vogal baixa nasal seguinte, que é o gatilho do processo. Assim, o nó de abertura da vogal baixa nasal seguinte espraia para o nó vocálico da vogal média baixa, ocorrendo a mudança de um grau de abertura, ou seja, a vogal média pretônica [ɛ,ɔ], com traços [-ab1, +ab2, +ab3] assimila o traço [-ab3] da vogal baixa nasal seguinte e torna-se média alta. Os traços [-ab1] e [+ab2] mantêm-se da mesma forma, já que são traços da vogal média alta. Ressaltamos que a vogal média baixa não assimila o traço [+ab1] da vogal baixa nasal.

8.2.2 Alçamento

Como em Machacalis propusemos /ɛ/, /ɔ/ como *default*, então para ocorrer a harmonia total é preciso que antes ocorra a harmonia parcial. Bisol (2013a) explica:

A harmonização que atinge as médias abertas /ɛ,ɔ/ com o efeito parcial tem a peculiaridade de funcionar como alimentadora da harmonia total /e,o/ → /i,u/, embora disponha da liberdade de não prosseguir, aumentando o número de médias no sistema, assim como tem a liberdade de partir também de outros /e, o/ pré-existentes. (BISOL, 2013a, p. 56)

Representação da Harmonia Parcial – harmonia vocálica do traço [-aberto3]

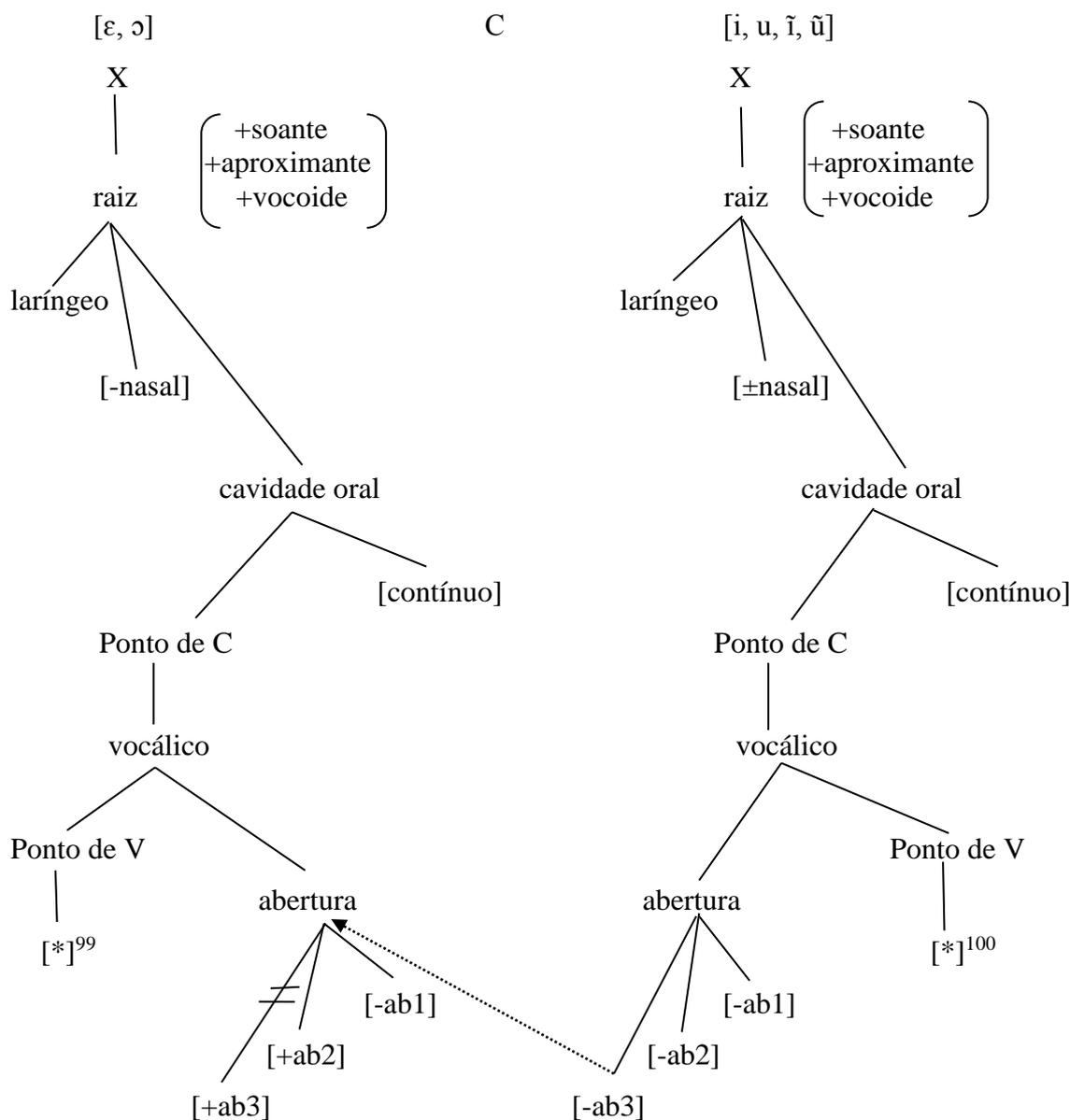
[ε, ɔ] → [e, o] gatilho do processo: [i, u, ï, ù]

s[ε]gu[i]nte → s[e]gu[i]nte

c[ɔ]m[i]da → c[o]m[i]da

s [ε]g[u]ro → s[e]g[u]ro

c[ɔ]st[u]me → c[o]st[u]me



O nó de abertura da vogal média baixa tem seu traço [+aberto3] desligado para dar lugar ao traço [-aberto3] da vogal alta seguinte, que é o gatilho do processo. Assim, o nó de abertura da vogal alta seguinte espalha para o nó vocálico da vogal média baixa

⁹⁹ [coronal] para [ε]; [labial] para [ɔ]

¹⁰⁰ [coronal] para [i, ï]; [labial] para [u, ù]

anterior, ocorrendo a mudança de um grau de abertura, ou seja, a vogal média pretônica [ɛ,ɔ], com traços [-ab1, +ab2, +ab3] assimila o traço [-ab3] da vogal alta seguinte e torna-se média alta, ocorrendo a harmonia parcial.

Como Bisol (2013a) explica, a harmonia pode parar aqui e aumentar o número de vogais médias ou ela pode prosseguir e ocorrer a harmonia total /e,o/ → /i,u/, representada a seguir:

Representação da Harmonia Total – harmonia vocálica do traço [-aberto2]

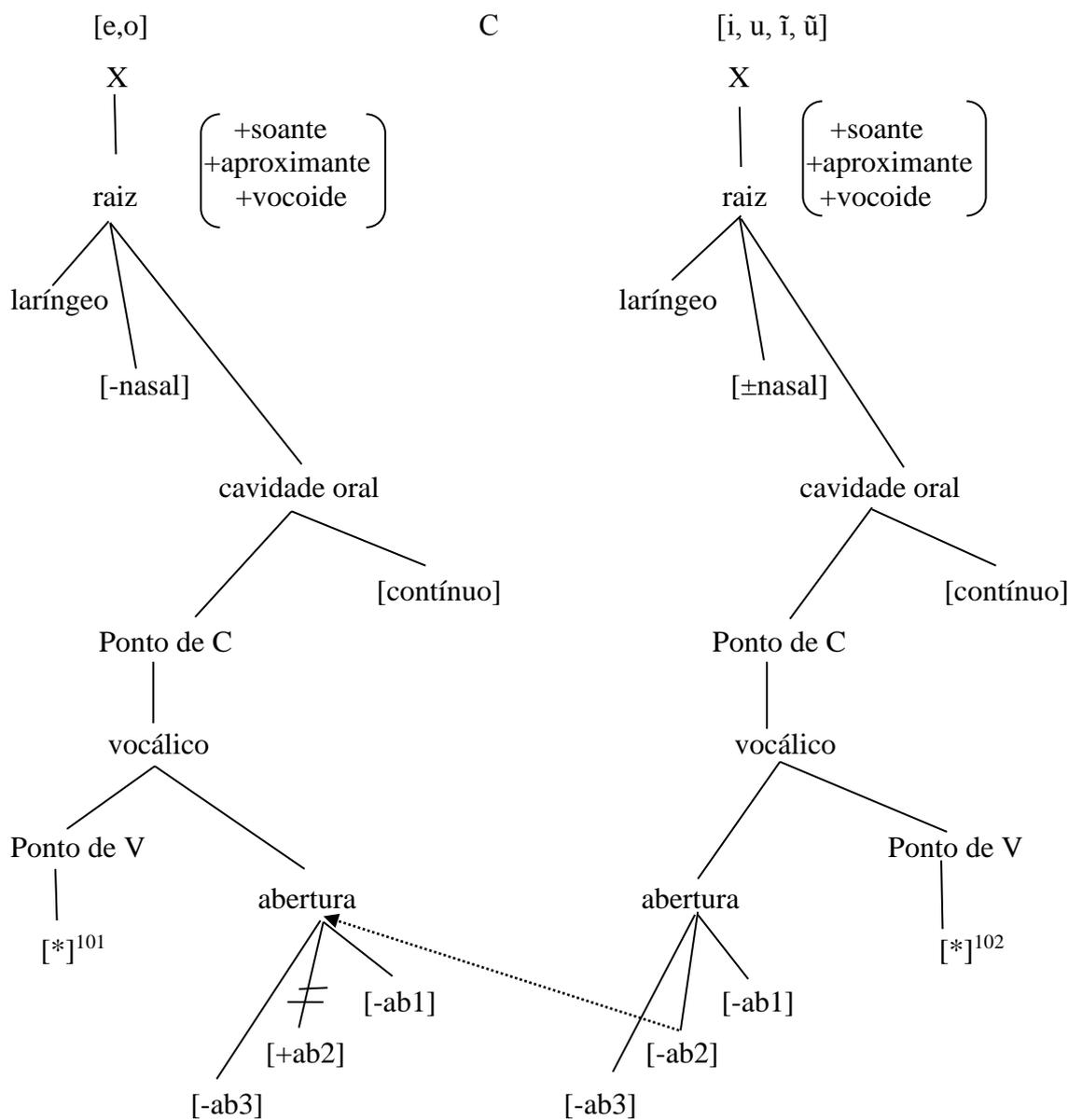
[e,o] → [i, u] gatilho do processo: [i, u, ã, õ]

s[e]gu[i]nte → s[i]gu[i]nte

c[o]m[i]da → c[u]m[i]da

s [e]g[u]ro → s[i]g[u]ro

c[o]st[u]me → c[u]st[u]me



¹⁰¹ [coronal] para [e]; [labial] para [o]

¹⁰² [coronal] para [i, ã]; [labial] para [u, õ]

O nó de abertura da vogal média alta tem seu traço [+aberto2] desligado para dar lugar ao traço [-aberto2] da vogal alta seguinte, que é o gatilho do processo. Assim, o nó de abertura da vogal alta seguinte espraia para o nó vocálico da vogal média antecedente, ocorrendo a mudança de um grau de abertura, ou seja, a vogal média pretônica [e,o], com traços [-ab1, +ab2, -ab3] assimila o traço [-ab2] da vogal alta seguinte e torna-se alta também. Os traços [-ab1] e [-ab3] mantêm-se da mesma forma, já que são traços da vogal alta.

8.3 Comparação entre os falares

Conforme já vimos, Machacalis pertence ao falar baiano. Portanto, considerando a divisão de Nascentes (1953) e os resultados obtidos nesta pesquisa, podemos propor nesta cidade as vogais /ɛ/ e /ɔ/ como *default*. As observações de Mota (1979), Cardoso (1986), Callou; Leite e Coutinho (1991) e Bisol (2013a), apresentadas a seguir, corroboram nossa proposta.

Mota explica:

(...) os dialetos diferem também quanto à estrutura subjacente e não apenas quanto às regras fonológicas que a relacionam à estrutura superficial. As próprias falhas na imitação de dialetos por falantes de outras áreas podem ser vistas, segundo HAUSMANN, como indício de que os diversos dialetos de uma língua apresentam diferentes estruturas subjacentes, ao contrário do que até então propunha a Fonologia Gerativa Transformacional. (MOTA, 1979, p.20)

Cardoso (1986), ao examinar a divisão dialetal do Brasil proposta por Nascentes, à luz dos dados fornecidos pelo Atlas prévio dos falares baianos e pelo Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais, explica, ao se referir ao falar baiano, que a maior frequência foi das vogais médias abertas, tanto anteriores quanto posteriores.

Acresce a isso o fato de as ocorrências de [e] e [o] distribuírem-se de forma generalizada pelo território baiano o que demonstra a inexistência de área ou áreas específicas. A distribuição das ocorrências de [e] e [o] permite-nos concluir que a presença das vogais médias fechadas em posição pretônica não se define como traço característico de região, mas configura-se como uma variante livre de [ɛ] e [ɔ], que se afiguram como realizações básicas na área. (CARDOSO, 1986, p.50)

Callou; Leite e Coutinho pontuam:

Para finalizar, gostaríamos de assinalar que é extremamente difícil com os dados disponíveis decidir se alteamento e abaixamento constituem inovação ou conservação. Falou-se até aqui em regra de abaixamento, partindo-se do pressuposto de que a forma básica histórica é /e/, a harmonização sendo de alteamento e → i e a ocorrência de vogais baixas indicando uma simplificação da regra, isto é, uma inovação. Outra interpretação possível, calcada também em dados históricos e corroborada pelo fato de ter sido anotada de preferência em pessoas mais velhas, seria interpretar a ocorrência de vogais baixas como uma manutenção, o processo histórico sendo $\varepsilon \rightarrow e \rightarrow i$. (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991, p.77)

Bisol (2013a, p.57), ao comparar os efeitos da harmonização vocálica em duas variedades do PB (sul/suldeste e norte/nordeste), mostra que no norte/nordeste a vogal que entra como *default* é a média aberta: “Quando não há contexto para assimilação ou quando a assimilação que produz as médias deixa de atuar por ser regra variável, entra como *default*, no sentido de vogal de maior uso, a média aberta.”

Assim, podemos propor os seguintes processos fonético-fonológicos em cada cidade:

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
/e/ /o/	/e/ /o/	/ɛ/ /ɔ/
HV ¹⁰³ do traço [+aberto3]	HV do traço [+aberto3]	HV do traço [-aberto3]
HV do traço [-aberto2]	HV do traço [-aberto2]	HV parcial [-aberto3] e HV total [-aberto2]

Em Machacalis, a harmonia parcial [-aberto3] é igual à elevação de média baixa para média alta (HV do traço [-aberto3]). Podemos observar nas representações que fizemos anteriormente que a diferença é apenas o gatilho do processo. Para a elevação, temos como gatilho as vogais [e], [o], [ẽ]. Para a harmonia parcial, temos como gatilho as vogais altas. Mas o processo é o mesmo, assimilação do traço [-aberto3].

Assim, resumindo os processos apresentados, temos apenas:

- 1) HV do traço [+aberto3] – Ouro Branco e Piranga
- 2) HV do traço [-aberto3] - Machacalis
- 3) HV do traço [-aberto2] - Ouro Branco, Piranga e Machacalis

Portanto, Machacalis se mostra claramente diferente das outras cidades. Já Ouro Branco e Piranga apresentam os mesmo processos, mas ressaltamos que há diferenças

¹⁰³ HV= Harmonia Vocálica

entre essas cidades. Vejamos os percentuais de harmonia vocálica para o traço [-aberto 3] com gatilho [ɛ], [ɔ], [a]:

Variantes		Ouro Branco v.tônica		Piranga v.tônica	
		[a]	[ɛ], [ɔ]	[a]	[ɛ], [ɔ]
[e]	n %	83 86,5%	74 85,1%	33 27,5%	12 28,6%
[ɛ]	n %	13 13,5%	13 14,9%	87 72,5%	30 71,4%
Total	n %	96 100,0%	87 100,0%	120 100,0%	42 100,0%

Variantes		Ouro Branco v.tônica		Piranga v.tônica	
		[a]	[ɛ], [ɔ]	[a]	[ɛ], [ɔ]
[o]	n %	55 67,1%	44 77,2%	11 13,4%	5 13,2%
[ɔ]	n %	27 32,9%	13 22,8%	71 86,6%	33 86,8%
Total	n %	82 100,0%	57 100,0%	82 100,0%	38 100,0%

Os percentuais de abertura em Ouro Branco e Piranga são muito diferentes. Em Ouro Branco prevalece a manutenção, mesmo com vogal tônica favorecedora da abertura. Já em Piranga, o percentual de abertura nesse contexto é muito alto.

Em Piranga, mostramos que há indícios de progressão da abertura no contexto de vogal tônica [ẽ], [õ], mas na regressão esse contexto não deu significativo. Piranga parece caminhar na direção de Machacalis. Ouro Branco apresenta indícios de progressão do alçamento, pois os jovens favorecem o alçamento de (e). Ouro Branco não parece caminhar na mesma direção de Machacalis e Piranga.

Além desses processos, os resultados das regressões mostraram que há também um papel das consoantes seguintes tanto para a abertura quanto para o alçamento. Ressaltamos que os processos resultantes da influência das consoantes não serão analisados de acordo com a teoria autosegmental devido à necessidade de refinamento da análise, pois não pesquisamos cada consoante detalhadamente, o que nos impossibilita fazer a representação.

Lembramos que, como vimos na hierarquização dos fatores, os pesos desses processos são diferentes. Por exemplo, em Piranga, em relação à vogal anterior, a harmonia vocálica (alto) é, aproximadamente, 7 vezes mais importante do que a redução

vocálica. Em Machacalis, aproximadamente, 2 vezes mais e em Ouro Branco, aproximadamente, 4 vezes mais.

Em relação aos outros fatores, podemos fazer algumas generalizações: em Ouro Branco não há indício de atuação do acento inicial; o paradigma não atua em Machacalis; os verbos só atuam para o alçamento de (e) e há atuação da ausência do acento secundário favorecendo o alçamento.

Além desses fatores, é importante ressaltar que há questões lexicais atuando.

Para a grande parte dos dados, podemos postular alguns processos atuando. Mas ressaltamos que, tanto para (e) quanto para (o), para o alçamento e para a abertura, evidenciamos a atuação de alguns itens lexicais, principalmente aqueles que têm o mesmo contexto e um item sempre alça e o outro nunca alça.

Se levarmos em consideração apenas os processos fonético-fonológicos, poderíamos talvez dizer que a divisão dos falares de Minas apresentada em Zágari (1998) seria a divisão mais interessante, pois os processos em Piranga e Ouro Branco são os mesmos. Assim Piranga e Ouro Branco pertenceriam à área de falar mineiro e Machacalis à área de falar baiano.

Mas se levarmos em consideração todos os fatores que são favorecedores, Ouro Branco pertenceria ao falar mineiro, Piranga estaria numa área de transição entre o falar mineiro e o baiano, Machacalis pertenceria ao falar baiano. Precisaríamos analisar os processos do falar fluminense para afirmar se Piranga estaria ou não nessa área.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomaremos o caminho percorrido até aqui e as conclusões a que chegamos nesta tese.

Fizemos sempre a análise de (e) e (o) separadamente.

Analisamos a variação [e ~ i], [ẽ ~ ã], [o ~ u], [õ ~ ù] – alçamento – e a variação [e ~ ε], [o ~ ɔ] – abertura.

Separamos antes de fazer a regressão: início de palavra, encontros vocálicos e alguns itens lexicais. Inserimos na regressão apenas a distância 1 da sílaba tônica e apenas o radical. Fizemos o cruzamento entre a variável dependente e cada variável independente e separamos os fatores que não tiveram ocorrência de uma das variáveis dependentes.

Os grupos de fatores inseridos na regressão para o alçamento foram: vogal da sílaba tônica, modo do segmento seguinte, classe gramatical, distância do início da palavra, gênero/sexo, faixa etária (ou agrupamento social quando houve interação entre gênero/sexo e faixa etária). Para a abertura, inserimos os mesmos grupos de fatores e acrescentamos o paradigma.

Vejamos o resumo do que ocorre em cada cidade após todas as análises:

	Ouro Branco Alçamento de /e/	Ouro Branco Abertura de /e/
Vogal tônica	HV [-aberto2]	HV [+aberto3]
Modo seguinte	[-contínuo]	
Classe gramatical	verbos	nomes
Paradigma		
Gênero/sexo		fem/adulto
Faixa etária	jovens	

	Piranga Alçamento de /e/	Piranga Abertura de /e/
Vogal tônica	HV [-aberto2]	HV [+aberto3]
Modo seguinte	[-contínuo -nasal]	
Classe gramatical		
Paradigma		paradigma com vogal aberta
Gênero/sexo		masculino
Faixa etária		

	Ouro Branco Alçamento de /o/	Ouro Branco Abertura de /o/
Vogal tônica	HV [-aberto2]	HV [+aberto3]
Modo seguinte	[-soante +contínuo]	
Classe gramatical		
Paradigma		paradigma com vogal aberta
Gênero/sexo		feminino/adulto
Faixa etária		masculino/jovem

	Piranga Alçamento de /o/	Piranga Abertura de /o/
Vogal tônica	HV [-aberto2]	HV [+aberto3]
Modo seguinte	[-soante +contínuo]	[-soante +contínuo]
Classe gramatical	nome	
Paradigma		
Gênero/sexo	masculino/jovens	
Faixa etária		

	Machacalis Elevação de /ɛ/	Machacalis alçamento de /e/
Vogal tônica	HV parcial [-aberto3]	HV total [-aberto2]
Modo seguinte	[-silábico +soante]	[+nasal]
Classe gramatical		verbos
Gênero/sexo		feminino/adulto
Faixa etária		

	Machacalis Elevação de /ɔ/	Machacalis alçamento de /o/
Vogal tônica	HV parcial [-aberto3]	HV total [-aberto2]
Modo seguinte	{[-silábico +soante] [-contínuo]}	[-soante +contínuo]
Classe gramatical		nomes
Gênero/sexo	masculino	
Faixa etária		

Chegamos a algumas conclusões:

- a) Em **Ouro Branco e Piranga** propusemos as formas /e/ e /o/ como *default* para as vogais médias pretônicas. Já em **Machacalis**, propusemos as formas /ɛ/ e /ɔ/ como *default*;
- b) Em **Ouro Branco e Piranga**, a abertura da pretônica ocorre por um processo de harmonia vocálica do traço [+aberto3]. E o alçamento ocorre por um processo de harmonia vocálica do traço [-aberto2].
Como em **Machacalis** o *default* é /ɛ/ e /ɔ/, não temos processo de abertura e sim elevação da média baixa para a média alta, que ocorre por um processo de harmonia vocálica do traço [-aberto3], favorecido principalmente pelas vogais tônicas [e] e [o] seguintes e também pela vogal tônica seguinte [ẽ]. No alçamento da pretônica ocorre primeiro a harmonia parcial /ɛ, ɔ / → /e,o/ (harmonia do traço [-aberto3]); e depois a harmonia total /e,o/ → /i,u/ (harmonia do traço [-aberto2]);
- c) Evidenciamos o papel das vogais nasais nos processos: com as vogais [ẽ], [õ] na sílaba tônica prevalece a forma média baixa da pretônica em Machacalis, pois [ẽ], [õ] são mais baixas do que [e], [o], conforme Seara (2000). A vogal [ẽ] na sílaba tônica favorece a realização de [e], [o] em Machacalis, diferentemente de [a], pois [ẽ] é mais alta do que [a];
- d) Ao todo, temos apenas três processos: 1) HV do traço [+aberto3] – Ouro Branco e Piranga; 2) HV do traço [-aberto3] – Machacalis; 3) HV do traço [-aberto2] - Ouro Branco, Piranga e Machacalis;
- e) Machacalis se mostra claramente diferente das outras cidades. Ouro Branco e Piranga apresentam os mesmo processos, mas há diferenças entre essas cidades: em Ouro Branco prevalece a manutenção, mesmo com vogal tônica favorecedora da abertura. Já em Piranga, o percentual de abertura nesse contexto é muito alto. Em Piranga, mostramos que há indícios de progressão da abertura no contexto de vogal tônica [ẽ], [õ], embora na regressão esse contexto não tenha se mostrado significativo. Piranga parece caminhar na direção de Machacalis. Ouro Branco apresenta indícios de progressão do alçamento, pois os jovens favorecem o alçamento de (e). Ouro Branco não parece caminhar na mesma direção de Machacalis e Piranga;
- f) Os segmentos com traço [-contínuo] favorecem o alçamento de /e/ e os segmentos com traço [-soante +contínuo] favorecem o alçamento de /o/;

- g) É interessante notar o comportamento dos segmentos que têm traços [-soante +contínuo] em Piranga, favorecendo ora o alçamento de (o), ora a abertura de (o);
- h) Os segmentos com traços [-contínuo -nasal], para o alçamento de /e/ em Piranga, são um subconjunto dos segmentos com traço [-contínuo], para o alçamento de /e/ em Ouro Branco;
Os segmentos com traço [+nasal], para o alçamento de /e/ em Machacalis, são um subconjunto dos segmentos com traços [-silábico +soante], para a elevação de /e/ nessa cidade;
- i) Em Ouro Branco não há indício de atuação do acento inicial. Há atuação da ausência do acento secundário favorecendo o alçamento nas três cidades;
- j) O paradigma não atua em Machacalis;
- k) Os verbos só atuam para o alçamento de (e);
- l) Em relação aos fatores sociais, levantamos a hipótese de haver estigma em algum dos processos (alçamento ou abertura). Almeida (2008) constatou que há estigma para a abertura em Machacalis. Dias (2008) mostrou que o alçamento é ligeiramente estigmatizado em Ouro Branco e Piranga e que não há estigma evidente para a abertura nessas cidades. Em Piranga a abertura chega a ser prestigiada por alguns informantes. Pode haver também interação entre os fatores sociais e linguísticos.
- m) Fizemos o teste da razão da máxima verossimilhança para hierarquizar as variáveis e comprovamos que a variável mais importante para explicar o alçamento e a abertura de (e) e (o) em todas as cidades estudadas é a vogal da sílaba tônica;
- n) Mostramos que os aspectos segmentais (atuação das vogais e das consoantes) são mais importantes do que os aspectos acentuais (como o acento inicial) e do que os aspectos relacionados ao paradigma. O acento secundário não foi analisado na regressão, mas nos testes concluímos que há indícios de que o não alçamento a uma distância 2 da tônica esteja relacionado ao acento secundário. Em relação à abertura, os testes mostraram que não há efeito desse acento;
- o) Observamos que parece haver atuação lexical nos processos.

Concluimos, a partir dos nossos resultados que, se levarmos em consideração apenas os processos fonético-fonológicos, poderíamos talvez dizer que a divisão dos falares de Minas apresentada em Zágari (1998) seria a divisão mais interessante, mas se levarmos em consideração todos os fatores que são favorecedores, podemos dizer que o falar de Piranga poderia ser considerado um falar de transição.

Entendemos que há muitas questões fonético-fonológicas atuando que podem ser explicadas conforme a nossa proposta e que há também outras questões envolvidas, como questões lexicais, e que é necessário um modelo que acomode de maneira interessante esses dados. Um possível modelo seria o proposto por Oliveira (2014).

Nossos objetivos foram cumpridos, pois fizemos a descrição das vogais médias pretônicas em Piranga, Ouro Branco e Machacalis, mostramos por quais processos fonológicos passam essas vogais nessas três cidades e quais são os fatores favorecedores de cada processo. Evidenciamos outras questões relativas ao alçamento e à abertura.

Acreditamos ter contribuído, dessa forma, para a descrição das variedades de Minas Gerais e do Português Brasileiro. E também acreditamos ter apresentado conclusões importantes e questões ainda a serem respondidas que ajudarão nas próximas pesquisas sobre as vogais médias pretônicas no PB.

REFERÊNCIAS

ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n. 2, p. 23-43, 1981.

ABAURRE, Maria Bernadete; GALVES, Charlotte. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. *D.E.L.T.A.* São Paulo, vol.14, n. 2, p. 377-403, 1998.

ABAURRE, Maria Bernadete; SANDALO, Filomena. Harmonia vocálica e modelos de representação de segmentos. In: LEE, Seung-Hwa (org.). *Vogais além de Belo Horizonte* [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. p.17-41.

ALMEIDA, L. F. *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis*. 2008. 282f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ALVES, Marlúcia Maria. *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da teoria da otimalidade*. 2008. 340f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

AMORIM, Gustavo da Silveira. *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife*. 2009. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

ARAÚJO, Adelma Lúcia de Oliveira Silva. *Alçamento da vogal baixa em contexto pretônico*. 2006. 210f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ARAÚJO, Gabriel Antunes de (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ATLAS ESCOLAR: Histórico e Geográfico do Município de Ouro Branco. Secretaria Municipal da Educação. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil, 2006.

AVELHADA, A.C.; SILVEIRA, E.F.B. Alçamento das vogais médias pretônicas nas cidades de São Fidélis e Rio de Janeiro: uma análise comparativa. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*, Curitiba, 2011.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Ltda., 1995.

BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

BATTISTI, Elisa. Variação. In.: BISOL, Leda; SCHWINDT, Luiz Carlos (orgs.). *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BISINOTTO, Allyne Garcia. *O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar Ituiutabano*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica*. 1981. 332f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.* São Paulo, vol.5, n. 2, p. 185-224, 1989.

BISOL, Leda. Neutralização das átonas. *D.E.L.T.A.* São Paulo, vol.19, n. 2, p. 267-276, 2003.

BISOL, Leda. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (orgs.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-92.

BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português*. 5. ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BISOL, Leda. A Simetria no Sistema Vocálico do Português Brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. v. 5, p. 41-52, 2010.

BISOL, Leda. Harmonização gradiente. Diadorim. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v.8, p.11-24, 2011.

BISOL, Leda. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. *Organon*: Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan./jun. 2013a.

BISOL, Leda. O acento: duas alternativas de análise. *Organon*: Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 281-321, jan./jun. 2013b.

BORGES, Gislei Lúcia. Uma análise sobre as vogais pretônicas do município de Uberaba/MG. *A Margem*. Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes. Uberlândia, ano 1, n. 2, p. 79-93, jul./dez. 2008

BORTONI, Stella Maris et al. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Caderno de Estudos da Linguagem*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n. 20, p. 75-90, 1991.

BORTONI, Stella Maris; GOMES, Cristina Abreu; MALVAR, Elisabete da Silva. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, ano 1, v. 1, p. 9-29, 1992.

BRESCANCINI, Cláudia. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, Joan. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language Variation and Change*, 14. p. 261-290, 2002.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne.; COUTINHO, Lillian. Elevação e Abaixamento das Vogais Pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *ORGANON*, Revista do Instituto de Letras da UFRS, Porto Alegre, v.5, n.18, p. 71-78, 1991.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável. *Letras de Hoje*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 37, n.1, p.1-24, 2002.

CAMARA JR., M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMARA JR., M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DE OURO BRANCO. Disponível em: <<http://www.ourobranco.cam.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2012.

CAMPOS, Hellen de Oliveira Valentim. *Duração dos segmentos vocálicos orais, nasais e nasalizados do português brasileiro*. 2009. 112f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Tinha Nascentes razão? *Estudos Linguísticos e Literários*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, Salvador, n.5, p.47-59, 1986.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. As vogais pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In.: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Ed. UEL, 1999. p. 93-108.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O projeto ALiB: caminhos andados e a percorrer. In: AGUILERA, G.A.M; MOTA, J.A. (orgs.). *Documentos 1: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil- ALiB*. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Projeto ALiB: o sentido desta caminhada. In: MOTA, J.A.; CARDOSO, S.A.M.; PAIM, M.M.T. (orgs.). *Documentos 3: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil: Vozes do X WORKALiB: amostras do português brasileiro*. Salvador: Vento Leste, 2012.

CARMO, Márcia Cristina do. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 115f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2009.

CARMO, Márcia Cristina do. *As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista*. 2013. 249f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2013.

CARNEIRO; D. R.; MAGALHÃES, J. As vogais médias pretônicas na cidade de Araguari: uma análise variacionista. In: MAGALHÃES, José. (org.). *Fonologia*. Uberlândia: EDUFU, p.269-284, 2014.

CARTILHA DO LEGISLATIVO DE OURO BRANCO. Câmara Municipal de Ouro Branco. João Monlevade: Click Ideias Editora, 2004.

CARVALHO, Sergio Drummond Madureira. *As pretônicas <e> e <o> no português do Brasil e no português europeu*. 2010. 183f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CASAGRANDE, Graziela Pigatto Bohn. *Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real*. 2004. 271f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CASTRO, Elzimar C. de. *As pretônicas na variedade mineira juizdeforana*. 1990. 306f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

CÉLIA, Gianni Fontis. *Variação das vogais médias pretônicas no português de Nova Veneza-ES*. 2004. 113f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1995.

CHAVES, Idalena Oliveira. *Panorama dos estudos das vogais pretônicas no Português do Brasil: meta-análise das pesquisas desenvolvidas de 1980 a 2012*. 2013. 211f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CLEMENTS, G; HUME, E. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, John (Org.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell Publishing, 1996. Blackwell Reference Online. 31 December 2007 Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631201267_chunk_g97806312012679> Acesso em: 29 abr. 2014.

COLLISCHONN, Gisela. Acento secundário em Português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.29, n.98, p. 43-53, dez.1994.

COLLISCHONN, Gisela. Proeminência Acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, Gabriel Antunes de (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CRUZ, Marion Costa. *As vogais médias pretônicas em Porto Alegre-RS: um estudo sobre o alicamento sem motivação aparente*. 2010. 203. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CRUZ, Regina. Alçamento vocálico das médias pretônicas no português falado na Amazônia Paraense. In: LEE, Seung-Hwa. *Vogais além de Belo Horizonte* [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. p. 192-218.

CRUZ, Regina et al. As Vogais Médias Pretônicas no Português Falado nas Ilhas de Belém (PA). In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (Org.). *Estudos em fonética e fonologia no Brasil*. João Pessoa: GT-Fonética e Fonologia / ANPOLL, 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. rev.atual. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DIAS, Melina Rezende. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

DIAS, M. P.; CASSIQUE, O.; CRUZ, R. C. F. O alçamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 5, n. 9, agosto de 2007.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1991.

FELICE, Ana Carolina Garcia Lima. *Um estudo variacionista e fonológico sobre o alicamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense*. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

FREITAS, Simone Negrão de. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

FONTE, J. S. A variação fonológica entre as vogais pretônicas do português arcaico. In: MAGALHÃES, José. (org.). *Fonologia*. Uberlândia: EDUFU, p.243-268, 2014.

GOLDSMITH, John A. *Autosegmental Phonology*. 1976. 280f. Tese de Doutorado - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass, 1976.

GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. 2008. 243f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GUIMARÃES, Rubens Vinicius Martins. *Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões norte e sul de Minas Gerais uma abordagem à Luz da Teoria da Otimidade*. 2007. 212f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

HORA, Dermeval da; VOGLEY, Ana. Harmonia vocálica no dialeto Recifense. *Organon*: Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 63-81, jan./jun. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=mg>>. Acesso em: 02 ago. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=11&uf=00>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL. *A pronúncia do português europeu: o acento de palavra no português*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acesibilidade/capitulo5_3.html>. Acesso em: 18 jan. 2013.

INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL. *A pronúncia do português europeu: fonética e fonologia: que diferença?* Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acesibilidade/capitulo3_1.html>. Acesso em: 15 abr. 2014.

KAILER, Dircel Aparecida. *Vogais pretônicas /e/ e/o/: um estudo em tempo aparente*. 2008. 302f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

KENT, R.D.; READ, C. *The Acoustic Analysis of Speech*. San Diego: Singular Publishing Group, 1991.

KIPARSKY, Paul. The phonological basis of sound change. In: GOLDSMITH, J.A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

KLUNCK, Patrícia. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. 2007. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LABOV, William. *The Social Estratificacion of English in New York*. 2. ed. ampliada. Cambridge: University Press, 2006 [1966].

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392p. Título Original: *Sociolinguistic Patterns*.

LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. *Language Variation and change*, v.57, n.2, p.267-308, 1981.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Black Well, 1994.

LABOV, William. *Driving Forces in Linguistic Change*. International Conference on Korean Linguistics. Seoul National University, Seul, Coreia do Sul, 2002.

LEE, Seung-Hwa. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. 1995. 190f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

LEE, Seung-Hwa. Sobre as vogais pré-tônicas no Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, v.1, n. 35, p.166-175, 2006.

LEE, Seung-Hwa (org.). *Vogais além de Belo Horizonte* [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2012.

LEE, Seung-Hwa; OLIVEIRA, Marco Antônio de. Variação inter- e intra-dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: HORA, D. da; COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p.67-91.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Instituto de História Letras e Artes, 1965.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Cláudio Manuel da Costa e Seu Poema Vila Rica*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1969.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Livros Horizontes, v. I-V, 1987.

MACHADO, Luana Maria Siqueira. *Análise acústica das vogais pretônicas [-bx] no falar do Rio de Janeiro*. 2010. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. 2006. 159f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MATEUS, Maria Helena Mira Brito et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português*. 5. ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MEYERHOFF, Miriam. *Introducing Sociolinguistics*. London/NY: Routledge, 2006.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. 2. Ed. Oxford: Blackwell, 1987.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.9-14.

MORAES, J.; CALLOU, D.; LEITE, Y. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, M. (org). *Gramática do português falado*, v. V: Convergências. Campinas: UNICAMP / FAPESP, 1996, p. 33-51.

MOTA, Jacyra Andrade. *Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE*. 1979. 290f. v. I e II. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

MOTA, Jacyra Andrade. O que vêm revelando os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil sobre as vogais médias pretônicas. In: I Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 2010, São Luís. *Anais*. São Luís, p. 30-38, 2010.

MUNICÍPIO DE PIRANGA. Desenvolvido e mantido por Thiago Dias Neves. Disponível em: <<http://www.piranga.com.br>>. Acesso: 17 jan. 2008.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.15-31.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

OLIVEIRA, Luiz Henrique de. *Nas malhas da incerteza: comportamento e estratégias camponesas na Freguesia de Guarapiranga (1750-1820)*. 2006. 241f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. *Variação em itens lexicais terminados em /l/ + vogal na região de Itaúna/MG*. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. Identificação e análise da interação entre variáveis independentes em estudos variacionistas. In: VIEGAS, M. C. (org.). *Minas é Plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. p.93-112.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. 'Comendo o final das palavras': análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG. 2012. 296f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. *Ensaios de Linguística*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, ano IV, n. 7, p. 71-89, 1982.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. The neogrammarian controversy revisited. *International journal of the sociology of language*. Berlim, n. 89, p. 93-105, 1991.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, ano 1, v.1, p. 31-41, 1992.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, ano 4, v. 1, p. 75-92, 1995.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Nem tudo que reluz é ouro: língua escrita e mudança lingüística. *Scripta*, Belo Horizonte: PUC Minas, v. 8, n. 16, p. 165-175, 2005.

OLIVEIRA, M. A. Variação fonológica: o indivíduo e a comunidade de fala. In: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Sílvia M. G. C. (Org.). *Sujeito e Linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 97-115.

OLIVEIRA, M. A. A variação fonológica na perspectiva da linguagem como um sistema adaptativo complexo. In: MAGALHÃES, José. (org.). *Fonologia*. Uberlândia: EDUFU, p.11-35, 2014.

OLIVEIRA, Marco Antônio de; LEE, Seung-Hwa. Teoria fonológica e variação lingüística. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 3, 41-66, 2006.

PHILLIPS, B.S. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, v. 60, n. 2, p. 320-342, 1984.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO BRANCO. Disponível em: <<http://www.ourobranco.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRANGA. Disponível em: <<http://www.piranga.mg.gov.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2012.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL-UFBA. *O que é o ALiB: objetivos*. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

RANGEL, Carmen Verônica Almeida Rodrigues; ANTUNES, Leandra. Descrição das vogais orais do português falado na região do Vale do Aço. *Principium: Iniciação Científica do UNILEST-MG*. Coronel Fabriciano: UNILEST. v.1, n.1, dez.2001.

REZENDE, Fernanda Alvarenga; MAGALHÃES, José S. de. Alçamento da vogal pretônica /e/ na fala dos habitantes de Coromandel-MG e Monte Carmelo-MG. *Revista Linguagem: estudos e pesquisas*, Departamento de Letras do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás, Catalão, vol. 14, n. 2, 2010.

RIBEIRO, José *et al.* *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. v.1, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROMAINE, S. Internal vs. external factors in socio-historical explanations of change: a fruitless dichotomy? AHLERS, J. et al. (org.) *Proceedings of 21th Annual meeting of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley, Berkeley Linguistic Society, Inc., 1995.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tradução de: Clado Ribeiro Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SANDALO, Filomena; ABAURRE, Maria Bernadete. Acento secundário em duas variedades de português. In: ARAÚJO, Gabriel Antunes de (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p.145-167.

SANDALO, Filomena; ABAURRE, Maria Bernadete; MADRUGA, Magnun Rochel. Dispersão e harmonia vocálica em dialetos do português do Brasil. *Organon*: Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 13-30, jan./jun. 2013.

SANTOS, Edinaldo Gomes dos. *A distribuição geo-sociolinguística da variável <e> pretônica no português falado no Estado do Pará*. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 26.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.147-177.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SEARA, Izabel Christine. *Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do Português Brasileiro*. 2000. 270f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

SILVA, Myrian Barbosa da. *As pretônicas no falar baiano*. 1989. 374f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, Myrian Barbosa da. Um traço regional na fala culta de Salvador. *ORGANON*, Revista do Instituto de Letras da UFRS, Porto Alegre, v.5, n.18, p. 79-89, 1991.

SILVA, Ailma do Nascimento. *As pretônicas no falar teresinense*. 2009. 235f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Marcia Eliane da. *O alçamento das vogais médias pretônicas na fala de São José do Norte/ RS: Harmonia Vocálica*. 2012. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

SOUSA, Josivane. *A Variação das Vogais Médias Pretônicas no Português Falado na Área Urbana do Município de Belém/PA*. 2010. 207f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém: UFPA, 2010.

SPSS Inc. (2005). SPSS 13.0 [Computer software]. Chicago.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1994.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução: Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TONDINELI, Patrícia Goulart. *A variação fonética das vogais médias pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG*. 2010. 195f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1974. 2v.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Os Últimos Carijós: escravidão indígena em Minas Gerais. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.17, n. 34, 1997.

VIANA, Vanessa Faria. *As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística*. 2008. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 231f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEGAS, Maria do Carmo. O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, ano 4, v. 2, p. 101-123, jul./dez.1995.

VIEGAS, Maria do Carmo. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. 281f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

VIEGAS, Maria do Carmo. Elevação das vogais médias pré-tônicas na região de Belo Horizonte – harmonia e redução. *Estudos Linguísticos: os quarto vértices da GT da Anpoll*, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

VIEGAS, M. C. (org.). *Minas é Plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

VIEGAS, M. C. (org.). *Minas é Singular*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

VIEGAS, Maria do Carmo. Por que nossa pronúncia é desse jeito? In: RAMOS, J.; COELHO, S. M. (orgs.). *Português Brasileiro Dialectal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

VIEGAS, M. C.; ALMEIDA, L.; DIAS, M. A variação das vogais em Minas Gerais: o projeto VARFON-MINAS. In: LARA, G.M.P.; COHEN, M.A. (orgs.). *Linguística, tradução e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 72-91.

VIEGAS, M. C.; CAMBRAIA, César Nardelli. Vogais médias pretônicas no português brasileiro: contrastando passado e presente. In.:VIEGAS, M. C. (org.). *Minas é Plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. p.13-43

VIEGAS, M. C.; LEE, Seung-Hwa. Hierarquização da variação das vogais pretônicas em falares de Minas Gerais. In.:VIEGAS, M. C. (org.). *Minas é Plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. p. 45-54.

VITRAL, L.; VIEGAS, M.C.; OLIVEIRA, A. J. Inovação versus Mudança: a interseção Gramaticalização/Teoria da Variação e Mudança. In.: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WETZELS, W.L. Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n. 21, p. 25-58, jul/dez 1991.

WETZELS, W.L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n. 23, p. 19-55, jul/dez 1992.

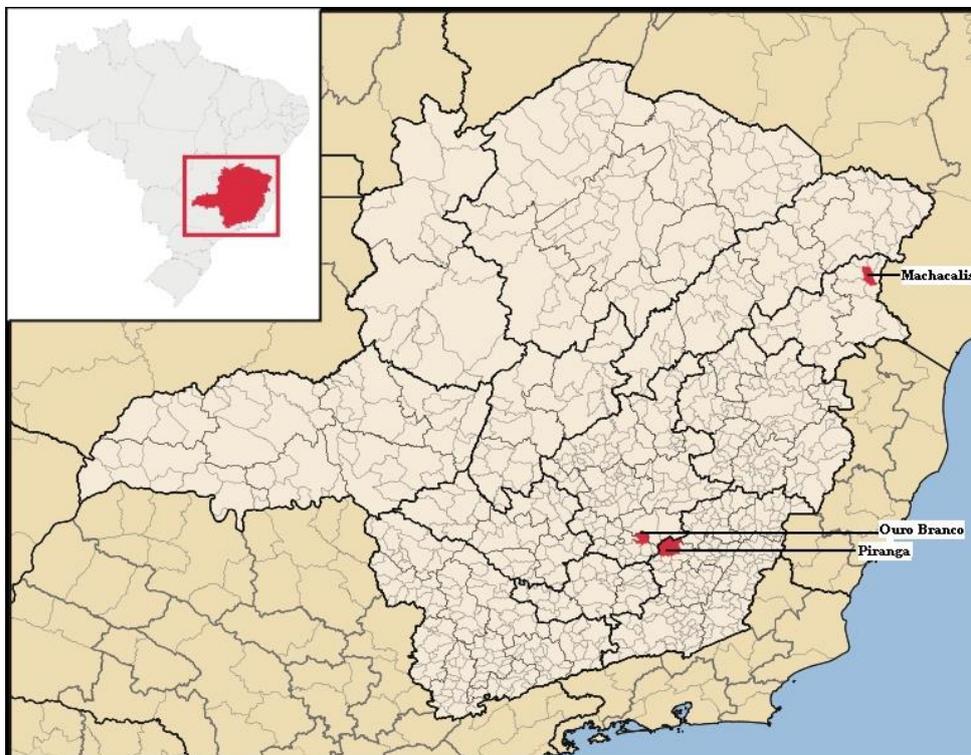
YACOVENCO, Lílian Coutinho. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. 185f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

ZÁGARI, M. R. L. Os Falares Mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A Geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998, p.31 a 54.

ZANI, Juliana Camargo. *O alçamento das vogais médio-baixas no falar da cidade de São Paulo*. 2009. 169f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

ANEXOS

ANEXO A



Localização dos municípios de Piranga, Ouro Branco e Machacalis em Minas Gerais

Adaptação de Wikipedia apud VIEGAS; CAMBRAIA, 2011, p. 31

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor (a),

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa com o objetivo de verificar a variação das vogais médias pretônicas na cidade de **Piranga/Ouro Branco/Machacalis** e colaborar para a documentação e constituição de um banco de dados referente ao dialeto mineiro. Você foi selecionado porque se encaixa nos critérios exigidos para esta pesquisa: ser pessoa moradora da cidade de Piranga desde criança, ter ou estar cursando ensino médio, pertencer à faixa etária de 18 a 24 anos ou 40 a 60 anos. Sua participação não é obrigatória.

2) Procedimentos do Estudo

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em realizar entrevista gravada, ler uma lista de palavras, ler textos e avaliar palavras lidas pelo entrevistador.

3) Riscos e desconfortos

Consideramos que a metodologia utilizada para coleta de dados não oferece riscos ou desconfortos.

4) Benefícios

Consideramos que essa pesquisa não trará benefícios diretos para você.

5) Custos/Reembolso

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento pelo mesmo

6) Caráter Confidencial dos Registros

A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa.

As entrevistas serão codificadas de forma a não permitir a exposição do nome do informante. As gravações serão usadas para a documentação e constituição de um banco de dados referente ao dialeto mineiro, mas o nome de cada informante será mantido em sigilo.

7) Participação

Sua participação neste estudo é muito importante e voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício ou cuidados a que tenha direito nesta instituição. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor informe o pesquisador e/ou a pessoa de sua equipe que esteja atendendo-o.

8) Informações

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que poderá ser contatado para esclarecimentos pelo telefone 3499-4592, por email coep@prpq.ufmg.br ou no seguinte endereço: Av. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, sala 2005, 2º andar. Pampulha. CEP 31270-901 - Belo Horizonte, MG.

Estou ciente de que terei acesso aos resultados obtidos, se for de minha vontade, além de quaisquer esclarecimentos adicionais que eu necessite.

Os pesquisadores responsáveis poderão fornecer qualquer esclarecimento sobre essa pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

Nome do pesquisador: Melina Rezende Dias
Endereço: Rua Professor Nelson de Sena, nº131, apto:103
Bairro: Aeroporto, Belo Horizonte, MG. CEP: 31270-660
Telefone: (31) 3403-1962 – (31) 9963-3921
Email: melinarezende@yahoo.com.br

9) Declaração de Consentimento

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas.

Confirmo também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Nome (em letra de forma) e Assinatura do pesquisador

Data

ANEXO C

ORIGEM E FORMAÇÃO DOS ITENS: DESESPERO, PRATELEIRA, FUTEBOL E TRAVESSEIRO.

Desesperar

“v. De *des-* + *esperar*. Séc.XV: <<se por isto na lembrança destes benefícios, que muy certos tynhamos em vossa vida, e de que vossa morte nos *desesperou*...>>, Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, cap.50, nos mesmos *Inéd. Hist.*, II, p. 136; antes *desasperar*, no séc. XIII: <<Non o quero guarir, nem o matar, / Nen o quero de mi *desasperar*>>, D. Dinis, no *C.B.N.*, N^o[524].” (MACHADO, 1987, vol. II, p. 317)

“esperar vb. ‘aguardar, confiar, ter esperanças’/ XIII, *asperar* XIV/ Do lat. *sperāre* // (...) // **DESespero** 1844// (...). (CUNHA, 2010, p. 264)

Futebol

“s. Do ingl. *foot-ball*, <<bola para o pé>>. O futebol foi introduzido em Portugal em 1888; vj: Tavares da Silva, Ricardo Ornelas e Ribeiro dos Reis, *História dos Desportos em Portugal*, p. 147 e seguintes. Num desenho de 1889 lê-se *foot-boll*. Em 1889 o v. parece que era já recorrente; vj. a cit. obra na o.156.” (MACHADO, 1987, vol. III, p. 106-107)

“sm. ‘jogo esportivo praticado entre duas equipes com onze jogadores cada uma, cujo objetivo é fazer a bola ultrapassar a meta da equipe adversária’ XX. Do ing. *foot-ball*” (CUNHA, 2010, p.305)

Do ingl. *football*, bola para pé. O vocábulo inglês remonta ao princípio do séc.XV (Bonnaffè).

(NASCENTES, 1955, p.230)

Prateleira

“s. De prato, através da forma *pratel* (que se documenta no séc. XV; vj.: *Arquivo Histórico Português*, II, p.77). Em 1706: <<e duas *parteleiras* (*sic*) no meyo huma porta gonzada>>, *Bens*, p.57; cf. tb. p.88. A var. *prataleiro* no séc. XVI: <<...muyta somma

de idolos... os quais postos em *prataleyros* por muyto boa ordem>>, *Peregr.*, cap.110, vol.III, p.187. *Prateleiro* continua em uso em Alcoutim (L.V., *Opúsculos*, I, p.221)” (MACHADO, 1987, vol. IV, p. 414)

“**prato** *sm.* ‘vaso de louça ou de metal, comumente circular, em que se serve a comida’ XV. do fr. *plat*, deriv. do lat. vulg. **plattus* e, este, do gr. *platýs* ‘plano, chato’// **pratEL·EIRA** / *prataleiro* XVI / De um ant. **pratel* (dim. de *prato*) + -EIRA.” (CUNHA, 2010, p.515)

“Do arc. *pratel* (Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, I, 221), e suf. *eiro*. Em textos do *Arquivo Histórico Português*, II, 77, se lê *pratel de prata*. Prateleira era estante para se pôr louça de uso, pratos. A. Coelho derivou de *prato*.” (NASCENTES, 1955, p.413)

Travesseiro

“*s.* De *travesso*. Em 1395: <<três cabeças anchos et huun *traueyseyro* (sic) de pluma>>, na *Colección Diplomática de Galicia Historica*, p.157 (Lorenzo)” (MACHADO, 1987, vol. V, p. 331)

“**través** *sm.* ‘esquelha, soslaio, obliquidade’ XIV. Do lat. *trāsversē* // (...) **travessEIRO** *sm.* ‘almofada que serve de apoio à cabeça’ / *traueyseyro* XIV. (...)” (CUNHA, 2010, p.647)

“Do lat. *transversariu* (Figueiredo) ou de *travessa* e suf. *eiro* (A. Coelho). Fica atravessado na cama (G. Viana, *Apost.*, II, 499). Cfr. o esp. *travessão* e o fr. *traversin*.” (NASCENTES, 1955, p.503)